



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

Helena Alves Gouveia

**As formas de tratamento em cartas pessoais escritas na grande Florianópolis
entre 1880 e 1940**

FLORIANÓPOLIS

2019

Helena Alves Gouveia

**As formas de tratamento em cartas pessoais escritas na grande Florianópolis
entre 1880 e 1940**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do título de mestra em linguística.
Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Izete Lehmkuhl Coelho

Florianópolis

2019

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Gouveia, Helena

As formas de tratamento em cartas pessoais escritas na
grande Florianópolis entre 1880 e 1940 / Helena Gouveia ;
orientador, Izete Lehmkuhl Coelho, 2019.

256 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós
Graduação em Linguística, Florianópolis, 2019.

Inclui referências.

1. Linguística. 2. Formas de tratamento. 3. Cartas
pessoais. 4. Variação e mudança linguística. 5.
Sociolinguística histórica. I. Lehmkuhl Coelho, Izete. II.
Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós
Graduação em Linguística. III. Título.

Helena Alves Gouveia

**As formas de tratamento em cartas pessoais escritas na grande Florianópolis
entre 1880 e 1940**

O presente trabalho em nível de mestrado foi avaliado e aprovado por banca
examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof^a Márcia Cristina de Brito Rumeu, Dr^a
Universidade Federal de Minas Gerais

Prof^a Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott, Dr^a
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof^a Leandra Cristina de Oliveira, Dr^a
Universidade Federal de Santa Catarina

Certificamos que esta é a **versão original e final** do trabalho de conclusão que foi
julgado adequado para obtenção do título de mestra em Linguística.

Prof. Dr. Atilio Butturi Junior
Coordenador do Programa

Prof^a Dr^a Izete Lehmkuhl Coelho
Orientadora

Florianópolis, 1^o de Agosto de 2019.

Dedico este trabalho aos meus pais e
à memória da Dinda e da Tia Márcia.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha orientadora, Professora Izete Lehmkuhl Coelho, por me trazer de volta à UFSC, por me acolher no Varsul, por me integrar ao PHPB-SC e por aceitar orientar esta pesquisa. Obrigada pelas inúmeras leituras e por compreender o meu ritmo.

Agradeço à minha mãe e ao meu pai, mineiros, que me fizeram nascer nesta Ilha: montanha e mar, pão de queijo e tainha, você e tu. Obrigada por essa variação e por me apoiarem nas minhas escolhas tão variadas.

Agradeço às minhas colegas (agora e para sempre, amigas!) do Varsul: Ana Elisa, Bel, Bia, Carla, Chris, Ciça, Érica, Grazi, Ivelã, Ju Flores, Ju Regina, Kamilla, Vanessa. Obrigada pelo carinho nos dias ruins e nos dias bons. Na companhia de vocês, tudo fica melhor.

Agradeço à Professora Isabel Monguilhott e à Ciça pela colaboração na organização das cartas do PHPB-SC que compõem a amostra investigada nesta pesquisa e à Vanessa pela leitura do projeto desta pesquisa.

Agradeço a todas e a todos que colaboraram nas transcrições das cartas que integram o banco de dados do PHPB-SC.

Agradeço às professoras Márcia Rumeu e Isabel Monguilhott pelas valiosas contribuições na ocasião da qualificação do projeto desta pesquisa e também da defesa desta dissertação. Agradeço também à professora Leandra Cristina de Oliveira por aceitar compor essa banca e pela leitura atenta e carinhosa.

Agradeço à Universidade Federal de Santa Catarina por me proporcionar, desde 2002, ensino público, gratuito e de qualidade.

O presente trabalho foi realizado com apoio da
Coordenação de Aperfeiçoamento
de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES)
Código de Financiamento 001

MEU CARO AMIGO
Meu caro amigo, me perdoe, por favor
Se eu não lhe faço uma visita
Mas como agora apareceu um portador
Mando notícias nessa fita
Aqui na terra 'tão jogando futebol
Tem muito samba, muito choro e rock'n' roll
Uns dias chove, noutros dias bate sol
Mas o que eu quero é lhe dizer que a coisa aqui tá preta
Muita mutreta pra levar a situação
Que a gente vai levando de teimoso e de pirraça
E a gente vai tomando, que também, sem a cachaça
Ninguém segura esse rojão
Meu caro amigo eu não pretendo provocar
Nem atiçar suas saudades
Mas acontece que não posso me furtar
A lhe contar as novidades
Aqui na terra 'tão jogando futebol
Tem muito samba, muito choro e rock'n' roll
Uns dias chove, noutros dias bate sol
Mas o que eu quero é lhe dizer que a coisa aqui tá preta
É pirueta pra cavar o ganha-pão
Que a gente vai cavando só de birra, só de sarro
E a gente vai fumando que, também, sem um cigarro
Ninguém segura esse rojão
Meu caro amigo eu quis até telefonar
Mas a tarifa não tem graça
Eu ando aflito pra fazer você ficar
A par de tudo que se passa
Aqui na terra 'tão jogando futebol
Tem muito samba, muito choro e rock'n' roll
Uns dias chove, noutros dias bate sol
Mas o que eu quero é lhe dizer que a coisa aqui tá preta
Muita careta pra engolir a transação
E a gente tá engolindo cada sapo no caminho
E a gente vai se amando que, também, sem um carinho
Ninguém segura esse rojão
Meu caro amigo eu bem queria lhe escrever
Mas o correio andou arisco
Se me permitem, vou tentar lhe remeter
Notícias frescas nesse disco
Aqui na terra 'tão jogando futebol
Tem muito samba, muito choro e rock'n' roll
Uns dias chove, noutros dias bate sol
Mas o que eu quero é lhe dizer que a coisa aqui tá preta
A Marieta manda um beijo para os seus
Um beijo na família, na Cecília e nas crianças
O Francis aproveita pra também mandar lembranças
A todo pessoal
Adeus

(Chico Buarque; Francis Hime, 1976)

RESUMO

O objeto de estudo desta dissertação envolve a descrição das formas de tratamento nominais e pronominais em cartas pessoais escritas por florianopolitanos entre 1880 e 1940. No período em questão, a forma você estava sendo implementada em muitas regiões do Brasil, como no Rio de Janeiro (cf. RUMEU, 2008; LOPES, MARCOTULIO, 2008; LOPES, 2011). Contudo, enquanto em alguns estados já ocorria um uso variável entre as formas tu e você no final do século XIX, dados provenientes de cartas de florianopolitanos mostram um uso categórico da forma conservadora tu nesse período, conforme atestam resultados de pesquisas anteriores, como as de Nunes de Souza (2015) e Nunes de Souza e Coelho (2015). Diante desse quadro, o objetivo principal da pesquisa é o de identificar, em cartas pessoais de missivistas com distintos perfis, quais eram as estratégias de tratamento (nominais e pronominais) utilizadas tanto nas relações de intimidade e proximidade quanto nas relações mais formais e distantes. A questão que norteia esta pesquisa é: no período investigado, quais eram as formas de tratamento ligadas às estratégias de intimidade, de respeito e de distanciamento preferidas por missivistas florianopolitanos? Nossa hipótese principal é a de que, enquanto o você na escrita de florianopolitanos se restringe a determinadas situações e o tu se reserva a contextos de maior intimidade, as formas nominais e o sujeito zero ocorrem como estratégia de tratamento em relações mais distantes e formais. Para responder à questão de pesquisa e verificar essa hipótese, 130 cartas produzidas por diversos missivistas florianopolitanos ou nascidos no litoral catarinense são analisadas, a partir dos pressupostos teóricos da Teoria de Variação e Mudança (cf. WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968), das orientações gerais da Teoria do poder e solidariedade (BROWN; GILMAN, 1960) e das reflexões de Conde Silvestre (2007) sobre o uso de material histórico em pesquisa sociolinguística. Para essa investigação, controlamos os contextos que favorecem as formas relacionadas a tu e as formas relacionadas a você, com base em 10 variáveis, sendo cinco linguísticas e cinco extralinguísticas. Os dados analisados mostram predomínio geral de formas associadas a tu em relação a formas associadas a você; tu é o pronome sujeito mais frequente, utilizado preferencialmente pelos missivistas que escrevem a amigos ou familiares. Entre as formas de sujeito você, zero e nominais, a estratégia de tratamento mais frequente é a forma zero, por meio da qual o missivista não se compromete com nenhum pronome ou forma de tratamento, sendo utilizada principalmente entre missivistas que se conhecem, porém não possuem intimidade. As formas nominais foram a segunda estratégia de tratamento associada a você mais utilizada, ocorrendo em todos os períodos investigados e, principalmente, em cartas de missivistas menos íntimos. Já o pronome você foi a estratégia menos produtiva na posição de sujeito, aparecendo apenas dez vezes, seis em cartas escritas por escribas entre 1887 e 1895 e quatro em uma carta de 1931 trocada entre conhecidos. Todos esses usos foram realizados em situações muito específicas. De modo geral, podemos dizer que nas cartas catarinenses investigadas encontramos um sistema quaternário de tratamento (tu, você, forma nominal e zero), utilizado na escrita de missivistas de diferentes esferas sociais, que mantinham diferentes tipos de relações com seus interlocutores (de amizade, de familiar e de conhecido).

Palavras-chave: Formas de tratamento. Cartas pessoais. Décadas de 1880 a 1940. Variação e mudança linguística. Sociolinguística histórica. Florianópolis.

ABSTRACT

The object of study of this dissertation involves the description of nominal and pronominal forms of treatment in personal letters written by Florianopolitans between 1880 and 1940. In the period studied, the form *você* was being implemented in many regions of Brazil, as in Rio de Janeiro (RUMEU, 2008; LOPES, MARCOTULIO, 2008; LOPES, 2011). However, while in some states there was already a variable use between the forms *tu* and *você* in the end of nineteenth century, data from letters written by Florianopolitans show a categorical use of the conservative form *tu* in this period, according to the results of previous research, such as Nunes de Souza (2015) and Nunes de Souza and Coelho (2015). In this context, the main objective of the research is to identify, in personal letters of correspondents with different profiles, which were the strategies of treatment (nominal and pronominal) used both in the relations of intimacy and proximity and in the more formal and distant relations. The question that guides this research is: during the period investigated, which were the forms of treatment connected to the strategies of intimacy, respect and detachment preferred by Florianopolitan letter writers? Our main hypothesis is that, while *você* in the writing from Florianopolitans is restricted to certain situations and *tu* is reserved to contexts of greater intimacy, the nominal forms and the zero subject occur as treatment strategy in more distant and formal relationships. In order to answer the research question and verify this hypothesis, 130 letters produced by several Florianopolitan (or born in the Santa Catarina coast) letter writers are analyzed, based on the theoretical assumptions of Theory of Variation and Change (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968), on the general guidelines of the Theory of power and solidarity (BROWN; GILMAN, 1960), and on the reflections of Conde Silvestre (2007) about the use of historical material in sociolinguistic research. For this investigation, we controlled the contexts that favor the forms related to *tu* and the forms related to the *você*, based on 10 variables, being five linguistic and five extralinguistic. The analyzed data show a general predominance of forms of the *tu* paradigm in relation to the forms of the *você* paradigm; *tu* is the most frequent subject pronoun, preferably used by the letter writers who write to friends or family. Among the forms of subject of the *você* paradigm, the most frequent treatment strategy is the zero form, whereby the letter writer does not commit himself to any pronoun or form of treatment. Such strategy is used mainly among letter writers who are known, although they have no intimacy. The nominal forms were the second treatment strategy most used of the *você* paradigm, occurring in all periods investigated and, mainly, in letters of less intimate correspondents. On the other hand, the pronoun *você* was the least productive strategy in the subject position, appearing only ten times, six in letters written by scribes between 1887 and 1895 and four in a letter from 1931 exchanged between acquaintances. All of these uses have been made in very specific situations. In general, we can say that in the letters of Santa Catarina investigated we found a quaternary system of treatment (*tu*, *você*, *nominal form* and *zero*), used in the writing of letter writers from different social spheres, that maintained different types of relations with their interlocutors (of friendship, familiar and as acquaintances).

Keywords: Forms of treatment. Personal letters. Decades from 1880 to 1940. Variation and linguistic change. Historical sociolinguistics. Florianópolis.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1: Página da edição n. 19 do semanário O Moleque, de 26 de abril de 1885, em que se noticia o retorno de Cruz e Sousa à capital da província..... 105
- Figura 2: Capa da edição número 26, de 14 de junho de 1885, do semanário O Moleque, quando este passa a ser redigido por Cruz e Sousa..... 106
- Figura 3: Exemplo de carta de Virgílio Várzea a José Boiteux, de 27/3/1914, após transcrição e edição segundo as normas do PHPB-SC 126

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Listagem de cartas de florianopolitanos escritas entre 1883 e 1941 disponíveis no banco de dados do PHPB-SC	128
Quadro 2: Redução no paradigma das formas de tratamento no português de Florianópolis no decorrer dos séculos XIX e XX observada por Nunes de Souza (2011) em amostra de peças teatrais	143
Quadro 3: Díades estabelecidas entre interlocutores das cartas investigadas	150
Quadro 4: Formas de sujeitos, complementos, possessivos e imperativos em cartas mistas cujos sujeitos ocorrem exclusivamente na forma <i>tu</i>	202
Quadro 5: Formas de complementos, possessivos e imperativos em cartas mistas que contêm sujeitos de segunda pessoa tanto de <i>tu</i> quanto associados a <i>você</i>	203
Quadro 6: Formas de complementos, possessivos e imperativos em carta mista que contém sujeitos de segunda pessoa apenas na forma <i>você</i> (expressa e nula)	204
Quadro 7: Caligrafias das cartas enviadas por Carolina para o filho Cruz e Sousa	255

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Correlação entre a forma de realização do sujeito e o tratamento utilizado ao longo da carta.....	168
Tabela 2: Percentuais das formas associadas a <i>tu</i> e a <i>você</i> , segundo a variável Formas pronominais de complementos verbais	174
Tabela 3: Correlação entre paradigma utilizado na carta e complementos verbais	175
Tabela 4: Correlação entre paradigma utilizado na carta e forma de realização do complemento.....	176
Tabela 5: Correlação entre o pronome sujeito nas cartas mistas e o uso de pronome possessivo.....	178
Tabela 6: Correlação entre a forma do pronome possessivo e a relação estabelecida entre os missivistas	178
Tabela 7: Correlação entre paradigma utilizado na carta e uso de forma verbal de imperativo.....	180
Tabela 8: Frequência de formas associadas a <i>tu</i> e a <i>você</i> , segundo a variável período em que as cartas foram escritas	181
Tabela 9: Números absolutos e percentuais das formas de tratamento utilizadas pelos missivistas na posição de sujeito.....	189
Tabela 10: Frequência de formas associadas a <i>tu</i> e a <i>você</i> , segundo a variável tipo de relação entre os interlocutores	191
Tabela 11: Número e percentual de formas associadas a <i>tu</i> (T) e a <i>você</i> (V) entre as díades	196
Tabela 12: Frequência de formas associadas a <i>tu</i> (T) e a <i>você</i> (V), segundo a temática do trecho analisado na carta.....	198
Tabela 13: Números absolutos de cartas com formas associadas a <i>tu</i> , formas associadas a <i>você</i> e de cartas mistas.....	200
Tabela 14: Formas associadas a <i>tu</i> e a <i>você</i>	223
Tabela 15: Díades, considerando as formas de tratamento na posição de sujeito .	224

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	29
1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E REVISÃO DE LITERATURA	35
1.1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	36
1.2 REVISITANDO AS FORMAS DE TRATAMENTO NA LITERATURA	44
2 METODOLOGIA	81
2.1 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA E SOCIAL DE SANTA CATARINA	81
2.2 PERFIS DOS PRINCIPAIS MISSIVISTAS	100
2.3 A AMOSTRA	123
2.4 VARIÁVEIS DEPENDENTE E INDEPENDENTES	132
2.5 ANÁLISE DOS VOCATIVOS.....	153
2.6 A COCORRÊNCIA DAS FORMAS ASSOCIADAS A <i>TU</i> E A <i>VOCÊ</i> EM UM MESMO DOCUMENTO	160
3 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DAS FORMAS DE TRATAMENTO	165
3.1 DESCRIÇÃO E ANÁLISE ESTATÍSTICA DAS FORMAS DE TRATAMENTO .	165
3.2 DESCRIÇÃO DAS FORMAS DE VOCATIVOS ENCONTRADAS NAS CARTAS.....	205
3.3 O USO DE FORMAS NOMINAIS NA AMOSTRA INVESTIGADA	208
3.4 O USO DE <i>ZERO</i> NA AMOSTRA INVESTIGADA	211
3.5 O USO DE <i>VOCÊ</i> NA AMOSTRA INVESTIGADA.....	215
3.6 O QUE OS DADOS REVELAM.....	222
CONSIDERAÇÕES FINAIS	227
REFERÊNCIAS	233
ANEXO A – Carta de Cruz e Sousa a Alberto Costa, 08/05/1896	237
ANEXO B – Formas de vocativos e de sujeitos em todas as cartas da amostra investigada	241
ANEXO C – Registros de diferentes caligrafias encontradas nas cartas enviadas por Carolina de Sousa.....	255

INTRODUÇÃO

Nosso objeto de estudo envolve a descrição das formas de tratamento nominais e pronominais em cartas pessoais escritas em Florianópolis entre as décadas de 1880 e 1940, mais especificamente entre 1883 e 1941. Tentar compreender quais formas de tratamento eram usadas, quais variavam e quais eram as estratégias de tratamento utilizadas ao longo do tempo na escrita dos florianopolitanos, em um período de implementação da forma *você* em muitas regiões do Brasil, como no Rio de Janeiro (cf. RUMEU, 2008; LOPES, MARCOTULIO, 2011; LOPES, 2011), é um dos nossos grandes desafios.

Para dar conta dessa investigação, nos guiamos pelos pressupostos teóricos da Teoria de Variação e Mudança, especialmente em alguns pressupostos básicos da teoria: (i) a variação é inerente ao sistema linguístico; (ii) a heterogeneidade é ordenada; (iii) nem tudo o que varia sofre mudança, mas toda mudança pressupõe variação (cf. WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968).

Além disso, a partir das orientações gerais da Teoria do poder e solidariedade (BROWN; GILMAN, 1960), buscamos compreender as escolhas das formas de tratamento feitas pelos missivistas de acordo com as relações estabelecidas entre eles e seus destinatários.

O uso de material histórico também nos leva a realizar determinadas escolhas metodológicas em virtude de algumas limitações com as quais o pesquisador precisa lidar ao trabalhar com esse tipo de fonte. Por isso, as reflexões de Conde Silvestre (2007) sobre o uso de material histórico em pesquisa sociolinguística são relevantes a esta pesquisa, uma vez que trabalhamos com documentos produzidos entre o fim do século XIX e o início do século XX.

Desde o início da ocupação europeia no Brasil, as formas predominantes de tratamento ao interlocutor eram os pronomes *tu*, *vós* e as diferentes variantes de *Vossa Mercê*, conforme Faraco (2006), enquanto outras formas, como *Vossa Senhoria* e *Vossa Excelência*, já teriam alcançado o Brasil como formas artificiais usadas na correspondência oficial e em alguns contextos muito formais da administração pública. Menon (2009) localizou a

primeira ocorrência da forma *you* na escrita brasileira no século XVII, em textos de Gregório de Matos. Outros estudos, utilizando conjuntos de cartas (RUMEU, 2008; LOPES 2009; 2011; LOPES; MARCOTULIO, 2011, LOPES *et al.*, 2018, entre outros), mostraram o uso da forma de tratamento *you*, mesmo que com comportamento instável, nas regiões nordeste e sudeste do Brasil, já no início do século XIX.

Com respeito à Região Sul, especialmente ao Estado de Santa Catarina, alguns estudos relataram o aparecimento tímido da forma *you* ao final do século XIX. Coelho e Görski (2011) observaram o uso de *you* em peças teatrais catarinenses da segunda metade do século XIX em relações assimétricas de superior para inferior; por exemplo, de patrão para empregado e, de modo geral, como forma de xingamento. Nas peças do século XX, o tratamento *you* já apareceu inclusive nas relações simétricas. As autoras perceberam uma inversão de valores, com a forma *you* perdendo o uso não respeitoso adotado no século XIX: em 1949, passou a ocorrer para uso respeitoso e para uso entre familiares. Também passou a ocorrer entre pessoas de mesma faixa etária, como marido e mulher; mais no final do século XX, ocorreu também no tratamento de pessoas mais velhas para mais jovens.

Ao estudar o tratamento em cartas pessoais, Nunes de Souza (2015) e Nunes de Souza e Coelho (2015) observaram uso de *tu* categórico nas missivas do século XIX, quando em outros estados já ocorria um uso variável entre *tu* e *you*. O uso de *you* apareceu em cartas do século XX, concorrendo com o pronome *tu*, nas missivas da amostra Maura de Senna, escritas entre 1960 e 1979, da amostra Vale, escritas na década de 1960, e da amostra Harry Laus, escritas nas décadas de 1980 e 1990. A forma *you* prevaleceu nas cartas de Maura de Sena e era a forma pronominal preferida ao se tratar de assuntos profissionais. Essa preferência de uso para assuntos profissionais também se verificou na amostra Harry Laus.

Nunes de Souza e Coelho (2015) observaram, ainda, o caráter heterogêneo do estado de Santa Catarina no que se refere ao uso das formas de tratamento nas cartas escritas no século XX: uma variação diatópica que ocorre entre um uso majoritário do pronome *tu* no litoral e um uso majoritário do pronome *you* na região serrana. Outra particularidade da escrita catarinense

foi notada por Grando (2016): a autora observou aspectos interessantes sobre o uso de *você* na escrita de Harry Laus, um escritor catarinense do litoral, durante o fim do século XX: na década de 1980, o missivista iniciou uma correspondência com sua tradutora, e nas primeiras cartas ocorreu o uso categórico de *você*, conservando o caráter menos invasivo dessa forma, já atestado por Lopes (2009). Nessa amostra, a autora percebeu uma particularidade estilística: com o passar do tempo e o estreitamento de laços de amizade, o *tu* passou a predominar nas cartas do escritor, indicando uma preferência pelo uso da forma *tu* em relações de intimidade mesmo quando a forma *você* parece já ser de uso mais corrente na escrita catarinense.

A partir de resultados que indicaram certo conservadorismo de Santa Catarina em relação a estados do nordeste e do sudeste brasileiros quanto ao uso mais generalizado de *você* na escrita e de dados que mostraram uma preferência pelo uso de *tu* em relações de intimidade, surge uma questão, que norteará esta pesquisa: quais eram as formas de tratamento ligadas às estratégias de intimidade, de respeito e de distanciamento preferidas por missivistas florianopolitanos no fim do século XIX e início do século XX, mais precisamente entre 1883 e 1941?

Acreditamos que, nesse período, há várias estratégias de tratamento na escrita de florianopolitanos: enquanto o *tu* se reserva a contextos de maior intimidade e o *você* preserva o caráter menos invasivo (usado, em geral, nas relações mais respeitadas e de distanciamento), as formas nominais e o sujeito *zero* (por meio do qual não há comprometimento com nenhuma das formas de tratamento) ocorrem como estratégias utilizadas, em geral, em relações mais distantes e formais.

Assim, o objetivo principal desta pesquisa é identificar, em cartas pessoais de missivistas com distintos perfis entre as décadas de 1880 e 1940, quais eram as estratégias de tratamento (nominais e pronominais) utilizadas tanto nas relações de intimidade e proximidade quanto nas relações mais respeitadas e distantes. Para essa investigação, estabelecemos como variável dependente as formas de tratamento ao interlocutor. Disputam para a expressão dessa variável dois fatores, ou duas variantes abstratas: formas

associadas a *tu* e formas associadas a *você* com base em 10 variáveis independentes, sendo cinco linguísticas e cinco extralinguísticas.

A variável dependente foi estipulada da seguinte maneira: sujeitos expressos por *tu*, ou nulos com verbo com ou sem concordância com *tu*, complementos *te*, *a ti*, *contigo* etc., possessivo *teu / tua* e imperativo indicativo são formas relacionadas a *tu*; por sua vez, os sujeitos expressos por *você* ou por formas nominais, ou nulos associados a verbos concordando com a terceira pessoa do singular, complementos *o*, *lhe*, *ao senhor* etc., possessivo *seu / sua* e imperativos subjuntivos são formas relacionadas a *você*.

Este trabalho se justifica pela heterogeneidade da amostra de cartas com a qual trabalhamos. Nosso *corpus* é composto por um total de 130 missivas, produzidas por quatro escritores simbolistas florianopolitanos (Cruz e Sousa¹, Araújo Figueiredo², Virgílio Várzea e Oscar Rosas) e por outros informantes que escreveram para esses escritores e para o político José Boiteux. A seguir, apresentamos fragmentos de algumas das cartas trocadas entre esses interlocutores.

- (1) *Como sempre, estou ancio-so que chegue sabbado, morrendo de saudades por ti, flôr da minh'al-ma, que tanta coragem me dás para vida e tanta esperança. O teu bom coração O póde des-cansar em mim, porque eu sou teu como se já fosse casado, vivendo na mesma casa com-tigo, gosando os teus ca-rinhos! (Carta do poeta Cruz e Sousa à sua então noiva Gavita 17/11/1892)*
- (2) *As minhas contrariedades e afflicções avolumam-se cada vez mais. O amigo não póde calcular certamente nem a metade da situação por que estou passando. O Póde confiar na pessoa que lhe entregar esta carta. (Carta do poeta Cruz e Sousa a Alberto Costa³, 08/05/1896)*

¹ Nos jornais da época (conforme figuras 1 e 2, p. 83-84) e nos autógrafos de Cruz e Sousa, seu nome era grafado com “z”. Contudo, atualmente, é consagrada a grafia de seu nome com “s”. Nos critérios de edição das obras completas de Cruz e Sousa, organizada e editada por Lauro Junkes, lemos a seguinte justificativa: “Nos textos autógrafos, o autor assinava Souza com ‘z’; porém está consagrada a substituição por ‘s’: Sousa.” (SOUSA, 2008, p. 20). Ao longo deste texto, adotamos a grafia “consagrada”, com “s”; contudo, nos exemplos com fragmentos das transcrições das cartas, está mantida a grafia original, com “z”.

² Nos autógrafos do escritor, seu nome era grafado da seguinte maneira: “Araujo Figueiredo”. Atualmente, as referências que tratam dele utilizam a grafia “Araújo Figueiredo”, a qual adotamos ao longo deste texto. Contudo, nos exemplos com fragmentos das transcrições das cartas, está mantida a grafia original. O mesmo ocorre com Virgilio Varzea / Virgílio Várzea.

³ A correspondência ativa de Cruz e Sousa disponível para pesquisa é muito menor do que sua correspondência passiva. Para este trabalho, dispomos de apenas 20 cartas escritas por Cruz

- (3) *Nestor Peço-te para **0** ires ao Escritório da Linha, em S. Diogo, entregar o meu requerimento pedindo licença, por que os dias estão passando e eles já reclamaram esse papel. (Carta do poeta Cruz e Sousa ao amigo Nestor Vitor, 07/01/1898)*
- (4) *Meu querido Cruz. Como **0** vás, amigo? Sei que **0** não vás lá muito bem e muito menos commigo. Pois se eu fui um canalha que nem tive uma folha de papel para escrever-te um agradecimento pelo bello trabalho que **tu** e o Varzea me offereceram!⁴ (Carta do escritor Oscar Rosas ao amigo e poeta Cruz e Sousa, 17/09/1887)*
- (5) *Adeus. **Procura** sempre a Primrose e a Filha, que é o meu unico ideal neste Mundo e a unica mulher a quem tenho positiva, virginal e santamente amado. **Falla-lhes** de mim, de mim, sempre de mim. **Torne** ante os olhos d'Ella um principe de ouro e incomparavel. Uno o meu coração ao **teu**. - Virgilio Varzea. (Carta do escritor Virgílio Várzea ao amigo e poeta Cruz e Sousa, 03/01/1889)*
- (6) ***Meu Filho**. Saude e felicidade é o que **te** posso desejar. Recebemos ambas as cartas que **0** nos envias-te e que como **0** deveis presumir nos causou muito prazer; prazer este que mais se assentuará quando soubermos que **0** estás empregado Nossas festas fôrão boas, porem como as **tuas** incompletas, pois que não **te** tinhamos ao nosso lado, mas ao mesmo me satisfaz essa ausencia, porque tenho fé em Deus que será para **teu** futuro. (Carta da escrava liberta Carolina Eva da Conceição a seu filho, o poeta Cruz e Sousa, 25/01/1891)*
- (7) *Mas não **te** sacrifiques e **faz** por vires até cá em agosto proximo, como **0** nos promettes. As saudades que temos **de ti** são constantes e vivas. Vem, **faze** tudo por vir [rasurado]. Que prazer estarmos juntos, mesmo só por algumas horas! Adeus, abraços, abraços e abraços. Do pai que **te** adora. Virgilio. (Carta de Virgílio Várzea ao filho Paulo, 18/07/1935)*
- (8) *Amigo Boiteux: Informado de que o naturalista Fritz Mueller remetters ao então Governo da Provincia de Santa Catharina diversos relatorios que constam d'um livro **seu**, intitulado "Correspon- dencia Official", relatorios esse que ainda não tem sido publicados e que podem ser de muito va- lor, peço **0** verificar si os mesmos se encontram no archivo do Estado.(Carta do político Victor Konder ao político José Boiteux, 20/05/1927)*
- (9) *Por isso peço-lhe, (caso não **lhe** dê incommodo) **o Senhor** fazer o favor de in- formar-se se tem vaga no Externato ou mes- mo no Internato, e tambem*

e Sousa, dentre as quais apenas uma ao interlocutor Alberto Costa. Nessa carta, Cruz e Sousa lhe solicita auxílio financeiro (não pela primeira vez, conforme se depreende do conteúdo da missiva). No verso da página, encontra-se escrito por outro punho uma resposta negativa à solicitação do poeta. Não foi possível recuperar a biografia desse destinatário. O fac-similar, obtido do acervo *online* da Casa de Rui Barbosa, e a transcrição dessa carta, realizada por Luiz Alberto de Souza (2017), encontram-se nos anexos deste trabalho.

⁴ "Referência à seguinte dedicatória de Tropos e Fantasias: 'A Luiz Delphino, Oscar Rosas e Santos Lostada, as tres mentalidades pujantes da nova phase litteraria catharinense.' O livro foi publicado dois anos antes, em 1885. Cf. SOUSA, João da Cruz e; VARZEA, Virgilio. Tropos e Fantasias. Edição facsimilar. Florianópolis: FCC, 1990." (SOUZA, 2017, p. 234).

se fôr possível o Senhor fazer o pedido. Lalau desejava ir até ahi para tratar d'este caso, mas por emquanto não é possível, pois não está passando bem. Queira desculpar minha franqueza. Desde já muito lhe agradeço. Lalau, Florinha e as meninas enviam abraços para si e tia Celina. (Carta de Julieta a seu tio José Boiteux, 19/01/1932).

Os fragmentos apresentados referem-se a missivas trocadas entre interlocutores de diferentes perfis: noivo para noiva, amigo para amigo, mãe para filho, pai para filho, político para político e sobrinha para tio. Entre os informantes de nossa amostra, de idades e perfis sociais distintos, estabelecem-se diferentes tipos de relações, por isso acreditamos poder obter dados que possam nos mostrar uma diversidade de comportamentos linguísticos relativos às formas de tratamento ao interlocutor no período em questão na região da Grande Florianópolis⁵.

Esta dissertação está organizada da seguinte maneira: no primeiro capítulo, apresentamos alguns postulados importantes da fundamentação teórica adotada, seguidos da revisão de alguns textos sobre formas de tratamento que orientam nossas análises. No segundo capítulo, apresentamos a metodologia deste trabalho. Para tanto, fazemos uma contextualização histórica de Santa Catarina e da cidade de Desterro⁶ até fins do século XIX; depois traçamos o perfil dos principais missivistas cujas cartas analisamos; elencamos algumas informações sobre as relações que esses missivistas mantinham entre si; fazemos uma descrição do perfil da amostra das cartas com as quais trabalhamos, seguida da descrição das variáveis dependentes e independentes. Por último, apresentamos a descrição e a análise das formas de tratamento em cartas pessoais escritas entre 1880 e 1940 e as referências.

⁵ Alguns missivistas são nascidos em localidades litorâneas próximas a Florianópolis.

⁶ Conforme veremos na seção 2.1, até 1894, a cidade se chamava Desterro. Após a Revolução Federalista, seu nome foi alterado para Florianópolis, em homenagem a Floriano Peixoto.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E REVISÃO DE LITERATURA

Este capítulo está organizado em duas seções: na primeira, apresentamos alguns postulados importantes da fundamentação teórica adotada; na segunda seção, revisaremos alguns trabalhos importantes sobre as formas de tratamento no português.

Iniciamos a primeira seção com as discussões de Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) sobre a Teoria da Variação e Mudança e as questões que devem ser consideradas pelo pesquisador que trabalha com dados empíricos. Em seguida, revisitamos a proposta de Brown e Gilman (1960) para o uso das formas de tratamento, que nos ajuda a compreender de que maneira as relações sociais deixam transparecer suas marcas nas formas de tratamento. Para finalizar a primeira seção deste capítulo, recuperamos a discussão de Conde Silvestre (2007) em relação ao uso de material histórico em pesquisas sociolinguísticas, relevante para a nossa metodologia de trabalho.

Na segunda seção deste capítulo, fazemos uma revisão de alguns trabalhos sobre as formas de tratamento no português. Iniciamos com o texto clássico de Faraco (2006) sobre a inserção da forma *você* no português e a recuperação de aspectos históricos sobre as formas de tratamento. Em seguida, apresentamos a proposta de Menon (2009) para a datação da forma *você* em Portugal e no Brasil. Além disso, revisamos algumas discussões e resultados de Rumeu (2008), que estuda a norma escrita culta do português brasileiro em cartas pessoais familiares escritas por pessoas cultas entre fins do século XIX primeira metade do século XX, analisando o processo de inserção de *você* no sistema linguístico e o seu nível de coexistência com o *tu*. Em seguida, revisamos o trabalho de Lopes e Marcotulio (2011), que traça um panorama das formas de tratamento utilizadas em uma amostra de cartas enviadas a Rui Barbosa no período entre 1866 e 1899. Revisamos também o trabalho de Lopes (2011), que analisa o uso de formas de tratamento em cartas pessoais e associa as perspectivas de análise da sociolinguística variacionista e do modelo da Tradição Discursiva para buscar definir se o emprego de *você*

e de outras formas de tratamento pronominal mostra uma etapa do processo de mudança no sistema de tratamento do português ou se constitui uma marca da tradição do gênero epistolar.

Para finalizar a segunda seção deste capítulo, recuperamos trabalhos sobre as formas de tratamento com dados de Santa Catarina. Primeiramente, apresentamos algumas pesquisas que mostraram a variação das formas *tu* e *você* na fala catarinense, como os de Ramos (1989), de Loregian-Penkall (2004) e de Arduin (2005). Esses trabalhos mostraram que o uso dessas formas pode refletir diferenças estilísticas, diatópicas e diastráticas. Depois, apresentamos resultados de trabalhos sobre o tratamento na escrita catarinense dos séculos XIX e XX: Coelho e Görski (2011); Nunes de Souza e Coelho (2015); Nunes de Souza (2015) e Grandó (2016).

Coelho e Görski (2011) descrevem a variação entre *tu* e *você* a partir de dados sincrônicos e diacrônicos buscando compreender a natureza e a extensão do encaixamento desses pronomes em peças teatrais de Santa Catarina. Nunes de Souza e Coelho (2015) e Nunes de Souza (2015) apresentam de estudos diacrônicos sobre a variação entre *tu* e *você* na posição de sujeito em cartas pessoais provenientes do *corpus* do projeto *Para a História do Português Brasileiro em Santa Catarina* (PHPB-SC), escritas por catarinenses ilustres e não ilustres. Fechando essa seção, apresentamos alguns aspectos do trabalho de Grandó (2016) com missivas também do *corpus* PHPB-SC enviadas nas últimas décadas do século XX de um escritor do litoral catarinense à tradutora de suas obras. Nessas cartas, é possível perceber que, ao longo dos anos, os interlocutores desenvolvem laços de amizade, ao mesmo tempo em que o uso do pronome *você* pelo missivista vai cedendo lugar ao uso do pronome *tu*.

1.1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1.1 Teoria da Variação e Mudança

Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), contrários à dicotomia saussureana e à sua concepção de língua – que separa sincronia e diacronia e

não considera os fatores sociais que agem sobre a língua e nem a heterogeneidade como inerente à língua –, buscam apresentar uma teoria de mudança linguística que possa dar conta de explicar como os membros de uma comunidade continuam a se comunicar enquanto a língua passa por períodos em que supostamente haveria menor sistematicidade. Em outras palavras, os autores procuram explicar de que maneira ocorre uma transformação da estrutura linguística de uma comunidade de fala complexa no curso do tempo de modo que tanto a língua quanto a comunidade permaneçam ordenadas, mesmo que a língua adquira formas diferentes. Segundo Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), portanto, o pesquisador que deseje compreender a mudança linguística deve considerar que a heterogeneidade é sistemática e ordenada. Além disso, os autores postulam a necessidade de se levar em conta a descrição de dados empíricos, por meio dos quais é possível verificar que as possibilidades de diferenciação das formas em variação estão descritas na língua de maneira ordenada. Pensando nisso, os autores apresentam cinco grandes questões que devem ser consideradas pelo pesquisador, cada uma das quais correspondendo a um problema a ser resolvido.

1) Qual é o conjunto de mudanças possíveis e de condições para mudanças que podem ocorrer em uma determinada estrutura? (Problema de restrição)

Para responder a essa pergunta, é preciso verificar os fatores internos à língua que podem condicionar a variação e a mudança linguísticas. Para isso, no caso do fenômeno a ser analisado nesta pesquisa, será necessário levantar as forças estruturais da língua que podem condicionar o uso mais ou menos frequente de determinadas formas nominais e formas pronominais na escrita dos missivistas. Entre os grupos de fatores linguísticos, é possível que a variável preenchimento do sujeito possa condicionar o uso das formas de tratamento pronominais do seguinte modo: o pronome *tu*, acompanhado de verbo com flexão de segunda pessoa, favorecerá o sujeito nulo; e o pronome *você* e as formas nominais, acompanhados de verbo com flexão de terceira pessoa, o pronome expresso.

2) Como as mudanças estão encaixadas na matriz de concomitantes linguísticos e extralinguísticos das formas em questão? (Problema de encaixamento)

Labov (1982) propõe que se tratem juntos os problemas das restrições e do encaixamento, uma vez que há correlação entre o encaixamento estrutural e social e a diversidade de possíveis fatores condicionantes. Compreende-se, dessa forma, que a estrutura linguística e a sociedade se correlacionam ao sistema linguístico abstrato, ou seja, a variação linguística pode apresentar motivações sociais.

Assim, buscamos compreender de que maneira as formas de tratamento nominais e pronominais se encaixam sociolinguisticamente na comunidade florianopolitana na virada do século XIX para o século XX.

Além desse encaixamento, também consideramos que algumas mudanças gramaticais desencadeiam mudanças em outras partes da mesma gramática, conforme destacam Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), como reações em cadeia. Nesse caso, observamos se há mistura de formas pronominais de complemento (de acusativo, dativo e oblíquo), de formas de possessivo e de imperativo quando relacionadas às formas de sujeito pronominais (*tu, você* e formas nominais).

De acordo com Duarte (1995) e outros autores, a entrada do pronome *você*, que se combina com formas verbais de 3^a pessoa do singular, ocasiona alteração no sistema de flexões verbais no PB, repercutindo em outros aspectos da estrutura interna da língua, por exemplo, na realização do possessivo. Além disso, Lopes e Cavalcante (2011) apontam que, à medida que a forma *você* ganha terreno, formas alternantes de acusativo e dativo aparecem, para além do clítico *te*.

3) Como as mudanças passam de um estágio a outro, de uma comunidade a outra? (Problema de transição)

Para responder a essa pergunta e buscar resolver o problema da transição, consideramos o fato de que a mudança não é discreta, ou seja, há

fases intermediárias de coexistência e concorrência entre variantes, até que a ocorrência de uma delas diminui aos poucos, e a mudança se completa.

Ao se tentar resolver o problema empírico da transição, busca-se descobrir de que maneira a mudança linguística pode passar de um estágio a outro sem interferir na comunicação entre os membros de uma comunidade de fala. Para isso, é preciso analisar os processos que ocorrem em situações de contato entre diferentes comunidades ou entre diferentes gerações.

No período em que foram escritas as cartas que compõem o *corpus* analisado nesta pesquisa, conforme vemos na seção 2.1, graças às intensas atividades do porto de Desterro, era comum a chegada de jornais vindos da Corte, além de outras publicações que circulavam na cidade. Além disso, devido à ausência de faculdades, pessoas de determinadas classes sociais saíam de Desterro para estudar em outras localidades. Os missivistas cuja escrita pretendemos analisar viveram partes de suas vidas no Rio de Janeiro e em outras cidades por motivos diversos e mantinham correspondência com as pessoas que conheciam nesses locais, tanto catarinenses quanto naturais de outros estados.

Assim, esse contato frequente com a escrita de pessoas de outras comunidades, seja por meio de jornais e outras publicações que vinham de fora ou por longas viagens e também pela troca de correspondências, pode fornecer algumas pistas sobre a variação entre as formas nominais e pronominais na escrita desses missivistas.

4) Como as mudanças podem ser avaliadas em termos de seus efeitos sobre a estrutura linguística e sobre a estrutura social? (Problema de avaliação)

A mudança linguística é fortemente determinada pela atitude social quanto à língua. Por isso, para buscar responder a essa questão, é necessário observar como as mudanças são avaliadas em termos de seus efeitos tanto sobre a estrutura linguística e sua eficiência comunicativa quanto sobre uma gama de fatores não linguísticos envolvidos no uso das variantes. A avaliação de uma mudança linguística pelos membros da comunidade, que se dá por meio de seu significado social (estigma ou prestígio), pode ser responsável

pelo aceleração ou retenção de processos de mudança linguística dessa comunidade.

Conforme vemos na seção 2.2, a maioria dos missivistas cujas cartas analisamos compunham uma parte pequena da população letrada de Desterro no período em questão. Mas, por meio de suas atuações na política e na vida social da Província, podem ser considerados relevantes quanto ao uso de determinadas formas linguísticas, uma vez que trabalhavam em redações de jornais locais, realizavam aparições públicas e encabeçavam movimentos sociais e intelectuais.

5) A que fatores se pode atribuir a implementação das mudanças? Por que uma mudança ocorre em uma língua em uma época e não em outras? (Problema de implementação ou atuação)

Quando se identificam os condicionadores internos e externos à língua que agem sobre a mudança é que se torna possível explicar de que maneira ela se implementa nos diferentes contextos estruturais e nos diferentes estratos sociais. Ao se buscar compreender esse problema, busca-se também compreender por que a mudança ocorre em determinados contextos linguísticos ou em determinados lugares e não em outros. Mas, possivelmente, as explicações a respeito da implementação da mudança só são fornecidas depois de a mudança ser completada, ou seja, quando o novo traço deixa de ser variável e passa a ser constante, quando, de modo geral, há perda da significação social que a forma antiga possuía.

No caso da forma *você*, ainda não se pode dizer que esse seja um traço constante na escrita (tampouco na fala) de florianopolitanos no início do século XXI. Mas é possível investigar se nas amostras aqui analisadas essa forma estava presente e, se sim, em que contextos linguísticos. Além disso, também é possível investigar quais outras formas de tratamento (nominais e pronominais) eram usadas naquele mesmo período.

1.1.2 Poder e solidariedade

Segundo Brown e Gilman (1960), a maioria das línguas dispõe, em sua estrutura, da distinção de, pelo menos, dois pronomes para o tratamento ao interlocutor: um para tratamentos mais formais ou de maior distanciamento e um para tratamentos menos formais ou de maior proximidade. Os autores interessam-se por sua associação com duas dimensões – a de poder e de a solidariedade –, consideradas fundamentais para a análise dos comportamentos sociais.

Nessa perspectiva, “poder” se define como a relação entre, pelo menos, duas pessoas, considerando que uma tem poder sobre a outra na medida em que é capaz de controlar o comportamento da outra. Assim, essa relação é não recíproca, no sentido de que não podem ambos ter poder na mesma área de comportamento. Esse poder se baseia em atributos como força física, prosperidade, idade, sexo, papel institucional etc.

Essas relações entre superior e inferior mediadas pela semântica (não recíproca) de poder requerem uma estrutura social em que haja graus de poder únicos para cada indivíduo.

No texto de 1960, os autores utilizam “T” para designar genericamente um pronome singular familiar e “V” para designar genericamente um pronome singular respeitoso. Assim, segundo Brown e Gilman (1960), um V reverencial sempre foi introduzido no topo de uma sociedade, e daí derivariam as diferenças nas práticas das classes. A regra de não reciprocidade (com um T e um V entre pessoas de poderes desiguais) durou por muitos séculos em algumas línguas europeias. A princípio, não havia regra diferenciando tratamento entre iguais, mas, muito gradualmente, desenvolveu-se uma distinção a que Brown e Gilman (1960) chamam de T de intimidade e V de formalidade.

As relações recíprocas (simétricas) são solidárias e ocorrem, por exemplo, segundo os autores, entre praticantes da mesma profissão, filhos dos mesmos pais, pessoas com a mesma visão política, religião etc. A semântica de solidariedade recíproca incrementou-se com a maior possibilidade de mobilidade social e da ideologia equitativa. Por sua vez, o poder semântico não

recíproco é associado a sociedades relativamente estáticas, nas quais o poder é distribuído por “direito de nascimento” e não é sujeito a muita redistribuição.

Brown e Gilman (1960) destacam que os pronomes não são as únicas formas de tratamento não recíproco. Há ainda os nomes próprios e títulos, muitos dos quais operam em um padrão de poder não recíproco na América e na Europa, em sociedades abertas e igualitárias. É fato que, mesmo em uma democracia, existem diferenças de poder, como em todas as sociedades. Assim, os autores se questionam sobre qual seria a diferença entre expressar a assimetria de poder nos pronomes e expressá-la por meio da escolha do título e do nome próprio.

Conforme observam Brown e Gilman (1960), um problema envolvendo modos de tratamento se torna consciente para as pessoas em momentos de mudança de *status*, por exemplo, quando um estudante recebe o grau de doutor e se torna colega de seu, até então, professor. Em uma sociedade fluida, crises de tratamento ocorrem com mais frequência do que em sociedades estáticas, em que o *status* é fixado pelo nascimento e não muda, quer dizer, cada homem tem direitos e obrigações estáveis em relação ao tratamento.

Ainda que muitos autores questionem o fato de se trabalhar com a proposta de Brown e Gilman (1960) aplicada a culturas diferentes da anglo-saxônica ou a períodos socialmente distintos dos que foram analisados por eles, Marcotulio (2008) considera que a teoria dos autores pode ajudar a balizar propostas posteriores. Além disso, ela pode ser pertinente quando se trabalha com períodos em que determinada sociedade é mais hierarquizada.

Especificamente em relação às formas de tratamento encontradas nas cartas que compõem o *corpus* desta pesquisa, pode-se observar o uso de formas nominais e pronominais de tratamento. Além disso, o período em que as missivas foram escritas compreende anos em que a sociedade florianopolitana / desterrense – e a brasileira, de modo mais geral – passou por processos significativos de transformação, como a Independência e movimentos abolicionistas. Também se observam mudanças de *status* dos missivistas, como mudanças profissionais, socioeconômicas e políticas. Assim, a proposta de Brown e Gilman (1960) para o uso das formas de tratamento

pode ajudar a compreender de que maneira as relações sociais deixam transparecer suas marcas nas formas de tratamento.

1.1.3 O uso de material histórico em pesquisa sociolinguística

Para a realização desta pesquisa, trabalhamos com cartas pessoais escritas entre as décadas de 1880 e 1940. Uma das vantagens de se trabalhar com esse tipo de material histórico é a possibilidade de se ter um distanciamento temporal dos fenômenos analisados que permita que o pesquisador já conheça alguns reflexos de mudanças que estavam em curso no momento em que o material foi produzido. Por outro lado, entre as dificuldades que o pesquisador encontra, estão algumas elencadas por Conde Silvestre (2007) como possíveis limitações: falta de contexto, falta de representatividade e escasso controle experimental.

Os textos escritos que se conservaram para pesquisas contemporâneas costumam estar isolados dos contextos em que se encontram. São partes de *corpora* mais extensos e sobreviveram ao tempo por acaso, de onde deriva o caráter “fragmentário” referido por Labov (2008 [1972] apud CONDE SILVESTRE, 2007). Por isso, esses textos não representam todos os registros e variedades nem permitem atestar a produção de falantes pertencentes a todos os níveis sociais. Muitas vezes, não se tem sequer conhecimento sobre as estruturas sociais do passado. Para tanto, buscamos, na medida do possível, reconstruir a estrutura social do passado, especialmente entre os anos 1880 e 1940.

Além disso, o pesquisador de sociolinguística não consegue reconstruir todas as informações necessárias para o preenchimento das células sociais com as quais lida em pesquisas sincrônicas. Esse escasso controle experimental o impede, portanto, de isolar determinadas variáveis que afetam o processo de pesquisa.

Dessa forma, as variáveis do contexto social, segundo Conde Silvestre (2007, p. 37), também são afetadas pelas limitações observadas em relação ao material de pesquisa. Assim, para reconstruir informações, o pesquisador deve guiar-se por dados históricos e lidar com seu caráter fragmentário. Além disso,

o período investigado pode ser grande o suficiente para que a estrutura social e os comportamentos sofram variação ao longo do tempo.

Nesta pesquisa, lidamos com material escrito ao longo de 60 anos que compreendem, inclusive, uma mudança de regime de Monarquia para República, movimentos abolicionistas e outros movimentos sociais, em um contexto mais amplo, e movimentos sociais mais locais da cidade de Desterro. A observação e a consideração desses fenômenos são relevantes para a compreensão dos fenômenos linguísticos que são analisados, embora o olhar do pesquisador do século XXI não possa dar conta de muitos aspectos de séculos passados.

Assim, além de enfrentar as limitações na reconstrução dos contextos sociais e as limitações decorrentes das características do material histórico já mencionadas, o pesquisador em sociolinguística histórica também precisa encarar um paradoxo, destacado por Conde Silvestre (2007): a compreensão dos fatos linguísticos do passado com os quais o pesquisador se depara deriva, principalmente, da sua observação do presente. Dessa forma, uma “projeção direta de padrões e resultados obtidos no âmbito atual para o passado” (p. 40) pode levar o pesquisador ao risco de cair em anacronismo.

Uma pesquisa com material histórico, portanto, leva o pesquisador a lidar com as limitações decorrentes do uso de fontes, muitas vezes, descontextualizadas, pouco representativas e lacunares, que “sobreviveram ao tempo por acaso” (CONDE SILVESTRE, 2007, p. 36). Contudo, pesquisar as circunstâncias históricas da mudança linguística permite que se compreendam melhor as mudanças em progresso e que, com isso, se aprofunde a teoria geral da mudança linguística. Nessa perspectiva, Labov (1972 apud CONDE SILVESTRE, 2007, p. 35) qualificou “a difícil tarefa do pesquisador em (socio)linguística histórica como ‘a arte de fazer o melhor uso possível de dados deficientes’ (*to make the best use of bad data*)”.

1.2 REVISITANDO AS FORMAS DE TRATAMENTO NA LITERATURA

Nesta seção, revisamos algumas discussões sobre as formas de tratamento no português. Iniciamos com Faraco (2006), que, a partir da

recuperação de aspectos históricos, discute a inserção da forma *você* no português. Em seguida, apresentamos a proposta de Menon (2009) para a datação da forma *você* em Portugal e no Brasil. Depois, trazemos discussões e resultados de pesquisas sobre as formas de tratamento em cartas pessoais com dados das regiões Sudeste (RUMEU, 2008; LOPES; MARCOTULIO, 2011; LOPES, 2011) e Sul do Brasil (RAMOS, 1989; LOREGIAN, 1996; LOREGIAN-PENKAL, 2004; COELHO; GORSKI, 2011; NUNES DE SOUZA; COELHO, 2015; NUNES DE SOUZA, 2015; GRANDO, 2016). Esses trabalhos orientam as questões e hipóteses levantadas nesta dissertação.

1.2.1 Inserção e datação da forma *você* no português

Faraco (1996), em texto clássico sobre a inserção da forma *você* no português, especialmente no português brasileiro, retoma algumas modificações nas formas de tratamento em Portugal a partir do fim da Idade Média decorrentes de mudanças econômicas e sociais e da consequente crise de tratamento gerada a partir daí. Para isso, revisa alguns aspectos da história da sociedade portuguesa no fim da Idade Média, que são aqui sumarizados.

Entre os séculos XIV e XV, as formas “Vossa + N” foram introduzidas na língua portuguesa exclusivamente para tratamento do rei (inicialmente). Entre essas formas, citam-se: *Vossa Mercê*, *Vossa Senhoria*, *Vossa Alteza*, *Vossa Excelência* e *Vossa Majestade*.

Ao considerar que a língua é um indicador de mudanças sociais (conforme Bakhtin e Volochínov, 1973), Faraco (1996) compreende que as mudanças econômicas (e consequentemente sociais) pelas quais passou Portugal a partir do século XIII produziram reflexos na língua, especialmente nas formas de tratamento ao interlocutor.

Assim, a formação de uma nova classe social, a burguesia, competindo com a nobreza em termos de poder político e econômico, a redução dos poderes dos senhores feudais e o aumento crescente do poder dos reis são tratados como fatos relevantes para o estabelecimento de crises de tratamento com consequências importantes para o uso das formas de tratamento ao interlocutor.

Além disso, a posterior expansão colonial implicou na ampliação da estrutura administrativa do governo ocasionada pela multiplicação dos cargos públicos e em uma maior complexidade nas questões burocráticas. Com isso, o protocolo da corte tornou-se extremamente elaborado e formal. O vasto fluxo de riquezas do comércio colonial, cujo auge se deu em fins do século XV e começo do XVI, ocasionou não apenas novos padrões de vestuário e alimentação, mas também diferentes formas de tratamento ao interlocutor como consequência da necessidade da nova aristocracia de definir seu papel social.

Assim, essas mudanças sociais, com novas situações comunicativas e novas possibilidades nas relações interpessoais, fizeram com que a língua também se adaptasse a essa realidade e passasse a fornecer meios verbais para a expressão de novos fatos, com possíveis consequências para outros aspectos da estrutura da língua além das formas de tratamento ao interlocutor.

Nesse contexto de mudanças econômicas e sociais em Portugal, o desenvolvimento de uma nova posição de autoridade para o rei, que se transformava então em uma personagem social única, teria criado a necessidade de formas diferenciadas de tratamento: a forma tradicional de tratamento (*vós*) passou a não ser mais considerada suficiente para marcar o *status* do rei. Com isso, durante o século XV, como consequência das novas relações sociais, outras formas de tratamento ao rei se multiplicaram, e algumas formas começaram a ser usadas paralelamente, com uma função diferenciadora.

Em 1434, a forma *Vossa Senhoria* ocorreu pela primeira vez nos textos das Cortes; em 1442, registra-se o uso de *Vossa Majestade*; em 1450, de *Vossa Alteza* e, em 1455, de *Vossa Excelência*. A força honorífica original dessas formas foi decaindo em decorrência de seu processo de extensão, criando-se a necessidade de se introduzirem novas formas para a manutenção do tratamento diferenciado do rei. A expansão do uso de algumas dessas formas, especialmente *Vossa Mercê* e *Vossa Senhoria*, pode ter contribuído para sua rápida multiplicação em Portugal, e elas se transformaram nas formas habituais de tratamento não íntimo entre iguais na aristocracia. Esta, por sua

vez, passou a exigir o uso dessas formas por parte das pessoas de *status* social inferior, o que abriu espaço para extensão de seu uso.

Nesse contexto, a forma *Vossa Mercê* foi adquirindo uso social amplo no tratamento não íntimo e perdeu seu valor honorífico para a aristocracia, que no início do século XVI, conforme Faraco (1996) infere a partir das peças de Gil Vicente, mostrava preferência pela forma *Vossa Senhoria*. Nesses textos, segundo Faraco (1996), *Vossa Mercê* ocorre especialmente entre personagens da baixa burguesia; e entre os aristocratas, além do tratamento *vós*, a forma de respeito era *Vossa Senhoria*.

No século XV e durante os primeiros anos do século XVI, *Vossa Alteza* e *Vossa Majestade* tornaram-se as formas preferidas de tratar o rei, com *Vossa Majestade* substituindo *Vossa Alteza* durante o século XVI, já que esta passou a ser usada para o tratamento de outros membros da família real. Um movimento contínuo de redistribuição social das formas ocorria, de modo que sempre que uma delas começava a ter um uso mais geral, era abandonada em detrimento de outra.

Nessa época, a avaliação social de uma forma, destacada por Weinreich, Labov e Herzog (1968), ilustrava um caso típico do que Brown e Gilman (1960) chamam de crise de tratamento: determinadas formas tinham valores especiais de prestígio por serem usadas por um subgrupo específico de pessoas. Os que se encontravam fora desse subgrupo e começaram a usar tais formas estariam, então, fazendo um esforço para se identificarem com o subgrupo de maior prestígio social. Assim, durante algum tempo, em Portugal, cada movimento direcionado à identificação com uma forma de tratamento gerava, por parte dos imitados, um movimento oposto com vistas à diferenciação.

A evolução da forma *Vossa Mercê*, depois da ampla expansão social de seu uso, por um lado, manteve sua integridade formal e seu valor como forma de tratamento relativamente respeitosa em estilo cuidado entre a pequena burguesia urbana e se arcaizou entre os séculos XVII e XVIII, ao mesmo tempo em que a forma *você* se tornava dominante; por outro lado, *Vossa Mercê* sofreu um rápido processo de simplificação fonética que transformou os pronomes *você* / *vocês* no tratamento de segunda pessoa do discurso, forma

de uso corrente hoje, especialmente no português brasileiro, produzindo inclusive outras formas paralelas.

Faraco (1996, p. 63) menciona que, segundo Machado (1967 apud FARACO, 1996), cronologicamente, o primeiro texto escrito a apresentar a forma *você* é “Feira de anexins”, escrito por Francisco Manuel de Melo e publicado em 1666.

Para concluir a seção do texto que faz essa revisão histórica, Faraco (1996) faz a seguinte síntese: as formas para o tratamento não íntimo do interlocutor singular em Portugal entre o fim do século XV e o começo do XVI eram as seguintes: *vós*, utilizada como forma universal; *Vossa Senhoria* e *Vossa Mercê*, como formas socialmente mais específicas; *Vossa Senhoria*, como forma mais comum entre a aristocracia; e *Vossa Mercê* (e suas variantes) nos demais casos. Nesse período, *vós* começaria a perder sua posição para outras formas, e *Vossa Mercê* e *Vossa Senhoria* pertenceriam, portanto, a diferentes variantes sociais: *Vossa Mercê* com *status* socialmente inferior a *Vossa Senhoria* e, em termos de formalidade, ambas estariam em oposição a *tu*.

Essa relativa formalidade ligada a *Vossa Mercê* parece ter se mantido em Portugal, onde *tu* é usado atualmente no tratamento íntimo e *você* é usado no tratamento entre iguais não solidários e no tratamento não solidário de um interlocutor de *status* social inferior. Já no Brasil, atualmente, *você* é o pronome de uso comum para o tratamento íntimo, e *tu* parece restrito a algumas variedades regionais, segundo Faraco (1996), e acrescentamos que esse é o caso de Florianópolis. Além disso, nesta cidade, a forma *você* de alguma maneira conserva o tratamento não solidário, mais respeitoso, diferentemente do *tu*.

A história de formação do Brasil pode fornecer uma razão para o amplo uso de *você*. Ainda que não haja documentos das formas linguísticas usadas nos primeiros tempos da ocupação do país pelos europeus, há alguns dados importantes que podem ajudar a reconstruir a história do uso das formas de tratamento.

Durante o período em que se iniciou o processo de ocupação do Brasil pelos europeus, a partir da segunda metade do século XVI, a população não

aristocrática portuguesa usava generalizadamente a forma *Vossa Mercê* e suas variantes. E foi justamente parte dessa população que para cá emigrou, em um momento em que ocorria um processo de arcaização de vós e de simplificação fonética de *Vossa Mercê* em Portugal. Assim, Faraco (1996) pressupõe que, desde o início da ocupação europeia no Brasil, as formas predominantes de tratamento ao interlocutor eram as diferentes variantes de *Vossa Mercê*. Outras formas, que passaram por uma “história turbulenta” (FARACO, 1996, p. 65) em Portugal nos séculos XVII e XVIII (especialmente *Vossa Senhoria* e *Vossa Excelência*), não alcançaram o Brasil senão como formas artificiais usadas na correspondência oficial e em alguns contextos muito formais da administração pública.

As crises de tratamento em Portugal estavam restritas às classes alta e média alta, mas seus integrantes não emigravam para o Brasil, onde, por sua vez, não havia esse tipo de crise naquela época, uma vez que, dada a situação colonial, as divisões sociais eram muito mais claras: havia os proprietários de terras e os trabalhadores braçais, sem possibilidade de rearranjo social, diferentemente do que ocorria naquele momento nas sociedades europeias.

Menon (2009) considera relevante o conhecimento de quando a forma *a Vossa Mercê* começa a aparecer na forma *contracta você* por dois motivos: para se determinar quando ela se tornou um pronome de segunda pessoa, mas também para se verificar desde quando ela existe no português brasileiro.

Em relação ao primeiro uso dessa forma em Portugal, a autora indica um equívoco no que costuma ser a referência mais antiga do pronome *você*, a farsa Fidalgo Aprendiz, de 1865 de D. Francisco Manuel de Mello, uma vez que nesse texto apareceriam apenas as formas *Voffancé* e *Voffa Mercé*.

A primeira atestação por escrito, portanto, da forma *você* em Portugal teria sido feita pelo dicionarista José Pedro Machado (cf. CINTRA, apud MENON, 2009), que a localizou na obra *Feira de Anexins*, por volta de 1666. Como não se tem certeza da data exata da publicação original desse texto, assinala-se a data de 1665, quando teriam sido publicadas as *Obras Métricas*, do mesmo autor, em que se localiza não apenas a forma *voffa mercé*, mas também *Voffa Senhoria*, *você* e *vocés*. A partir do ano de nascimento (1609) de

D. Francisco Manuel de Mello, Menon (2009) afirma que a forma *você(s)* já seria corrente em Portugal desde o início do século XVII.

Já em relação ao Brasil, a primeira ocorrência de *você* na escrita de um brasileiro costuma ser atribuída ao músico Domingos Caldas Barbosa (1738-1800) em uma cantiga da coletânea denominada *Viola de Lereno* (vol. I, Lisboa, 1798, 1806; Bahia, 1813; Lisboa, 1819 e 1825; vol. II, Lisboa, 1826), ou seja, quase um século depois da primeira ocorrência de *você* na escrita em Portugal.

Menon (2009), contudo, busca modificar essa datação ao atestar a ocorrência da forma *você* em um texto do brasileiro Gregório de Mattos (1633-1696), que já estivera durante um tempo na Corte portuguesa.

Por esse registro, Menon (2009) infere que o pronome *você* era de uso no português do Brasil já no século XVII e que podia ter pronúncia aberta na sílaba tônica, o que se deduz a partir da rima de *Sé* e *mé* e, a partir da métrica, também com *você*.

De acordo com Miécio Tati, responsável pela revisão e atualização ortográfica da primeira edição das obras de Gregório de Mattos, no tempo da escrita da obra, *você* ainda era tratamento cerimonioso; no entanto, Menon (2009) verifica seu emprego em contraposição a um pronome honorífico e também dirigido a um grupo de pessoas, depois do vocativo “minha gente”. Ao buscar mais exemplos nos volumes em que está editada a obra poética de Gregório, a autora constatou também a presença dos pronomes *tu* e *vós* (este usado para Deus, Jesus Cristo e Nossa Senhora). E em um diálogo entre a Alma e o Diabo, o Diabo usaria a forma *tu*, e a Alma a forma *vós*. Além disso, a forma *você* foi usada pelo poeta ao se referir ao nariz do governador, o que contraria a ideia de Miécio Tati de que o uso de *você* ocorria apenas em tratamento cerimonioso. Além disso, a forma *você* é encontrada, também, na fala de um vigário ao se dirigir a um ourives.

A forma *tu* aparece poucas vezes nos textos de Gregório de Matos, ocorrendo com mais frequência na invocação a um animal ou a outro elemento da natureza. Também ocorre *Vossa Mercê* entre amigos e *você* de uma moça a amigos homens, invocando a lei da cortesia, uma vez que se pode pensar que o uso de *vós* ou *tu* pela moça seria inadequado, e nesse sentido *você*

poderia ser considerado uma forma menos íntima e mais adequada para se dirigir a dois homens.

Ocorrem também as formas *vossarcedes / vossarcê*, que parecem ser formas singulares construídas sobre o modelo espanhol que levou a *usted: Vuestra(s) Mercede(s)*, mas se tornando *vossarcê* com a redução que teria ocorrido no português.

Menon (2009) destaca a importância de se conhecerem as biografias dos autores das obras que concorrem como primeiras abonações da forma *você* para que se tenham mais elementos que embasem a discussão sobre o contexto de uso das formas em questão. Por exemplo, é significativo o fato de Gregório de Matos ser oriundo de família rica e de, por isso, ter vivido durante algum tempo em Portugal. Além disso, é relevante o fato de em suas obras haver sátiras sociais. Menon (2009) considera que, para as sátiras de Gregório de Matos atingirem o público, dificilmente seu autor usaria uma forma que não fosse de conhecimento de boa parte da população, o que poderia prejudicar sua compreensão e interpretação. Assim, há as hipóteses de que a forma *você* nas obras de Gregório seja decorrência de sua permanência em Lisboa em determinado momento de sua vida, mas também há a possibilidade de esta já ser de uso amplo no Brasil no século XVII, principalmente considerando que em seus escritos há muito pouco uso da forma *tu* .

Para entendermos como a forma *você* entra em algumas regiões do Brasil, trazemos a seguir algumas resenhas de trabalhos que descrevem esse uso em textos escritos nas regiões Sudeste e Sul do Brasil.

1.2.2 As formas de tratamento na Região Sudeste

Retomamos aqui três trabalhos, Rumeu (2008), Lopes e Marcotulio (2011) e Lopes (2011), que analisaram os pronomes de tratamento em missivas da Região Sudeste escritas no final do século XIX e início do século XX, período que corresponde à época por nós investigada nesta dissertação.

Rumeu (2008) estudou a norma escrita culta do português brasileiro em cartas pessoais familiares produzidas entre fins do século XIX à primeira metade do século XX por meio da análise do comportamento linguístico de

peças cultas pertencentes a uma mesma família ao longo de suas vidas. Seu objeto de estudo era a análise do processo de inserção de *você* no sistema linguístico e o seu nível de coexistência com o *tu*.

Essa análise se estrutura em três estudos parciais que se relacionam: primeiro, a autora fez o levantamento geral de todas as realizações das formas de *tu* e de *você* encontradas nas missivas que compõem a amostra para buscar depreender os contextos em que o *tu* ainda resistia e os ambientes morfossintáticos em que o *você* era introduzido mais rapidamente no sistema.

No segundo estudo parcial, considerando o sujeito como um domínio funcional favorecedor à pronominalização de *você* no português brasileiro, o que já fora evidenciado em outros estudos, a autora realizou um estudo em tempo aparente restrito à representação nula ou plena das formas *tu* e *você* como sujeitos pronominais.

No terceiro estudo parcial, a autora realizou um estudo de painel para analisar a representação nula ou plena dos sujeitos *tu* e *você* no comportamento linguístico de oito informantes da família em distintos intervalos de tempo, com objetivo de sugerir procedimentos metodológicos do estudo de painel em sincronias passadas que permitiam evidenciar a progressão da mudança linguística em tempo real de curta duração, em conformidade com o pensamento laboviano.

Nessa investigação, Rumeu (2008) procurou responder a três questões principais: em que estágio de pronominalização se encontra o inovador *você* na virada do século XIX e primeiro quartel do século XX no português brasileiro? Por que ocorreu a inserção de *você* no quadro pronominal do português brasileiro e qual é o contexto sócio-histórico de implementação da forma *você* nas matrizes linguística e social do português brasileiro? Os indivíduos da família Pedreira Ferraz-Magalhães, ao mudarem de faixa etária, se mostram estáveis ou instáveis em relação à variação entre os pronomes sujeito *tu* e *você*?

Para expor um panorama da alternância entre as formas de *tu* e de *você* em realizações pronominais e verbais nas cartas da família Pedreira Ferraz-Magalhães, foram analisados, quantitativa e qualitativamente, dados de 30 missivas pessoais produzidas em fins do século XIX e primeira metade do

século XX, à luz dos pressupostos da Teoria da Variação sob a orientação laboviana (1994).

A autora partiu da hipótese de Lopes (2007) de que a inserção de *você* no quadro pronominal do português brasileiro não se deu da mesma forma em todos os contextos morfossintáticos. Nesse sentido, o pronome sujeito, o pronome complemento preposicionado e as formas verbais imperativas representam contextos implementadores de formas relacionadas a *você*, enquanto o pronome possessivo, o pronome complemento não preposicionado (*te*) e as formas verbais não imperativas se apresentam como contextos de resistência do *tu*.

Foram consideradas as formas *tu* e *você* em todas as suas representações pronominais e verbais: pronome pessoal em contextos morfossintáticos de sujeito *tu* e *você* (nulo e pleno), pronome complemento direto, pronome complemento preposicionado, pronome possessivo e desinências verbais imperativas e não imperativas.

A quantificação de todas as formas de *tu* e de *você* levantadas na amostra controlada por Rumeu foi submetida a quatro grupos de fatores linguísticos e a cinco grupos de fatores extralinguísticos: subtipo de pronome/desinência verbal (contexto morfossintático); paralelismo discursivo; função sintática assumida pela forma relacionada a *tu* ou a *você*; tipos de sujeito (nulo ou pleno); gênero dos missivistas; faixa etária dos missivistas; remetentes das missivas; tipo de relação familiar estabelecida; fases de escritura das cartas. A análise de regra variável de todas as ocorrências de formas vinculadas a *tu* e a *você*. Assumindo as formas relacionadas a *tu* como valor de aplicação, evidenciou a seleção dos grupos de fatores: combinação de formas pronominais ou paralelismo discursivo; missivista; contexto morfossintático / subtipo de pronomes; gênero (sexo) dos missivistas; faixa etária dos missivistas.

Os resultados gerais desse levantamento mostraram que os pronomes relacionados ao *tu* íntimo constituíam o tipo de estratégia de referência à segunda pessoa do discurso preferida nas missivas analisadas, corroborando resultados de trabalhos anteriores com base em amostras diversificadas dos séculos XIX e XX.

Esses resultados não se mostraram surpreendentes, mas a autora destaca o fato de o maior uso de formas de *tu* se direcionar à comprovação da hipótese de que o *tu* ainda era produtivo em relações de mais intimidade entre os interlocutores; por outro lado, o fato de as formas de *você* terem assumido frequência de uso menor que as de *tu* pode indicar que se trata de um processo de implementação iniciado timidamente no século XVIII e acelerado em fins do século XIX, conforme já averiguado em outros estudos.

Em relação ao paralelismo discursivo, a autora verificou “mistura de tratamento” nas cartas familiares dos Pedreira Ferraz – Magalhães: as formas de *tu*, apesar de se manterem preferencialmente combinadas com a segunda pessoa formal, em 90% dos dados, se mostraram, mesmo que timidamente, combinadas com a terceira pessoa formal em 20% dos casos.

Em relação aos contextos morfossintáticos de resistência do *tu*, os resultados mostraram o favorecimento de formas de *tu* com formas verbais não imperativas (sujeito nulo), com pronomes complemento sem preposição e com pronomes possessivos. Apesar de as formas vinculadas a *você* não serem as preferidas na amostra em estudo, houve o favorecimento de *você* nos contextos morfossintáticos de pronome pessoal sujeito; pronome complemento preposicionado; e forma verbal imperativa. Confirmou-se, portanto, a hipótese de que a implementação de *você* no quadro pronominal do português brasileiro não ocorreu da mesma forma em todos os contextos. As formas verbais não imperativas (sujeito não preenchido), os pronomes oblíquos sem preposição (*te*) e os pronomes possessivos (*teu / tua*) mostraram-se como ambientes em que as formas de *tu* ofereciam resistência, conforme já constatado por trabalhos anteriores.

Em relação à inserção do *você* no quadro pronominal, constatou-se que os pronomes pessoais do caso reto (sujeito preenchido) e os pronomes oblíquos com preposição apresentaram-se como favorecedores, como já averiguado por trabalhos anteriores. Rumeu (2008) destaca o fato de os contextos morfossintáticos mais favoráveis ao emprego de *você* e *tu* serem praticamente os mesmos em diversos estudos com base em *corpora* diacrônicos e sincrônicos.

Em relação à variável extralinguística informante das missivas, a hipótese da autora que motivou esse controle foi a de que o maior ou menor grau de uniformidade no emprego das formas de *tu* e de *você* nas cartas poderia corresponder, respectivamente, a um menor ou maior índice de integração de *você* no quadro pronominal do português brasileiro. Por isso, buscou-se observar quais missivistas empregavam o paradigma pronominal mais antigo e quais já adotavam o quadro de pronomes que vem a ser firmar no português brasileiro.

Constatou-se que as informantes Zélia e Maria Teresa apresentavam altos índices de formas de *tu*. A análise qualitativa das cartas das idosas Zélia e Maria Theresa mostrou que o elevado número de dados de formas de *tu* é “inflacionado” por pronome complemento não preposicionado (*te*) e por pronomes possessivos (*teu / tua*), que representavam, por sua vez, os contextos favorecedores ao emprego do *tu*, conforme resultados de estudos anteriores; por outro lado, a análise dos índices relativos à produtividade de formas de *tu* pelas missivistas Maria Rosa e Maria Joana em comparação aos seus índices percentuais revelou que havia, percentualmente, mais dados de *você* do que de *tu*, por isso, não foi possível admitir que essas mulheres tenham se mostrado mais propensas ao emprego de formas relacionadas a *tu*, mas sim que elas “mesclavam” as duas estratégias em suas cartas com maior “vigor”. As informantes Maria Amália e Maria Elisa usaram categoricamente as formas de *você*, e o informante Fernando usou categoricamente as formas de *tu*.

Com relação ao gênero (sexo) dos informantes, a autora buscava confirmar a hipótese laboviana de que, em processos de mudança, as mulheres tenderiam a implementar a forma não padrão, atuando de maneira inovadora.

Na análise da variável informante, as mulheres se mostraram aparentemente favorecedoras ao emprego de formas de *tu*, mas quando seus dados foram comparados aos dos homens, os resultados mostraram maior favorecimento de formas de *tu* entre os homens. As formas vinculadas ao *você* foram as preferidas pelas informantes mulheres, resultado que a autora esclarece no estudo de painel realizado.

Com relação à variável faixa etária dos missivistas, a expectativa era de que a forma *você* fosse mais frequente entre jovens. Os dados confirmaram essa expectativa ao mostrarem que a produtividade de formas relacionadas a *tu* foi favorecida pelos missivistas idosos, e as formas relacionadas a *você* foram mais produtivas entre os jovens. Parecia haver indícios de que os missivistas mais idosos tendiam a manter o comportamento do século XIX, quando o *tu* ainda era mais usado como pronome de referência ao interlocutor; por sua vez, o fato de os missivistas mais jovens adotarem o inovador *você* parecia indicar um processo de mudança linguística inaugurada em fins do século XIX e implementada efetivamente entre as décadas de 1920 e 1930.

Rumeu (2008) ainda correlacionou os grupos de fatores gênero e faixa etária para identificar o que estaria estabelecendo a diferença de comportamento linguístico entre homens e mulheres em relação ao uso das formas de *tu* e de *você*. Os resultados mostraram que, nas cartas dos homens em todas as faixas etárias, houve maior produtividade das formas de *tu*, indicando que os homens seriam mais conservadores em relação ao uso das formas de referência ao interlocutor. Por sua vez, as mulheres jovens elegeram categoricamente as formas de *você*, as adultas preferiram as formas de *você*, embora não de maneira categórica, e as idosas mostraram frequência de uso maior com formas de *tu*. Esse comportamento diferenciado entre homens e mulheres parecia reforçar a hipótese laboviana de que as mulheres tendiam a liderar a inovação no processo de mudança linguística com uma estratégia não estigmatizada.

A partir dos primeiros resultados obtidos nas análises das missivas da família Pedreira Ferraz-Magalhães, Rumeu (2008) realizou um estudo de tempo aparente para investigar a expressão (nula ou plena) das formas *tu* e *você* como sujeitos pronominais de segunda pessoa do discurso. A expectativa da autora era de que, à medida que o *você* se pronominalizava, essa forma assumia os mesmos campos funcionais que um legítimo pronome do português brasileiro.

A quantificação dos dados de *tu* e *você* nas cartas escritas por jovens, adultos e idosos da família Pedreira Ferraz-Magalhães entre 1905 e 1920 mostrou predominância do emprego do *tu* pronominal em relação ao emprego

de *você* em amostra composta por 18 cartas da família Pedreira. A análise de *tu* e *você* em relação à distribuição etária dos missivistas revelou a maior produtividade de *você* entre os mais jovens e de *tu* entre os adultos e, principalmente, entre os idosos.

O emprego categórico do inovador *você* pelos missivistas mais jovens pode sugerir um quadro de aparente mudança linguística em progresso. Os missivistas adultos e idosos, por sua vez, evidenciaram um importante índice de retração da produtividade de *você*, mostrando propensão ao emprego do conservador *tu*. Segundo Rumeu (2008), o emprego da forma conservadora pelos adultos pode se dever às pressões sociais da vida adulta, conforme Sankoff (2006 apud RUMEU, 2008), de modo a corroborar o emprego da variante pronominal padrão.

Rumeu (2008) também observou separadamente o comportamento dos homens e mulheres por faixa etária, com o objetivo de verificar se havia diferenças quanto ao gênero (sexo) dos missivistas.

Foram observadas diferenças de comportamento linguístico em relação ao emprego das formas *tu* e *você* na posição de sujeito nas duas primeiras décadas do século XX. Os jovens, tanto homens quanto mulheres, mostraram desempenhos linguísticos semelhantes, preferindo categoricamente a forma inovadora *você*. Por sua vez, mulheres e homens adultos e idosos preferiam a forma conservadora *tu* – os homens de maneira categórica e as mulheres com comportamento variável entre as formas *tu* e *você*. As mulheres preferiam o *tu*, mas empregavam o *você* mais do que os homens de mesma faixa etária no período entre 1905 e 1920.

Rumeu (2008) acreditava ser possível interpretar que, por somente as mulheres terem empregado a forma inovadora durante a idade adulta e a velhice, se mostrariam como propulsoras da implementação do *você* no quadro pronominal do português brasileiro.

Quanto à representação nula ou plena das formas *tu* e *você* como sujeitos pronominais, a autora buscou verificar se na produção escrita de homens e mulheres da família Pedreira Ferraz-Magalhães das duas primeiras décadas do século XX já era possível observar evidências de que o português

brasileiro estava mudando de parâmetro, passando de língua de sujeito nulo a pleno, como previa Duarte (1995).

Conforme o esperado, a expressão nula do sujeito foi categoricamente favorecida pelo *tu*, enquanto o *você* se mostrou prioritariamente pleno, mas em acirrada concorrência com a sua expressão nula.

Como apenas a forma *você* mostrou variação entre sujeitos plenos e nulos, principalmente entre os jovens dos dois gêneros e entre as mulheres adultas, a autora buscou elucidar as possíveis interferências dos fatores gênero (sexo) dos missivistas nesse processo de mudança linguística em progresso.

O *você* foi empregado pelos missivistas do gênero masculino somente durante a juventude, fase em que optaram majoritariamente pela sua expressão plena. Já o comportamento das mulheres jovens e adultas mostrou favorecimento da expressão nula do inovador *você*. As mulheres idosas mostram-se categoricamente propensas à realização plena do *você*, mas com número de ocorrências muito baixo. Com isso, foi possível perceber que a conduta linguística das mulheres idosas se assemelha à dos homens jovens. De acordo com Rumeu (2008), a probabilidade de o *você* revelar-se como sujeito formalmente preenchido pode evocar a sua ascendência como forma nominal (*Vossa Mercê*), o que legitima a sua expressão plena.

Considerando os resultados obtidos no estudo de tempo aparente, de que: a posição de sujeito se mostrou um contexto favorável à implementação de *você*; os jovens da família em análise apresentaram maiores índices de *você* em suas cartas; e as mulheres empregaram mais *você* que os homens, Rumeu (2008) se propôs a estudar o comportamento de cada indivíduo nas cartas escritas no decorrer do tempo, buscando depreender o uso variável dos pronomes *tu* e *você* como sujeito, observando as suas representações nula e plena em um estudo de painel.

Seu objetivo era legitimar as hipóteses obtidas das análises de Duarte (1996) e Tarallo (1983) sobre a mudança em direção ao parâmetro de sujeito preenchido no português brasileiro, que termina o século XIX como uma língua de sujeito nulo e inicia seu processo de mudança a partir do século XX. Para isso, Rumeu (2008) analisou cartas escritas por oito missivistas cultos ao longo de suas vidas.

Nas cartas de dois homens jovens da família Pedreira Ferraz-Magalhães houve mais produtividade da forma *você* entre os anos 1900 e 1920. Outros dois missivistas, que na maior parte das vezes preferiram o *tu* em suas cartas, mostraram-se mais propensos a empregar o *você* na intimidade de suas cartas aos irmãos nesse período, mas em contextos com motivação discursivo-pragmática. Por sua vez, um missivista idoso, com um baixíssimo nível de aplicação do *você* nas suas cartas, mostrou-se, em fins do XIX, propenso a deter a direção histórica da mudança linguística.

As mulheres dessa família mostraram comportamento oposto ao apresentado pelos homens. Sua produtividade do pronome *você* foi variável, o que parece sinalizar que a implementação dessa forma se deu entre os anos 1920 e 1930, nas cartas pessoais femininas da família.

A autora entendeu que o inovadorismo apresentado pelas mulheres parecia ter impulsionado o processo de mudança em progresso na língua, mas destacou um comportamento diferenciado entre as mulheres da família: quatro delas mostraram-se instáveis, e somente uma mulher mostrou-se estável em relação ao emprego das formas *tu* e *você*.

Entre as mulheres com comportamento instável, a autora constatou que duas preferiram a forma inovadora, enquanto outras duas adotaram a forma conservadora. A informante que apresentou comportamento estável delineou a curva de estabilidade em relação à preferência pela forma inovadora. E as três mulheres que elegeram o *você* para se referirem aos irmãos pareciam se conduzir a favor da direção histórica da implementação do *você* no quadro pronominal do português brasileiro.

Lopes e Marcotulio (2011) apresentam um panorama das formas de tratamento utilizadas em uma amostra de cartas enviadas a Rui Barbosa no período entre 1866 e 1899. A partir dessa descrição inicial, os autores buscavam identificar motivações linguísticas e pragmáticas que poderiam influenciar a mescla de tratamento encontrada na carta de um dos missivistas.

A hipótese principal era a de que a forma *você*, durante seu processo de mudança de expressão nominal de tratamento para pronome pessoal (*Vossa Mercê* > *você*) não teria perdido completa e imediatamente seus traços nominais originais, tampouco teria adotado definitivamente propriedades

pronominais. Essa seria uma explicação para a persistência da especificação original de 3ª pessoa, com manutenção da concordância verbal, mas com interpretação semântico-discursiva de 2ª pessoa.

A partir de resultados de trabalhos anteriores (SOTO, 2001, 2007; LOPES; MACHADO, 2005 apud LOPES; MARCOTULIO, 2011), foi possível observar que, em missivas de fins do século XIX, a forma inovadora *you* apresentava uma aparente contradição: era ao mesmo tempo um tratamento veiculado pela elite brasileira com alguns traços de cerimônia, mas também circulava como variante pronominal de *tu* íntimo. Uma possível explicação para esse fenômeno poderia estar associada à origem e ao processo de mudança *Vossa Mercê* > *you*. Em geral, as línguas apresentam diferentes procedimentos de cortesia para atenuar ou evitar ameaças pragmáticas (cf. BROWN; LEVINSON, 1987 apud LOPES; MARCOTULIO, 2011), como ocorre com o uso de tratamentos abstratos de base nominal. Assim, segundo Koch (2008, p. 59 apud LOPES; MARCOTULIO, 2011), *Vossa Mercê* teria herdado da estratégia nominal o caráter indireto atenuante, por isso seria menos invasivo ou ameaçador ao interlocutor. Nesse sentido, o emprego de *you* no lugar do tratamento mais direto *tu* poderia ser uma estratégia que minimizaria algum ato ameaçador das faces dos participantes da interação.

A essa explicação, os autores acrescentam ainda a associação entre os conceitos de Tradições Discursivas (cf. KABATEK, 2006) e de gramaticalização. À luz das Tradições Discursivas, era possível que as escolhas treatmentais fossem motivadas por regras discursivas da tradição epistolar; sob o viés da gramaticalização, considerava-se que formas como *vossa mercê* sofreriam um processo de erosão fonética e se gramaticalizariam, perdendo carga semântica, e se generalizariam como formas recorrentes. Mas por se tratar de processo gradual e contínuo, houve persistências semânticas e formais, como a manutenção do caráter indireto e a concordância verbal típica dos nomes.

O conjunto de cartas que compõe a amostra investigada por Lopes e Marcotulio (2011) era constituído por uma documentação cuja natureza heterogênea se refletia nas opções treatmentais empregadas. Entre os diferentes tipos de cartas analisados, predominaram o uso da forma nominal de

tratamento *Vossa Excelência* e o uso de formas verbo-pronominais se segunda pessoa (*tu*) e de terceira pessoa (*você*), ambas no singular.

Os autores observaram uniformidade no tratamento com emprego da forma nominal *Vossa Excelência* na documentação [- solidária, - íntima, + formal] em que predominavam relações de natureza transacional e não interpessoal entre remetente e destinatário e identificaram pelo menos dois fatores que podiam ter determinado esse uso: o modelo de carta e o papel social do remetente. No caso do modelo de carta, algumas seguiam formato ou modelo específico, como no caso dos pareceres. No caso do papel social do remetente, havia o exemplo de um presidente da república escrevendo um agradecimento formal a Rui Barbosa. Segundo os autores, ainda que esse tipo de carta (agradecimento) pudesse ser considerado um tipo de interação [- distante], a importância social do remetente e o teor do documento determinavam a escolha por um tratamento [+ distante].

Conforme o esperado, a expressão nominal *Vossa Excelência* ocorreu em modelos de cartas submetidos a determinadas convenções sociais, ou seja, era um emprego determinado por certa tradição discursiva.

Já na documentação de caráter pessoal, o uso do *tu* íntimo foi absoluto pela comunhão de dois fatores: o próprio teor da carta, além da relação de proximidade entre remetente e destinatário.

Esses resultados não apresentaram novidade em relação ao que seria esperado do tratamento no século XIX, contudo os autores observaram um conjunto de seis cartas que destoaram dos demais documentos analisados. Tratava-se das cartas de amizade de um dos remetentes a Rui Barbosa, que apresentavam mescla de tratamento *tu* e *você*. Ao contrário dos demais documentos, essas cartas podiam evidenciar o caráter mais pronominal assumido pela forma gramaticalizada *você* no final do século XIX e dar indícios da reestruturação no quadro de pronomes como consequência de sua inserção.

As cartas informais desse remetente, o amigo Carlos Aguiar, foram escritas entre 1893 e 1895 e versavam sobre família, negócios e acontecimentos recentes; seu teor era íntimo, solidário e pessoal.

Para compreenderem o que motivou o remetente a utilizar uma ou outra forma na mesma carta, os autores analisaram o emprego de *você* e de *tu* em diferentes contextos morfossintáticos. Foram selecionados o grupo de fatores que controlava as formas precedentes na carta e o grupo contexto morfossintático de ocorrência.

Os resultados mostraram que já ocorria, embora timidamente, a mescla de tratamento em cartas do século XIX, assim como já fora observado em Lopes e Machado (2005), Barcia (2006), Machado (2006) e Rumeu (2008). Quanto aos contextos morfossintáticos, verificou-se o favorecimento de *você* como pronome-sujeito, imperativo e pronome complemento preposicionado. Os contextos que favoreceram formas relacionadas a *tu* foram pronomes possessivos, verbos não imperativos e pronome complemento não preposicionado *te*.

A hipótese de que a inserção de *você* no quadro pronominal não se implementou da mesma maneira em todos os contextos ou subtipos pronominais foi confirmada por esses resultados. Aparentemente, formou-se um paradigma supletivo com formas de *você* e *tu*.

O comportamento de *você* e de *tu* na posição de sujeito configurou certa distribuição complementar. O emprego de *tu* majoritariamente preenchido já era esperado, considerando-se o português como uma língua ainda movida pelo parâmetro de sujeito nulo, conforme Duarte (1995). Além disso, confirmaram-se outras hipóteses. O uso majoritário de *você* como sujeito pleno ao lado de *tu* nulo podia evidenciar que a posição de sujeito foi o contexto favorecedor da entrada do novo pronome no quadro pronominal do português brasileiro. O tratamento *você*, por outro lado, poderia apresentar, no final do século XIX, algum resquício de distanciamento e cortesia herdados da forma nominal *Vossa Mercê*. Dessa forma, os autores defenderam que a forma *você*, por sua baixa frequência de uso, poderia revelar alguma intenção comunicativa.

As cartas do amigo Carlos Aguiar mostraram *você* em discurso indireto, quando o missivista se reportava à fala de outras pessoas, como uma estratégia de polidez com o intuito de se isentar da veracidade da informação declarada. Por sua vez, a forma *tu*, que refletia aproximação no tratamento,

também se justificava ao atender o desejo do missivista de mostrar ao seu interlocutor pertencimento ao mesmo grupo social.

Os resultados dessa análise, portanto, indicaram o início da formação de um paradigma pronominal que refletia o sincretismo entre a segunda e a terceira pessoas do singular, mas a forma *você* ainda parecia manter marcas formais e discursivo-pragmáticas que remetiam a uma maior formalidade e distanciamento em relação ao *tu* íntimo. E ainda que *você* já pudesse, nesse período, ser uma variante de *tu*, em alguns casos, mantinha resquícios da formalidade da forma nominal *Vossa Mercê*, servindo como estratégia de atenuação a favor da polidez linguística e marcando maior distanciamento para garantir um tom menos invasivo à interação com o interlocutor.

Lopes (2011) parte de um conjunto de cartas trocadas por casais entre os anos 1906 e 1937 para observar quais formas tratamentais eram motivadas por tradições do texto e quais poderiam indicar a norma linguística da época, buscando delimitar a configuração da disputa entre *tu* e *você* a partir de vestígios dos três subsistemas de tratamento pronominal vigentes no Brasil na posição de sujeito: *tu*; *você*; *você* ~ *tu*. A hipótese que norteava o trabalho era a de que a implementação da nova forma gramaticalizada *você* ocorreria em alguns contextos morfossintáticos mais do que em outros, e com isso haveria a criação de um paradigma pronominal supletivo com formas de *tu* associadas ao paradigma de *você*.

Considerando que a combinação de *você* com formas relacionadas a *tu* era recorrente no português brasileiro desde o século XIX, a autora buscava apresentar uma análise da variação entre *tu* e *você* em diferentes contextos morfossintáticos para mapear os padrões de comportamento tratamental identificados em cartas produzidas no início do século XX. Além disso, Lopes (2011) considerava a pertinência do conceito de Tradições Discursivas para explicar as mudanças no tratamento pronominal do português brasileiro, propondo uma metodologia que contemplasse essa associação com o objetivo de visualizar a distribuição dos dados em cada documento, com a geração de um diagrama.

O comportamento instável do tratamento *você* no século XIX, aparecendo tanto como uma estratégia de prestígio usada pela elite brasileira

da época quanto como um tratamento generalizado na fala doméstica ao lado de *tu* já se mostrou evidente em outros estudos com diferentes conjuntos de cartas (SOTO, 2001, 2007; LOPES; MACHADO, 2005 apud LOPES, 2011; RUMEU, 2008).

Em termos morfossintáticos, a autora também já observou que a inserção de *você* no quadro pronominal não se deu da mesma maneira em todos os contextos. Pronome sujeito, pronome complemento preposicionado e formas verbais imperativas constituem-se como ambientes implementadores de *você*, enquanto possessivos, formas verbais não imperativas e pronomes complemento não preposicionados apresentam-se como contextos em que o paradigma de *tu* se mantém (cf. LOPES, 2008, 2009 apud LOPES, 2011). Entretanto, em Lopes (2009 apud LOPES, 2011), a maior parte dos raros dados de *você* localizados em missivas com prevalência de *tu* como sujeito nulo estava presente em fórmulas fixas para captação de benevolência, típicas do modelo de escrita do gênero carta.

Com isso, foi possível perceber um problema em investigações com cartas, ao se buscar definir se o emprego de *você* e de outras formas de tratamento pronominal constitui uma marca da tradição do gênero epistolar ou se mostra uma etapa do processo de mudança no sistema de tratamento do português. Nesse sentido, mostra-se relevante a adoção do modelo de Tradições Discursivas para buscar minimizar os problemas advindos do uso de fontes de sincronias passadas.

Para a análise variacionista, a autora considerou a presença ou não de formas pronominais dos sistemas de tratamento de *tu* e de *você* em um mesmo documento e propôs-se a observar em que contextos morfossintáticos predominavam as formas relacionadas a *você* ou a *tu* nessas cartas.

Os resultados globais mostraram que as formas do paradigma de *tu* eram as mais produtivas nessas cartas do início do século XX, com índices de frequência acima de 80%, e que os contextos favoráveis a formas relacionadas ao inovador *você* eram a forma imperativa subjuntiva, o pronome complemento preposicionado e o pronome sujeito pleno. Já os contextos morfossintáticos favorecedores de formas relacionadas ao pronome original *tu* eram pronome

complemento sem preposição (*te*), verbo não imperativo e determinante possessivo.

Esses resultados confirmaram que o *você* no quadro pronominal se implementou paulatinamente em alguns contextos mais do que em outros, conforme já foi observado em outros trabalhos com materiais do mesmo período (LOPES; MACHADO, 2005 apud LOPES, 2011). Os contextos de resistência à entrada de *você* foram também os mesmos identificados em outros trabalhos, como o de Lopes (2009), entre outros.

Além disso, a autora percebeu maior favorecimento de *você* como sujeito preenchido e de *tu* como sujeito nulo nessas cartas e também identificou certa distribuição complementar em relação ao complemento do verbo: enquanto o complemento preposicionado favoreceu a presença da forma inovadora, o não preposicionado se mostrou mais produtivo, tanto com função acusativa quanto dativa.

Lopes (2011), contudo, advertiu que, apesar de fornecerem uma generalização ampla do que ocorria no período, esses resultados não captavam o perfil comportamental dos indivíduos nas relações sociais estabelecidas entre eles. Nesse sentido, outras questões importantes necessitariam de resposta, por exemplo, sobre a distribuição dos dados por remetente, sobre as formas dos paradigmas em variação (de *tu* e de *você*) em uma mesma carta e sobre os sistemas de tratamento que conviviam à época.

Em relação à distribuição das formas nas cartas e aos sistemas de tratamento em constituição, os resultados evidenciaram distintas normas de uso vigentes no período analisado: os raros casos de coexistência do paradigma de *tu* ao lado de *você* na família Penna (que possui bastante contato com modelos de escrita) se circunscreveram apenas ao uso do imperativo subjuntivo localizado nas cartas das mulheres. A emergência da variação entre *você* e *tu* em um mesmo documento começava a se consolidar mais fortemente na produção da década de 1930, principalmente, nas cartas da missivista com menos contato com modelos de escrita.

Com base nesses resultados, Lopes (2011) postulou alguns modelos prototípicos que vislumbravam o comportamento tratamental nas relações de maior intimidade em cartas do início do século XX:

- 1) Uso de *tu* exclusivo (comportamento conservador)
- 2) Uso de *você* exclusivo (comportamento conservador)
- 3) Predomínio absoluto de *tu* com imperativo-subjuntivo (*você*): ± conservador
- 4) Perfil de variação inicial sinalizando mudança (*tu* desinencial e *você* lexical)

A partir desses quatro modelos, a autora realizou uma análise complementar das Tradições Discursivas e propôs a aplicação metodológica adicional a partir do programa computacional TraDisc para buscar determinar a relação entre as formas tratamentais empregadas nas cartas e a TD à qual pertencem.

Com base em análises de textos prototípicos de uma determinada tradição discursiva e da comparação com outros textos, seria possível, então, estabelecer confrontos que permitissem observar quanto o documento em análise se afastava ou se aproximava do perfil modelar estipulado pela configuração visual de dados anotados previamente no programa utilizado.

Assim, com a combinação das perspectivas de análise da sociolinguística variacionista e do modelo da Tradição Discursiva, Lopes (2011) obteve resultados que a permitiram visualizar a distribuição dos dados em cada documento. Foi possível identificar quais formas tratamentais empregadas nos documentos eram motivadas pelas tradições do texto e quais poderiam ser consideradas como indícios da norma linguística da época em questão. Também foi possível traçar os diferentes perfis tratamentais da época nas cartas analisadas: uso exclusivo do *tu* íntimo em cartas de maior proximidade comunicativa; emprego do *você* exclusivo também em cartas de maior proximidade comunicativa; predomínio de *tu* íntimo com o emprego de formas do paradigma de *você* na saudação final de cartas, com a imposição de uma TD; e variação inicial entre *tu* e *você* nos mesmos contextos funcionais com distribuição morfossintática diferenciada.

Foi possível perceber, desse modo, que, dependendo da finalidade comunicativa de cada carta e do perfil social do indivíduo que a produziu, os esquemas tratamentais também poderiam ser distintos.

1.2.3 As formas de tratamento na Região Sul

Antes de apresentarmos resultados de trabalhos sobre o tratamento na escrita catarinense dos séculos XIX e XX, trazemos alguns trabalhos que mostraram a variação das formas *tu* e *você* na fala catarinense, como os de Ramos (1989), de Loregian-Penkal (2004) e de Arduin (2005). Esses trabalhos mostraram que o uso dessas formas pode refletir diferenças estilísticas, diatópicas e diastráticas. Vejamos.

A distribuição estilística entre as formas relacionadas a *tu* e a *você* foi inicialmente tratada por Ramos (1989), que analisou as formas de tratamento para segunda pessoa em Florianópolis quanto ao uso das formas em variação e quanto à resistência da marca de flexão no verbo de segunda pessoa. A partir de dados de 36 informantes, de textos literários e de um questionário de atitudes, e com o objetivo de verificar se o uso das diferentes formas pronominais estaria relacionado ao tipo de conversa ou ao tipo de interlocutor e se havia preferência de uso das diferentes formas, a autora obteve resultados que mostraram as seguintes características gerais sobre a opinião dos entrevistados: *tu* seria usado pelos florianopolitanos preferencialmente em situações mais íntimas e familiares, sendo informal, coloquial, desrespeitoso e rude; por sua vez, *você* seria visto como uma influência de fora, mais usado com estranhos, em situações de maior formalidade e distanciamento, sendo correto, respeitoso, bonito e educado.

Loregian-Penkal (2004) descreveu as formas pronominais de segunda pessoa do singular (*tu* e *você*) utilizadas na Região Sul com base no banco de dados do Projeto VARSUL (Variação Linguística da Região Sul) e verificou o número de informantes que tinham em seu vernáculo somente o paradigma pronominal de *tu*, os que tinham apenas o paradigma de *você* e os que utilizavam dois paradigmas pronominais (*tu* e *você*) para se referir a seu interlocutor. Os resultados mostraram que a variação entre os pronomes estava inserida nos sistemas de tratamento das localidades estudadas: Florianópolis, Curitiba e Porto Alegre e apontaram para as diferentes colonizações dessas regiões: enquanto em Curitiba, de colonização paulista, os informantes

apresentavam categoricamente a forma *você*, em Porto Alegre e em Florianópolis, houve informantes que só usaram a forma *tu* e informantes que alternaram entre *tu* e *você*.

Em levantamento feito nas cidades catarinenses de Florianópolis e Lages, foi possível observar uma grande diferença: em Florianópolis houve apenas um entrevistado que usou somente *você* para se referir à segunda pessoa do discurso, e em Lages houve apenas um entrevistado que usou somente *tu*; e enquanto 13 informantes de Florianópolis usaram apenas *tu*, 6 informantes de Lages fizeram uso exclusivo de *você*. Esses resultados mostraram os diferentes usos de *tu* e *você* nas regiões litorânea e do planalto de Santa Catarina, que podem se correlacionar com a entrada dos diferentes pronomes no contexto social de uma localidade como Florianópolis, que teve o sistema de tuteamento introduzido pelos açorianos (litoral), e de uma localidade como Lages, que teve o sistema de voceamento introduzido por tropeiros vindos de São Paulo.

Em relação a condicionadores internos do uso das formas de *tu* e *você*, os resultados das variáveis concordância verbal e retenção do sujeito confirmaram que a concordância verbal com a forma *tu* era significativamente mais marcada em Florianópolis do que em Lages, o que, segundo a autora, estaria relacionado a uma preferência à não retenção do pronome em Florianópolis em contraposição a Lages.

Os resultados de Loregian (1996) relativos à Região Sul (Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre) para a correlação entre concordância e retenção do sujeito pronominal de segunda pessoa mostraram que havia menor frequência de marcas de concordância verbal com o pronome *tu* quando o pronome estava explícito, confirmando o que atesta Duarte (1995).

Vale lembrar também do trabalho de Arduin (2005), o qual buscou fazer uma correlação entre as formas *tu* e *você* ao descrever o uso dos possessivos de segunda pessoa do singular com base no banco de dados VARSUL. A autora verificou que, nas regiões em que se constatava variação entre esses pronomes, prevaleceu o uso de *teu* em relação a *seu*. Diante desse resultado, a autora buscou correlacionar o uso de *teu* com os pronomes *tu* e *você* e verificou que, enquanto o pronome *tu* era usado preferencialmente com *teu*, em

99% dos casos, o pronome *você* apresentava apenas 20% de uso com *seu*, combinando-se com formas possessivas de *teu / tua* em 80% dos casos. Os resultados de Arduin (2005) mostraram ainda que *você* era a forma de mais respeito ou distanciamento, e *tu* era a forma usada preferencialmente para indicar mais proximidade e intimidade. Além disso, foi possível perceber que, em relações assimétricas, ao se dirigir ao inferior, a forma mais utilizada pelo superior era *teu*, o que se interpreta como um indício de poder; quando inferiores se dirigiam a superiores, a forma mais utilizada era *seu*, indicando, provavelmente, respeito e formalidade; e na relação entre iguais, a forma mais utilizada era a solidária *teu*. Dessa forma, foi possível dizer que essa diferença mostrava mais formalidade no uso do possessivo *seu*, que expressaria maior respeito em relação ao interlocutor. Por consequência, essa forma seria mais usada na relação assimétrica de inferior para superior. Por sua vez, o possessivo *teu* representaria a forma solidária usada entre iguais e a forma de poder usada na relação assimétrica descendente.

Essas diferenças estilísticas que ocorrem em algumas regiões do Brasil corroboram a hipótese de Menon (1996), segundo a qual são os aspectos de familiaridade, respeito e formalidade que interferem na variação dos pronomes pessoais e possessivos de segunda pessoa.

Para discutirmos a mudança no tratamento na escrita catarinense dos séculos XIX e XX, trazemos resultados dos trabalhos de Coelho e Görski (2011), Nunes de Souza e Coelho (2015), Nunes de Souza (2015) e Grandó (2016).

Coelho e Görski (2011) descrevem a variação pronominal de segunda pessoa (*tu* e *você*) a partir de dados sincrônicos (dados de fala) e diacrônicos (dados de escrita em peças teatrais) do português do sul do Brasil, especialmente da variedade usada em Santa Catarina, buscando compreender a natureza e a extensão do encaixamento dos pronomes *tu* e *você* no sistema linguístico dessa comunidade.

Complementarmente, as autoras buscam descrever o processo de implantação dos pronomes *tu* e *você* e sua progressiva expansão no estado de Santa Catarina, observando quais regiões teriam sido afetadas por essa entrada; também procuram verificar qual é a natureza do encaixamento dos

pronomes e os limites desse encaixamento na estrutura linguística; além disso, buscam observar se a entrada dos pronomes provocou ou provoca variação/mudança no uso de possessivos e clíticos, no preenchimento do sujeito pronominal e na ordem do sujeito.

Para a descrição da variação pronominal a partir de dados sincrônicos, as autoras discutem alguns resultados de estudos variacionistas desenvolvidos por Ramos (1989), Loregian-Penkal (2004) e Arduin (2005). Coelho e Görski (2011) consideram que, nas regiões em que o *tu* era o pronome adquirido em casa para ser referir à segunda pessoa do discurso, o *você* entrou posteriormente e passou a concorrer com o *tu*; já em regiões em que *você* era o pronome adquirido em casa, o *tu* deve ter entrado posteriormente; com isso, o uso dos dois pronomes começa a ser marcado estilisticamente.

Para descrever a variação pronominal em dados diacrônicos, Coelho e Görski (2011) levantaram dados de sete peças de teatro de autores catarinenses nascidos nos séculos XIX e XX preferencialmente na região litorânea do estado. Após análise estatística dos dados encontrados nas peças, foi possível perceber que os autores nascidos no século XIX usavam com bastante frequência a forma de tratamento *tu*, e os nascidos no século XX usavam quase exclusivamente a forma *você*.

Em relação à combinação entre os pronomes e os possessivos e clíticos de segunda e terceira pessoas, os resultados não mostraram mistura de tratamento no século XIX; e no século XX, apesar de a forma *tu* ser pouco usada, principalmente no final do século, as autoras encontraram vestígios do sistema de tuteamento nas formas possessivas e clíticas de segunda pessoa: em alguns casos, o sujeito *você* esteve acompanhado dos possessivos *seu(s)* e dos clíticos *se* e *lhe*, de terceira pessoa, que durante o processo de gramaticalização das formas passaram a se referir às segundas pessoas do discurso; em outros casos, o sujeito *você* esteve acompanhado de *teu(s)* e de *te*.

As autoras também controlaram qual seria o uso estilisticamente marcado dos pronomes ao longo dos séculos e, novamente, puderam observar uma mudança: nos textos escritos, o papel dos interlocutores no discurso parece se modificar juntamente com a forma pronominal utilizada.

Em relação à simetria ou assimetria nas relações entre os interlocutores nas peças de autores nascidos no século XIX, em geral, os tratamentos preferenciais foram *tu*, usado entre pessoas de mesma idade e de mesmo sexo e de uma pessoa mais jovem para uma pessoa mais velha; senhor / senhora / senhorita foi o tratamento usado de uma pessoa mais jovem para uma pessoa mais velha e entre homem e mulher, inclusive de idades assemelhadas; *você* foi o pronome preferencialmente usado em relações assimétricas de superior para inferior e como forma de xingamento.

Já em relação à simetria ou assimetria nas relações entre os interlocutores nas peças de autores nascidos no século XX, as relações de poder e de solidariedade se modificaram. O tratamento *tu* deixou aos poucos de ser usado, e o tratamento *você* passou a ocorrer inclusive nas relações simétricas. As autoras acreditam haver uma inversão de valores, com a forma *você* perdendo o uso não respeitoso adotado no século XIX e passando a ocorrer para uso respeitoso em 1949 e para uso entre familiares, com pessoas de uma mesma faixa etária ou, mais no fim do século, de pessoas mais velhas para mais jovens.

Sobre a correlação entre o pronome usado e o sistema de flexão verbal distintiva, predominou o sistema de tuteamento com sujeito nulo e o sistema de voceamento com pronome preenchido, confirmando novamente trabalhos anteriores com amostras de outras regiões, como o de Duarte (1995). As autoras também encontraram um dado com o pronome *tu* preenchido acompanhado de verbo sem a marca morfológica de segunda pessoa. Nos dados do século XIX, predominaram o sistema de tuteamento e o sujeito pronominal preferencialmente nulo; enquanto nos dados do século XX predominaram o sistema de voceamento e o sujeito preenchido.

Ao analisarem a correlação entre as formas *tu* e *você* (com sujeito preenchido) e a ordem variável do sujeito (sujeito-verbo e verbo-sujeito), as autoras encontraram poucos dados de pronomes pospostos tanto no século XIX quanto no século XX. Mas foi possível perceber que, enquanto no sistema de tuteamento houve 18% de *tu* na ordem verbo-sujeito, no sistema de voceamento houve apenas 2% de *você* com sujeito posposto. O pronome *tu* apareceu posposto nas peças do século XIX em construções transitivas e

inacusativas, enquanto *você* apareceu posposto nas peças do século XX, e apenas em contextos em que a ordem VS ainda resiste, ou seja, em construções inacusativas, corroborando o trabalhos de Coelho (2006) e de Coelho et al. (2006).

Com esses resultados, Coelho e Görski (2011) puderam perceber dois subsistemas distintos em competição (ou normas distintas) na variedade do português escrito por autores nascidos no litoral catarinense: o sistema de tuteamento, mais antigo, usado preferencialmente nas relações simétricas, acompanhado de clíticos e possessivos na segunda pessoa, marcado com formas verbais exclusivas, com sujeito nulo e ordem do sujeito variável; e o sistema de voceamento, mais novo, usado preferencialmente nas relações simétricas, acompanhado de clíticos e possessivos na segunda e terceira pessoas, marcado com formas verbais neutras, com sujeito pronominal preenchido e ordem sujeito-verbo-objeto.

Ao compararem os resultados estatísticos dos estudos sincrônicos e diacrônicos sobre a implantação do pronome *você* no português do Brasil com os resultados sobre a retenção do sujeito pronominal e a ordem do sujeito, Coelho e Görski (2011) constataram que essas mudanças sintáticas devem estar correlacionadas no português do Brasil, formando o que Weinreich, Labov e Herzog (1968) chamam de cadeia de fenômenos de mudança, uma vez que, em todos os casos analisados, a mudança na frequência de uso se deu em uma mesma direção e de maneira ordenada, como se uma mudança criasse as condições linguísticas necessárias para que as outras se efetivassem.

Nunes de Souza e Coelho (2015) apresentaram os resultados dos primeiros estudos diacrônicos sobre a variação pronominal de P2 (*tu* e *você*) na posição de sujeito em cartas pessoais, provenientes do *corpus* do PHPB-SC, escritas por missivistas catarinenses ilustres e não ilustres. A descrição dos pronomes feita pelas autoras se baseou em análise anterior de Nunes de Souza e Coelho (2013) e se desenvolveu em duas direções: primeiro, foram analisadas cartas escritas por florianopolitanos ilustres que estavam separadas no tempo por cerca de cem anos. Tratava-se das amostras Cruz e Sousa e Harry Laus. Em um segundo momento, as autoras analisaram cartas de remetentes não ilustres.

A primeira amostra era composta por 10 cartas escritas nas décadas de 1880 e 10 na década de 1890. Os remetentes eram: o poeta Cruz e Sousa, que escreve à sua noiva Gavita cartas com temática via de regra amorosas; e os escritores Virgílio Várzea e Araújo Figueiredo, que escrevem ao amigo e poeta Cruz e Sousa. Nessas missivas trocadas entre amigos, a temática variava entre um conteúdo de natureza profissional e um conteúdo de natureza mais pessoal.

Da Amostra Harry Laus, as autoras selecionaram 17 cartas que o escritor, nascido em Tijucas, na Grande Florianópolis, escreveu, entre 1987 e 1992, à sua tradutora (e amiga) Claire Cayron. Nessas missivas, o escritor tratou de temáticas tanto profissionais quanto pessoais ao se dirigir à sua tradutora. As autoras destacaram que, com o passar do tempo, remetente e destinatária iam desenvolvendo uma relação de amizade. Assim, era possível observar, em uma mesma carta, Harry Laus usando o pronome *você* para tratar de assuntos profissionais e o pronome *tu* para tratar de questões mais pessoais.

Com base na diferenciação no uso dos pronomes de P2 evidenciada por Loregian-Penkal (2004) com dados de fala do final do século XX, as autoras decidiram opor cartas provenientes da região de Florianópolis (amostra Vale) a cartas oriundas de Lages (amostra Medeiros) sob uma perspectiva diatópica. Eram cartas de remetentes não ilustres.

A amostra Vale foi delimitada em virtude do local de onde escreviam as remetentes. Foram analisadas 12 cartas amorosas escritas por seis remetentes jovens durante a década de 1960. Tratava-se de moças que habitavam regiões da Grande Florianópolis e do Vale do Itajaí e se corresponderam com um jovem músico e professor de língua portuguesa nascido no Vale do Itajaí.

Por sua vez, a amostra Medeiros era constituída por cerca de 70 cartas enviadas a uma única destinatária, nascida em Urubici (município cujo território já pertenceu a Lages). Entre as remetentes dessa amostra, foram consideradas somente as que nasceram e viveram em Lages ou Urubici. Dessa forma, o recorte utilizado recobre 15 correspondências (12 cartas e 3 bilhetes) escritas de mãe para filha, entre amigas e entre primas, na década de 1980. Para complementar a Amostra Medeiros, foi acrescentado um pequeno conjunto de seis

cartas (reunidas sob o rótulo amostra de Sena) escritas por dois lageanos nas décadas de 1950 e 1970 para dois distintos destinatários.

As pesquisadoras salientaram que, embora o parâmetro de comparação utilizado tenha sido o fato de os remetentes não serem ilustres, existem diferenças de idade e escolaridade entre os missivistas a serem exploradas nas relações de simetria e assimetria entre remetentes e destinatários.

Os primeiros resultados mostraram que, no século XIX, não ocorreram dados de *você* em nenhuma posição sintática, e que esse novo pronome se insere no sistema linguístico catarinense no século XX. De um total de 223 ocorrências de pronomes de segunda pessoa na posição de sujeito nas duas amostras, as autoras obtiveram 215 dados de *tu* e oito dados de *você*. Os resultados acerca da variação entre *tu* e *você* foram, então, distribuídos em função do cruzamento de dois condicionadores: o de natureza extralinguística foi o período em que as cartas foram escritas (século XIX ou século XX); o de natureza linguística foi o preenchimento do sujeito (se nulo ou expresso).

Os resultados permitiram perceber a ausência do pronome *você* nas cartas escritas por Cruz e Sousa, Virgílio Várzea e Araújo Figueiredo nas duas últimas décadas do século XIX e a predileção pelo não preenchimento do sujeito pronominal durante esse período. Em análise qualitativa, as autoras perceberam que, quando os sujeitos se encontravam expressos nas cartas do século XIX, essas ocorrências se assemelhavam a uma estratégia discursiva de ênfase, utilizada em línguas de sujeito nulo para focalizar o sujeito pronominal.

Já nos dados produzidos pelo escritor Harry Laus nas décadas finais do século XX, *tu* foi o pronome majoritariamente utilizado e, em geral, em sua forma nula; e *você* ficou reservado a poucos contextos, apresentando-se como sujeito pleno em todas as ocorrências. Segundo as autoras, assim como ocorreu na amostra Cruz e Sousa, a maior parte dos 11 casos de sujeito pronominal expresso *tu* na amostra Harry Laus também parece corresponder a estratégias de ênfase contrastiva.

Foi possível também observar que a escrita de Harry Laus conservava um sistema linguístico semelhante ao do século XIX, ou seja, de língua de sujeito nulo. Os oito casos do pronome *você* (categoricamente expressos)

pareceram pouco representativos para indicarem alguma mudança pronominal em curso. As autoras observaram também que contextos de *tu* e *você* foram utilizados pelo remetente para marcar diferentes estratégias ligadas a relações simétricas e assimétricas de poder e solidariedade.

Em relação às amostras de cartas de não ilustres, chamaram a atenção das pesquisadoras dados que apontaram para uma preferência pelo uso do pronome *tu* em Florianópolis e pelo uso do pronome *você* em Lages, indicando que diferenças relativas à colonização das duas cidades, associadas aos obstáculos geográficos entre o planalto e o litoral, podem ser um fator que interfere na variação entre *tu* e *você*. Além disso, foi possível observar que, respeitadas as preferências gerais de uso por uma ou outra forma pronominal em cada uma das cidades, o pronome *tu* foi sempre mais usado como sujeito nulo, e o pronome *você* como sujeito expreso.

As autoras consideram o uso de *tu* e um menor preenchimento do sujeito e o uso de *você* e um maior preenchimento do sujeito um indicativo de que a variação entre sujeito nulo e sujeito pleno, no português catarinense e no português brasileiro de modo geral, está mais relacionada a fatores internos ao sistema da língua do que a fatores externos, como localidade.

Na análise dos dados, as autoras puderam observar que quase todas as missivistas da Amostra do Vale apresentaram comportamento linguístico variável no que diz respeito à alternância entre os pronomes de segunda pessoa na posição de sujeito. As exceções foram uma missivista que faz uso categórico de *tu* e uma que faz uso categórico de *você*. Mas a maioria das remetentes que variava entre os dois pronomes dava preferência à forma *tu*.

Na junção das amostras lageanas Medeiros e de Sena, apenas um remetente não teve comportamento categórico ou semicategórico em relação ao uso de *você* como sujeito. Em análise qualitativa, as autoras perceberam erros de grafia que indicaram que esse remetente apresentava um nível de letramento diferente dos demais missivistas de Lages.

A pesquisa de Nunes de Souza e Coelho (2015) mostrou então dois contrastes, que refletiam o caráter heterogêneo do estado de Santa Catarina. O primeiro contraste ocorreu entre um uso conservador do pronome *tu* com sujeito nulo pelos remetentes ilustres florianopolitanos e um uso variável dos

pronomes *tu* nulo e *você* expresso pelos não ilustres, indicando uma instância de variação diastrática; o outro contraste ocorreu entre um uso majoritário do pronome *tu* por não ilustres florianopolitanos e um uso majoritário do pronome *você* por não ilustres de Lages, indicando, segundo as autoras, uma instância de variação diatópica.

Nunes de Souza (2015) descreveu a alternância entre os pronomes *tu* e *você* nas categorias morfossintáticas de sujeito e de complementos verbais acusativos, dativos e oblíquos em 149 cartas de missivistas florianopolitanos ilustres ao longo de um século: de fins do século XIX a fins do século XX. De modo complementar, a autora analisou 17 cartas de missivistas florianopolitanas não ilustres, produzidas na década de 1960, e 22 cartas de missivistas lageanos não ilustres, produzidas entre as décadas de 1950 e 1980. Todo esse material pertence ao *corpus* do PHPB-SC.

A seguir, recuperaremos os principais resultados referentes às amostras de missivistas ilustres, quais sejam: Amostra Cruz e Sousa, composta por 20 missivas escritas por Cruz e Sousa no fim do século XIX; Amostra Maura de Senna, composta por 93 cartas escritas por Maura entre 1930 e 1990; e Amostra Harry Laus, composta por 37 cartas que o escritor enviou à tradutora de suas obras.

Na amostra do século XIX, o pronome *você* não foi registrado em nenhuma categoria morfossintática e houve apenas um dado de ocorrência de forma nominal.

Quanto ao preenchimento do sujeito, dentre os poucos dados de sujeitos preenchidos, a autora encontrou alguns contextos de ênfase (“Só *tu* és merecedora de que eu te ame muito, como te amo [...]”), em que dificilmente figuraria um sujeito nulo.

Na categoria de complemento verbal acusativo, a autora destacou o clítico *te*, que não encontra variantes nesse contexto. Esse clítico também se mostrou muito produtivo como estratégia de complemento verbal dativo, embora nesse contexto tenham ocorrido algumas variantes, como a forma *zero*, a forma *a ti* e os sintagmas preposicionados de *tu*.

Em relação às formas pronominais de complemento verbal oblíquo, a autora observou a variação de *zero* (exclusivamente associada ao verbo “receber”), a *ti* e preponderância de sintagmas preposicionados de *tu*.

Nas missivas do século XX começou a ser observado o uso da forma *você*. No total das cartas da escritora Maura de Senna, ocorreram 310 formas pronominais associadas a *você*, além de 136 ocorrências de formas associadas a *tu* e 95 usos de formas nominais. Nas missivas escritas entre 1930 e 1960, houve apenas o uso de formas nominais. Entre 1960 e 1979, prevaleceu o uso de formas associadas a *você* (99%), e entre 1980 e 1990, houve 50% de uso de formas associadas a *você* e 50% de uso de formas associadas a *tu*. As formas nominais foram utilizadas em todos esses períodos.

É relevante, contudo, destacar que, na maioria dos trabalhos que se dedicaram à alternância entre os pronomes *tu* e *você* na diacronia, os resultados indicaram um percurso inverso, com os números de *tu* caindo enquanto os números de *você* aumentando. Diante disso, a autora considera que chamou mais atenção nas missivas de Maura de Senna o acentuado aumento nos usos de *tu* ao longo das décadas do que o pequeno decréscimo nos usos de *você*.

Para buscar compreender esses dados, e a partir de indícios documentados nas próprias missivas, a autora levantou a hipótese de que, com o passar dos anos, a missivista passou a apresentar um comportamento mais “relaxado” (NUNES DE SOUZA, 2015, p. 132). Também é possível que, com o passar dos anos, as relações de Maura com os colegas de academia tenham se tornado mais simétricas e mais informais.

Com respeito ao preenchimento do sujeito, este apresentou-se mais como nulo (56%) do que na forma plena (44%). Entre as 168 ocorrências da forma *você*, 66 eram nulas e 102 plenas; por sua vez, dos 69 dados do pronome *tu*, 66 se realizaram pela forma nula, mostrando uma tendência de os sujeitos de *tu* serem nulos e os de *você* serem plenos, conforme já indicaram outros estudos.

Em relação à alternância de pronomes na função de sujeito, dentre as cartas da Amostra Maura de Senna, houve as que apresentaram

categoricamente sujeito *tu*, outras que apresentaram categoricamente o sujeito *você* e ainda cartas que apresentaram as duas formas de modo alternado.

Ao correlacionar complementos verbais e sujeito, a autora percebeu: preferência pelos complementos associados a *tu* quando a carta apresentava o pronome *tu* como sujeito exclusivo; preferência pelos complementos associados a *você* quando a carta apresentava o pronome *você* como sujeito exclusivo; e preferência menos acentuada por complementos associados a *você* em cartas de sujeito misto.

Aa controlar a temática das cartas dessa amostra, considerando a preferência no total dos dados pela forma *você*, a autora percebeu que a diferença entre as ocorrências de *tu* e *você* era maior quando a missivista escrevia sobre assuntos profissionais (18% *tu* e 72% *você*) do que quando escrevia sobre assuntos pessoais (37% *tu* e 63% *você*). Por sua vez, o controle do destinatário das missivas mostrou que Maura de Senna, em suas cartas, preferia as formas de *você* para determinados destinatários e as formas de *tu* para outros.

Na segunda amostra de cartas de missivistas ilustres do século XX, a amostra Harry Laus, das 264 ocorrências de segunda pessoa do singular encontradas, 216 eram formas associadas ao pronome *tu*, e somente 11 eram formas associadas ao pronome *você*; houve também 21 ocorrências da forma nominal *a senhora*, 12 dados de forma *zero* sem um antecedente nominal ou pronominal que indicasse a escolha de uma forma expressa específica; e um dado da forma *o/a* (como complemento acusativo) sem um precedente nominal ou pronominal a que pudesse ser associada.

Quanto ao preenchimento do sujeito, foi observado um relativo equilíbrio entre 58% de *tu* preenchido e 42% de *você* preenchido; e os sujeitos nulos (realizados categoricamente como *tu*) predominaram (86%) sobre os plenos (14%).

Na Amostra Harry Laus, os complementos verbais de *tu* ocorreram tanto em cartas de sujeito categoricamente realizado por *tu* quanto em cartas de sujeito categoricamente realizado por *você* e em cartas de sujeito misto. Por sua vez, as formas associadas a *você* ocorreram predominantemente em

cartas de sujeito categórico *você* e de sujeito misto. Ocorreu apenas um dado de complemento oblíquo em uma carta de sujeito categórico *tu*.

O controle da variável extralinguística temática do trecho da carta mostrou que os dados de *você* ocorriam mais nos trechos de temática profissional do que nos de temática pessoal. Também foi possível verificar um desequilíbrio, embora menos acentuado, quando se consideram as ocorrências de *tu*.

Grando (2016) investigou as formas de tratamento utilizadas pelo escritor catarinense Harry Laus em 93 cartas enviadas, de 1984 a 1992, para a tradutora francesa de suas obras, Claire Cayron. A partir de uma perspectiva diacrônica, a autora buscou: identificar nos vocativos utilizados nas cartas indícios do tratamento mais formal ou menos formal; descrever as formas dos paradigmas de *tu* e de *você* utilizadas pelo escritor e os contextos sintáticos em que essas formas apareceram; correlacionar essas formas dos paradigmas aos temas das cartas e ao período em que elas foram escritas; e estabelecer uma correlação entre as formas dos paradigmas de *tu* e de *você*, os temas das cartas e as datas em que elas foram escritas.

Entre as 93 cartas analisadas por Grando (2016), encontram-se oito com a utilização apenas do pronome *você*, 70 com o uso apenas de *tu* e 15 em que ocorrem as duas formas.

Nas primeiras missivas, encontram-se apenas usos de *você*; após três anos de correspondência, começa a ocorrer a mistura de pronomes *tu* e *você* e seus correspondentes pronomes possessivos. Também com o passar do tempo, os missivistas passaram a assinar as cartas apenas com seu primeiro nome, e as saudações iniciais também iam dando mostras de que o relacionamento entre esses interlocutores ia se tornando mais íntimo. Os temas das missivas também iam se ampliando: além de assuntos de trabalho, especificamente sobre as obras do escritor e de aspectos relativos às traduções, passaram a aparecer nas cartas assuntos mais pessoais. Nas primeiras cartas, que trataram apenas de assuntos profissionais, houve apenas o uso da forma *você*. A partir de 1987, passou a haver a mistura de tratamentos e, posteriormente, ocorreu em muitas cartas o uso categórico de *tu* inclusive quando se tratava de assuntos profissionais.

Interessante notar, nos resultados obtidos com essa amostra, que, contrariando os pressupostos teóricos de que *você* era a forma inovadora, com o passar do tempo, ia havendo menos ocorrências da forma *você* e mais ocorrências da forma *tu*. Considerando, entretanto, que o tuteamento ocorreu em relações de mais intimidade, percebeu-se, portanto, que, com o passar do tempo, nas cartas enviadas de Harry Laus à sua tradutora (e depois amiga) Claire Cayron, a variação no uso das formas de tratamento ocorreu não no sentido de se passar a usar a forma mais inovadora, mas do uso de uma forma que o missivista pareceu considerar mais adequada a uma relação que ia se tornando de amizade.

Neste capítulo, apresentamos duas grandes seções: a primeira com foco em alguns postulados importantes da fundamentação teórica adotada por esta pesquisa: as discussões de Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), a proposta de Brown e Gilman (1960) e a discussão de Conde Silvestre (2007). Na segunda seção foram apresentados textos importantes sobre as formas de tratamento, partindo da história da entrada de *você* na gramática do português, com base em Faraco (2006) e Menon (2009), e seguindo com a descrição de algumas pesquisas envolvendo as formas de tratamento tanto na Região Sudeste do Brasil quanto na Região Sul. Os postulados teóricos e os trabalhos sobre as formas de tratamento orientaram as questões e as hipóteses específicas levantadas nesta dissertação, bem como as análises posteriores.

O próximo capítulo está organizado em seis seções, em que: apresentamos uma contextualização histórica do Estado de Santa Catarina, de onde provêm nossos dados; descrevemos os perfis dos missivistas das cartas que são investigadas, descrevemos a amostra investigada, as variáveis controladas e as hipóteses de trabalho. Nas duas últimas seções, apresentamos nossas expectativas quanto ao uso das formas de vocativo e quanto à coocorrência de paradigmas diversos em um mesmo documento.

2 METODOLOGIA

Este capítulo está dividido em seis seções. Na primeira, apresentamos uma contextualização histórica do estado de Santa Catarina, especialmente, da cidade de Florianópolis (que até 1894 era chamada de Desterro). Na segunda seção, traçamos os perfis dos principais missivistas que escreveram as cartas que compõem nosso *corpus* de análise. Na terceira seção, apresentamos a amostra com a qual trabalhamos. Na quarta seção, apresentamos nosso envelope de variação, com as hipóteses de trabalho. Para finalizar, apresentamos nossas expectativas quanto ao uso das formas de vocativo e quanto à coocorrência de formas associadas a *tu* e a *você* em um mesmo documento.

2.1 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA E SOCIAL DE SANTA CATARINA

Nesta seção, traçamos o perfil histórico e social de Santa Catarina, especialmente de Florianópolis (Desterro, até 1894), para em seguida contextualizarmos o momento histórico em que viveram os missivistas cujas cartas compõem a amostra que utilizamos nesta pesquisa.

A seguir, recuperamos alguns fatos históricos e dados sociais que podem contribuir para o entendimento do funcionamento da sociedade desterrense até o fim do século XIX.

Vemos que, durante a época do Brasil Colônia, as terras do sul demoraram a ser penetradas pelos portugueses. Registram-se apenas pequenos contingentes de povoadores nesse período. Durante o Império, as vilas do sul passaram a se estruturar e a população aumentou. No Desterro, começa a haver a circulação de jornais e o início de uma vida cultural, com clubes sociais e alguma produção literária. É nesse período que nascem os missivistas cujas cartas são utilizadas nesta pesquisa. Por causa de alguns aspectos dos perfis desses informantes, descritos na seção 2.2, optamos por trazer também algumas informações sobre as primeiras escolas do Desterro, o

início da produção literária do Estado e alguns dados sobre os povos escravizados em Santa Catarina.

2.1.1 Brasil Colônia

O novo continente, as capitanias hereditárias e o litoral sul

Em 1530, quando o rei de Portugal, D. João III, percebeu o interesse que a Espanha demonstrava pelas terras do “novo Continente”, agiu para tomar posse e assegurar seus direitos sobre esse território: com o objetivo de reconhecer e explorar as terras “da Coroa Portuguesa”, enviou uma esquadra, comandada por Martim Afonso de Sousa, cujo irmão, Pero Lopes de Sousa, foi enviado a Portugal para dar informações ao Rei sobre os resultados da expedição (CABRAL, 1968).

Ao saber da grande extensão do território, a Coroa sentiu que não conseguiria conservar e povoar o novo continente e encontrou como solução doar as terras, por meio do sistema de donatários ou capitanias hereditárias, a particulares que pudessem suportar a “responsabilidade do empreendimento” (CABRAL, 1968). Partes desse território foram doadas aos irmãos Martim Afonso e Pero Lopes de Sousa como recompensa por seus serviços.

Martim Afonso recebeu, no sul do país, 100 léguas de costa com a profundidade que pudesse conquistar. Martim fundou dois povoados, depois vilas (São Vicente e Piratininga). O irmão Pero Lopes recebeu 50 léguas no sul do país, e no norte, mais 30 léguas na Capitania de Itamaracá (CABRAL, 1968).

Após o falecimento de Martim Afonso e Pero Lopes, suas terras, que passariam aos seus sucessores, foram alvo de muitas disputas entre os herdeiros; com isso, o território que pertencia a Pero Lopes (Santo Amaro e Sant’Ana) permaneceu abandonado por longo tempo, uma vez que este não havia fundado nenhuma vila (CABRAL, 1968).

No começo do século XVII, as heranças dos dois irmãos acabaram se juntando, pois foram passadas a D. Lopo de Sousa, que por sua vez já era

donatário (também por herança) da capitania de São Vicente. Mesmo assim, as terras do sul permaneciam pouco exploradas devido a diversas sucessões e litígios por questões relacionadas à posse das terras durante todo o século XVII, até que a Coroa portuguesa decidiu comprá-las, mas o sul ainda demorou a ser de fato penetrado pelos portugueses (CABRAL, 1968).

Nossa Senhora do Desterro e os primeiros povoadores

Em 1663, uma Resolução Real concedeu a Ilha de Santa Catarina a Agostinho Barbalho Bezerra, mas como este não chegou a realizar nada nessas terras, anos depois, concederam-se sesmarias ao paulista Francisco Dias Velho. Em 1675, este veio com a família, agregados e escravos e se fixou na Ilha, onde fundou um povoado. Esses primeiros povoadores dedicaram-se a cultivar mandioca, cana-de-açúcar e outras culturas, à pesca e à procura do ouro, em uma situação de estabilidade que, contudo, não durou muito tempo (CABRAL, 1968).

Em 1687, um navio corsário chegou à enseada de Canasvieiras precisando de reparos. Quando Dias Velho foi informado disso, mandou atacar e aprisionar os piratas e enviou estes homens e suas cargas para São Vicente. Contudo, os piratas acabaram sendo colocados em liberdade e, dois anos mais tarde, retornaram à Ilha para a execução de uma vingança: chegaram de surpresa, durante a madrugada, abriram uma picada na mata e atingiram o povoado, onde prenderam Dias Velho e o mataram com um tiro. Ainda tentaram levar a bordo seus familiares, mas dois frades do povoado intervieram e, após o oferecimento de provisões alimentícias e suprimentos, conseguiram que essas pessoas fossem postas em liberdade. Os familiares, assustados com a tragédia ocorrida, foram embora para São Paulo⁷, deixando o povoado com poucos moradores (CABRAL, 1968).

Os segundos povoadores de que se têm notícias são Manoel Manso de Avelar e seus familiares. Este era chefe de um numeroso clã e teria vindo para

⁷ José Pires de Monteiro, filho de Dias Velho que parece ter sido o único descendente a ficar em Santa Catarina, transferiu-se para Laguna (CABRAL, 1968).

a Ilha acompanhado de Salvador de Sousa de Brito, seu concunhado. Era considerado um verdadeiro ditador, muito temido por todos, mas sabendo do fim trágico que tivera o primeiro povoador, Dias Velho, Manoel não demonstrava hostilidade contra os exploradores e piratas que aportavam na Ilha. Dedicou-se ao contrabando e cedia aos navegantes produtos da terra, como água, lenha, frutos, pele etc. em troca de roupas, pólvora, armas e instrumentos de que necessitava, uma vez que ainda não havia circulação de dinheiro (CABRAL, 1968).

Em março de 1712, o explorador francês Frezier passou pela Ilha e fez a seguinte descrição destas terras, segundo Cabral (1968, p. 45):

era coberta por densa floresta, contava a póvoa 147 habitantes brancos, alguns indígenas e pretos, sendo aqueles, na sua maioria, portugueses, gente que vivia pobremente, não fazendo caso algum de dinheiro, que não tinha qualquer serventia, preferindo a troca de produtos, os da terra, pelas utilidades que os navios traziam. Pobremente vestida, camisas e ceroulas sendo a indumentária mais comum, havia um ou outro que possuía chapéu e paletó. Meias e sapatos eram coisas raras e para se proteger, quando entrava na mata o morador enrolava na perna uma proteção de couro de onça. Faltavam-lhe ainda armas e pólvora.

A sua alimentação consistia em peixe, caça, milho, batata e frutos, sendo a carne preferida a do macaco, havendo-a em abundância.

Não contavam os moradores com qualquer conforto religioso e apenas, de longe em longe, num dia santificado, Frei Francisco da Encarnação acudia da Laguna, para rezar missa, casar e batizar.

O povoado se torna vila e se fortifica

Em 1723 foi criada uma ouvidoria separada da de São Paulo, a de Paranaguá, com jurisdição sobre todas as vilas da costa sul. Em 26 de março, o povoado fundado por Dias Velho foi elevado à categoria de vila, desmembrada da Laguna (CABRAL, 1968).

Em 1735, a Colônia do Sacramento, em virtude de um ataque que estava sofrendo dos espanhóis, solicitou socorro à Laguna, que lhe enviou o Tenente Manoel Pereira do Lago. Sacramento permaneceu resistindo ao ataque, e em 1736, Portugal determinou ao Governador do Rio de Janeiro,

Gomes Freire de Andrade, que preparasse uma expedição, que foi confiada ao Brigadeiro José da Silva Paes, para tomar Montevideo. Este, contudo, demorou-se muito em Santa Catarina, por isso Gomes Freire determinou que Silva Paes passasse para o Rio Grande para criar uma povoação e fortificar alguns pontos (CABRAL, 1968).

Silva Paes informou ao Governador que haveria necessidade de estabelecer uma defesa na Ilha, para que esta pudesse servir de ponto de abastecimento e apoio durante a conquista do sul. Isso ocasionou a vinda do primeiro contingente militar para guarnecê-la. Esse contingente, enviado em 1737, era composto por um alferes, dois sargentos, 53 soldados e sete artilheiros, comandados pelo capitão da infantaria Antônio de Oliveira Bastos. Nessa ocasião, algumas famílias portuguesas acompanharam os militares e, estabelecendo residência na vila do Desterro, aumentaram um pouco a pequena população local (CABRAL, 1968).

Em 1738, a Coroa determinou que os territórios da Ilha e do Rio Grande passassem à jurisdição do governo do Rio de Janeiro, separando-se do de São Paulo, e que se executassem as obras de fortificação sugeridas por Silva Paes, que recebeu então ordens de se transferir a Desterro (CABRAL, 1968).

O Brigadeiro Silva Paes, engenheiro militar e oficial do exército português, governou a Ilha de 1739 a 1748 e realizou obras e empreendimentos que transformaram Santa Catarina de um ajuntamento de pequenas vilas a uma capitania. Além disso, iniciou um plano de fortificações: construiu a fortaleza de Santa Cruz (Ilha de Anhatomirim); iniciou a construção do forte de São José da Ponta Grossa (em frente à ilha de Anhatomirim) e o levantamento do forte de Santo Antônio dos Ratonos (Ilha de Raton Grande), de modo que seus fogos se cruzassem. Em 1741, deu início à fortificação da barra do sul, com o forte Nossa Senhora da Conceição (Ilha Araçatuba) (CABRAL, 1968).

O início do povoamento da Ilha pelos açorianos

Desde sua chegada a Santa Catarina, Silva Paes prometia trabalhar em prol de seu povoamento. A ideia de estabelecer nestas terras casais vindos dos

açores já tinha sido sugerida na Laguna, mas ainda não fora executada. Em 1745, o Conselho Ultramarino então permitiu que todo navio que passasse pelos Açores e viesse ao Brasil pudesse transportar até cinco casais a serem enviados a Santa Catarina (CABRAL, 1968).

Mas em 1746, os próprios moradores do arquipélago solicitaram ao Rei a permissão para emigrarem para o Brasil, porque as ilhas dos Açores estariam superlotadas, e a produção alimentar não seria mais suficiente para manter o excesso de população. Assim, o Conselho Ultramarino concedeu transporte gratuito a cinco mil pessoas, ajuda de custo proporcional ao número de descendentes de cada casal, ferramentas, armas e farinha. Além disso, isentou os homens do serviço militar e concedeu às famílias terras para cultivo. Em um ano, 2585 pessoas das ilhas de São Miguel, Graciosa e São Jorge se inscreveram para emigrarem ao Brasil. Posteriormente, pessoas de todas as ilhas, com exceção das da ilha do Corvo, inscreveram-se também (CABRAL, 1968).

Em fevereiro de 1748, o primeiro navio de imigrantes chegou à Ilha, com aproximadamente 460 pessoas, adultas e crianças, após cerca de três meses de viagem com muitas mortes. Nos anos de 1749 a 1756, chegaram mais quatro transportes, com vários navios, sendo o segundo e o quarto com mais de mil imigrantes cada (CABRAL, 1968).

Depois de realizarem a travessia do Atlântico em condições difíceis, pelas quais ocorreram muitas mortes, nos primeiros anos do estabelecimento dos povoadores açorianos, houve muita dificuldade em virtude da falta de alimentos e materiais que foram prometidos pela Coroa no Edital de Alistamento (CABRAL, 1968).

Além das dificuldades enfrentadas pelos novos imigrantes, ocasionadas pela falta de alimentos e outros materiais, as defesas da Ilha ainda eram precárias, insuficientes para que se resistisse à invasão espanhola ocorrida em 1777⁸ (CABRAL, 1968).

⁸ De acordo com Cabral (1968, p. 70), conta-se que os espanhóis aprisionaram três barcos portugueses que carregavam correspondências. Por meio das cartas, souberam da precariedade das defesas da Ilha e tiveram certeza do sucesso de sua missão. Em fevereiro de 1777, desembarcaram em Canasvieiras sem precisar dar nenhum tiro e passaram para o continente com o propósito de atingir o Rio Grande.

Em 1778, os portugueses restituíram⁹ a Ilha, quando foi assinado o Tratado de Santo Idelfonso entre Espanha e Portugal. O Governador espanhol Guilherme de Vaughan passou o território ocupado no ano anterior para o Coronel Francisco Antônio, que encontrou a Capitania inteiramente desorganizada e a vila do Desterro em ruínas (CABRAL, 1968).

A vila do Desterro após a invasão espanhola

A situação da Ilha começou a melhorar apenas nos primeiros anos do século XIX. Em relação à estrutura social da Capitania durante esse período, registram-se as seguintes observações, de acordo com Cabral (1968, p. 86):

Em todas as vilas havia uma população na qual os ricos eram poucos ou mesmo nem sequer existiam, mas onde também a extrema pobreza era quase desconhecida. A classe média predominava e apenas os pretos escravos apresentavam uma nota de indigência aos olhos dos visitantes, por se apresentarem cobertos de andrajos ou semi-nus.

Sobre a população negra nas vilas catarinenses em fins do século XVIII e início do XIX, Cabral (1968, p. 86) destaca:

O preto só foi empregado na lavoura em número restrito e o pequeno número de cativos existentes em Santa Catarina, comprado ao de outros pontos do país, era quase todo empregado nos serviços domésticos e no carregamento de barcos, ou, nestes mesmos, como tripulantes.

Antes que o dia começasse para os senhores, os negros, escravizados, buscavam carne no açougue, o peixe diretamente dos pescadores, o pão nas padarias e iam às fontes pegar água. Os brancos se levantavam mais tarde e saíam às ruas para conversar nas casas em que apareciam os tripulantes dos barcos trazendo as novidades da Côrte (CABRAL, 1968).

⁹ Dessa restituição até fins do século XVIII, a Capitania teve como Governadores: Francisco Antônio da Veiga Cabral da Câmara, Francisco de Barros Moraes Araujo Teixeira Omem, José Pereira Pinto, Manoel Soares de Coimbra e João Alberto Miranda Ribeiro (CABRAL, 1968).

O trabalho no porto era mais ativo quando chegavam ou saíam os barcos com gêneros importados e não durava uma semana inteira. O que não havia na terra era então importado; com isso, alguns moradores passaram a adquirir móveis e equipamentos domésticos e a vestir roupas de tecidos importados. A partir de 1763, as casas começaram a se tornar sobrados, para que os donos pudessem ter seu negócio no térreo e a moradia no primeiro piso (CABRAL, 1968).

Nesse contexto, a vila do Desterro, graças a seu porto, foi adquirindo as características de capital de uma Capitania Subalterna: recebia governadores e abrigava as concentrações de tropas e os povoadores que seriam distribuídos ao longo da costa (CABRAL, 1968).

Foi durante a segunda metade do século XVIII que começou a ser erguida a casa que se tornaria moradia do governador e sede do governo; em 1771, iniciou-se a construção da Câmara, e em 1773 foi terminada a obra da igreja Matriz (CABRAL, 1968).

Desterro, a Vila Capital

No fim do século XVIII, a sociedade catarinense atingiu um nível que lhe permitiu manter certa autonomia como unidade política. Dessa maneira, não era mais absorvida pelas unidades vizinhas, Rio Grande e São Paulo (CABRAL, 1968).

Segundo Cabral (1968), a população da Capitania, em 1810, era de 30339 habitantes, dos quais 7203 escravizados e o restante livre. Nesse ano, a Vila Capital, Desterro, tinha 5250 moradores, e o interior da Ilha, 7233. O principal gênero produzido, consumido e exportado era a farinha de mandioca, seguida de arroz, aguardente, café, alho, cebola, peixe seco e feijão. Em 1821, a população da Capitania crescera para 35223 habitantes, 21811 dos quais na Ilha (CABRAL, 1968).

Os comerciantes, que compunham a classe média, tornaram-se, por meio do transporte de gêneros e do lucro de seu comércio, os primeiros abastados da terra. Construía seus sobrados no centro da vila, importavam mobílias e possuíam chácaras de veraneio. Além disso, eram influentes na

Câmara, ocupavam cargos honoríficos e detinham consideração por parte da população local. Em um nível abaixo nessa estrutura social, estavam os artífices, funcionários e pequenos proprietários, e mais abaixo estavam os soldados, os marinheiros e os negros (CABRAL, 1968).

2.1.2 Brasil Império

A Independência e a vida na Desterro durante o Império

As notícias sobre a proclamação da independência (setembro de 1822) demoraram a chegar a Desterro, e somente em 12 de outubro de 1822 Santa Catarina aclamou D. Pedro Imperador (CABRAL, 1968).

Em 24 de fevereiro de 1823, Desterro e outras vilas que eram Capitais de Província receberam, por Decreto Imperial, o predicamento de Cidade. Em fevereiro do ano seguinte, o primeiro Presidente da Província tomou posse, o Desembargador João Antônio Rodrigues de Carvalho, nomeado pelo Governo¹⁰ (CABRAL, 1968).

Em 1825, tomou posse o segundo Presidente da Província, o Comandante das Armas Brigadeiro Francisco de Albuquerque Melo, que ficou no governo até 1830. Durante seu governo instalou-se a primeira administração dos Correios na Ilha (1829) e na Laguna (1830), a partir de onde se estabeleceu uma linha até o Rio Grande. Nesse mesmo ano, criou-se a Freguesia de Garopaba, que era uma antiga armação de baleias (CABRAL, 1968).

A Vila Capital se torna cidade e se ilumina

Logo após a Independência, a Capital foi feita Cidade e sede do governo. Até 1816, nenhuma rua era calçada, e em 1831 os proprietários de

¹⁰ Nesse período, a população da Capitania era estimada em cerca de 45 mil, e da Ilha, cerca de 15 mil habitantes. Em 1849, a Província contava com 80133 habitantes, dos quais 14250 eram escravizados. (CABRAL, 1968)

prédios foram obrigados a calçarem a testada dos imóveis. Em 1841 começou a haver iluminação pública, com lampiões de azeite de peixe, que eram acesos pelos escravos. As casas de esquina deveriam ter uma pedra furada a determinada altura para que se pendurassem os lampiões (em 1960 havia 100 lampiões). Em 1843, a Câmara providenciou para que os nomes das ruas fossem pintados nas esquinas (CABRAL, 1968).

O lixo era jogado nas praias e em terrenos baldios. Em 1878, uma companhia ficou responsável pela remoção do lixo doméstico. O das ruas, por sua vez, era de responsabilidade da Câmara, mas o serviço era ineficiente, principalmente após as procissões (CABRAL, 1968).

A água potável era coletada nas fontes pelos escravos, que enchiam barris e potes. Em 1860, havia cidadãos que distribuíam água às casas, mediante pagamento, utilizando um grande tonel em uma carroça.

O comércio costumava funcionar desde a manhã até as 21h e não fechava as portas aos domingos. Além disso, nas ruas, mascates ofereciam tecidos, perfumes, aviamentos e objetos de adorno (CABRAL, 1968).

O porto era cada vez mais frequentado por embarcações comerciais e tinha muita influência na vida econômica da cidade, além de trazer também notícias da Corte, que eram transcritas pelos jornais da cidade, orientando seu comércio e sua política. Havia caminhos abertos entre localidades próximas, mas era mais rápido e barato o transporte de produtos em canoas, para localidades entre as baías, e por lanchas para pontos vizinhos (CABRAL, 1968).

Em 1880, segundo Boiteux (1912 apud SCHARDONG, 1997), Desterro possuía oito praças, 47 ruas, quatro travessas, oito becos, oito igrejas e capelas, treze prédios gerais e cinco provinciais, um cemitério evangélico e 1750 prédios urbanos dos quais 136 assobradados.

A sociedade desterrense, o surgimento dos clubes sociais e o início de uma cena cultural

Ao longo do século XIX, foram surgindo as grandes fortunas, advindas das atividades comerciais, e os comerciantes começaram a construir grandes

casas, com salões que muitas vezes eram abertos para danças, recitações e conversas (CABRAL, 1968).

Entre 1858 e 1864, havia na capital alguns clubes sociais: A Recreação Campestre, o Paraíso Desterrense, a Harmonia Militar e o Clube Familiar Catarinense. Em 1872, foi fundado o Clube 12, que reunia os “grandes” da sociedade desterrense (CABRAL, 1968).

A música era cultivada, a princípio, nas igrejas. Após a metade do século, passaram a existir as sociedades musicais: Paraíso Desterrense, Euterpe 4 de Março, Partenon Catarinense, Sociedade Germânica, Cassino Filorfeônico Dramático, Harmonia Lírica, Lira Artística Catarinense, Amadores da Arte e, no fim do século, o Clube Beethoven. Em 1875, havia cinco bandas musicais além das militares. Quando músicos e cantores se reuniam, costumavam homenagear autoridades ou personalidades com serenatas (CABRAL, 1968). Veremos a seguir que os primeiros poemas de Cruz e Sousa possuíam caráter encomiástico.

Em 1860, homens negros quiseram fundar uma banda de música, mas foram impedidos e combatidos pela imprensa por serem escravos e não poderem sair às ruas após as 22 horas (CABRAL, 1968).

As representações amadoras locais (de teatro e música) costumavam ocorrer em barracões alugados, e solicitava-se aos espectadores que levassem suas próprias cadeiras. O teatro Santa Isabel começou a ser construído em 1857, mas como a empresa responsável pelo empreendimento não conseguiu o empréstimo de que necessitava para terminar a obra, a inauguração só ocorreu em 1875, após o Governo Provincial encampar a dívida da empresa (CABRAL, 1968).

Algumas companhias de teatro estiveram no Desterro, como a Companhia de Julieta Santos, em 1882, na qual Cruz trabalhou como ponto e com a qual viajou pelo Brasil, conforme veremos na seção 2.2.

A primeira biblioteca pública da Província foi criada em 1832, mantida pela Sociedade Patriótica do Desterro, com volumes doados e emprestados. Em 1836, a Sociedade encerrou suas atividades e mandou devolver os livros a seus proprietários.

A segunda biblioteca pública foi fundada durante o governo do presidente João José Coutinho, em 1855, com 474 volumes doados. É a biblioteca existente até hoje, conservando acervo de livros e jornais.

As primeiras remessas de livros destinadas à venda foram recebidas em 1799. As obras instruíam os leitores sobre assuntos agrícolas, o cultivo de linho, cânhamo, batatas, algodão, açúcar etc. (CABRAL, 1968).

No início do século XIX não havia livrarias, dado o pouco interesse da população em obter livros. Somente após a Independência é que aumentou o comércio de livros na capital. A partir de 1850, encontravam-se nos jornais as relações de livros vendidos nas casas especializadas e realizavam-se atualizações sempre que novas remessas chegavam (CABRAL, 1968).

O abolicionismo

Segundo Cabral (1968), em toda a Província, o número de pessoas escravizadas não excedeu os 18 mil, e em 1881 baixou para 11 mil, em grande parte por causa da saída dessas pessoas para outras províncias, principalmente São Paulo. Desde 1831 o tráfico estava proibido na Província, mas na década de 1880 ainda havia quem o realizasse.

O movimento abolicionista tomou impulso em Santa Catarina a partir de 1870 quando, espontaneamente, senhores e senhoras tomaram a iniciativa de alforriar seus escravos. Em 7 de setembro de 1870 foram libertos 16 negros: 12 por conta da Província e quatro por particulares. Em 1874, no Rio Vermelho, um proprietário concedeu a liberdade a nove escravos de uma vez. Em 1875, a viúva do Marechal Guilherme¹¹, ao morrer, libertou outros nove de sua casa.

Em 1884, começou a haver esforços da sociedade em torno de clubes abolicionistas. Segundo Cabral (1968, p. 188):

No ano de 1884, foi publicado um convite assinado por Francisco de Assis Costa, João Moreira da Silva e Henrique Tavares, convocando os interessados para uma reunião no

¹¹ Marechal Guilherme era o senhor em cuja casa serviam Dona Carolina e Guilherme de Sousa, pais de Cruz e Sousa.

Clube Doze de Agosto¹², a fim de ser fundado um Clube Abolicionista, que logo recebeu a adesão da Sociedade Dramática Particular Amadores da Arte, que se propôs a dar espetáculos em prol da campanha. Uma Associação Abolicionista, de que era tesoureiro Germano Wendhausen, de existência anterior, portanto, transfere para o novo Clube os seus fundos. Surge o jornal Abolicionista, dirigido por Francisco Margarida, e redatoriado por José Rodrigues Prates, Pedro de Freitas Cardoso, Luiz Pacífico das Neves, Juvêncio de Araújo Figueiredo e Carlos Faria, cujo primeiro número aparece a 25 de novembro de 1884. Em solene sessão o Clube entrega, no mesmo ano, carta de alforria a 23 pessoas.

As sociedades teatrais e carnavalescas da Desterro tiveram um importante papel na campanha abolicionista, uma vez que passaram a realizar espetáculos cujos fundos eram revertidos para a causa da abolição:

Trabalho valioso prestaram as sociedades carnavalescas Diabo a Quatro e Bons Arcanjos, notadamente a primeira, na propaganda e na consecução de fundos para a campanha, a elas juntando-se os Amadores da Arte, a Fraternal Beneficente e a musical União Artística.” (CABRAL, 1968, p. 188)

Em maio chegou a Desterro a notícia da Lei Áurea, e o povo participou de grandes festejos. Entre os principais abolicionistas da capital, citam-se alguns nomes, entre eles, o de Cruz e Sousa, um dos missivistas cujas cartas compõem a amostra utilizada nesta pesquisa:

Figuram como os principais abolicionistas, na Capital, Eliseu Guilherme da Silva, Germano e André Wendhausen, Cruz e Sousa, José Henrique da Paiva, Francisco Margarida, José Segui Júnior, Francisco de Assis Costa, João Moreira da Silva, Henrique Tavares, José Rodrigues Pontes, Ricardo Barbosa, Pedro Freitas Cardoso, Luiz Pacífico das Neves, Juvêncio de Araújo Figueiredo, Carlos Faria, Carlos Schmidt, Augusto Lopes, Fausto Werner, Eduardo Horn e muitos outros, elementos da sua mais alta sociedade, do comércio, das letras, da política, da imprensa. (CABRAL, 1968, p. 189)

¹² Ironicamente, conforme veremos na seção 2.2.1, em um aniversário do Clube Doze, em agosto de 1885, Cruz e Sousa, então responsável pelo jornal O Moleque, foi impedido de entrar na festa, segundo seu relato na edição número 35 desse jornal, por ser negro.

2.1.3 Brasil República

Após a confirmação das notícias sobre a proclamação da República (15 de novembro de 1889) que chegavam do Rio de Janeiro, em 17 de novembro desse ano, em Santa Catarina, foram nomeadas as primeiras autoridades, realizou-se uma passeata cívica, e o partido Conservador aderiu à nova forma de governo. Na manhã seguinte, a Câmara Municipal realizou uma sessão extraordinária e, unanimemente, aderiu à nova forma de governo (CABRAL, 1968).

Em 24 de novembro, Deodoro da Fonseca nomeou o primeiro governador do estado, o 2º Tenente Lauro Müller (do corpo de engenheiros do exército), que trouxe como secretário o Tenente Carlos Augusto de Campos e o oficial de gabinete José Artur Boiteux¹³, todos catarinenses. Em 21 de novembro, o partido Liberal também já tinha aderido à República (CABRAL, 1968).

As constituições de 1891 e 1892

Em 11 de junho de 1891, foi promulgada a Constituição do Estado com o objetivo de organizar um regime livre e democrático. Definiram-se, então, os três poderes constitucionais do Estado em: Legislativo, Executivo e Judiciário (CABRAL, 1968, p. 237).

Quando o Marechal Floriano Peixoto assumiu o Governo Federal, todos os governadores que haviam apoiado Deodoro foram depostos, inclusive Lauro Muller. Em março de 1892, o preposto do Marechal Floriano Peixoto, o Tenente Manoel Joaquim Machado, chega ao Desterro para assumir o governo. Convocou-se, então, uma nova Constituinte, que elegeu o Presidente do estado, Tenente Machado. Em 7 de julho de 1892, foi promulgada a segunda Carta Constitucional do Estado, assinada por:

¹³ José Boiteux é um dos missivistas cujas cartas compõem a amostra analisada nesta pesquisa.

Presidente Eliseu Guilherme da Silva, Luiz Nunes Pires e Fausto Augusto Werner, 1º e 2º secretários interinos e mais os deputados Dr. Alexandre Marculino Bayna, Dr. Ismael Pinto de Ulisséa, Pedro de Alcântara Tibério Capistrano, Emanuel Pereira Liberato, Virgílio dos Reis Várzea¹⁴, 2º Tenente João Nepomuceno da Costa, Tenente Francisco de Sales Brasil, João Evangelista Leal, Ricardo Martins Barbosa, Elesbão Pinto da Luz, Leopoldo Engelke, Carl Walter Kleine, Francisco Gonçalves da Silva Barreiros e Antônio de Castro Gandra. (CABRAL, 1968, p. 244).

2.1.4 Os povos escravizados em Santa Catarina

Segundo Cabral (1968), o contingente negro da população catarinense sempre teve índices relativamente baixos em comparação com os de outras províncias: enquanto na Província do Maranhão, por exemplo, o contingente em 1819 era de 66% da população total, em Santa Catarina, o maior índice (23,7%) foi registrado em 1810 (CABRAL, 1968).

A maior parte dos escravizados em Santa Catarina era de “crioulos”, ou seja, já nascidos no país. Em número menor eram os “de nação”, ou seja, vindos do continente africano. A maior parte destes era do grupo bantu, que se divide nos agrupamentos oriental e ocidental. Os ocidentais dividiam-se em 34 nações, e em Santa Catarina se encontravam representantes das nações: Angolas, Cabindas, Camundás, Cassanges, Camundongos, Ganguelas, Moujolos, Quissamãs, Rebolos e os mais numerosos, os Benguelas. Os orientais contavam com 28 povos, e em Santa Catarina eram representados por pequeno contingente de Moçambiques (CABRAL, 1968).

Cruz e Sousa, um dos missivistas cujas cartas compõem a amostra analisada nesta pesquisa, é negro de origem banta. Segundo Alves (1990 apud ALVES, 2008, p. 22),

A raiz ou a origem da árvore genealógica do poeta Cruz e Sousa, na verdade, teve início remoto, em qualquer ponto obscurecido pelo tempo da África Negra, no longínquo século XVIII ou XIX, a partir do cafre bantu, da espécie de indivíduos que no Brasil-colônia foram codnominados – angolas,

¹⁴ Virgílio Várzea é um dos missivistas cujas cartas compõem a amostra analisada nesta pesquisa.

cabindas, benguelas, congos, moçambiques – conforme a nação (algo parecido com um reinado africano que marcava suas origens. [...] Os bisavós de Cruz e Sousa devem ter chegado [...] num destes chamados “navios negreiros”, tão frequentes naqueles tempos [...].

A maior parte dos escravizados em Santa Catarina trabalhava nas armações das baleias, em embarcações, nos comércios de seus senhores, em serviços domésticos e como carregadores, lavadores de vidros, serventes, vendedores ambulantes, operários, pedreiros, carpinteiros etc. As mulheres eram quase todas domésticas, trabalhando como amas, engomadeiras, doceiras etc. Não lhes era dada oportunidade de instrução (CABRAL, 1968).

Quando os senhores morriam, em geral, essas pessoas escravizadas eram distribuídas entre os filhos dos senhores ou então libertas. Mas como essa condição poderia levá-las à situação de miséria, muitas dessas pessoas continuavam na casa do senhor como domésticas apenas pelo teto e pelo alimento (CABRAL, 1968).

2.1.5 As escolas

Em geral, no século XIX em Santa Catarina havia grande preconceito em relação às escolas públicas, uma vez que estas eram frequentadas por crianças de famílias mais pobres, que não podiam estar em convivência com as crianças de famílias mais abastadas (CABRAL, 1968).

Em 1829, havia na Província apenas 30 escolas, sendo três públicas e 27 particulares. As três públicas contavam com 105 alunos matriculados nas escolas masculinas e 40 nas femininas. As particulares eram 24 masculinas, com 343 alunos, e três femininas, com 54 alunas. O ensino era de primeiras letras, gramática latina e gramática portuguesa e das quatro operações da aritmética. Em 1843, a Capital tinha oito escolas particulares masculinas, com 268 alunos, e quatro escolas femininas, com 108 alunas. Em 1849, o total de alunos era de 1781 em toda a Província (CABRAL, 1968).

Em 1844, os padres jesuítas, que no ano anterior já haviam estabelecido uma casa na Desterro, abriram um curso de latim, e logo depois o Padre Miguel Cabeza recebeu autorização para fundar um Colégio no Desterro. Em

1848, o Colégio tinha 40 alunos, sendo 15 internos. Já havia passado por lá um total de 78 estudantes. Mas em 1853, Desterro sofreu uma epidemia de febre amarela, que tomou conta também do Colégio, o que o levou a fechar suas portas após nove óbitos (CABRAL, 1968).

No início da segunda metade do século XIX, a instrução pública na província não havia mudado muito em relação à primeira metade do século. Em 1850, a Ilha tinha 851 alunos matriculados. Em 1856, esse número subiu para 1019 matrículas na Capital (CABRAL, 1968).

Em relação ao ensino secundário, após o fechamento do Colégio dos Padres Jesuítas, este limitou-se a um curso de latim, que em 1855 era frequentado por 42 alunos, mas pouco tempo depois também se encerrou devido ao pedido de exoneração do professor (CABRAL, 1968).

O Atheneu Provincial foi uma escola pública secundária existente em Desterro no último quartel do século XIX. Com a criação do Atheneu, surgiram novos cargos públicos, que foram preenchidos, na maioria dos casos, por pessoas ligadas ao partido conservador (SCHARDONG, 1997).

Quanto aos alunos, a princípio, poderiam matricular-se pensionistas, meio-pensionistas ou externos. Como pensionistas, seriam admitidos meninos livres e menores de doze anos. Não seriam admitidos ao internato nem poderiam frequentar as aulas escravos ou meninos que padecessem de moléstia contagiosa. A preocupação em excluir portadores de doenças contagiosas deve-se ao fato de continuarem precárias as condições sanitárias da cidade, o que poderia ocasionar frequentes surtos epidêmicos (SCHARDONG, 1997).

O Regulamento de 1874 previa que o Presidente da Província poderia mandar admitir, por conta dos cofres provinciais, quatro meninos pobres como pensionistas, seis como meio-pensionistas e dez como externos. Estima-se que pelo menos dezesseis pais encaminharam petições para que seus filhos fossem incluídos como alunos pensionistas da Província (SCHARDONG, 1997); entre eles, o pai de Cruz e Sousa, conforme veremos na seção 2.2.1.

Nesse colégio, estudaram alguns dos missivistas que escreveram as cartas que compõem nosso *corpus* de análise, conforme veremos na seção 2.2.

2.1.6 A Literatura em Santa Catarina

O litoral catarinense, ponto de passagem e abrigo de navegadores desde o século XVI, foi tema, durante muito tempo, das cartas escritas por esses viajantes, com descrições da paisagem, do povo, da vegetação e de tudo o que lhes chamasse atenção. Há diversas crônicas realizadas por navegadores sobre as paisagens destas terras. Esses textos, entretanto, não podem ser considerados como manifestações da cultura local, pois foram escritos por estrangeiros. De acordo com Sachet (2002), “Até meados do século XIX [...], a literatura da Ilha e de Santa Catarina vinha escrita em francês, em russo, em alemão, produzida por europeus que mal se demoravam umas poucas horas entre nós.” (p. 186)

Assim, *Assembleia das Aves* (1847), de Marcelino Antônio Dutra, é considerada a obra fundante da literatura catarinense, inclusive por evidenciar o que Sachet (2002, p. 186) considera como uma “dupla tendência” da literatura catarinense entre meados do século XIX e meados do século XX: “a paixão pela polêmica e a não sincronia com a produção literária no Brasil, ou pelo menos do eixo Rio-São Paulo”. Trata-se de um poema de quatro cantos, cada um com 33 estrofes, com muitos elogios ao partido político comandado por Jerônimo Coelho e uma sátira contra outro partido.

Em meados do século XIX, neste país então recém-independente – onde se proclamava o Romantismo naturalista e que os poetas cantassem as belezas das terras brasileiras, dos índios etc. –, a literatura catarinense se apresentava com tendências do século XVI: “Em meados do século XIX, [...] a voz de Camões ainda movimentava as águas poéticas da Ilha [...]” (SACHET, 2002, p. 186).

Um romance catarinense com descrições da natureza da região da Baía Sul, ou seja, com alguns sinais dessa nova literatura que era conclamada, é *A Massambu* (1860), de Duarte Paranhos Schutel. A obra foi publicada em folhetim na *Revista Popular*, do Rio de Janeiro, onde vivia o autor catarinense. Mesmo após 25 anos da publicação dessa obra, os escritores da Ilha ainda exaltavam o Romantismo, até que o intelectual Francisco da Gama Rosa veio

da Corte e assumiu a presidência da Província. Ele chamou um grupo de jovens (comandados por Virgílio Várzea) com *ideias novas*¹⁵ e o lema de combater fortemente o Romantismo, que passa a ceder lugar ao Realismo e ao Naturalismo. No final desse século, na Europa, já circulavam tendências parnasianas e simbolistas.

Em Santa Catarina, o Simbolismo é representado por Cruz e Sousa, considerado o “poeta maior” do estado, que faleceu, contudo, em uma miséria que não condiz com tudo o que representou não só para a literatura catarinense como para a brasileira.

Cruz e Sousa já publicava poema e prosa em jornais, mas seu livro *Missal* saiu publicado (1893) pela editora de Domingos de Magalhães¹⁶, dono da Livraria Moderna, no Rio de Janeiro, abrindo de vez as portas da escola do simbolismo, que “já havia se anunciado e precisava de uma obra que a representasse” (ALVES, 2008, p. 260-261).

E mais de 20 anos se passaram até que, em 1920, dois anos antes da Semana de Arte Moderna, funda-se a Academia Catarinense de Letras¹⁷, proclamando a missão de “defender a pureza do idioma pátrio” (SACHET, 2002), justamente em um momento em que, em São Paulo, os manifestos modernistas lançavam as bases de uma nova tendência cultural. Graça Aranha, um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras e um dos expoentes do Modernismo, esteve em Florianópolis em janeiro de 1924 e, segundo Pitsica (2002),

Reuniu-se com os integrantes da nossa Academia, mas as suas pregações modernistas não encontraram ressonância. A velha Província preferia permanecer fiel ao parnasianismo. A escola do modernismo não encontrou, naquele primeiro momento, nenhum adepto em Santa Catarina. (p. 360).

¹⁵ Ideia Nova foi o nome de um grupo de escritores que nutria rivalidade com os intelectuais que eles identificavam como “velhos”. (MACHADO, 2001)

¹⁶ Também publicou a obra *Rose Castle* (1893), de Virgílio Várzea.

¹⁷ Estiveram à frente da fundação da Academia Catarinense de Letras: José Artur Boiteux, Othon D’Eça, Altino Flores e Henrique da Silva Fontes (SACHET, 2002). Boiteux também deu posse, como fundadores, a Horácio de Carvalho, Mâncio Costa, Osvaldo Melo, Ogê Manneback, Gustavo Neves, Oscar Rosas, Lucas Boiteux, Nereu Ramos e Tito Carvalho. (PITSICA, 2002)

Foi apenas nos anos 1940, que um grupo de jovens, o Grupo Sul¹⁸, trouxe o modernismo para o estado.

Após traçar uma espécie de perfil histórico e social de Santa Catarina, observamos o perfil dos missivistas que compõem a amostra investigada neste trabalho.

2.2 PERFIS DOS PRINCIPAIS MISSIVISTAS

Após contextualizar histórica e socialmente o local de nascimento dos missivistas cujas cartas investigamos, a seguir, buscamos traçar os perfis biográficos de alguns deles¹⁹.

Conforme veremos na seção 2.3, analisamos um conjunto de 130 cartas escritas por florianopolitanos (desterrenses). Dessas cartas, 35 já faziam parte do banco de dados do PHPB-SC conhecido como *Amostra Cruz e Sousa* e já tinham sido investigadas por Nunes de Sousa e Coelho (2015) e Nunes de Souza (2015). Durante a realização desta dissertação, foi possível coletar e transcrever outras cartas, que agora também estão disponíveis no projeto a outros pesquisadores.

Para melhor compreensão dos usos das formas de tratamento nas cartas pessoais desses missivistas, é relevante que se conheçam alguns aspectos de suas biografias, uma vez que seus papéis sociais podem influenciar em suas escolhas treatmentais.

As informações utilizadas para traçarmos os perfis desses missivistas foram obtidas não apenas do conteúdo das cartas, mas principalmente de autores que já se ocuparam da biografia desses informantes, que são escritores e políticos muito reconhecidos em Santa Catarina e, em alguns casos, nacionalmente também.

¹⁸ Alguns de seus integrantes foram: Salim Miguel, Eglê Malheiros, Armando Carreirão, Silveira de Souza, Ody Fraga, Walmor Cardoso da Silva, Adolfo Boos Jr., Aníbal Nunes Pires, Archibaldo Neves e Hamilton Ferreira.

¹⁹ Entre os missivistas que escrevem as cartas que compõem nosso *corpus* de análise, há alguns cujas biografias não conseguimos recuperar. Nesta seção, apresentamos informações sobre os missivistas que produziram a maior parte dos dados analisados nesta dissertação.

Após traçarmos os perfis desses missivistas, apresentamos algumas informações sobre as relações pessoais entre as díades formadas por Cruz e Sousa, Virgílio Várzea, Oscar Rosas e José Boiteux.

2.2.1 A família Sousa

Denominamos como família Sousa a família composta por João da Cruz e Sousa, poeta simbolista desterrense, sua esposa Gavita e seus pais, Carolina Eva da Conceição e Guilherme Sousa. Das 130 cartas que compõem nossa amostra, quatro são escritas por Cruz e Sousa à sua então noiva Gavita, cinco são escritas por Carolina e 19 por Guilherme ao seu filho Cruz e Sousa. A seguir, reunimos algumas informações a respeito destes três missivistas: Cruz e Sousa, Carolina e Guilherme.

João da Cruz e Sousa nasceu em 1861 em uma casa na rua Artista Bittencourt²⁰, no centro da cidade de Nossa Senhora do Desterro, capital de Santa Catarina. Era filho de negros (provavelmente de origem banta) (ALVES, 2008), sem mescla de sangue europeu: seus pais eram naturais da Desterro. A mãe era Carolina Eva da Conceição, escravizada, lavadeira e cozinheira que, à época do nascimento do filho, era liberta. Seu pai era Guilherme Sousa, pedreiro, escravizado pertencente ao senhor Guilherme Xavier de Sousa (1818 – 1870), coronel e marechal-de-campo, por sua vez, casado com Clara Angélica Xavier de Sousa (Dona Clarinda).

O casal Guilherme e Carolina teve dois filhos: João da Cruz e Sousa e Norberto da Conceição Sousa (1864 - ?) e contraiu matrimônio em 16 de agosto de 1871, quase um ano após o falecimento do marechal Guilherme Xavier, ocasião em que Guilherme de Sousa já era liberto²¹ (e por isso podia se casar). Guilherme e Carolina se preocupavam muito com o futuro dos filhos e tinham como prioridade sua educação. Não há consenso entre os historiadores a respeito de serem os pais biológicos (Guilherme e Carolina) ou os senhores (Clara e Guilherme Xavier) os responsáveis pelos estudos do jovem Cruz e

²⁰ Bittencourt foi um sapateiro que, apesar do trabalho humilde, sempre contribuía financeiramente para a causa abolicionista (CABRAL, 1968).

²¹ Não se sabe se foi liberto um pouco antes ou um pouco depois do falecimento do Marechal.

Sousa. Contudo, segundo Alves (2008, p. 34), a educação dos irmãos Cruz e Norberto Sousa era parte importante do “projeto de vida” de Guilherme e Carolina. O esforço do “velho Guilherme” pela educação dos filhos está registrado em um documento dirigido ao chefe do ensino do governo, o cônego Joaquim Eloy de Medeiros, escrito pelo professor e diretor do Ateneu Provincial que lecionou para os irmãos Cruz e Norberto no Colégio da Conceição:

[...] Os menores de nomes João e Norberto filhos de Guilherme Sousa, são dous meninos muito aproveitaveis, este, pela sua vivacidade, e aquelle, pela aplicação; ambos forão alumnos do Collegio da Conceição aonde sempre estudarão com aproveitamento e por isso, sabendo mais do que o pai, pobre jornaleiro, tudo sacrifica pela educação desses dous meninos, julgo-os no caso de serem favorecidos [...]. (SOARES, 1988, p. 20 apud ALVES, 2008, p. 34)

Cruz e Sousa, portanto, foi “favorecido” com uma vaga no Ateneu Provincial Catarinense, e após terminar seus estudos nesse colégio, iniciou sua militância na vida política e cultural da cidade do Desterro. Durante algum tempo, deu aulas particulares em sua casa.

Na década de 1870, começou a publicar seus primeiros versos em jornais locais. Os primeiros de autoria de Cruz encontrados pelos historiadores datam, porém, de 1880. Segundo Alves (2008, p. 39), eram “textos circunstanciais, dedicados em geral a personalidades do Desterro ou a agremiações artísticas, abolicionistas, jornalísticas e teatrais. É o período também de participação em eventos como orador e abolicionista.” De acordo com o autor, os textos de Cruz nesse período tinham um caráter “laudatório, encomiástico, às vezes bajulador”, o que não seria incomum à época, para quem estava procurando “abrir caminhos” (p. 40).

Em 1881, Cruz começa a publicar no jornal Colombo, que era editado por Virgílio Várzea, Santos Lostada, o próprio Cruz e Sousa e José Artur Boiteux²² e circulou de maio a setembro de 1881. Foi nesse jornal que Cruz teve suas primeiras grandes experiências literárias.

²² Virgílio Várzea e José Artur Boiteux também escrevem cartas investigadas nesta pesquisa.

Apesar de vivenciar o preconceito por ser negro, Cruz circulava entre os intelectuais e escritores emergentes daquele período e realizava diversas aparições públicas, conquistando “algum prestígio”, segundo Alves (2008). Em novembro de 1881, atuava em uma “sociedade literária”, o Grêmio Literário Catarinense Oliveira e Paiva, da qual inclusive participavam os irmãos Henrique e José Artur Boiteux, que também haviam estudado no Ateneu Provincial, e outros “ilustres” da política e da literatura desterrenses.

Por volta de 1882, Cruz e Sousa passou a adotar um de seus pseudônimos, Heráclito, em jornais como Província, O Caixeiro, Regeneração e Matraca. Em fins de 1882, começou a trabalhar com a trupe da Companhia Dramática Julieta dos Santos, uma atriz-mirim, na função de ponto. Com a Companhia, viajou para diversas cidades do Brasil. Além disso, também escrevia (prosa e poesia) sobre a atriz, que era muito venerada por artistas, intelectuais e políticos da época. Com as excursões da Companhia, Cruz esteve longe de Desterro do início de 1883 até meados de 1885. Nesse período, comunicava-se por cartas com familiares, amigos e a então namorada e noiva Pedra Antioquia da Silva²³.

Quando Cruz e Sousa voltou a Desterro, o jornal cultural semanário O Moleque, em 26 de abril de 1885²⁴, noticiou seu retorno à Ilha:

Acha-se entre nós, depois de uma longa excursão por todo o Brazil, o valente e rutilante poeta realista Cruz e Souza.

O festejadissimo autor das Cambiantes, vem passar dous ou tres mezes com sua familia, de quem já estava extraordinariamente saudoso, e tenciona voltar muito brevemente para a Côrte, onde tomará, segundo consta, a direcção de uma folha diaria que proximamente deve apparecer alli.

Cruz e Souza é um burilador correctissimo do verso e um dos talentos mais fecundos e mais cheios de sol da moderna e resplendente geração litteraria brasileira.

Para se avaliar sua grande força cerebral, é bastante dizer que elle gosa de uma elevada e extensa reputação de poeta de 1a

²³ Pedra Antioquia da Silva foi a primeira noiva de Cruz e Sousa. Seu relacionamento terminou e, anos mais tarde, ele conheceu Gavita, com quem se casou.

²⁴ Na figura 1 se percebe que originalmente a data registrada é de 26 de março de 1885, porém a partir da reunião das edições, e considerando-se a ordem dos números das edições, depreende-se que a data correta seria 26 abril de 1885. Observa-se ainda uma anotação a caneta sobre a página do documento digitalizado.

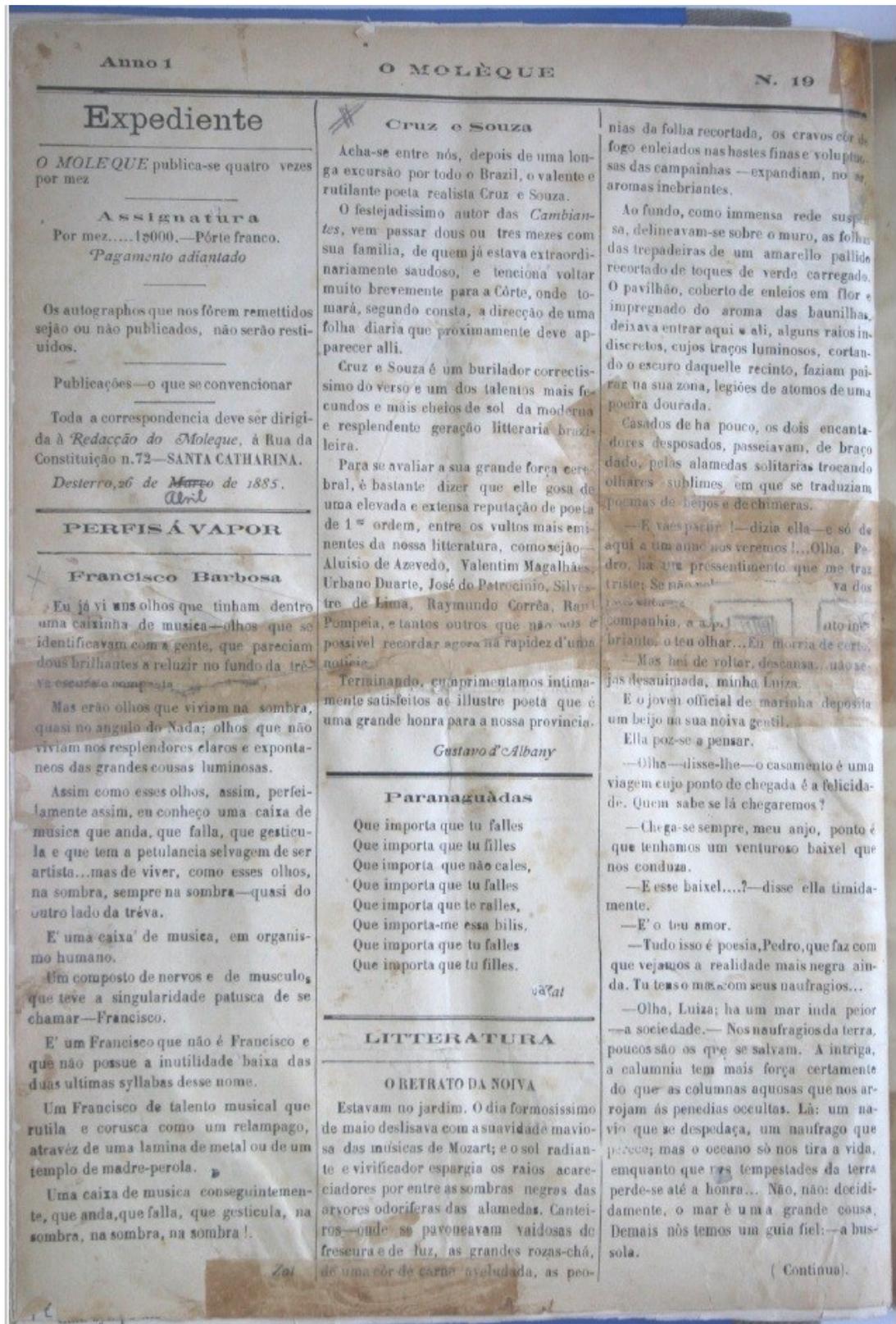
ordem, entre os vultos mais eminentes da nossa litteratura, como seião - Aluisio Azevedo, Valentim Magalhães, Urbano Duarte, José do Patrocínio, Silvestre de Lima, Raymundo Corrêa, Raul Pompeia, e tantos outros que não nos è possível recordar agora na rapidez d'uma noticia.

Terminando, cumprimentamos intimamente satisfeitos ao illustre poeta que é uma grande honra para a nossa provincia.

Gustavo d' Albany²⁵

²⁵ Semanário O Moleque, edição n. 19, de 26 de abril de 1885. As edições desse jornal foram digitalizadas pelo Portal Catarina, projeto de que participam três grupos de pesquisa da Universidade Federal de Santa Catarina: nuLIME (Núcleo Literatura e Memória), LAPESD (Laboratório de Pesquisa em Sistemas Distribuídos) e NuPILL (Núcleo de Pesquisas em Informática, Literatura e Linguística), e se encontram disponíveis em: <<https://www.portalcatarina.ufsc.br/documentos/?action=midias&id=214425>>. Transcrição nossa.

Figura 1: Página da edição n. 19 do semanário O Moleque, de 26 de abril de 1885, em que se noticia o retorno de Cruz e Sousa à capital da província



O semanário *O Moleque* foi editado entre fins de 1884 e novembro de 1885. Na capa, apareciam as seguintes inscrições: “*O Moleque* Propriedade de uma associação”. A partir da edição número 26, de 14 de junho de 1885, Cruz e Sousa passa a ser o redator do jornal. Desde então, as inscrições na capa passam a ser: “*O Moleque* Redacção de Cruz e Souza Propriedade de uma associação”, conforme vemos na imagem a seguir.

Figura 2: Capa da edição número 26, de 14 de junho de 1885, do semanário *O Moleque*, quando este passa a ser redigido por Cruz e Sousa



Fonte: Portal Catarina (2018)

Apesar da respeitável condição de redator-chefe de *O Moleque*, Cruz e Sousa sofria preconceito por ser negro e se constrangia por não ser convidado para determinadas solenidades que ocorriam na cidade. Na edição número 35,

de 16 de Agosto de 1885, sob o pseudônimo de “Trac”, Cruz escreve sobre o fato de ele, na condição de redator e representante do jornal, não ter sido convidado para o baile de aniversário do Clube 12 de Agosto:

A 12, houve no Club 12 de Agosto, o grande baile de Anniversario ao qual o luxo e o bom gosto, a magnificencia, não faltaram.

As scintillações da luzes, das flores, dos espelhos, dos lustres e das serpentinas, davam um aspecto deslumbrante e ricamente faustoso, aos bellos salões do Club.

Desfillava por elles á fora um esplendido cortejo de moças, com toilettes adoraveis, como um collar encantado de flores deliciosas.

Estava sedutora e fina a sociedade que dava a tudo aquillo uns tons phantasticos e côr de rosa.

Achavam-se alguns representantes da Imprensa, menos o Moléque que teria de embalsamar-se primeiro, para não cheirar a cachaça ou a creoulo fôrro, a fim de melhor subir as escadarias pomposas do magestosissimo e fidalgo Club 12.

Porque o Moléque não tem rôlha na bocca diante da ineivilidade, da indelicadesa baixa, da ridicula posição parva e apalhaçada em que ficou, para com elle, a directoria do Club.

Uma vez que o Moléque não é um trapo sujo do monturo, um character enluvadado com syhilis moral por dentro, um pasquim ordinario e safado, um bebado de todas as lamas, havia obrigação, obrigação, ouça o Club 12, de ser o Moléque considerado como gente, uma vez que foi considerada a outra imprensa que não está em nada, em cousa nenhuma superior a este orgão.

Não é com brutalidade que se adquire sympathia.

Se não se distribuio convite para o Moléque porque seu redactor chève é um creoulo, é preciso saber-se que esse creoulo não è um imbecil que não o saiba e o diga bem alto, por sua honra, por seu orgulho, porque não se véxa de hobrear com ninguem deste mundo que saiba o que è cavalheirismo, educação e probidade.

É um creoulo que tem muita presumpção em o ser e que não se curva, a despeito de tudo, senão ao talento, á bondade e ao character.

E d'ahi, o diamante sáe do carvão.

A pérola vem do abysmo.

A aurora rompe da noite.

O dia surge da tréva.

A acção do Club portanto, foi pessima, inqualificavel, indigna de gente que se présa de calçar uma luva e deitar uma gravata branca.

Indigna de uma sociedade; digna de badamécos sem criterio e juizo; digna de espiões de policia que prèsam a delicadeza pela melhor paga.

São assim as corporações da nossa terra.

Tolas e sem brio.

Felizmente o Moléque, agarra da pà com que cá em casa se enterra a civilidade fôfa e atira com ella no monturo do desprezo, arrumando-lhe ainda por cima uma pasada da cal da... piedade!...
 Apodrece, cousa má...
 Trac.²⁶

Em outros textos de Cruz e Sousa para jornais em que colaborou se percebe, muitas vezes um tom irônico ao tratar de determinados assuntos e seu ressentimento em relação à maneira como era tratado na sociedade pelo fato de ser negro e de não se colocar na condição de submissão que muitos esperavam. Esse assunto também é recorrente em sua correspondência. Em muitos momentos, os amigos o consolam e o aconselham em relação a que atitudes tomar.

Em carta de 26/11/1890, Virgílio Várzea escreve a Cruz e Sousa sobre a possibilidade de este ir para o Rio de Janeiro, onde se encontram Virgílio e Oscar Rosas, e cogita a possibilidade de Cruz trabalhar em alguns jornais, questionando-se se sua a “cor” não seria um impedimento para que ele conseguisse uma colocação:

[...] O Pernetta póde te arranjar na Cidade do Rio com 50[?]000 mensaes, para escreveres diariamente uma secção ou fazeres o noticiario... Durará a Cidade do Rio? O Serpa, <↑que é o gerente, quase proprietáruí,> muito bom, por ora, mas um imbecil, não te quererá impôr <↑cousas> como tem feito a varios redactores da sua folha? não fará questão da tua côr?... Creio que tudo isso virá a [ilegível] porque na imprensa d'aqui não há gente séria, a excepção da Gazeta de Noticias, Jornal do Commercio e Paiz, jornaes em cujas redacções uma collocação é tão difficil quase como ir passear a Pariz. [...]²⁷

Apesar de reconhecido e respeitado no meio intelectual, principalmente entre seus amigos, Cruz e Sousa nunca conseguiu atingir estabilidade financeira e não conseguia se sustentar e sustentar à sua família com o que recebia por seus trabalhos. No fim de sua vida, já doente, recebia doações dos

²⁶ As imagens das edições de O Moleque encontram-se disponíveis no Portal Catarina: <<https://www.portalcatarina.ufsc.br/documentos/?action=midias&id=214425>>. Transcrição nossa.

²⁷ Grifos do missivista.

amigos que possuíam algum recurso. Em carta de 13/1/1898, seu compadre João Lopes escreve:

Meu querido Cruz e Sousa. Só há poucos dias soube que Você estava doente e logo me acudiu ao espírito a tristeza de não poder auxiliar eficazmente, como desejava, o meu bom compadre e tenho pensado sempre em você, de quem o am^o Tibúrcio me deu agora a notícia mais minuciosa. Veja se consegue mudar-se p^a o Engenho Novo, cujo clima lhe convém muito mais. Aceite o pequeno auxílio que aqui vai e recomenda-me à comadre e crianças. O amigo João Lopes. 13.1.1898. (ALVES, 2008, p. 348)

Nesse momento de sua vida, Cruz e Sousa vivia com a esposa Gavita no Rio de Janeiro, estava afastado de seu trabalho na Companhia Ferroviária por licença médica e o proprietário da casa onde morava pediu o imóvel de volta. Em carta de 27/01/1898, Cruz e Sousa escreve a Nestor Vítor solicitando auxílio com a burocracia referente ao recebimento de seu salário. E ao fim da carta, há um trecho em que conta da dificuldade de arrumar outra casa para morar:

Nestor – a luta das casas continua horrível. Não imaginas que verdadeiro desespero. Todos querem fiador – e é para ali, de punhos cerrados, de dentes cerrados. Já não temos quase recursos nem para os trens nem para os bondes. Estas coisinhas é que ninguém parece lembrar-se delas. Não sabemos mais do que lançar mão para conseguir uma casa ou um cômodo qualquer. Tudo é um despropósito de dinheiro! Amanhã, 28, Gavita vai novamente sair à luta das casas. Não sei o que conseguirá a pobrezinha, mas enfim lutará até à última. O furor maior nisso tudo é o da fiança, que é uma coisa terrível de se conseguir. Teu Cruz. (ALVES, 2008, p. 350)

Os jornais noticiavam o estado de saúde de Cruz e Sousa, e os amigos realizavam campanhas para ajudar o poeta a retornar a Santa Catarina com a família. Seu médico, contudo, desaconselhava a viagem até que seu estado de saúde melhorasse. Assim, apesar de doações de vários amigos e de pessoas anônimas, em vez de retornar a Santa Catarina, Cruz e Sousa seguiu para Sítio, em Minas Gerais, na região da Serra da Mantiqueira, em 15 de março de 1898, acompanhado da esposa Gavita, grávida. Seus filhos ficaram sob os cuidados da Irmã de Gavita, no Rio de Janeiro.

Em telegrama enviado por Gavita a Nestor Vítor, chega a notícia do falecimento de Cruz e Sousa, em 19 de março de 1898. Seu corpo chegaria na manhã seguinte ao Rio de Janeiro em um trem de carga.

Guilherme de Sousa (1807(?) – 1896) e Carolina Eva da Conceição (? – 1891) eram escravos desterrenses, filhos de escravos desterrenses de propriedade dos sogros do tenente-coronel e depois marechal-de-campo Guilherme Xavier de Sousa (1818 – 1870). O casal teve dois filhos: João da Cruz e Sousa (1861 – 1898) e Norberto da Conceição Sousa (1864 – ?) e contraiu matrimônio em agosto de 1871, momento em que os dois já eram “libertos”, e quase um ano após o falecimento do marechal Guilherme, a quem serviram como escravos.

Segundo Alves (2008), Guilherme Sousa, quando “liberto”, gozava de “algum prestígio” ou, ao menos, estima, considerando alguns relacionamentos com pessoas de destaque ou de famílias tradicionais de Desterro. Na certidão de casamento de Guilherme e Carolina, registram-se os nomes de testemunhas como o Barão de Batovi (Manoel Coelho Gama d’Eça²⁸), militar destacado por bravura durante a Guerra do Paraguai²⁹. Outras testemunhas documentadas na certidão são Virgílio José Paulo, amigo da família, e o vizinho Francisco José Eleutério, que seria, segundo Alves (2008), “o leitor das cartas que Cruz e Sousa enviava aos pais e também o autor das cartas que estes endereçavam ao filho poeta, quando este se transferira, em 1890, para o Rio de Janeiro” (p. 24).³⁰

Além dessa certidão de casamento, a certidão de nascimento de Cruz e Sousa revela ainda outros “padrinhos ilustres” (ALVES, 2008, p. 25): o padre que batizou Cruz e Sousa era

uma das figuras mais notórias e proeminentes da pequena cidade. Considerado um sábio, Oliveira Paiva fundou jornais, colégios e, além de vereador, foi por diversas vezes deputado, inclusive no período do batizado do Poeta Negro. Em 1865,

²⁸ Teria sido fuzilado em 1894 na Fortaleza do Anhatomirim, sob o governo de Floriano Peixoto (ALVES, 2008, p. 24).

²⁹ O Marechal Guilherme também atuou na Guerra do Paraguai.

³⁰ Acreditamos poder haver mais de um escriba, uma vez que percebemos diferentes caligrafias nas cartas desses missivistas. No Anexo C, apresentamos um quadro que ilustra essas diferenças.

proclamou um *Te Deum* para solenizar a visita à Cidade de S.M o Imperador D. Pedro II. (ALVES, 2008, p. 25)

Também “ilustre” era o padrinho de batismo de Cruz, Manoel Moreira da Silva Júnior, filho do então deputado Manoel Moreira da Silva, conhecido como Manoel Diabo por seus “feitos destemidos” (ALVES, 2008, p. 25).

Assim, vê-se que o casal de escravos libertos Guilherme de Sousa e Carolina da Conceição, em algum momento de suas vidas, gozou de um relativo prestígio na cidade de Desterro, a partir do prestígio do Marechal Guilherme, que obteve destaque por sua atuação na Guerra do Paraguai. As relações de apadrinhamento estabelecidas em função desse relativo prestígio permitiram que Cruz e Sousa, negro, filho de pessoas escravizadas, frequentasse escolas e reuniões em casas de pessoas ilustres e também gozasse de relativo prestígio.

O prestígio dessa família diante da sociedade desterrense lhe trouxe, portanto, alguma possibilidade de inserção na sociedade “branca”, mas é preciso destacar a relatividade desse prestígio, uma vez que se tem muitos registros das dificuldades financeiras, do preconceito sofrido e da fragilidade da saúde de todos os integrantes dessa família.

Se Cruz e Sousa teve a oportunidade de frequentar colégios e, inclusive, se tornou um poeta relativamente respeitado, com seus pais não ocorreu o mesmo. Eles permaneceram analfabetos até o fim de suas vidas, de modo que necessitavam que alguém lesse as cartas que recebiam do filho quando este estava morando fora da cidade e que escrevesse as cartas que estes enviavam ao filho. Conforme mencionado, de acordo com Alves (2008), quem lia e escrevia essas cartas era o vizinho José Eleutério. Contudo, a análise dessas cartas revela não apenas diferentes caligrafias (conforme Quadro 15, seção 3.5), mas também diferentes estratégias linguísticas, por meio das quais se percebe a possibilidade de que tenha havido mais de um escriba, ou seja, é possível que outra(s) pessoa(s) além de José Eleutério lesse(m) e escrevesse(m) as cartas recebidas e enviadas ao filho poeta. Mesmo com a possibilidade de que um escriba auxiliasse Guilherme e Carolina na escritura das cartas, percebe-se uma insatisfação de Guilherme ocasionada pela impossibilidade de escrever cartas de próprio punho:

- (10) *Meu filho você não tem razão de se queixar que não lhe escrevo, porque em todos os vapores que passava com expiação de um no mez, mais sempre lhe escrevo e mesmo meu filho sabe aminha serconstancia, porque eu se sobesse ler e escrever lhe escreveria cartas com abudancia, por isso é arazão. peço-lhe que 0 me desculpe o meu fallar. Guilherme de Sousa (Carta de Guilherme Sousa a Cruz e Sousa, 22/12/1892)*

Em carta de 27 de agosto de 1891, Guilherme comunica ao filho o falecimento de Carolina da Conceição:

- (11) *Desterro, 27 de Agosto de 91. Meu querido filho Esta tem dois fins, o primei- ro é accusar a tua carta na qual vinha um vale no va- lôr de 50,000 e o outro é com grande pesar; é de o ter fallecido minha boa mulher e tua extremosa mai. 0 Deves ficar certo de que nada lhe faltára e o doctor [Rolla?] muito trabalhou para salva-la. Peço 0 escrever-lhe agrade- cendo os esforços que empregou. Agradeço-te muito o que 0 dizes; de nunca te esqueceres de teu velho pai e peço a Deus que sempre te proteja para 0 faze- res o mesmo a mim. Tua mãe falleceu no dia 25 e dias [inint.] um telegram- ma noticiando essa molestia; foi dirigido para a rua [inint.] No [inint.] onde penso ainda es- tares 0 e do qual não recebi res posta alguma julgando por isso que 0 não tenhas recebido-o. Recebe lembranças do [inint.] Custodio, Thomazia e de teu pae recebe a benção e um aperta- do abraço. Guilherme Souza.(Carta de Guilherme Souza a Cruz e Sousa, 27/08/1891)*

Guilherme Souza faleceu em 1896, dois anos antes do filho.

2.2.2 Virgílio dos Reis Várzea

Virgílio dos Reis Várzea nasceu em 1863 em Canasvieiras, Desterro. Além de poeta, é considerado o “criador do conto catarinense” (MACHADO, 2001, p. 185).

Possuía muita relação com o mar: além de ter nascido perto dele, quando jovem, viajou muito de barco com seu pai pelo litoral catarinense. Ingressou na escola Naval, mas não chegou a concluir o curso. Também ingressou na Marinha Mercante e, como praticante de piloto, fez diversas viagens ao exterior. Em 1881, regressou a Santa Catarina e foi oficial de gabinete do presidente da província Francisco Luís da Gama Rosa entre os anos 1882 e 1884. Foi promotor público de São José (SC) entre 1884 e 1885 e

secretário da Capitania dos Portos de 1885 a 1890. Entre os anos 1886 e 1888, foi professor de desenho do Liceu de Artes e Ofícios de Desterro.

Apadrinhado pelo Presidente da Província, o médico e incentivador cultural Gama Rosa (de cujo gabinete Virgílio Várzea fora oficial entre 1882 e 1884), foi membro integrante e um dos líderes do grupo literário “Ideia Nova” (do qual também fazia parte Cruz e Sousa). O grupo Ideia Nova nutria rivalidade com intelectuais, os quais identificavam como “velhos”. Esses diferentes grupos, espécies de “facções” de intelectuais, trocavam “farpas” publicadas em jornais, ora em prosa, ora em versos. O Periódico A regeneração acolhia os textos de Virgílio, e o Jornal do Comércio, o de seu “inimigo” Eduardo Nunes Pires, um “velho” (MACHADO, 2001).

Virgílio mudou-se para o Rio de Janeiro em companhia de Gama Rosa (que em Santa Catarina também encerrava sua administração). No Rio de Janeiro, além de professor, Virgílio Várzea foi nomeado para o cargo de Inspetor Escolar do Distrito Federal, o qual ocupou até sua aposentadoria. Na imprensa carioca, colaborou para muitos jornais, por exemplo, “Cidade do Rio” (de José do Patrocínio) e “Correio Mercantil”.

Em carta de 26/11/1890 a Cruz e Sousa, Virgílio lhe conta como passava a vida no Rio de Janeiro como colaborador de alguns periódicos:

[...] Eu estou completamente desanimado, não que a fortuna litteraria para mim me tenha sido adversa pelo contrario, mas porque sei que isto não é um phenomeno geral. Eu e o Oscar, fóra da roda dos Valentins, dos Bousquets, Carneiros (um safado e um burro, que deve morrer quanto antes), etc, somos unicos aqui que ganhamos de litteratura, mais ninguem, o que tem admirado profundamente a todos, inclusive os proprios homens de letras. Quando se diz, em certas rodas, Virgilio Varzea ganha dinheiro na Cidade do Rio, no Paiz, no Novidades, todo o mundo fica estu pidificado. E d’ahi uma inveja e uma guerra surda que ronca por todos os lados con tra mim. O Soares de Souza Junior e o Emmanuel Carreiro, esses incomparaveis leprosos, actualmente muito desacreditados e detestados, por ordinarios, etc, móvem-me uma guerra de morte, e n’ella envolvem tambem o Pernetta. [...]

Entre suas obras publicadas, destacam-se: Traços Azuis (1884); Mares e Campos; Santa Catarina: A Ilha (agraciado em 1900 com o prêmio do IV centenário do Descobrimento do Brasil); Garibaldi na América (traduzida para o

italiano); Histórias Rústicas; Nas Ondas; Contos de Amor; Os Argonautas; Brigue Flibusteiro (obra mais conhecida, editada pela Saraiva); Rose Castle (novela); A Noiva do Paladino (novela).

Na Academia Catarinense de Letras, ocupou a cadeira de número 40. Foi membro do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina e membro da Sociedade Geográfica do Rio de Janeiro.

2.2.3 Oscar Rosas

Oscar Rosas nasceu em Desterro, em 1864. Era mulato, filho de um professor de francês ligado ao Partido Conservador (SOUZA, 2017). Estudou as primeiras letras com o pai e, após realizar o curso complementar no Ateneu Provincial (ALVES, 2009), mudou-se com a família para o Rio de Janeiro, em 1878. Alternou sua vida estudantil com atividades jornalísticas (SOUZA, 2017), colaborando para diversos jornais e também atuando como secretário do jornal Novidades, “onde fez proselitismo simbolista” e chegou a escrever um soneto em parceria com Cruz e Sousa (ALVES, 2008, p. 257). Assim como o colega Cruz e Sousa, aderiu à campanha da Abolição.

Em 1885, Rosas tornou-se funcionário da Sociedade Central de Imigração (SOUZA, 2017), enquanto também se ocupou do jornalismo. Em 1888, já tinha contribuído em diversos jornais do Rio de Janeiro e conhecia muita gente influente, como José do Patrocínio, e escritores já consagrados, como Arthur Azevedo, Medeiros e Albuquerque e Raul Pompéia. Boêmio, frequentava as rodas literárias da rua do Ouvidor e era conhecedor da vida literária carioca (SOUZA, 2017).

Em carta que Oscar Rosas escreve a Cruz e Sousa em 02/07/1889, é possível perceber um pouco da inserção de Oscar no cotidiano artístico da Corte. No trecho a seguir, Oscar Rosas conta que lera um texto de Cruz a Raul Pompeia, quando ambos se encontraram em uma ópera.³¹

³¹ Transcrição e notas de Souza (2017).

[...] Li as Azas perdidas³², onde tu, allém de seres o grande, o genial Cruz e Souza que eu adoro e admiro sobre todos os homens, sobre todas as mulheres e sobre todas as cousas, és perfeitamente para a critica. Guilherme de Azevedo³³ ou Cesario Verde³⁴ não obstante, para mim, teres vencido n'essa poesia a esses dous carroceiros da rima. As Azas perdidas são extraordinarias; deram-me até azas, a mim que as não tenho, e eu voei com ellas!... Recebi do Varzea uma cartinha muito feminil ou outra muito de artista de cottage e de canções da Escossia, onde elle me pede com maxima brevidade a adresse do Eça de Queiroz. Dise-lhe que será rapidamente satisfeito. O Pompeia³⁵ delira; li-lhe o teu artigo no theatro Lyrico, na representação da Aida, essa formossissima partitura de Verdi. [...]

Conforme veremos a seguir, Oscar Rosas convidou Cruz e Sousa para ir viver no Rio de Janeiro, onde havia mais oportunidades de trabalhos para escritores e jornalistas. No trecho a seguir, de uma carta enviada a Cruz e Sousa em 05/10/1889, Rosas conta sobre a intensidade da vida no Rio de Janeiro.

[...] Com velhas e anciosas saudades abro-te os braços atravez da distancia. Que longos dias nos separam já, sem cartas, sem noticias um do outro. Não imaginas como o Rio de Janeiro está agora cheio de intensidade de vida [...] e cortesã. Eu ando aqui n'uma roda viva; os acontecimentos, porque eu obedeço ao meio em que vivo, puxam-me por cordões invisiveis que tenho seguros a mim, e todo eu vibro atravez da burrice humana, que vou logrando com a minha sagacidade de homem pratico. Esta terra está abarrotada de capitaes, de mil idéas de companhias, que promettem lucros fabulosos com pouco dinheiro. Progride a imprensa; ha uma infinidade de jornaes novos, todos luctando brilhantemente pela vida e com editores. Ha convenio governamental sobre a propriedade litteraria; ha empregos para muita gente; ganha-se dinheiro; faz-se bons negocios; estamos na epoca da boa espiga de ouro, como a Colchoaria do Corsario. Eu mesmo sou redactor-chefe de um importante

³² Refere-se a um poema de Cruz e Sousa dedicado a Carlos Jansen Júnior. (Cf. SOUSA, João da Cruz e. Op. cit., 2008, v. 1, p. 287). (SOUSA, 2017)

³³ Guilherme Avelino Chaves de Azevedo (Santarém, Portugal, 30 de novembro de 1839 – Paris, França, 6 de abril de 1882): jornalista e poeta. Autor de Aparições (1867), Radiações da noite (1871), Alma Nova (1874), entre outros. (SOUSA, 2017)

³⁴ José Joaquim Cesário Verde (Lisboa, Portugal, 25 de fevereiro de 1855 – Lisboa, Portugal, 19 de julho de 1886): jornalista e poeta. Teve o seu trabalho publicado postumamente, em O livro de Cesário Verde, de 1887. (SOUSA, 2017)

³⁵ Raul Pompéia (Angra dos Reis, Rio de Janeiro, 12 de abril de 1863 – Rio de Janeiro, 25 de dezembro de 1895): escritor e jornalista. Autor de Uma tragédia no Amazonas (1880), Canções sem metro (1881), O Ateneu (1888), entre outros. (SOUSA, 2017)

jornal sportivo, o primeiro no seu genero, illustrado, que tem merecido grande protecção do publico e cujo sucesso tem espantado a muita gente. [...]³⁶

Quando retornou a Santa Catarina, passou a dirigir o jornal A república. Além disso, assumiu a secretaria do Congresso Representativo do Estado. Rosas retornou ao Rio de Janeiro e retornou novamente a Santa Catarina, onde voltou a dirigir o jornal A república, em 1918. Na ocasião, recebeu orientação política de Hercílio Luz e tornou-se deputado ao Congresso Representativo do Estado à 10^a legislatura, depois, deputado Estadual à 11^a legislatura (1922-1924). Após o falecimento de Hercílio Luz, Rosas retornou ao Rio de Janeiro (PIAZZA, 1994).

2.2.4 José Arthur Boiteux

José Arthur Boiteux nasceu em 1865 em São Sebastião de Tijucas, Santa Catarina, e fez os primeiros estudos em sua cidade natal com um professor particular. Depois, transferiu-se para Desterro, capital do estado, para cursar humanidades. Matriculou-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, a qual cursou até o 2^o ano. Ainda na capital do Império, passou a se dedicar a atividades políticas relacionadas às campanhas abolicionista e republicana (sob a orientação de Justiniano Esteves Júnior) (PIAZZA, 1994).

Em novembro de 1889, após a proclamação da República, voltou a Santa Catarina e foi nomeado oficial de gabinete do então governador Lauro Müller (1889-1890 e 1891), quando organizou a Seção Estatística Comercial do Estado. Foi eleito deputado estadual por Santa Catarina para sucessivas legislaturas e, concomitantemente ao exercício dos mandatos, foi secretário geral do Governo do Estado, de setembro de 1894 a junho de 1896, na administração de Hercílio Luz (1894-1898). Ainda no campo da política, foi eleito deputado federal por Santa Catarina para a legislatura 1900-1902 e transferiu-se para o Rio de Janeiro (então Distrito Federal). Além disso, foi 1^o oficial da Secretaria do Interior e Estatística da Prefeitura do Rio de Janeiro (PIAZZA, 1994).

³⁶ Trecho de carta de Oscar Rosas a Cruz e Sousa, obtido de Souza (2017).

Em 1911, bacharelou-se pela Faculdade Livre de Direito do Rio de Janeiro. Depois, retornou a Santa Catarina e foi, mais uma vez, eleito deputado estadual (1916-1918). Entre os anos 1918 e 1922, no segundo governo Hercílio Luz (1918-1924), ocupou (com pequenas interrupções) o cargo de secretário do Interior e Justiça do Estado. Em julho de 1922, foi nomeado juiz de direito e desembargador do Tribunal de Justiça. Foi também fundador do Instituto Politécnico de Santa Catarina (1917), da Academia Catarinense de Letras (1920) e da Faculdade de Direito de Santa Catarina (1932) (PIAZZA, 1994).

Entre todas essas atividades, José Boiteux dedicou-se também ao magistério, ao jornalismo e à literatura, tendo publicado as seguintes obras: *A imprensa catarinense* (1911); *Arcaz de um barriga-verde* (1933); e *Rui Barbosa* (1930) (PIAZZA, 1994).

Casou-se com Jocelina Jacques Boiteux (filha de Joaquim Martins Jacques e de D. Laurinda de Medeiros Jacques), com quem teve quatro filhos (Henrique Jacques Boiteux, Lucinda, João Jacques Boiteux e Maria Carolina) (PIAZZA, 1994).

Como secretário do interior e Justiça, Boiteux teve relevante papel na questão do Contestado³⁷. No trecho a seguir, de carta enviada de Thiers Flemming³⁸ a José Boiteux em 27/09/1920, é possível perceber a importância das opiniões de Boiteux em questões relativas aos limites estabelecidos após a resolução da Guerra do Contestado.

³⁷A Guerra do Contestado foi um conflito armado ocorrido entre outubro de 1912 e agosto de 1916 entre a população cabocla e os representantes dos poderes estadual e federal brasileiro em uma região disputada pelos estados brasileiros do Paraná e de Santa Catarina.

³⁸Thiers Fleming nasceu em 27 de agosto de 1880, em São Gonçalo de Sapucaí, e faleceu no Rio de Janeiro em 31 de agosto de 1971. Atuou como emissário do presidente da República Wenceslau Braz nas negociações que resolveram, através de acordo, a Questão do Contestado entre Paraná e Santa Catarina. Foi Capitão de Fragata e Engenheiro Naval. Destacou-se durante toda a Primeira República como um interlocutor constante do Governo Federal, do qual sempre fez parte como ocupante de cargos de confiança na estrutura militar. Além disso, foi Chefe do Estado Maior brasileiro, com entidades e representações da sociedade civil relacionadas com a intelectualidade e com o pensamento brasileiro. Escreveu alguns livros e publicou artigos em periódicos especializados na área de Geografia a respeito do tema sobre o qual se dedicou por toda a vida: a questão de limites interestaduais. Publicou, a pedido de Wenceslau Braz, sua principal obra, *Limites Interestaduais* (1917), referência obrigatória para a compreensão da definição das fronteiras internas, configurando-se em verdadeiro inventário detalhado dos pontos utilizados como referência para a formação das unidades federativas. (SANTOS, 2006)

[...] Não estive ainda com o *Senhor Doutor* Carlos Maximiliano, mas disse-me um rio-grandense que << Santa Catharina, que pugnou para que o Paraná respeitasse seus direitos, deve ser coerente...>> Urge agir; em Porto-Alegre? E a nossa conversa sobre a rectificação da fronteira com o Paraná? Rios Jangada e Chapecó?³⁹ O que posso “contar” aos nossos amigos paranaenses que teem conversado commigo? Aguardo sua gentil resposta. Meus respeitos ao *Senhor*. Governador. [...]

Entre as 130 cartas da amostra investigada nesta pesquisa, 26 são endereçadas a José Boiteux por 16 remetentes, entre os quais há sobrinhos, um afilhado, amigos, escritores e políticos. Nenhuma das cartas é escrita por ele.

2.2.5 As relações entre os missivistas

A seguir, buscamos resgatar informações que nos deem pistas sobre as relações entre os interlocutores, ou seja, se trabalhavam juntos, se possuíam relações mais íntimas de amizade, quando se conheceram etc. Esperamos que essas informações possam ser relevantes para a análise sobre as formas de tratamento utilizadas entre eles na escrita das cartas pessoais que são analisadas nesta pesquisa.

2.2.5.1 Oscar Rosas e Cruz e Sousa

Oscar Rosas e Cruz e Sousa nasceram na cidade de Desterro, e ambos frequentaram o Ateneu Provincial de Santa Catarina, onde se conheceram. Cruz era negro, filho de escravizados, e Oscar era mulato, pertencente a uma família de classe média. Após os anos escolares, ambos defenderam a causa abolicionista.

Em 17 setembro de 1887, quando já vivia no Rio de Janeiro, Oscar Rosas escreveu uma carta a Cruz e Sousa convidando-o a ir viver com ele na capital do Império:

³⁹ O Rio Jangada e o Rio Chapecó eram considerados os pontos de partida para o estabelecimento das divisas na questão do Contestado. (ROSSETO, 1986)

[...] Tu não és politico nem vives para a intriga politica, não queres pertencer ao numero de nullos que povoam esse santo solo, o que ahi fazes? Pergunto-te eu agora: - Não te convidará mais morar no Rio de Janeiro (emquanto desempregado na casa de um amigo, que te dará emquanto quizeres e entenderes - casa, comida, roupa lavada e engomada e até dinheiro quando tiver e, quando empregado, aonde te parecer) onde podes encontrar cotação para o teu talento brilhantissimo?

Na minha casa terás do que eu tiver quanto a conforto e tratamento. Eu n'ella sou o rei absoluto e despotico, aqui não terás de que corar nem quem te interrogue com olhares expulsadores e sovinos. Della sahirás no dia que entenderes, dentro de um mez ou de 20 annos, sem que me sejas pesado nem me incomodes. Eu mesmo te ajudarei a procurar emprego, para que teus brios de homem não soffram.

Já ves que o unico movel desta carta é convidar-te para morar commigo n'este centro de actividade e labor. Quando estiveres doente dar-te-hei o que puder e o que a mim faria te farei. Se morreres mandar-te-hei enterrar.

[...] Que mais queres? Vem depressa, mas antes previne-me telegraphicamente, dirigindo essa communicacão à rua do General Camara como já te disse [...]⁴⁰

Na ocasião, Cruz e Sousa não dispunha de recursos para a viagem, e diante de seu silêncio, Rosas insiste no convite, como se lê em trecho de uma carta de 5 de abril de 1888:

[...] Vens ou não vens?

Queres sahir da cacimba infecta, onde cantavas como um sapo artista a luz do sol tropical e amoroso, ou queres ficar, visguento e limoso, enterrado na sua lama até os cabellos?

Palavra, sonhador, que eu não te entendo? [...]⁴¹

Diante das dificuldades financeiras pelas quais passava na cidade de Desterro, Cruz e Sousa escreve a Germano Wendhausen, então deputado à Assembleia Legislativa Provincial, líder abolicionista e figura conhecida no Partido Liberal, solicitando recursos para que pudesse viajar ao Rio de Janeiro. Conseguiu, então, partir, em 29 de maio de 1888, a bordo do vapor Aymoré (SOUZA, 2017).

⁴⁰ Trecho de carta de Oscar Rosas a Cruz e Sousa, cuja transcrição foi obtida na tese de Souza (2017).

⁴¹ Trecho de carta de Oscar Rosas a Cruz e Sousa, cuja transcrição foi obtida na tese de Souza (2017).

Oscar Rosas, então, frequentador das rodas literárias e conhecido de muitos escritores e jornalistas, levou Cruz e Sousa a diversas redações e a pontos onde se reuniam poetas e jornalistas. Um dos escritores aos quais Oscar colocou Cruz em contato, por meio do envio de uma carta, foi Artur Azevedo, irmão do romancista Aluisio Azevedo (ALVES, 2008):

Cruz e Sousa é um negro, mas tem um ninho de auroras amanhecendo eternamente do seu espírito [...]. É uma justiça dedicar-lhe meia dúzia de linhas e espantar o mundo fluminense com a irradiação daquela inteligência extraordinária. [...] na verdade as suas qualidades de homem e talento superiores me obrigam a fazer-lhe justiça, como tu farias a Eça de Queiroz, se ele anonimamente te aparecesse.⁴²

Artur Azevedo atendeu ao pedido de Oscar Rosas. Escrevia com o pseudônimo de Elói em uma coluna no jornal *Novidades* e costumava apoiar e divulgar novos poetas ou prosadores, como fez com Olavo Bilac, enquanto este ainda era desconhecido. Assim, dez dias depois do recebimento da carta de Oscar Rosas, Artur Azevedo publicou, em 15 de junho, um soneto de Cruz e Sousa, *Doente*, que anteriormente fora divulgado no *Jornal do Commercio*, de Desterro (ALVES, 2008).

A adesão de Cruz ao Simbolismo ocorreu entre os anos de 1890 e 1892 (antes era identificado com os modelos Romântico e Parnasiano), quando integrou o grupo que lançou os manifestos iniciais do Simbolismo no Brasil. Oscar Rosas também integrou esse grupo, além de outros escritores como Emiliano Pernetta e Bernardino Lopes (MURICY, 1987 apud SOUZA, 2017).

A passagem de Cruz e Sousa pelo Rio de Janeiro durou pouco tempo. Após a abolição da escravatura, os jornais abolicionistas perderam suas funções, e muitos jornalistas foram dispensados. Além disso, as chances de Cruz e Sousa prosperar na capital do Império pareciam pequenas, uma vez que a cidade estava repleta de talentos, como Machado de Assis, Raul Pompéia, Olavo Bilac, Aluisio Azevedo, entre tantos outros (ALVES, 2009).

⁴² Carta de Oscar Rosas a Artur Azevedo, de 5 de junho de 1888, disponível no Arquivo-Museu da Fundação Casa de Rui Barbosa (ALVES, 2009).

Entre junho e agosto de 1888, Cruz colaborou com poemas no jornal *Novidades*, no jornal *Cidade do Rio* e na *Gazeta de Notícias*, e com mais alguns textos em prosa. Entre esses textos, publicou o soneto *Acrobata da Dor*, dedicado ao amigo Oscar Rosas, em 12 de junho no jornal *Cidade do Rio* (ALVES, 2009).

Após oito meses vivendo na casa de Oscar Rosas, os amigos se desentenderam, por diferenças de personalidade: enquanto Cruz e Sousa era tímido, retraído e “sem vícios”, Rosas era provocador, apreciava bebida, charutos, gostava de estar nas ruas e de jogar no Derby Club. Além disso, outras pessoas também viviam na casa de Oscar Rosas: sua sogra, dois filhos, a esposa, uma agregada e, provavelmente, o pai, a madrasta e uma tia (ALVES, 2009, p. 187).

Durante esses 8 meses no Rio de Janeiro, Cruz e Sousa permanecia sem dinheiro nem emprego, e sua estadia na casa do amigo começava a lhe parecer insuportável, até que, após presenciar uma violenta discussão de Rosas com sua esposa, Cruz retornou a Desterro, e em 21 de março de 1889 estava de volta à terra natal (SOUZA, 2017).

Oscar Rosas escreve novamente a Cruz e Sousa em 22 de maio de 1889, dois meses após a partida do amigo, reclamando de saudades, dizendo-se abandonado e reclamando da cidade do Rio de Janeiro:

[...] Ah! para que te foste!... Para que me abandonaste n'esta Babel sordida de portugueses e de burros! Não imaginas, meu querido irmão, quanta dor, nojo, tédio e asco eu tenho por tudo isto: homens canalhas, burros, infames, ladrões, assassinos, saltimbancos, guayamuns, Damaso Salcede, Conselheiro Accacio, lesma, visgo, limo, peçonha, pixe; [...] ⁴³

Muitas cartas escritas por Cruz e Sousa se perderam ou não estão disponíveis nos arquivos públicos. Mas há registros de cartas escritas a ele por Oscar Rosas até, pelo menos, 20 de março de 1890. Entre cartas da amostra investigada, 14 são enviadas de Oscar Rosas a Cruz e Sousa.

⁴³ Trecho de carta de Oscar Rosas a Cruz e Sousa, cuja transcrição foi obtida na tese de Souza (2017).

2.2.5.2 Virgílio Várzea e Cruz e Sousa

Não há muita certeza de quando Virgílio Várzea e Cruz e Sousa se conheceram. O relacionamento entre os dois pode ter ocorrido em datas como 1873 ou 1876. Ao escrever sobre o período de formação escolar de Virgílio Várzea, seu filho mais velho, Affonso Várzea, registra a data de 1873:

Foi, porém, na escola primária do professor José Ramos da Silva Júnior, à praça Brigadeiro Fagundes, esquina da rua do Senado, que ele (Cruz e Sousa) e Virgílio Várzea se tornaram amigos, mal passados os 11 anos do simbolista, em 1873. (ALVES, 2008, p. 32)

Porém, segundo Alves (2008), essa informação não coincide com a do próprio Virgílio Várzea, que “em uma página de memória conta que conheceu o poeta em 1876, na celebração do aniversário de ‘um dos teatrinhos de rapazes, que existia naquela época’” (p. 33).

Parece, entretanto, que ambos se conhecem desde a infância. Em 1907, Virgílio Várzea escreve para o jornal *Correio da Manhã* um artigo que passou a ser referência usada por estudiosos e biógrafos de Cruz, com informações também sobre o pai e a mãe de Cruz e Sousa, o que pode confirmar a hipótese de que se conheciam desde muito jovens:

De um talhe espiégle e elegante, muito preocupado com a sua pessoa, Cruz, como os pais – o velho preto Guilherme, mestre pedreiro, e a preta Carolina, de uma atividade incessante e prodigiosa – não precisassem do seu auxílio para viver, gastava tudo o que ganhava nas lições particulares que tinha, em trajes variados, finos e bem feitos, pelo que andava sempre muito asseado e bem vestido, despertando ainda, por esse lado, maiores odiosidades e invejas.⁴⁴

Durante a década de 1880, jovens escritores de Desterro, entre eles Cruz e Sousa, Virgílio Várzea, Araújo Figueiredo e Santos Lostada, participaram da redação do jornal *A Tribuna Popular*, periódico bissemanal de orientação liberal e abolicionista fundado em 1885 por José Joaquim Lopes

⁴⁴ VÁRZEA, Virgílio. Impressões da Província. *Correio da Manhã*, 10 de abril de 1907. (ALVES, 2009, p. 28)

Júnior. Após a instauração da República, foi por meio desse jornal que esses intelectuais, que compunham a chamada “Guerrilha Literária Catarinense” se posicionavam politicamente (SOUZA, 2017, p. 94).

Virgílio Várzea e Cruz e Sousa também foram colegas no jornal *O Moleque*, cuja redação Cruz e Sousa assumiu em maio de 1885, quando voltou de uma de suas viagens com a Companhia Teatral de Julieta dos Santos. Cruz e Várzea também editaram o jornal manuscrito *Colombo*, e depois *A Tribuna Popular* (transformado em porta-voz abolicionista). Além disso, publicaram juntos o livro de contos e crônicas *Tropos e Fantasias* (1885) (ALVES, 2008).

Entre as cartas da amostra investigada, 18 são escritas por Virgílio Várzea a Cruz e Sousa, entre os anos 1886 e 1892, e uma por Cruz e Sousa a Virgílio Várzea, em janeiro de 1889.

2.2.5.3 Virgílio Várzea e José Boiteux

Em 1881, Virgílio Várzea e José Boiteux foram ambos colaboradores do jornal *Colombo*, impresso e redigido por Virgílio Várzea, José Boiteux, Cruz e Sousa e Santos Lostada, chefe do grupo. Virgílio Várzea foi patrono na Academia catarinense de Letras, fundada por José Boiteux em 1920.

Entre as cartas que compõem nossa amostra, três são escritas por Virgílio Várzea a José Boiteux, nos anos 1914, 1915 e 1918.

A seguir, descrevemos a amostra das cartas pessoais investigadas neste trabalho.

2.3 A AMOSTRA

Nesta seção, apresentamos o conjunto de cartas que analisamos nesta pesquisa, obtidas no âmbito do Projeto PHPB-SC. Para isso, apresentamos brevemente o projeto, seus objetivos e a metodologia de coleta e transcrição das missivas. Em seguida, definimos o conjunto de cartas com o qual trabalhamos: a quantidade de cartas e o período em que foram escritas.

2.3.1 O PHPB-SC

A amostra utilizada nesta pesquisa faz parte do banco de dados do projeto PHPB-SC, que por sua vez faz parte do projeto nacional *Para a História do Português Brasileiro* (PHPB).

A metodologia desse projeto nacional propõe o levantamento e a catalogação de fontes específicas, representativas do português escrito ao longo dos séculos, oriundas de pesquisas em arquivos históricos do Brasil. Assim, além de um levantamento bibliográfico acerca da realidade sócio-histórica de Santa Catarina, o PHPB-SC tem levantado informações sobre os diferentes períodos de formação do estado, possibilitando estudos a respeito de aspectos linguísticos e sociais que possam caracterizar o processo de formação do português brasileiro no curso dos séculos.

O PHPB-SC tem o objetivo de descrever aspectos da realidade sócio-histórica e fenômenos de variação / mudança linguística dos últimos dois séculos do português de quatro localidades de Santa Catarina: Florianópolis, Lages, Blumenau e Chapecó.

Para esta pesquisa, são selecionadas cartas pessoais escritas, preferencialmente, por informantes nascidos na Grande Florianópolis⁴⁵ na segunda metade do século XIX para investigar como a forma *você* se implementa na escrita de florianopolitanos no fim do século XIX e início do século XX.

As cartas utilizadas neste trabalho foram coletadas no âmbito do projeto PHPB-SC nos seguintes arquivos: Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina (IHGSC), Fundação Casa Rui Barbosa (FCRB) e Arquivo Público Nacional do Rio de Janeiro (AN).

No IHGSC, localizado no centro de Florianópolis, as cartas enviadas a José Artur Boiteux foram obtidas por meio digital por membros do PHPB-SC em visita ao local. Na Fundação Casa Rui Barbosa, que possui um grande

⁴⁵ No período em que os missivistas nasceram, a cidade chamava-se Desterro. Após 1894, passou a se chamar Florianópolis.

acervo *on-line*⁴⁶, foi obtida, por meio da internet, parte da correspondência ativa e passiva de Cruz e Sousa. Já a correspondência de Virgílio Várzea com seu filho Paulo foi coletada, pessoalmente, por meio de fotografia dos documentos originais, no Arquivo Público Nacional do Rio de Janeiro, entre agosto e setembro de 2017, durante estágio de pós-doutorado da orientadora desta pesquisa, professora Dra. Izete Lehmkhul Coelho.

Após essas coletas, realizaram-se as transcrições das cartas. Colaboraram nessa etapa os integrantes do PHPB-SC (estudantes de mestrado e doutorado, professores e pós-doutores) e, como voluntários, alguns estudantes de graduação do curso de Letras Língua Portuguesa e Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)⁴⁷.

As transcrições obedecem à metodologia proposta pelo Projeto: realiza-se uma edição semi-diplomática e organizam-se, lado a lado, a imagem de cada página das cartas e suas transcrições, conforme Figura 3. Esse material fica, em meio digital, disponível para pesquisadores na sala 409 do Projeto Varsul, no Centro de Comunicação e Expressão da UFSC.

⁴⁶ O Arquivo Cruz e Sousa, organizado pela Fundação Casa de Rui Barbosa, encontra-se disponível em:

<<http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=FCRBCruzSousa&PagFis=2420>>.

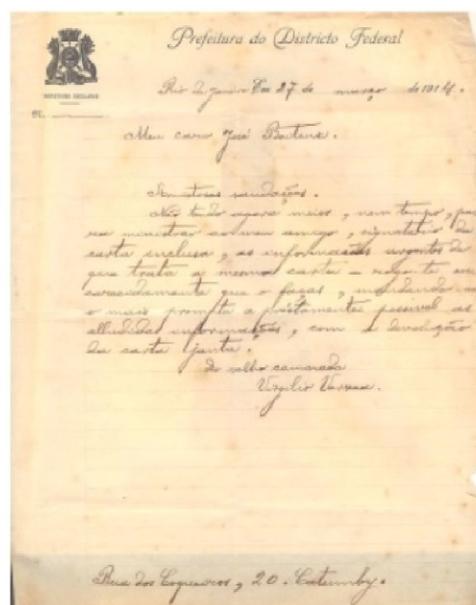
Acesso em: 22 abr. 2019.

⁴⁷ O *corpus* do PHPB-SC está ainda em fase de transcrição e edição dos documentos coletados. Na fase atual, estamos editando as cartas pessoais do grupo de José Boiteux.

Figura 3: Exemplo de carta de Virgílio Várzea a José Boiteux, de 27/3/1914, após transcrição e edição segundo as normas do PHPB-SC

Carta de Virgílio Varzea para José Boiteaux
 Localização: Florianópolis
 Tipo: Carta pessoal
 Data: 27/3/1914
 Coletado por: VARSUL
 Transcrição: Helena A. Gouveia
 Revisão: Helena A. Gouveia e Isabel Monguilhott

[fol. 1r]¹ Rio de Janeiro. Em 27 de março de 1914². || Meu caro José Boiteux. || Amigosas saudações. || Não tendo agora meios, nem tempo, para ministrar ao meu amigo, signatario da carta inclusa, as informações urgentes de que trata a mesma carta – rogo-te en- | carecidamente que o faças, mandando-me | o mais prompta e préstamente possível as | alludidas informações, com a devolução | da carta junta. || Do velho camarada || Virgilio Varzea. || Rua dos Coqueiros, 20. Catumby.



¹ Timbrado na margem superior esquerda, Brasão: "INSPECTORES ESCOLARES".

Timbrado na margem superior, centralizado: "Prefeitura do Distrito Federal"

² Timbrado: "Em", "de", "de 19".

Além disso, nesta pesquisa também utilizamos transcrições de cartas recebidas e enviadas por Cruz e Sousa, realizadas por Luiz Alberto de Souza

em sua tese⁴⁸, apresentada em 2017 ao Programa de Pós-Graduação em História da UFSC. Nessa pesquisa, o autor analisa aspectos da trajetória do escritor simbolista Cruz e Sousa e de outros intelectuais identificados com a mesma “formação cultural”. Seu trabalho está dividido em duas partes: na primeira, problematiza diferentes dimensões da conjuntura vivida por esses escritores entre o fim da década de 1880 e início da de 1890, fundamentado em textos memorialísticos, jornalísticos e literários; na segunda parte, o autor apresenta a transcrição anotada e comentada da correspondência ativa e passiva de Cruz e Sousa. Desse trabalho, selecionamos transcrições de cartas escritas por Cruz e Sousa a diversos interlocutores e recebidas por ele de missivistas florianopolitanos.

As imagens de algumas dessas cartas estão disponíveis na Fundação Casa de Rui Barbosa, uma das fontes pesquisadas por Souza (2017) e por nós. Com isso, pudemos apresentar algumas transcrições realizadas por Souza (2017) juntamente com a imagem das respectivas cartas, em conformidade com a metodologia do PHPB-SC mencionada anteriormente. Em outros casos, apresentamos apenas a transcrição realizada pelo referido pesquisador. Quando encontramos missivas transcritas por Souza (2017) e que também já haviam sido coletadas e transcritas no âmbito do PHPB-SC, realizamos o cotejamento dessas transcrições.

2.3.2 A seleção das cartas

Para esta pesquisa, reunimos um total de 130 cartas de fontes diversas, conforme descrito na seção anterior. A seleção das cartas utilizadas neste trabalho teve como critério, primeiramente, o local e a data de nascimento dos remetentes. Eram desejáveis missivistas nascidos em Florianópolis (Desterro) na segunda metade do século XIX, para que pudéssemos investigar o uso das formas de tratamento em cartas pessoais escritas em fins do século XIX e início do século XX.

⁴⁸ SOUZA, L. A. Os desclassificados do destino: Cruz e Sousa e os primeiros simbolistas (Rio de Janeiro, 1888-1898). 2017. 546 f. Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2017.

Contudo, no conjunto de cartas endereçadas a José Boiteux, há cartas de missivistas que não são nascidos em Desterro, mas em localidades da região litorânea próxima a Desterro, por isso optamos por manter essas cartas em nosso *corpus*. Além disso, há a carta de um missivista de quem não conseguimos recuperar a biografia. Mas no texto da carta é possível inferir que se trata de um catarinense e que se identifica com Florianópolis ou com determinadas famílias florianopolitanas. Na seção 3.5, sobre o uso do pronome *você* em nossa amostra, veremos que essa carta se destaca do restante do *corpus*. Reunimos transcrições de 130 cartas da amostra descrita. No quadro 1, listamos remetente, destinatário e datas dessas cartas.

Quadro 1: Listagem de cartas de florianopolitanos escritas entre 1883 e 1941 disponíveis no banco de dados do PHPB-SC

Carta 1: de Oscar Rosas a Cruz e Sousa, 30/11/1883

Carta 2: de Virgílio Várzea a Cruz e Sousa, 17/09/1886

Carta 3: de Oscar Rosas a Cruz e Sousa, 17/09/1887

Carta 4: de Oscar Rosas a Cruz e Sousa, 12/10/1887

Carta 5: de Oscar Rosas a Cruz e Sousa, 10/02/1888

Carta 6: de Cruz e Sousa a Germano Wendhausen,
02/04/1888

Carta 7: de Oscar Rosas a Cruz e Sousa, 05/04/1888

Carta 8: de Virgílio Várzea a Cruz e Sousa, 16/06/1888

Carta 9: de Cruz e Sousa a Germano Wendhausen,
?/06/1888

Carta 10: de Araújo Figueiredo a Cruz e Sousa, 14/07/1888

Carta 11: de Araújo Figueiredo a Cruz e Sousa, 23/09/1888

Carta 12: de Virgílio Várzea a Cruz e Sousa, 24/09/1888

Carta 13: de Virgílio Várzea a Cruz e Sousa, 03/11/1888

Carta 14: de Virgílio Várzea a Cruz e Sousa, 10/11/1888

Carta 15: de Araújo Figueiredo a Cruz e Sousa, 11/12/1888

Carta 16: de Virgílio Várzea a Cruz e Sousa, 03/01/1889

Carta 17: de Cruz e Sousa a Virgílio Várzea, 08/01/1889

Carta 18: de Virgílio Várzea a Cruz e Sousa, 13/01/1889

Carta 19: de Virgílio Várzea a Cruz e Sousa, 14/01/1889

Carta 20: de Virgílio Várzea a Cruz e Sousa, 11/02/1889

Carta 21: de Virgílio Várzea a Cruz e Sousa, 05/03/1889

Carta 22: de Virgílio Várzea a Cruz e Sousa, sem data

Carta 23: de Oscar Rosas a Cruz e Sousa, 23/03/1889

Carta 24: de Oscar Rosas a Cruz e Sousa, 23/04/1889

Carta 25: de Oscar Rosas a Cruz e Sousa, 22/05/1889

Carta 26: de Oscar Rosas a Cruz e Sousa, 02/07/1889

Carta 27: de Oscar Rosas a Cruz e Sousa, 05/10/1889

Carta 28: de Oscar Rosas a Cruz e Sousa, 23/12/1889

Carta 29: de Carolina da Conceição para Cruz, 06/01/1890

Carta 30: de Oscar Rosas a Cruz e Sousa, 18/01/1890

Carta 31: de Oscar Rosas a Cruz e Sousa, 11/03/1890

Carta 32: de Araújo Figueiredo a Cruz e Sousa, 15/03/1890

Carta 33: de Oscar Rosas a Cruz e Sousa, 20/03/1890

Carta 34: de Cruz e Sousa a Araújo Figueiredo, 02/04/1890

Carta 35: de Virgílio Várzea a Cruz e Sousa, 04/09/1890

Carta 36: de Virgílio Várzea a Cruz e Sousa, 28/10/1890

Carta 37: de Virgílio Várzea a Cruz e Sousa, 26/11/1890

Carta 38: de Antero de Assis a José Boiteux, 10/12/1890

Carta 39: de Carolina da Conceição a Cruz e Sousa,
25/01/1891

Carta 40: de Carolina da Conceição a Cruz e Sousa,
01/03/1891

Carta 41: de Carolina da Conceição a Cruz e Sousa,
19/04/1891

Carta 42: de Carolina da Conceição a Cruz e Sousa,
03/07/1891

Carta 43: de Guilherme Souza a Cruz e Sousa, 27/08/1891

Carta 44: de Guilherme Souza a Cruz e Sousa, 20/11/1891

Carta 45: de Guilherme Souza a Cruz e Sousa, 28/01/1892

Carta 46: de Guilherme Souza a Cruz e Sousa, 27/03/1892

Carta 47: de Cruz e Sousa a Gavita, 31/03/1892

Carta 48: de Guilherme Souza a Cruz e Sousa, 05/06/1892

Carta 49: de Guilherme Souza a Cruz e Sousa, 02/07/1892

Carta 50: de Araújo Figueiredo a Cruz e Sousa, 13/07/1892

Carta 51: de Virgílio Várzea a Cruz e Sousa, 25/07/1892

Carta 52: de Araújo Figueiredo a Cruz e Sousa, 26/07/1892

Carta 53: de Araújo Figueiredo a Cruz e Sousa, 30/07/1892

Carta 54: de Virgílio Várzea a Cruz e Sousa, 30/08/1892

Carta 55: de Guilherme Souza a Cruz e Sousa, 04/09/1892

Carta 56: de Cruz e Sousa a Araújo de Figueiredo,
05/09/1892

Carta 57: de Araújo Figueiredo a Cruz e Sousa, 09/09/1892

Carta 58: de Cruz e Sousa a Gavita, 20/09/1892

Carta 59: de Araújo Figueiredo a Cruz e Sousa, 10/1892

Carta 60: de Guilherme Souza a Cruz e Sousa, 23/10/1892

Carta 61: de Cruz e Sousa a Gavita, 17/11/1892

Carta 62: de Cruz e Sousa a Gavita, 14/12/1892

Carta 63: de Araújo Figueiredo a Cruz e Sousa, 21/12/1892

Carta 64: de Guilherme Souza a Cruz e Sousa, 22/12/1892

Carta 65: de Araújo Figueiredo a Cruz e Sousa, 04/03/1893

Carta 66: de Guilherme Souza a Cruz e Sousa, 12/04/1893

Carta 67: de Guilherme Souza a Cruz e Sousa, 24/04 1893

Carta 68: de Guilherme Sousa a Cruz e Sousa, 02/06/1893

Carta 69: de Guilherme Sousa a Cruz e Sousa, 14/06/1893

Carta 70: de Guilherme Sousa a Cruz e Sousa, 08/08/1893

Carta 71: de Cruz e Sousa a Luís Delfino, 19/11/1893

Carta 72: de Cruz e Sousa a Gonzaga Duque, 11/04/1894

Carta 73: de Guilherme Souza a Cruz e Sousa, 15/08/1894

Carta 74: de Guilherme Souza a Cruz e Sousa, 24/10/1894

Carta 75: de Cruz e Sousa a Nestor Vitor, 16/12/1894

Carta 76: de Guilherme Souza a Cruz e Sousa, 7/04/1895

Carta 77: de Guilherme Souza a Cruz e Sousa, 29/07/1895

Carta 78: de Araújo Figueiredo a Cruz e Sousa, 05/08/1895

Carta 79: de Guilherme Souza a Cruz e Sousa, 01/09/1895

Carta 80: de Cruz e Sousa a Nestor Vitor, 18/03/1896

Carta 81: de Cruz e Sousa a Alberto Costa, 08/05/1896

Carta 82: de Cruz e Sousa a Nestor Vitor, 02/06/1896

Carta 83: de Cruz e Sousa a Araújo Figueiredo, 08/01/1897

Carta 84: de Araújo Figueiredo a Cruz e Sousa, 06/04/1897

Carta 85: de Araújo Figueiredo a Cruz e Sousa, 23/04/1897

Carta 86: de Araújo Figueiredo a Cruz e Sousa, 03/05/1897

Carta 87: de Araújo Figueiredo a Cruz e Sousa, 10/06/1897

Carta 88: de Araújo Figueiredo a Cruz e Sousa, 26/09/1897

Carta 89: de Araújo Figueiredo a Cruz e Sousa, 28/10/1897

Carta 90: de Araújo Figueiredo a Cruz e Sousa, 17/12/1897

Carta 91: de Cruz e Sousa a Nestor Vitor, 27/12/1897

Carta 92: de Cruz e Sousa a Araújo Figueiredo, jan./1898

Carta 936: de Cruz e Sousa a Nestor Vitor, 07/01/1898

Carta 94: de Cruz e Sousa a Nestor Vitor, 18/01/1898

Carta 95: de Cruz e Sousa a Nestor Vitor, 27/01/1898

Carta 96: de Cruz e Sousa a Nestor Vitor, 17/03/1898

Carta 97: de Padre G. a José Boiteux, 05/08/1902

Carta 98: de Virgílio Várzea a José Boiteaux, 27/3/1914

Carta 99: de Virgílio Várzea a José Boiteaux, 10/11/1915

Carta 100: de Virgílio Várzea a José Boiteaux, 12/10/1918

Carta 101: de Ulysses Costa a José Boiteux, 12/08/1921

Carta 102: de Alcebiades Seára a José Boiteux, 7/4/1927

Carta 103: de Victor Konder a José Boiteux, 20/05/1927

Carta 104: de Bispo de Fpolis a José Boiteux, 18/06/1929

Carta 105: de Victor Konder a José Boiteux, 16/07/1929

Carta 106: de Ulisses Costa a José Boiteux, 14/10/1929

Carta 107: de Victor Konder a José Boiteux, 28/10/1929

Carta 108: de Victor Konder a José Boiteux, 18/11/1929

Carta 109: de Victor Konder a José Boiteux, 30/11/1929

Carta 110: de Victor Konder a José Boiteux, 12/12/1929

Carta 111: de Ziperer a José Boiteux, 15/01/1930

Carta 112: de Victor Konder a José Boiteux, 12/02/1930

Carta 113: de Victor Konder a José Boiteux, 12/03/1930

Carta 114: de Virgílio Várzea a Paulo, 21/01/1931

Carta 115: de Tito Carvalho a José Boiteux, 18/3/1931

Carta 116: de Carlos França a José Boiteux, 07/05/1931

Carta 117: de E. Farias a José Boiteux, 20/06/1931

Carta 118: de Ulisses Costa a José Boiteux, 02/09/1931

Carta 119: de Virgílio Várzea a Paulo, 07/01/1932

Carta 120: de Julieta a José Boiteux, 19/01/1932

Carta 121: de Virgílio Várzea a Paulo, 30/03/1932

Carta 122: de Odilon Gallotti a José Boiteux, 25/04/1932

Carta 123: de E. Pellizzetti a José Boiteux, 19/05/1932

Carta 124: de José a José Boiteux, 24/10/1932

Carta 125: de José a José Boiteux, 19/11/1932

Carta 126: de Benjamim a José Boiteux, 10/12/1932

Carta 127: de Vidal Ramos a José Boiteux, 02/04/1933

Carta 128: de Virgílio Várzea a Paulo, 18/07/1935

Carta 129: de Virgílio Várzea a Paulo, 30/09/1935

Carta 130: de Virgílio Várzea a Paulo, 29/03/1941

As díades estabelecidas em nossa amostra são as seguintes:

- Araújo Figueiredo – Cruz e Sousa (19 cartas)
- Oscar – Cruz e Sousa (14 cartas)
- Guilherme Sousa – Cruz e Sousa (19 cartas)
- Virgílio Várzea – Cruz e Sousa (16 cartas)
- Diversos – José Boiteux (26 cartas)
- Cruz e Sousa – Gavita (4 cartas)
- Virgílio Várzea – Paulo (6 cartas)
- Carolina da Conceição – Cruz e Sousa (5 cartas)
- Cruz e Sousa – Araújo Figueiredo (4 cartas)
- Cruz e Sousa – Nestor Vítor (8 cartas)
- Cruz e Sousa – Germano Wendhausen (2 cartas)
- Cruz e Sousa – Virgílio Várzea (1 carta)
- Cruz e Sousa – Luís Delfino (1 carta)
- Cruz e Sousa – Gonzaga Duque (1 carta)
- Virgílio Várzea – José Boiteux (3 cartas)
- Cruz e Sousa – Alberto Costa (1 carta)

Na próxima seção, apresentamos o envelope de variação desta investigação, com a variável dependente, as variáveis linguísticas e extralinguísticas e nossas hipóteses de trabalho.

2.4 VARIÁVEIS DEPENDENTE E INDEPENDENTES

Nesta seção, apresentamos nossa variável dependente e exemplos das variantes em trechos das cartas que compõem nosso *corpus*. Além disso, apresentamos os 10 grupos de fatores que pretendemos observar, cinco linguísticos e cinco extralinguísticos. Para cada grupo de fatores, apresentamos hipóteses com base em resultados de trabalhos anteriores.

2.4.1 As variáveis

Estabelecemos como variável dependente as formas de tratamento ao interlocutor. Disputam para a expressão dessa variável dois fatores, ou duas variantes abstratas: formas associadas a *tu* e formas associadas a *você*, as quais são investigadas em 130 cartas pessoais escritas por florianopolitanos entre os anos 1883 e 1941. Nesta pesquisa, sujeitos expressos por *tu*, ou nulos com verbo com ou sem concordância com *tu*, complementos *te*, *a ti*, *contigo* etc., possessivo *teu / tua* e imperativo indicativo são formas relacionadas a *tu*; por sua vez, os sujeitos expressos por *você* ou por formas nominais, ou nulos associados a verbos com flexão de terceira pessoa do singular, complementos *o*, *lhe*, *ao senhor* etc., possessivo *seu / sua* e imperativos subjuntivos são formas relacionadas a *você*.

Nos fragmentos 12 a 14, apresentados a seguir, destacam-se em negrito as formas que, ao longo desta pesquisa, foram categorizadas como formas relacionadas a *tu*; nos fragmentos 15 a 17, destacam-se em negrito as formas categorizadas como relacionadas a *você*.

Formas relacionadas a *tu*

- (12) *Tem o bello, o encantador Hora= cio, o que **0** ficas ahi fazendo, meu incom=paravel amigo? Nada. **0** Precisas de nós como precisamos **de ti**. (Carta de A.F. para Cruz e Sousa, outubro de 1872.)*
- (13) *Anda, **abraça** os **teus** velhos e não **olhes** para traz, porque [inint.] **tu** nunca poderás viver bem. (Carta de A.F. para Cruz e Sousa, em outubro de 1892.)*
- (14) *Quiz responder-**te** de prompto, mas o não fiz por ignorar o **teu** endereço. **Des- culpa-me** com a **tua** característica fidal- guia e do mesmo modo a falta de **te** não haver contestado, por carta, as felicitações daquelle telegramma (Carta de Virgilio Varzea a José Boiteaux, 10/11/1915)*

Formas relacionadas a *você*

- (15) *Como **voçê** poderá verificar na leitura dos diarios desta capital, essa ameaça cruel con- tinua a pairar sobre essa pobre velhinha. (Carta de E. F⁴⁹. a José Boiteux, em 20/06/1931.)*
- (16) *Envio-lhe o escudo de Joinville. Como **0** vê, ficou magnifico. Mandei tambem uma copia ao Senhor Taunnay. Rogo **0** mostrar ao Alfredo. (Carta de U. C. a José Boiteux, em 14/10/1929.)*
- (17) *Antes de tudo, formulo votos que **0** tenha feito boa viagem como os de grata estada nessa metropole, Incluo tambem os defeliz regresso a Penâtes. Sobre o assumpto que constituiu o objecto principal de nossa ultima palestra , peço a **meu prezado amigo** dispensar-me, tendo por boas as razões que alleguei: mesmo por considerar as do meu amigo prova exclusiva de **sua** grande bondade. Como quer que seja,é esse o assumpto sobre que ainda poderemos fallar. Augurando-**lhe** felicidades sirvo-me do grato ensejo para re- afirmar-me 18/06/1929*

Para verificar os contextos que favorecem cada uma das variantes, selecionamos 10 grupos de fatores que pretendemos observar, sendo cinco linguísticos e cinco extralinguísticos: forma de realização do sujeito, preenchimento do sujeito (sujeito expresso ou nulo); formas pronominais de complementos verbais (acusativo, dativo e oblíquo); formas de pronomes possessivos; formas verbais de imperativo; período; missivista; tipo de relação entre interlocutores; díade remetente / destinatário; e temática do trecho analisado na carta. A seguir, descrevemos essas variáveis.

⁴⁹ Remetente desconhecido (não foi possível recuperar sua biografia.)

2.4.1.1 Forma de realização do sujeito

Nosso objetivo principal é verificar quais eram as formas de tratamento utilizadas por missivistas florianopolitanos entre o fim do século XIX e início do século XX. Ramos (1989), ao trabalhar com amostra de dados oriundos de falantes florianopolitanos no final da década de 1980, verificou que em Florianópolis é possível considerar que o sistema de tratamento seja quaternário, ou seja, que se dê a partir de quatro formas de tratamento: *tu*, *você*, *senhor(a)* e *zero*. A partir dessa consideração, para analisar as formas de tratamento utilizadas na escrita de florianopolitanos, controlamos os fatores: sujeito *tu*, sujeito *você*, sujeito expresso por formas nominais e sujeito *zero*.

A seguir, destacamos alguns fragmentos de cartas que exemplificam essas quatro formas de realização do sujeito.

- **sujeito *tu***

Controlamos como sujeito *tu* tanto as ocorrências desse pronome de forma expressa (fragmento 18) quanto as ocorrências em que ele se evidencia apenas pela flexão verbal, conforme fragmento 19:

(18) *Pois é ella, aquella menina que tu conheceste na tenrice <↑ineffavel> dos primeiros dias (carta de Virgílio Várzea a Cruz e Sousa, em 24/09/1888)*

(19) *O que 0 fazes? o que 0 projectas? o que 0 tens em idéa? (carta de Virgílio Várzea a Cruz e Sousa, em 03/01/1889)*

Ramos (1989)⁵⁰ constatou diferentes variações apresentadas pelo pronome *tu* no dialeto florianopolitano do final da década de 1990: ora ocorrendo com verbo flexionado (4%), ora sem a flexão (6%), com verbo em terceira pessoa e, na maioria das vezes, referido apenas na flexão verbal (10%). Ao longo deste trabalho, essas variações no uso da forma *tu* são

⁵⁰ Nessa investigação, a autora encontrou 40% dos sujeitos na forma zero, 31% na forma *você* e 9% na forma *o senhor*. O uso de *tu* como sujeito corresponde a 20% das ocorrências, entre as quais: 10% referem-se ao uso apenas da flexão verbal; 4% ao uso do pronome mais verbo flexionado e 6% ao uso do pronome nulo com verbo sem flexão.

denominadas de: uso de *tu*, uso de *tu* nulo sem flexão e uso de *tu* nulo com flexão⁵¹.

- **sujeito zero**

Controlamos como sujeito *zero* as ocorrências de sujeito em que se verifica “a ausência de qualquer forma de tratamento pelo informante” (cf. RAMOS, 1989, p. 53), conforme os fragmentos a seguir:

(20) *0 Não pode imaginar o prazer que nos deu a tua carta de 2 do passado, pois n'ella com satisfação vemos que 0 tem gosado saude. (Carta de Carolina a Cruz e Sousa, 01/03/1891)*

(21) *Antes de tudo, formulo votos que 0 tenha feito boa viagem como os de grata estada nessa metropole, Incluo tambem os defeliz regresso a Penátes. (Bispo de Fpolis a José Boiteux, 18/06/1929)*

Quando houver um sujeito nulo com verbo concordando com terceira pessoa e, na mesma carta, ocorrer anteriormente sujeito *tu*, o sujeito nulo será considerado sujeito *tu* com verbo sem concordância canônica. Quando houver sujeito nulo com verbo concordando com terceira pessoa que não for antecedido por nenhuma forma de sujeito expresso, esse sujeito nulo será considerado sujeito *zero*. Quando houver sujeito nulo com verbo concordando com terceira pessoa antecedido por *você* ou por formas nominais, esse sujeito será considerado como *você* ou como forma nominal, respectivamente; quando for antecedido pelas duas formas, será considerado sujeito *zero*.

- **sujeito em formas nominais**

Controlamos como sujeito expresso por formas nominais tanto as formas “o senhor / a senhora” quanto outras formas nominais, como “o amigo” e “o prezado padrinho”, que estiverem nulas ou expressas, como ilustram os fragmentos 22 a 25.

⁵¹ Nesta pesquisa, não controlamos a flexão do verbo como variável.

- (22) **O amigo** não póde calcular certamente nem a metade da situação por que estou passando. (Carta de Cruz e Sousa a Alberto Costa, 08/05/1896)
- (23) Ao ultimo comuniquei o conteudo da carta e ele ficou ciente do interesse que **o amigo** tem tomado pela nomeação dele para o cargo de quimico a crear-se nesse Estado. (Carta de Odilon Gallotti a José Boiteux, 25/04/1932)
- (24) **E o prezado padrinho** aceite afetuoso abraço do afilhado e amigo, que todas as felicidades lhe deseja. (Carta de Benjamin a José Boiteux, 10/12/1932)
- (25) Ficar-lhe-ia muito grato se **o Senhor** me mandasse algumas apresentações, suas ou mesmo de alguns amigos daí. (Carta de Benjamin a José Boiteux, 10/12/1932)

- **sujeito você**

Controlamos como sujeito *você* todas as formas expressas e nulas do pronome *você* na posição de sujeito, conforme os fragmentos 26 e 27. Será considerado como pronome *você* nulo o sujeito nulo com verbo em terceira pessoa em trechos antecidos por algum uso do pronome *você* expresso.

- (26) *Meo Caro Filho* **você** diz que sentiu muito a nossa separação pois o que hei de dizer eu? (Carta de Carolina a Cruz e Sousa, 06/01/1890)
- (27) Como **voçê** poderá verificar na leitura dos diarios desta capital, essa ameaça cruel con- tinua a pairar sobre essa pobre velhinha. (Carta de E. Farias a JB, 20/06/1931)

Essa variável permite identificar todas as formas de tratamento utilizadas na posição de sujeito em nosso *corpus*. Considerando o que já foi atestado em estudos anteriores (RAMOS, 1989; COELHO; GÖRSKI, 2011; NUNES DE SOUZA, 2015; NUNES DE SOUZA; COELHO, 2015; GRANDO, 2016), observaremos quais estratégias eram mobilizadas em diferentes contextos e por diferentes missivistas no período entre 1883 e 1941.

Ramos (1989), ao questionar seus informantes a respeito do uso dos pronomes *tu* e *você*, obteve alguns depoimentos indicando a preferência pelo

uso de *tu* com pessoas mais próximas e *você* em relações de distanciamento. A seguir, reproduzimos o depoimento de um desses informantes⁵²:

Geralmente a gente usa mais o pronome tratamento *tu*. Acho que por cultura mesmo porque todo mundo fala assim. A maior parte do pessoal. É costume aqui da Ilha. Geralmente a cidade mais serrana usa o jeito de falar mais correto, eu acho: *você*. O pessoal do litoral é mais aberto. *Você* é um negócio muito formal. É mais educado também, eu diria. Depende de quanto tempo conhece a pessoa. Com pessoal de fora fica meio rude, informal demais usar o *tu*. Em casa, a gente tá falando todo dia; a gente conhece melhor e não precisaria usar um jeito mais refinado. É mais informal, bem íntimo. Eu até diria que usar o *tu* as pessoas ficam mais soltas pra conversar do que *você*. (RAMOS, 1989, p. 44-45)

Esperamos encontrar em nossa amostra (em que predominam, em número, as cartas trocadas entre amigos) a preferência pelo pronome *tu* como sujeito, por essa ser a forma predominante em Florianópolis no tratamento entre pessoas mais próximas. Em situações de mais formalidade e distanciamento, esperamos que sejam mobilizadas estratégias de tratamento das formas associadas a *você*, com o uso de *você*, de formas nominais e de *zero*. A partir dos resultados de Ramos (1989)⁵³, que mostraram o predomínio da forma *zero* como tratamento utilizado por seus informantes, esperamos que, dessas três formas, predomine a forma *zero*, seguida da forma *você* e das formas nominais.

2.4.1.2 Preenchimento do sujeito

Para esse grupo, são controlados os fatores: sujeito preenchido e sujeito nulo. Esse fatores estão correlacionados com as formas de realização do sujeito: *tu*, *você* e formas nominais. Está excluído dessa variável o sujeito *zero*.

Trabalhos que investigaram a variação entre as formas de tratamento *tu* e *você* (RUMEU, 2008; COELHO; GÖRSKI, 2011; LOPES, 2011; LOPES; MARCOTULIO 2011; NUNES DE SOUZA, 2015; GRANDO, 2016) obtiveram

⁵² Informante do sexo masculino, escolaridade de nível universitário e idade entre 20 e 35 anos.

⁵³ Os resultados gerais de Ramos (1989) indicaram 40% de uso de *zero*, 31% de *você*, 20% de *tu* e 9% de *senhor*.

resultados indicando que o uso de *tu* ocorre majoritariamente como sujeito nulo, enquanto *você* ocorre principalmente como sujeito preenchido.

Em nossa amostra, esperamos, a partir de resultados de trabalhos anteriores, que o sujeito na forma *tu* se apresente majoritariamente nulo, e que os sujeitos nas formas de *você* e em formas nominais apresentem maiores índices de preenchimento.

2.4.1.3 Formas pronominais de complementos verbais

Para esse grupo, são controlados os fatores: complemento acusativo; complemento dativo; complemento oblíquo.

Os fragmentos 28 a 30 apresentam exemplos do uso de formas **acusativas** associadas a *tu*:

- (28) *Abraço-te saudosissimo (Virgílio para Cruz 17/09/1886)*
 (29) *Não te esqueças tambem dos Nocturnos, do Gonçalves (Virgílio a Cruz, 16/06/1888)*
 (30) *como se te esperasse ver entrar de repente ali.(Virgílio a Cruz, 14/01/1889)*

Os fragmentos 31 e 32 apresentam exemplos do uso de formas **acusativas** associadas a *você*:

- (31) *Abraço-o com affecto (Cruz e Sousa a Alberto Costa, 08/05/1896)*
 (32) *não tenho outro recurso senão importunal-o ainda uma vez (Cruz e Sousa a Alberto Costa, 08/05/1896)*

Os fragmentos 33 a 38 apresentam exemplos do uso de formas **dativas** associadas a *tu*:

- (33) *Na hora em que te escrevo (Virgílio a Cruz, 24/09/1888)*
 (34) *obter uma excelente collocação para ti. (Virgílio a Cruz, 26/11/1890)*
 (35) *não te quererá impôr cousas (Virgílio a Cruz, 26/11/1890)*
 (36) *enviam-te gran- des abraços (Virgílio a Paulo, 07/01/1932)*
 (37) *Saude e felicidade é o que te posso desejar. (Carolina da Conceição a Cruz, 25/01/1891)*

(38) *o que **para ti** é muito agradável (Carolina da Conceição a Cruz, 25/01/1891)*

Os fragmentos 39 a 45 apresentam exemplos do uso de formas **dativas** associadas a você:

(39) *mais sempre **lhe** escrevo (Guilherme Sousa a Cruz 22/12/1892)*

(40) *peço-**lhe** que me desculpe o meu fallar. (Guilherme Sousa a Cruz, 22/12/1892) (Guilherme Sousa a Cruz, 7/04/1895)*

(41) *recomenda- ções minha **ao meu estimado filho** e sua mulher (Guilherme Sousa a Cruz, 7/04/1895)*

(42) *Deus **lhe** a bençoei toda fami- lia. (Guilherme Sousa a Cruz, 7/04/1895)*

(43) *o prazer de **communicar-lhe**, que (Antero de Assis a José Boiteux, 10/12/1890)*

(44) *tenho a dizer-**lhe** que (Victor Konder a José Boiteux, 12/02/1930)*

(45) *Basta dizer **ao prezado amigo** que eu, (Victor Konder a José Boiteux, 12/02/1930)*

Os fragmentos 46 a 48 apresentam exemplos do uso de formas **oblíquas** associadas a *tu*:

(46) *Palestrei **sobre ti** com elles sofregamente (Virgílio a Cruz, 14/01/1889)*

(47) *Dei, **por ti**, pezames à familia Brito (Virgílio a Cruz, 14/01/1889)*

(48) *sempre se falla **em ti** (Oscar Rosas a Cruz, 22/05/1889)*

Os resultados de Nunes de Souza (2015) em relação à amostra do século XIX mostraram indícios de um sistema pronominal de segunda pessoa categoricamente associado a *tu*, com predileção pelo sujeito nulo e expressão dos complementos verbais acusativos e dativos através da forma *te* e dos complementos verbais oblíquos através de sintagmas preposicionados de *tu*.

Por sua vez, os resultados para meados do século XX obtidos da amostra Maura de Senna (1930 – 1979) mostraram que: cartas de sujeito categórico *tu* apresentam como complementos verbais exclusivamente formas associadas a *tu*; cartas de sujeito categórico *você* apresentam como complementos verbais exclusivamente formas associadas a *você*; e cartas de sujeito misto apresentam como complementos verbais majoritariamente formas associadas a *você*. A amostra com cartas do fim do século XX (Harry Laus) já oferece resultados com variação equilibrada entre complementos verbais

associados a *tu* e complementos verbais associados a *você* em cartas de sujeito categórico *você*; e complementos associados a *tu* nas cartas mistas.

Com base nesses resultados, em relação às categorias de complementos verbais, esperamos encontrar:

- como acusativo, o complemento *te* nos casos de uso do sujeito na forma *tu*; e as formas *o/a*, *no/na*, *lo/la* nos casos de uso dos sujeitos *você*, *zero* ou formas nominais;

- como dativo, as formas *te* e *a ti* nos casos de uso do sujeito na forma *tu*; e as formas, *lhe* e *ao senhor*, *ao amigo* etc. no caso do uso dos sujeitos *você*, *zero* ou formas nominais;

- como oblíquo, as formas preposicionadas *de ti*, *em ti*, *contigo* no caso de uso do sujeito na forma *tu*; e formas como *do senhor/do amigo* etc., *no senhor/no amigo* etc., *com o senhor/com o amigo* etc. no caso do uso dos sujeitos *você*, *zero* e formas nominais.

Na seção 2.6 apresentamos nossas expectativas para o uso dos complementos em cartas em que as formas associadas a *tu* e a *você* coocorrem.

2.4.1.4 Formas de pronomes possessivos

Para esse grupo, são controlados os fatores: possessivo *teu* e possessivo *seu*. Resultados de trabalhos anteriores com dados da Região Sudeste, como Rumeu (2008), Lopes e Marcotulio (2011), Lopes (2011), indicam que pronomes possessivos constituem contextos de resistência de *tu*.

Em relação a dados provenientes de Santa Catarina, mencionamos os resultados de Arduin (2005) e Coelho e Görski (2011).

Arduin (2005) busca a correlação entre as formas *tu* e *você* e o uso dos possessivos de segunda pessoa e verifica que, nas regiões em que se constata variação entre esses pronomes, prevalece o uso de *teu* em relação a *seu*. Enquanto o pronome *tu* é usado preferencialmente com *teu*, em 99% dos casos, o pronome *você* apresenta apenas 20% de uso com *seu*, combinando-se com formas possessivas de *teu / tua* em 80% dos casos. Além disso, a autora verificou que, em relações assimétricas, ao se dirigir ao inferior, a forma

mais utilizada pelo superior é *teu*, o que se interpreta como um indício de poder; quando inferiores se dirigem a superiores, a forma mais utilizada é *seu*, indicando, provavelmente, respeito e formalidade; e na relação entre iguais, a forma mais utilizada é a solidária *teu*.

A partir desses resultados, em relação ao uso de possessivos nas cartas da amostra investigada, nossas expectativas são de que: o uso de *teu* prevaleça sobre o uso de *seu*; o pronome *tu* seja combinado preferencialmente com *teu* e os sujeitos em formas associadas a *você* se combinem preferencialmente com o possessivo *seu*; além disso, esperamos que em relações de superior para inferior, a forma mais utilizada seja *teu*; e nas relações de inferior para superior, a forma mais utilizada seja *seu*; na relação entre iguais, espera-se que a forma mais utilizada seja *teu*.

2.4.1.5 Formas verbais de imperativo

Para esse grupo, são controlados os fatores: imperativo com verbo no modo indicativo; imperativo com verbo no modo subjuntivo.

Os resultados de Lopes (2011) e Lopes e Marcotulio (2011) mostram as formas verbais imperativas como um dos ambientes implementadores de *você*. Além disso, os poucos casos de coexistência de formas associadas a *tu* ao lado de formas associadas a *você* na amostra analisada por Lopes (2011) se circunscreveram apenas ao uso do imperativo-subjuntivo (nas cartas de mulheres).

Por sua vez, os resultados de Grando (2016) em relação às formas imperativas em cartas de um missivista da Grande Florianópolis mostram as formas associadas a *você* se manifestando apenas em 1986 e 1987; de 1988 a 1991, as formas de imperativo se manifestam unanimemente associadas a *tu* (p. 64-65).

Com base nesses resultados, nossa expectativa é a de que formas verbais de imperativo ocorram em cartas de *tu* como implementadoras da forma inovadora *você*. Além disso, esperamos que ocorra predominância da relação direta entre sujeito na forma *tu* com formas verbais imperativas de *tu* e formas verbais imperativas de *você* com sujeito *você* e com sujeito manifesto

em formas nominais. Esperamos também que, nos casos de mistura de tratamento, esta ocorra com o verbo no imperativo subjuntivo.

2.4.1.6 Período

As cartas que compõem a amostra utilizada nesta pesquisa foram divididas em sete períodos de dez anos cada:

- período 1: 1880-1889
- período 2: 1890-1899
- período 3: 1900-1909
- período 4: 1910-1919
- período 5: 1920-1929
- período 6: 1930-1939
- período 7: 1940-1949

Rumeu (2008), observando as missivas produzidas pela família Pedreira Ferraz-Magalhães (Região Sudeste do Brasil) em fins do século XIX e começo do século XX, percebeu que timidamente o pronome *você* foi ocupando os espaços funcionais de *tu*, como formas variantes, principalmente nas cartas femininas. Segundo a autora, nesse período, o processo de pronominalização parecia evidenciar o *você* como um legítimo pronome de referência determinada à segunda pessoa do discurso. Em análise do painel desses missivistas, o *você* se tornou mais produtivo no período entre os anos 1925 e 1945. Esses resultados corroboraram a hipótese de Soto (2001 apud RUMEU, 2008) e de Machado (2006 apud RUMEU, 2008) em relação ao século XX como o momento em que *tu* e *você* passam a competir no campo da informalidade.

Nunes de Souza (2011) analisou o comportamento das formas de tratamento por períodos de 50 anos em peças teatrais escritas por florianopolitanos entre a primeira metade do século XIX e a segunda metade do século XX e observou: ascensão no uso da forma *você*, partindo de 0% de uso

na primeira metade do século XIX⁵⁴ e atingindo pico na primeira metade do século XX; declínio no uso da forma *tu*: com ápice de uso na segunda metade do século XIX e frequência de 11% na segunda metade do século XX; persistência do uso da forma *zero* em todos os intervalos de tempo, sempre com porcentagens baixas; persistência do uso da forma *o senhor* ao longo de todo o período analisado, com leve declínio na primeira metade do século XX; e outras formas nominais⁵⁵ atingindo maior índice de uso na segunda metade do século XIX e apresentando baixos índices nos demais períodos. As formas *Vossa Excelência*, *Vossa Senhoria* e *Vosmecê* ocorrem nas amostras do início do século XIX, porém ao longo do período analisado vão deixando de ser usadas e atingem índices insignificantes no século XX. Com isso, a autora observou uma redução no paradigma das formas de tratamento no português de Florianópolis no decorrer dos séculos XIX e XX. Nas peças teatrais investigadas, das oito formas de tratamento que iniciam o século XIX, apenas quatro chegam ao final do século XX, conforme se observa no Quadro 2.

Quadro 2: Redução no paradigma das formas de tratamento no português de Florianópolis no decorrer dos séculos XIX e XX observada por Nunes de Souza (2011) em amostra de peças teatrais

1ª metade do século XIX	2ª metade do século XIX	1ª metade do século XX	2ª metade do século XX
VOSMECÊ	VÓS		
NOMINAIS	NOMINAIS	NOMINAIS	
ZERO	ZERO	ZERO	ZERO
O SENHOR	O SENHOR	O SENHOR	O SENHOR
VOCÊ	VOCÊ	VOCÊ	VOCÊ
TU	TU	TU	TU
V. SENHORIA	V.SENHORIA		
V.EXCELÊNCIA			

Fonte: Nunes de Souza (2011, p. 164).

⁵⁴ A autora identificou o uso da forma *you* em posição de sujeito por parte de alguns personagens em textos do século XIX em geral em relações assimétricas descendentes.

⁵⁵ A autora categorizou as formas *A Menina*, *Meu Bondoso Pae*, *Meu Pai*, *Minha Mãe*, *O Amigo*, *O Vizinho*, *O Irmãozinho*, *O Nobre Companheiro*, *Meu Amo*, *O Filho Único do Comendador Januário Silveira* e *O Fernando* como *formas nominais*.

Os resultados de Nunes de Souza (2011) indicam um rearranjo em que um número menor de formas parece ser suficiente para dar conta de relações que antes contavam com formas de tratamento mais específicas.

Com relação ao uso das formas de tratamento ao longo dos anos em cartas pessoais de florianopolitanos, Nunes de Souza e Coelho (2015) perceberam completa ausência do pronome *você* nas cartas escritas pelos ilustres Cruz e Sousa, Virgílio Várzea e Araújo Figueiredo nas duas últimas décadas do século XIX. É nas missivas do século XX que Nunes de Souza (2015) começa a observar o uso da forma *você*. Na amostra de cartas da escritora Maura de Senna, a autora observou ao longo do tempo aumento no uso da forma *tu*, pequeno decréscimo no uso da forma *você* e manutenção do uso de formas nominais em todos os períodos.

A partir desses resultados, esperamos encontrar, em nossa amostra, formas relacionadas a *tu* em todos os períodos e formas associadas a *você* começando a aparecer em variação com formas associadas a *tu*. Além disso, esperamos que as formas nominais e a forma *zero* persistam em todos os períodos.

2.4.1.7 Missivista

O controle de missivistas permitirá identificar as formas de tratamento utilizadas pelos missivistas, e se eles variam no uso das formas. Esperamos encontrar, de modo geral, o predomínio de formas associadas a *tu* e buscamos verificar quais são os missivistas que utilizam *você* e outras formas associadas a *você*.

A hipótese de Rumeu (2008) para o controle dos informantes era a de que “o maior ou menor grau de uniformidade no emprego das formas de P2 (*tu*) e P3 (*você*) nas cartas poderia corresponder, respectivamente, a um menor ou maior índice de integração de *você* no sistema pronominal do PB.” (p. 134). Assim, segundo essa hipótese, quanto maior a uniformidade no uso das formas de tratamento, menor seria o índice de integração de *você* no quadro pronominal do PB.

A partir do controle dessa variável, podemos identificar quais missivistas empregavam só formas associadas a *tu* e quais empregavam só formas associadas a *você*. Além disso, queremos verificar se os missivistas adotavam outras estratégias além de *tu* e *você* (como o uso de *zero* e de formas nominais) e de que maneiras combinavam as formas associadas a *tu* e a *você*.

Não temos uma hipótese específica para o missivista. O controle dessa variável é importante para que possamos observar se entre esses missivistas há alguns que se destacam por usar exclusivamente uma forma de tratamento ou outra. Esse uso pode estar (ou não) atrelado à relação que eles estabelecem com seus interlocutores.

Listamos a seguir, os 22 missivistas que escrevem as cartas investigadas.

1. Alcebiades Seara (Superintendente de Araranguá, interlocutor de José Boiteux)
2. Antero de Assis (Magistrado de Tijucas, interlocutor de José Boiteux)
3. Araújo Figueiredo (Escritor, amigo de Cruz e Sousa e Virgílio Várzea)
4. Benjamin (Afilhado de José Boiteux)
5. Bispo de Florianópolis (Bispo, interlocutor de José Boiteux)
6. Carlos França (Desconhecido, interlocutor de José Boiteux)
7. Carolina da Conceição (Escrava liberta, doméstica, mãe de Cruz e Sousa)
8. Cruz e Sousa (Escritor e poeta)
9. E. Farias (Desconhecido, interlocutor de José Boiteux)
10. Ermembergo Pellizzetti (Foi deputado à Assembleia Legislativa de Santa Catarina 1925-1927 e 1928-1930, interlocutor de José Boiteux)
11. Guilherme Sousa (Escravo liberto, pedreiro, pai de Cruz e Sousa)
12. Jorge Ziperer (Escrivão no Tribunal de Justiça, interlocutor de José Boiteux)
13. José (Sobrinho de José Boiteux)
14. Julieta (Sobrinha de José Boiteux)
15. Odilon Gallotti (Médico, interlocutor de José Boiteux)
16. Oscar Rosas (Escritor e poeta, amigo de Cruz e Sousa)

17. Padre Gercin (Padre, interlocutor de José Boiteux)
18. Tito Carvalho (Jornalista e cronista, interlocutor de José Boiteux)
19. Ulisses Costa (Deconhecido, interlocutor de José Boiteux)
20. Victor Konder (Advogado e político, interlocutor de José Boiteux)
21. Vidal Ramos (Político, interlocutor de José Boiteux)
22. Virgílio Várzea (Escritor, amigo de Cruz e Sousa)

2.4.1.8 Tipo de relação entre interlocutores

Segundo Lopes e Marcotulio (2011), diversos estudos feitos a partir de diferentes amostras do século XIX observaram maior predomínio de *tu* quando

há mais confiança e intimidade, principalmente nas relações simétricas nas classes populares e nas relações assimétricas de superior para inferior. O tratamento *você* era menos frequente que *tu* entre iguais populares, e mais produtivo que o antigo pronome de segunda pessoa nas relações assimétricas descendentes (p. 270)

Os resultados de Nunes de Souza (2011) com dados de peças teatrais da segunda metade do século XIX em Florianópolis indicam que a forma de tratamento *tu* estaria associada à dimensão de solidariedade, e a forma *o senhor* estaria relacionada à dimensão de poder. Nesse período, o *tu* foi a preferida, em relação a *o senhor*, nas relações entre personagens íntimos, entre membros da classe alta, entre membros da classe baixa e nas relações assimétricas descendentes quanto à classe social, à relação profissional e à idade. Também foi a forma preferida nas relações entre parentes e entre personagens de meia-idade. Os resultados da primeira metade do século XX também indicaram a forma de tratamento *tu* associada à dimensão de solidariedade e a forma *o senhor* à dimensão de poder. Nesse período, a forma *você* apareceu operando tanto na dimensão de poder como na dimensão de solidariedade. A autora observou que

a forma *você* foi preferida nos ambientes privados e formais, nas relações simétricas entre personagens de meia-idade e nas assimétricas de mais velhos para mais novos e tanto nas relações profissionais ascendentes quanto descendentes. Já o

pronome *tu* é mais utilizado em ambientes públicos e informais, nas relações simétricas entre personagens de meia-idade e nas assimétricas de mais velhos para mais novos e não é requisitado em nenhum tipo de relação profissional. O tratamento *o senhor* tem seu uso concentrado nos locais públicos e formais, nas relações assimétricas de personagens mais novos com personagens mais velhos e nas relações profissionais descendentes. (NUNES DE SOUZA, 2011, p. 240)

Ramos (1989) colheu de seus informantes depoimentos a respeito do uso das formas de tratamento. Reproduzimos, a seguir, alguns fragmentos relacionados à avaliação desses informantes, no final do século XX, com respeito a esses usos em diferentes tipos de relações:

Tu é uma coisa muito da Ilha, né? Geralmente, eu uso mais pra pessoal que eu conheço, né? Assim, amigos. Agora pra tratar com pessoas de fora, quando eu vou num banco, em algum lugar mais, eu chamo mais de *você* mesmo. Sinto que uso os dois mesmo. *Tu* é mais normal eu dizer. [...]. (RAMOS, 1989, p. 46)⁵⁶

É muito difícil eu usar o *tu*, mas uso com colegas com quem cresci junto. Pra mim implica em intimidade. Com a família eu só uso *você*. Todos somos ilhéus e se usamos *você* é porque depende da formação de cada família. Sempre aprendi na escola municipal que o *tu* era falta de educação. Com pessoas mais jovens uso *você*; com colegas se serviço uso *senhor* e com pessoas mais velhas também: *senhor (a)*. Acredito que as famílias mais antigas usam *você* e as mais modernas o *tu*. Imagine que até os mais jovens usam o *tu* comigo! (RAMOS, 1989, p. 66)⁵⁷

De acordo com esses depoimentos, *tu* era, no final da década de 1980, para esses informantes, o pronome utilizado com amigos e pessoas íntimas. O *você* seria utilizado com desconhecidos em ambiente público e de pessoa mais velha para mais jovem; e a forma *o senhor*, em relações profissionais e de pessoa mais jovem para mais velha. De maneira geral, o *você*, de acordo com os depoimentos dos informantes de Ramos (1989), é um pronome considerado mais educado, bonito e mais “correto”. Por sua vez, o *tu* é considerado um

⁵⁶ Informante do sexo masculino, escolaridade de nível universitário e faixa etária entre 20 e 35 anos.

⁵⁷ Informante do sexo masculino, escolaridade de nível secundário e faixa etária de 51 anos em diante.

traço local e um pronome menos bonito, sendo menos usado com pessoas “de fora” ou com quem não se tenha intimidade.

Ressaltamos, contudo, a dificuldade de se definir, em muitos casos, simetria ou assimetria em determinadas relações, principalmente considerando o fato de que trabalhamos com material histórico. Coelho e Nunes de Souza (2014) elaboraram uma proposta metodológica para o tratamento da variação estilística em textos escritos visando a observação dessa variação em peças teatrais. Uma das preocupações das autoras ao elaborarem sua proposta foi a de não estabelecer antes da análise quais relações seriam consideradas simétricas ou assimétricas. Nesse sentido, a categorização da relação como simétrica ou assimétrica passaria a ser “um resultado da análise, e não mais um pressuposto anterior ao processo” (p. 176).

As autoras retomam as observações de Brown e Gilman (1960) de que há, no século XX, uma reinterpretação das relações de poder como relações de solidariedade. Desse modo,

uma relação como ‘ser pai de’ pode passar a ser interpretada como ‘pertencer à mesma família que’. Nesse sentido, não se pode esperar que uma relação entre pai e filho no século XIX seja idêntica a uma relação entre pai e filho no século XX. No século XX, do ponto de vista geracional, essa continua sendo uma relação assimétrica, mas, sem um maior conhecimento sobre os personagens envolvidos na díade, não há como pressupor que essa relação seja assimétrica ou simétrica (COELHO; NUNES DE SOUZA, 2014, p. 176).

Por esse motivo, em sua proposta metodológica, as autoras optaram por, no controle da variável “relações familiares”, elencar os fatores “relação de pai para filho”, “relação entre primos” em vez de “relação simétrica” ou “relação assimétrica”.

Com base nessa discussão, pesquisamos, em bibliografias específicas e também nas informações contidas nas próprias cartas, informações que nos indicassem qual era a relação entre os interlocutores e estabelecemos os seguintes tipos de relação entre remetente-destinatário: relações simétricas de intimidade (T-T), relações simétricas mais distantes e formais (V-V), relações assimétricas ascendentes (T-V) e relações assimétricas descendentes (V-T).

Nesta pesquisa, as relações simétricas de intimidade (T-T) são as relações entre amigos e entre noivos, entre pessoas de idades semelhantes,

profissões semelhantes ou com algum parentesco entre si. Esse tipo de relação é estabelecida, em nossa amostra, nas cartas trocadas entre os amigos escritores e nas cartas enviadas de Cruz e Sousa para sua noiva.

Categorizamos como relações simétricas mais distantes e formais (V-V) as estabelecidas em missivas de interlocutores que não são amigos, mas mantêm algum tipo de relação, como exercer profissão semelhante, pertencer ao mesmo partido ou movimento político, ter amigos ou projetos em comum, colaborar para o mesmo periódico etc. Em nossa amostra, essa parece ser a relação estabelecida entre José Boiteux e a maior parte dos missivistas que escrevem para ele, com exceção dos sobrinhos e do afilhado, que estabelecem relações categorizadas aqui como assimétricas ascendentes (T-V).

Na amostra investigada, ainda há cartas escritas de pais para filhos e de mãe para filho, como é o caso das escritas por Virgílio Várzea a seu filho Paulo e de Guilherme de Sousa e Carolina da Conceição a seu filho Cruz e Sousa. Ambas as relações foram categorizadas como descendentes (V-T).

Esperamos encontrar o uso de formas associadas a *tu* em missivas cujos interlocutores mantenham relações do tipo T-T e do tipo V-T; nas missivas em que se estabelecem relações do tipo V-V e T-V, esperamos que ocorram mais formas associadas a *você*, com o tratamento *zero* ocorrendo como estratégia utilizada quando o interlocutor não deseja se comprometer com nenhuma forma de tratamento.

2.4.1.9 *Díade remetente / destinatário*

O controle das díades de missivistas pode evidenciar as relações estabelecidas entre amigos, conhecidos ou familiares como remetentes e destinatários das missivas dessa amostra. Para essa variável, estabelecemos as seguintes díades (remetente – destinatário).

Quadro 3: Díades estabelecidas entre interlocutores das cartas investigadas

Remetente - Destinatário	
Amigos	Araújo Figueiredo – Cruz e Sousa
	Oscar Rosas – Cruz e Sousa
	Cruz e Sousa – Araújo Figueiredo
	Cruz e Sousa – Nestor Vítor
	Cruz e Sousa – Virgílio Várzea
	Cruz e Sousa – Gonzaga Duque
	Virgílio Várzea – Cruz e Sousa
Conhecidos	Cruz e Sousa – Germano Wendhausen
	Virgílio Várzea – José Boiteux
	Diversos – José Boiteux
	Cruz e Sousa – Luís Delfino
	Cruz e Sousa – Alberto Costa
Familiares	Cruz e Sousa – Gavita ⁵⁸
	Guilherme – Cruz e Sousa
	Carolina – Cruz e Sousa
	Virgílio Várzea – Paulo

Trabalhos anteriores (NUNES DE SOUZA E COELHO, 2015; NUNES DE SOUZA, 2015) já atestaram que o missivista Cruz e Sousa usa apenas a forma *tu* em suas cartas pessoais à noiva Gavita, tanto na forma expressa como na forma oculta, combinados com verbos com a concordância canônica.

Com a ampliação da Amostra Cruz e Sousa, percebemos, em cartas de Cruz e Sousa a outros destinatários, o uso de formas nominais e de formas neutras combinadas com verbo sem especificação, com complementos verbais de terceira pessoa e pronome possessivo também de terceira pessoa. A seguir, transcrevemos duas breves cartas em que Cruz e Sousa solicita auxílio financeiro a Alberto Costa e ao amigo Nestor Vítor.

⁵⁸ As cartas de amor escritas de Cruz e Sousa para sua noiva Gavita estão entre as cartas familiares por causa do laço familiar estabelecido entre eles.

(49) Rio, 8 de Maio de 1896.

Meu caro Amigo

Abraço-o com affecto e recomendo-me à Exma. familia.

*Ouso insistir no pedido que **lhe** fiz por carta, pois acho-me na maior angustia e não tenho outro recurso senão importunal-o ainda uma vez.*

*Péço-**lhe** encarecidamente que **O** me sirva, se não em toda ao menos na metade da importancia que eu **lhe** solicitei. As minhas contrariedades e afflicções avolumam-se cada vez mais. **O amigo** não póde calcular certamente nem a metade da situação por que estou passando.*

***O** Póde confiar na pessoa que **lhe** entregar esta carta.*

*Sempre ao **seu** dispôr, com sympathia e reconhecimento.*

Amº Obmo

Cruz e Sousa⁵⁹

(Carta de Cruz e Sousa a Alberto Costa, maio de 1896)

(50) Rio, 2, junho, 96.

Nestor

*Desejo muito que **O** me **faças** um sacrificio de amigo, ao menos com a quantia de vinte mil réis.*

Tenho tido grandes saudades da nossa convivência, tão consoladora e tão nobre.

***Aparece** que tenho uns trabalhos para mostrar-te.*

***Teu** profundo amigo.*

Cruz e Souza⁶⁰

(Carta de Cruz e Sousa a Nestor Vitor, junho de 1896)

Nos exemplos 49 e 50, vemos cartas escritas por Cruz e Sousa no mesmo ano, com teor semelhante (auxílio financeiro), a duas pessoas diferentes. Podemos perceber os diferentes usos das formas de tratamento nas diversas funções sintáticas.

No caso dessas duas cartas de Cruz e Sousa, parece que o destinatário exerce papel mais relevante na escolha das formas de referência ao interlocutor do que o assunto de que trata a missiva. Assim, esperamos que o comportamento linguístico dos missivistas possa variar de acordo com o

⁵⁹ Carta de Cruz e Sousa a Alberto Costa, de 08/05/1896, transcrita por Souza (2017).

⁶⁰ Carta de Cruz e Sousa a Nestor Vitor, de 02/06/1896, transcrita por Souza (2017).

destinatário das cartas, e que nas díades de amigos e de familiares, prevaleçam formas associadas a *tu*, enquanto nas díades de conhecidos, prevaleçam formas associadas a *você*.

2.4.1.10 *Temática do trecho analisado da carta*

As cartas que compõem o *corpus* investigado são trocadas entre missivistas com perfis muito variados e por sua vez também tratam de diversos assuntos. Além da correspondência entre os missivistas conter assuntos diversos, cada missiva, muitas vezes, também trata de variados temas. Por isso, neste grupo de fatores, buscamos controlar a temática de cada trecho analisado nas cartas. Os fatores controlados nesta variável são os seguintes: amor; amizade; trabalho / política⁶¹; família.

Lopes e Marcotulio (2011), em análise das cartas enviadas a Rui Barbosa, perceberam um conjunto de cartas que se destacava das demais. O único remetente a realizar mescla de tratamentos em uma mesma carta era o amigo Carlos Aguiar. Os autores observaram que o missivista usava a forma *você* quando se reportava à fala de outras pessoas, como uma estratégia de polidez com o intuito de se isentar da veracidade da informação declarada; e quando desejava mostrar ao seu interlocutor pertencimento ao mesmo grupo social, utilizava as formas de *tu*, que refletem mais aproximação no tratamento.

Rumeu (2008) percebeu fenômeno semelhante nas cartas de um dos missivistas da família Pedreira Ferraz-Magalhães: em uma das cartas de um irmão para uma irmã, em que predomina o emprego de *tu*, o missivista optou pela forma *você* ao reportar notícias anteriormente recebidas. Nesse caso, ocorreu o emprego de *você* como uma referência indireta atribuída a outro momento do discurso de sua interlocutora. Segundo a autora, “É como se o missivista expusesse a notícia [...] como uma informação proveniente da ‘boca’

⁶¹ Os quatro missivistas que compõem o núcleo principal de cartas a ser analisado são escritores, mas também possuem algum envolvimento com a política, conforme se depreende do perfil dos principais missivistas (seção 2.2). Além disso, também foram colaboradores em jornais, e os assuntos sobre literatura, publicações, política e relações políticas se encontram muitas vezes fundidos. Por isso, reunimos trabalho e política em um único fator. São considerados assuntos de trabalho / política trechos que tratem de obras e grupos literários, edições, publicações, alianças políticas, movimentos sociais, literários, políticos etc.

da sua interlocutora” (p. 180). Novamente, ocorreu uma forma de mais distanciamento num contexto de discurso reportado.

Tanto nas cartas do escritor Harry Laus quanto nas da escritora Maura de Senna, Nunes de Souza (2015) observou certa preferência pelo pronome *tu* ao se tratar de assuntos pessoais e pelo pronome *você* ao se tratar de assuntos profissionais.

Com base nesses resultados, considerando *tu* um tratamento utilizado em contextos de mais intimidade e proximidade e *você* e formas nominais de tratamento utilizados em contextos de mais distanciamento, espera-se que, nas missivas analisadas nesta pesquisa, nos trechos que tratam de amor, amizade ou assuntos familiares, se encontrem mais formas associadas a *tu*; e nos trechos em que se escreve sobre trabalho ou política, se encontrem mais formas associadas a *você*, como formas nominais ou *zero*, além de ser um campo rico de implementação de *você*.

2.5 ANÁLISE DOS VOCATIVOS

Grando (2016), ao analisar as cartas do escritor Harry Laus para sua tradutora entre 1984 e 1992, percebeu que, com o passar do tempo, a relação entre os missivistas foi se tornando mais íntima, o que se evidenciou não apenas nos assuntos de que tratam as cartas, como também pelo uso variável dos pronomes *tu* e *você* e pelos vocativos utilizados no início das cartas. Com o passar dos anos, além de assuntos estritamente profissionais, os interlocutores passaram também a tratar de assuntos pessoais, como enfermidades etc. Além disso, o pronome *você*, que predominava no início da correspondência, aos poucos cedeu lugar ao uso do *tu* íntimo. E os vocativos, por sua vez, foram se tornando menos respeitosos e honoríficos e incorporando adjetivos e formas mais carinhosas, conforme veremos a seguir.

Em Grando (2016), observamos que, entre 1986 e 1987, o missivista utilizou quatro vezes o vocativo “Muito prezada Sra. Claire Cayron”. Entre 1987 e 1989, observa-se a ausência da forma respeitosa “Sra.” em 5 ocorrências do vocativo “Muito prezada Claire”. Entre 1988 e 1992, o vocativo que predomina nas missivas, com 50 ocorrências, é “Querida Claire”. Nesses exemplos,

percebemos, não apenas o abandono da forma “Sra.”, mas também a substituição do adjetivo “Prezada” pelo adjetivo “Querida”, demonstrando mais proximidade entre os interlocutores. Em 1992 (após seis anos de correspondência), encontra-se o uso do vocativo “Claire, ma fleur” [Claire, minha flor], forma afetiva e metafórica que demonstra muita proximidade e alguma intimidade.

Os dados analisados por Grando (2016), portanto, mostram que, apesar de ser uma forma relativamente cristalizada, as variações no uso dos vocativos acompanham a variação no tipo de relação estabelecida entre os interlocutores e variações no uso das formas de tratamento utilizadas ao longo da carta.

Acreditamos, dessa forma, que a descrição das formas de vocativo utilizadas em nossa amostra possa ser relevante para a investigação sobre as formas de tratamento mobilizadas nessas missivas.

Enfrentamos, contudo, o problema de classificar formas tão diversas de um paradigma tão rico quanto é o das formas nominais de tratamento no português, assim como é no francês. Em relação a essa riqueza no paradigma das formas nominais em francês, Kerbrat-Orecchioni (2011) lembra que estas são formas de tratamento potenciais, “uma vez que é apenas no discurso, quando são utilizadas, seja para representar o alocutário, seja em função vocativa, que elas se tornam realmente ‘formas de tratamento’” [...] (p. 21). No português, essa potencialidade do uso das formas no discurso, que torna rico o paradigma das formas, também traz o que Kerbrat-Orecchioni (2011) chama de “problema de inventário e classificação” ao tratar do paradigma de formas do francês. Segundo a autora, para bem descrever as formas nominais de tratamento, além do inventário das unidades que compõem essas formas, é importante o registro das diferentes combinações possíveis entre elas, por exemplo, com predeterminantes (artigo, possessivo), com adjetivos como *caro* e também combinações entre diferentes formas nominais de tratamento, como em *monsieur le Premier Ministre* [o senhor Primeiro Ministro].

Kerbrat-Orecchioni (2011) distingue algumas categorias de formas de tratamento nominais, as quais nos auxiliaram a estabelecer categorias para a análise dos vocativos encontrados nas cartas que compõem nossa amostra. A distinção estabelecida pela autora é a seguinte:

- a) Nomes (próprios).
- b) As formas *monsieur / madame / mademoiselle* [senhor / senhora / senhorita].
- c) Títulos (herdados ou conferidos), como *capitaine, maître, patron* [capitão, mestre, patrão]. Essas formas possuem valor honorífico.
- d) Nomes de profissão e de função, como *chauffeur, garçon, électricien* [motorista, garçom, eletricista].
- e) Formas relacionais, como termos de parentesco: *papa, tonton* [papai, titio] e expressões como *collègue, camarade* [colega, camarada].
- f) Os rótulos “que ‘catalogam’ o interlocutor” de maneira improvisada, diferentemente dos apelidos, e usados para se interpelar um desconhecido, “designando-o por uma sinedóque a partir de uma característica física considerada particularmente saliente: *la blonde* [ô loira, você aí]”.
- g) As formas afetivas com valor tanto positivo quanto negativo: *ducon* [babaca], *ma belle* [minha linda], *mon ange* [meu anjo] e outras metáforas. (KERBRAT-ORECCHIONI, 2011, p. 22)

A partir dessas categorias estabelecidas por Kerbrat-Orecchioni (2011), e considerando as características do material que analisamos (cartas pessoais), estabelecemos quatro categorias de vocativos para observarmos seu funcionamento com respeito às formas associadas a tu e a você às relações entre os missivistas: nome próprio; relação familiar, relação não familiar e expressões afetivas, conforme veremos a seguir.

a) **Nome próprio:** reunimos nessa categoria os vocativos que contêm o nome do destinatário. A partir do que observamos nos vocativos utilizados por Harry Laus, com base em Grando (2016), acreditamos que vocativos que contêm apenas o nome dos remetentes são utilizados em situações mais íntimas. Esperamos, portanto, que esses vocativos ocorram em cartas trocadas entre amigos e familiares, nas quais acreditamos predominarem as formas associadas a *tu*.

Exemplos:

(51) “Nestor”

(52) “Paulo”

(53) “Cruz”

b) **Relação familiar:** reunimos nessa categoria os vocativos que expressam, em algum vocábulo, uma relação familiar. Acreditamos que, por se tratar de vocativos utilizados em relações familiares, estes, quando utilizados em cartas pessoais, demonstram proximidade, familiaridade, intimidade e também respeito. Esses vocativos devem ocorrer tanto em cartas de familiares em relações descendentes, como de um pai para um filho, quanto em relações ascendentes, como a de um sobrinho para o tio. Esperamos, portanto, que esses vocativos ocorram tanto em cartas em que predominem as formas associadas a *tu* quanto em cartas em que predominem as formas associadas a *você*.

Exemplos:

(54) “Prezado **tio** José”

(55) “Meo Caro **Filho**”

(56) “Meu bom **filho**”

c) **Relação não familiar:** reunimos nessa categoria os vocativos que expressam, em algum vocábulo, a relação entre os interlocutores e/ou a profissão ou ocupação do destinatário. Acreditamos que, por se tratar de vocativos utilizados em relações não familiares, estes, quando utilizados em cartas pessoais, demonstram respeito e alguma reverência ao destinatário. Esperamos que esses vocativos ocorram em cartas entre interlocutores menos íntimos, portanto, em que predominem as formas associadas a *você*.

Exemplos:

(57) Ao prezado **Amigo** Boiteux

(58) Ao prezado **Amigo Desembargador** Boiteux

(59) Ilustre Poeta Amigo

(60) Meu caro **Amigo**

(61) *Ilustríssimo e Excelentíssimo* Senhor **Desembargador** José A. Boiteux

d) **Expressões afetivas:** reunimos nessa categoria os vocativos que expressam, por meio de adjetivos, de adjetivos superlativos, do possessivo *meu* e/ou de metáforas, uma relação de afeto, proximidade e/ou intimidade. Esperamos, portanto, que esses vocativos ocorram em cartas em que predominem as formas associadas a *tu*.

Exemplos:

- (62) *minha pomba querida*
- (63) *meu adorado*
- (64) *Meu singularissimo Othelo*
- (65) *Minha doce e muito estremecida Vivi*
- (66) *Meu belo Nestor*
- (67) *Caríssimo Araújo*
- (68) *Meu Cruz*
- (69) *Adorado Cruz*

No quadro a seguir, listamos alguns exemplos da relação entre os vocativos utilizados em algumas cartas e as estratégias de tratamento mobilizadas ao longo dessas missivas.

Quadro 4: Exemplo do uso dos vocativos e das formas de tratamento no *corpus* investigado

vocativo	categoria do vocativo	formas de tratamento utilizadas ao longo da carta
Cruz	nome próprio	<p>(70) <i>Recebi tua carta sobre o Araujo com muito gosto;</i></p> <p>(71) <i>Escreve-me consecutivamente e fallando do Varzea, Horacio, etc. etc.</i></p> <p>(72) <i>Conta coisas d'ahi, da vida, do espirito.</i></p> <p>(73) <i>Escreve-me longamente;</i></p> <p>(74) <i>não vou agora pecuniariamente em teu auxilio porque a morte do velho matou-me monetariamente.</i></p> <p>(75) <i>Tem esperança, comtudo.</i></p> <p>(76) <i>Teu Oscar.</i></p> <p>(Oscar para Cruz, 18/01/1890)</p>
Meu prezado filho	relação familiar	<p>(77) <i>Saude e felicidade te desejo.</i></p> <p>(78) <i>Estou de posse de tua carta de 29 do passado juntamente com o conhecimento no valor de 20\$000 reis,</i></p> <p>(79) <i>muito te agradeço</i></p> <p>(80) <i>e espero que o continues a mandar, isto é não fazendo sacrificio.</i></p> <p>(81) <i>Eu, teu Pai e os mais de caza ficamos com saude graças ao Altissimo.</i></p> <p>(C. para Cruz 19/04/1891)</p>
Prezado Amigo Desembargador Boiteux -- Ilustre Poeta amigo	relação não familiar	<p>(82) <i>A leitura do seu substancioso opusculo "Santa Catharina nos tempos d'El-Rey Nosso Senhor" alegrou-me bastante,</i></p> <p>(83) <i>por sentil-o, ainda uma vez, infatigavel</i></p> <p>(84) <i>nos seus propositos de elucidar o mais possivel o passado do nosso rincão.</i></p> <p>(85) <i>Muito merece o da gratidão dos catharinenses</i></p> <p>(86) <i>está con- sagrando os seus dias,</i></p> <p>(87) <i>que lhe poderiam ser de merecido repou- so,</i></p> <p>(88) <i>Felicito-o por essa nova demonstração de carinho</i></p> <p>(89) <i>peço-lhe acceitar os testemu- nhos de affecto do leitor e admirador attento e ás ordens</i></p> <p>(Victor Konder para José Boiteux, 12/12/1929)</p> <p>--</p> <p>(90) <i>tomo novamente a liberdade de importuná-lo</i></p> <p>(91) <i>com relação ao pedido que tive necessidade de fazer-lhe</i></p>

		<p>por carta.</p> <p>(92) Uma vez que se não dignou responder-me,</p> <p>(93) peço-lhe ainda,</p> <p>(94) apelando para os seus generosos sentimentos de homem,</p> <p>(95) que me sirva, já não direi com a quantia de 300\$000 réis, como lhe pedi, mas ao menos com a metade</p> <p>(96) Peço-lhe, que mesmo em sentido negativo,</p> <p>(97) resolva com urgência este bastante difícil pedido.</p> <p>(98) Seu admirador e am^o Cruz e Souza</p> <p>(Cruz para Luís Delfino 19/11/1893)</p>
<p>Amantissimo Cruz / meu doce amigo</p>	<p>expressões afetivas</p>	<p>(99) É com o coração voltado para o teu,</p> <p>(100) lembrando-me intimamente de ti,</p> <p>(101) que te escrevo esta cartinha.</p> <p>(102) Vai ella contar-te, cheia de mais doirada alegria, e cheia do aroma que me vem do campo florido, que estou casado.</p> <p>(103) Uma vez arranjado o que espero, poderei então dizer-te que daqui não sahirei tão cedo</p> <p>(104) e que se 0 quizeres me ver</p> <p>(105) 0 terás o trabalho de cá vires.</p> <p>(106) Escusado é dizer-te que</p> <p>(107) fallo de ti seguidamente á Concepta,</p> <p>(108) considerando-te o meu maior amigo</p> <p>(109) Escuta,</p> <p>(110) como vae o teu Livro?</p> <p>(111) Anda,</p> <p>(112) conta-me quan do sae <u>Elle</u>;</p> <p>(113) mata-me o desejo</p> <p>(114) de te lêr</p> <p>(115) sacia-me a sêde</p> <p>(116) de te vêr nesse <u>Missal</u>.</p> <p>(117) E como te vaes de sorte?</p> <p>(118) Os teus amigos ainda são os mesmos?</p> <p>(Araújo para Cruz, 04/03/1893)</p>

Quadro 5: Exemplo do uso dos vocativos e das formas de tratamento no corpus investigado

A listagem apresentada não pretende ser exaustiva, além disso, as categorias, muitas vezes, se sobrepõem. No fragmento 123, a seguir, temos uma forma de vocativo que, segundo a nossa classificação, poderia ser categorizada como de relação familiar ou não familiar, uma vez que contém os vocábulos “Padrinho” (indicando uma relação familiar de alguém mais jovem escrevendo para um mais velho), “Amigo” (indicando proximidade) e “Desembargador” (indicando reverência a uma posição social):

(119) Prezado Padrinho e Amigo Desembargador Boiteux

Apesar dessa dificuldade de classificação das formas de vocativo para uma análise quantitativa, acreditamos que uma análise qualitativa das formas de vocativo pode auxiliar no entendimento do uso das formas de tratamento na amostra investigada.

2.6 A COCORRÊNCIA DAS FORMAS ASSOCIADAS A *TU* E A *VOCÊ* EM UM MESMO DOCUMENTO

As repercussões gramaticais decorrentes do uso das diferentes formas de tratamento em português e das mudanças pelas quais essas formas passaram ao longo do tempo foram discutidas por Faraco (1996). Algumas dessas repercussões relacionam-se a diferentes combinações de estruturas de formas herdadas e de formas novas no português. A reformulação do sistema herdado do latim, a partir do uso de expressões de referência à segunda pessoa em combinação com a terceira pessoa verbal, e não mais com a segunda, introduziu no português uma duplicidade de formas que gerou instabilidade e redesenhou os paradigmas verbais e pronominais, definindo, por consequência, “vários traços que caracterizam o português atual” (p. 54).

De acordo com Lopes (2007), a inserção do inovador *você* no quadro pronominal do português brasileiro não se deu da mesma forma em todos os contextos morfossintáticos.

Assim, observam-se, no português brasileiro atual, possibilidades de combinação de *você* com *te*, *lhe*, *teu* e *seu*, por exemplo, as quais constituem,

segundo Rumeu (2008, p. 125), “um vestígio da pronominalização de *você* no PB”.

Em amostra composta por cartas de fins do século XIX e início do século XX, Rumeu (2008) observou evidências de “mistura de tratamento” (p. 128): as formas de *tu*, ainda que preferencialmente combinadas com a segunda pessoa formal, mostraram-se combinadas com a terceira pessoa formal em 20% dos dados.

Lopes e Marcotulio (2011) observaram, também timidamente em cartas do século XIX, endereçadas a Rui Barbosa, a mescla de tratamento por parte do missivista Carlos Aguiar. A forma *você* foi favorecida como pronome-sujeito, imperativo e pronome complemento preposicionado; os contextos que favoreceram formas relacionadas a *tu* foram pronomes possessivos, verbos não imperativos e o pronome complemento não preposicionado *te*.

Lopes (2011) verificou a emergência da variação entre *tu* e *você* em um mesmo documento começando a se consolidar mais fortemente na produção da década de 1930, principalmente em cartas de uma missivista com pouco contato com modelos de leitura. Por sua vez, nas cartas família Penna, que possui bastante contato com modelos de escrita, essa variação se circunscreveu apenas ao uso do imperativo-subjuntivo em cartas de mulheres.

Com relação a cartas de florianopolitanos, os dados do século XIX investigados por Nunes de Souza (2015) não mostraram coocorrência de formas associadas a *tu* e a *você* em um mesmo documento. Já no século XX, foi possível observar, na amostra Maura de Senna, que as cartas de sujeito misto apresentam como complementos verbais majoritariamente formas associadas a *você*. Na Amostra Harry Laus, diferentemente, os complementos verbais de *tu* se distribuem em cartas de sujeito categoricamente realizado por *tu*, em cartas de sujeito categoricamente realizado por *você* e também em cartas de sujeito misto. As formas associadas a *você* figuram predominantemente em cartas de sujeito categórico *você* e de sujeito misto.

Ainda conforme Faraco (1996), em uma perspectiva mais pragmática, é possível observar as condições de uso das formas de tratamento em correlação com a variação linguística geral.

Ao analisarem o comportamento do missivista Carlos Aguiar, Lopes e Marcotulio (2011) observaram o uso de *você* em discurso indireto, quando este se reportava à fala de outras pessoas, como uma estratégia de polidez com o intuito de se isentar da veracidade da informação declarada. Já a forma *tu*, que reflete aproximação no tratamento, pareceu atender ao desejo do missivista de mostrar a seu interlocutor pertencimento ao mesmo grupo social.

Marcotulio (2008), ao investigar cartas setecentistas classificadas como da esfera pública e da esfera privada, verificou que ocorria menos “mescla de tratamento” nas cartas da esfera pública do que nas cartas da esfera privada, confirmando sua hipótese de que, “quanto maior fosse o grau de cerimônia, deferência e distância da estratégia de tratamento” (p. 114), maior seria a uniformidade no emprego das formas de tratamento nas cartas.

Em relação a missivas de florianopolitanos, Grando (2015) verificou que o escritor Harry Laus passa a usar os sujeitos pronominais *tu* e *você* em uma mesma carta quando, além de assuntos profissionais, também passou a tratar de assuntos pessoais em correspondência com sua tradutora⁶². Nas cartas em que os pronomes coocorrem, “a quantidade de *você* é mínima em relação a *tu*, e os sujeitos *você* são usados em casos bem específicos, como se estivesse chamando atenção para determinado assunto profissional no meio de uma conversa pessoal.” (p. 57)

A partir desses resultados, nossas expectativas com relação à coocorrência de formas associadas a *tu* e a *você* em um mesmo documento na amostra investigada são de que ela se dê: mais nas cartas do século XX do que no século XIX; em documentos de missivistas com menos contato com modelos de escrita; e em cartas de esferas mais privadas.

Ao longo deste trabalho, a coocorrência de formas associadas a *tu* e a *você* em um mesmo documento será denominada de “mistura de formas”; essa mistura ocorre das seguintes maneiras: documentos com sujeitos *tu* coocorrendo com sujeitos em formas nominais, *você* ou *zero*; documentos com sujeito *tu* combinado com complementos, possessivos ou imperativos de formas associadas a *você*; e documentos com sujeito em formas nominais,

⁶² No início da correspondência, o escritor utilizava mais a forma *você*, e à medida que a amizade com sua tradutora foi se estabelecendo, este passou a utilizar o pronome *tu*.

você ou *zero* combinados com complementos, possessivos ou imperativos de formas associadas a *tu*. As cartas em que esse fenômeno ocorre são denominadas de “cartas mistas”, e as cartas em que a mistura de formas ocorre no sujeito pronominal são denominadas de “cartas de sujeito misto”.

Neste capítulo, traçamos inicialmente o perfil histórico e social de Santa Catarina. Pudemos ver que, em relação a outras regiões do Brasil, especialmente o Rio de Janeiro, por diversos motivos, entre eles a inexistência de metais preciosos, Santa Catarina demorou a ser povoada. Também resgatamos alguns aspectos da vida em Desterro, especialmente em fins do século XIX. Em seguida, conhecemos os perfis biográficos dos quatro principais missivistas que compõem o núcleo do *corpus* analisado nesta pesquisa: Cruz e Sousa, Virgílio Várzea, Oscar Rosas e José Boiteux. Além disso, buscamos resgatar algumas informações sobre as relações entre esses missivistas que nos permitem compreender um pouco mais sobre as escolhas linguísticas de cada um deles.

Na seção seguinte, apresentamos a amostra e os critérios de seleção das 130 missivas aqui analisadas. Por último, apresentamos a variável dependente, com a caracterização das variáveis independentes e a formulação de nossas hipóteses específicas.

No próximo capítulo, descrevemos e analisamos os dados obtidos nas cartas pessoais após diversas rodadas estatísticas.

3 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DAS FORMAS DE TRATAMENTO

Este capítulo organiza-se em seis seções. Na primeira, descrevemos e analisamos as 10 variáveis investigadas, cinco linguísticas e cinco extralinguísticas. Na segunda seção, descrevemos as formas de vocativos encontradas nas cartas. Na terceira, quarta e quinta seções, descrevemos, respectivamente, o uso das formas nominais na posição de sujeito, o uso do sujeito *zero* e o uso de sujeito *você* na amostra investigada. Para finalizar, discutimos os resultados obtidos, que indicam conservadorismo em relação ao uso das formas de tratamento, com predomínio geral do uso das formas associadas a *tu* na escrita dos florianopolitanos no período investigado.

3.1 DESCRIÇÃO E ANÁLISE ESTATÍSTICA DAS FORMAS DE TRATAMENTO

Nesta seção, descrevemos e analisamos as variáveis linguísticas e extralinguísticas que atuam na variação das formas de tratamento nas cartas que compõem nosso *corpus*.

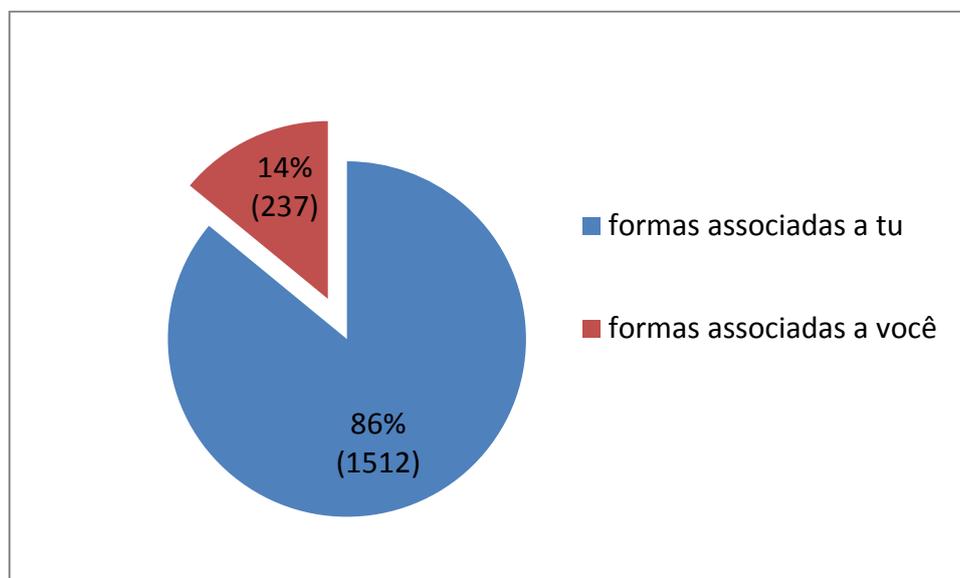
Para verificar os contextos que favorecem as formas associadas a *tu* e as formas associadas a *você*, controlamos a atuação de 10 variáveis, sendo cinco linguísticas e cinco extralinguísticas:

- 1) Formas de realização do sujeito
- 2) Preenchimento do sujeito (sujeito expresso ou nulo)
- 3) Formas pronominais de complementos verbais (acusativo, dativo e oblíquo)
- 4) Formas de pronomes possessivos
- 5) Formas verbais de imperativo (indicativo, subjuntivo)
- 6) Período
- 7) Missivista
- 8) Tipo de relação entre interlocutores
- 9) Díade remetente / destinatário
- 10) Temática do trecho analisado na carta

Todos os dados foram categorizados com base nesse conjunto de variáveis e submetidos a várias rodadas estatísticas⁶³, a fim de observamos os contextos em que ocorrem formas associadas a *tu* e formas associadas a *você*. Os resultados dessas rodadas são relatados a seguir.

De um total de 1749 dados, a maior parte (86%, 1512 dados) se associa a *tu* (uso de *tu* e de formas relacionadas a *tu*). As formas associadas a *você* (uso de *você*, de formas nominais e da estratégia *zero* e formas relacionadas) somam 237 ocorrências (14%), conforme se observa no Gráfico 1.

Gráfico 1: Resultados percentuais gerais das formas associadas a *tu* e das formas associadas a *você* no *corpus* investigado



Como era esperado, a partir de resultados de estudos anteriores sobre o uso das formas de tratamento em Florianópolis (NUNES DE SOUZA, 2015; NUNES DE SOUZA; COELHO, 2015; GRANDO, 2016), verificamos em nossa amostra o predomínio das formas associadas a *tu* sobre as formas associadas a *você*. Para compreender melhor a variação no uso das formas de tratamento em nosso *corpus*, analisamos a seguir um conjunto de variáveis linguísticas e extralinguísticas que podem atuar nessa variação.

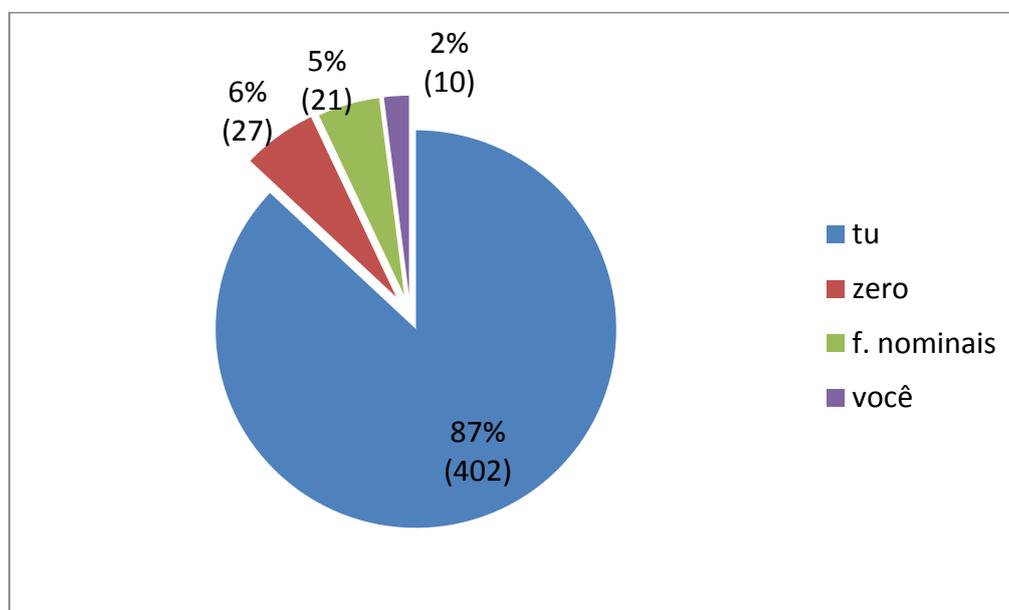
⁶³ Os dados foram rodados no programa GoldVarb 2001.

3.1.2 Descrição e análise das variáveis linguísticas e extralinguísticas

3.1.2.1 Forma de realização do sujeito

De todas as formas de realização de sujeito (nulos e expressos), predomina na amostra investigada a forma *tu* (87%), seguida da forma *zero* (6%) e das formas nominais (5%). Apenas 2% dos sujeitos ocorreram na forma *você* (10 dados), como se pode observar no Gráfico 2.

Gráfico 2: Percentuais gerais das formas de realização do sujeito no *corpus* investigado



Conforme o esperado, o *tu* predominou como sujeito (87%) na totalidade das cartas analisadas. Verificamos também que a forma *zero* se mostrou mais frequente do que a forma *você*, assim como Ramos (1989), que encontrou 40% de uso de sujeito *zero* e 31% de sujeito *você*.

Na Tabela 1, é possível visualizar de que maneiras as formas de sujeito se distribuem nas cartas investigadas. Destacamos em **negrito** o uso das formas em cartas mistas: dos 84 dados de sujeitos em cartas mistas⁶⁴, 72

⁶⁴ Ou seja, em que ocorre o uso de formas relacionadas tanto a *tu* quanto a *você* como sujeito, complementos, possessivos e imperativos.

(86%) são na forma *tu*, cinco (6%) são sujeito *zero*, um (1%) é expresso por uma forma nominal e seis sujeitos (7%) são *você*.

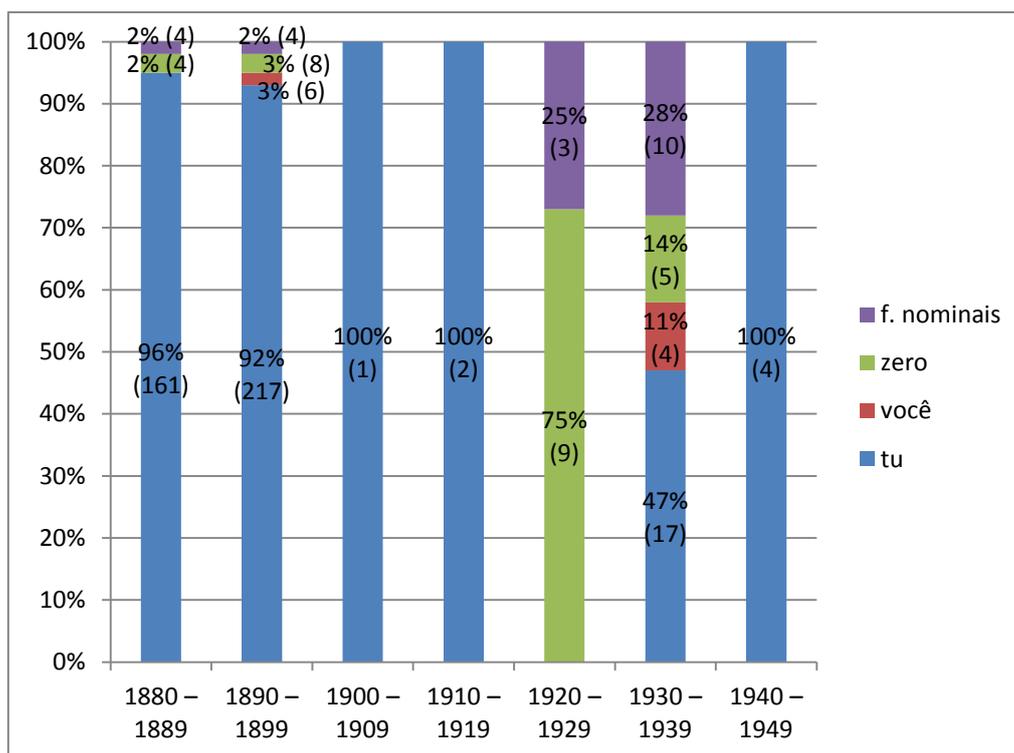
Tabela 1: Correlação entre a forma de realização do sujeito e o tratamento utilizado ao longo da carta

	dados em cartas de formas associadas a <i>tu</i>	dados em cartas mistas	dados em cartas de formas associadas a <i>você</i>	
sujeito <i>tu</i>	330	72	0	402
sujeito <i>zero</i>	0	5	20	25
sujeito em FN	0	1	20	21
sujeito <i>você</i>	0	6	4 ⁶⁵	10
	330	84	44	458

Ao relacionarmos a forma de realização do sujeito com o período em que as cartas foram escritas, obtivemos os resultados ilustrados pelo Gráfico 3. No período de 1880 a 1889, observamos o predomínio dos sujeitos na forma *tu* (95%) e a ocorrência de sujeitos expressos por formas nominais e de sujeito *zero* em 5% dos dados. Na década seguinte, os sujeitos expressos por formas nominais e o sujeito *zero* permanecem com índices semelhantes ao primeiro período, e observamos a ocorrência de 2% de dados de *você*. Nas duas primeiras décadas do século XX, foi categórica a realização do sujeito por meio do pronome *tu*. No período de 1920 a 1929, chama a atenção o elevado índice de sujeito *zero* e de formas nominais, além da ausência do pronome *tu* na década de 1920 a 1929. Entre 1930 e 1939, observamos a ocorrência de todas as formas de realização de sujeito controladas: *tu*, *você*, *zero* e formas nominais, com predominância de *tu*, seguido das formas nominais. No último período investigado, observamos novamente o uso categórico de *tu* na posição de sujeito.

⁶⁵ Esses quatro dados de *você* ocorrem em uma carta cujo missivista encontra-se doente, por isso pede que sua filha a redija.

Gráfico 3: Uso das formas de sujeito em cada período investigado



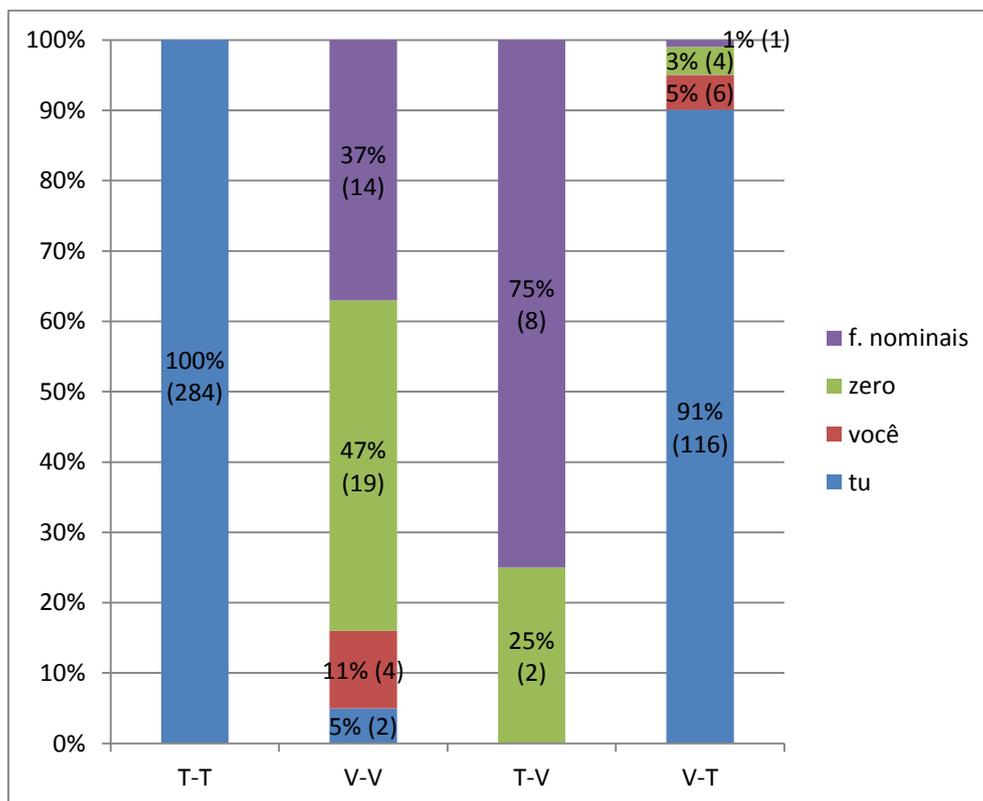
Ao realizarmos essa categorização por décadas, observamos que os dados do período de 1920 a 1929 são todos referentes a cartas da Amostra Boiteux, que são escritas por diversos missivistas para o mesmo remetente. No período seguinte, os dados de uso de formas nominais, *zero* e *você* ainda correspondem à Amostra Boiteux, e os dados de uso de *tu* são de cartas do escritor Virgílio Várzea ao seu filho Paulo. Os dados do último período investigado referem-se a apenas uma carta de Virgílio para Paulo, datada de 1941.

Quando observamos as formas de realização do sujeito ao longo dos períodos investigados, percebemos que o sistema quaternário de tratamento de que trata Ramos (1989)⁶⁶ ocorre em nossa amostra tanto em dados do século XIX quanto em dados do século XX.

⁶⁶ Ramos (1989), ao investigar amostra de dados oriundos de falantes florianopolitanos no final da década de 1980, verificou que em Florianópolis é possível considerar que o sistema de tratamento seja quaternário, ou seja, que se dê a partir de quatro formas de tratamento: *tu*, *você*, *senhor(a)* e *zero*. Em nossa amostra, incluímos outras formas nominais, que foram categorizadas junto com a forma *o senhor*.

O Gráfico 4, a seguir, mostra os resultados da correlação entre o uso das formas de realização de sujeito e o tipo de relação estabelecida entre os interlocutores.

Gráfico 4: Correlação entre os tipos de sujeito utilizados e as relações entre os interlocutores



Nas relações simétricas entre amigos e entre noivos (T-T), ou seja, entre os amigos escritores e entre Cruz e sua noiva Gavita, observamos o uso categórico de *tu* como sujeito; nas relações simétricas entre pessoas com menos intimidade (V-V), ou seja, na maioria das cartas enviadas a José Boiteux, observamos o uso das quatro formas de realização de sujeito investigadas, com predomínio do sujeito *zero* (47%), seguido da realização do sujeito por meio de formas nominais (37%) e do uso de *você* (11%). Apenas 5% dos sujeitos ocorreram na forma *tu*.

Nas relações assimétricas ascendentes (T-V), que na amostra investigada são de sobrinhos e afilhado para o tio ou padrinho José Boiteux, foram utilizadas apenas duas estratégias, a de sujeito *zero* (25%) e a de sujeito expreso por formas nominais:

- (120) *Agradecido por **0** estar guardando sellos. Obsequio **0** abraçar minha prezada tia Celina! (Carta de José ao tio José Boiteux, 19/11/1932)*
- (121) *Prezado Padrinho e Amigo Desembargador Boiteux: São os meus maiores almejos o saber que **o prezado padrinho**, dona Celina e Carolina estejam gosando perfeita saúde. (Carta de Benjamim ao padrinho José Boiteux, 10/12/1932)*

Finalmente, nas relações assimétricas descendentes (V-T), que em nossa amostra se referem a pais se dirigindo a filhos (Carolina e Guilherme para Cruz e Sousa, e Virgílio Várzea para Paulo), observamos o uso das quatro formas de sujeito controladas nesta investigação, conforme os exemplos a seguir, com mais ocorrências de sujeito *tu* (91%).

- (122) *Meo Caro Filho **você** diz que sentiu muito a nossa separação (Carta de Carolina da Conceição ao filho Cruz e Sousa, (06/01/1890)*
- (123) *graças ao Altissimo eu e teu pai vamos indo sem novidades. **0** Não pode imaginar o prazer que nos deu a tua carta de 2 do passado, pois n'ella com satisfação vemos que **0** tem gosado saude. (Carta de Carolina da Conceição ao filho Cruz e Sousa, (01/03/1891)*
- (124) *Recomendações que o Se Lopés mora atraz da matriz o Lopes manda perguntar se **o Senhor** a tanta tempo que na escreve para elle. (Carta de Guilherme Souza a Cruz e Sousa, 7/04/1895)*
- (125) *A tua primeira carta deixou-me um tanto desolado. **0** Pareces-me, através della, meio desanimado. Então **tu**, aos trinta e dois annos, desanimas? Que tolice! **Tu** tens ainda, pelo menos, 40 annos a viver. Nada de desani-mo ou fraqueza. (Carta de Virgílio Várzea ao filho Paulo, 07/01/1932)*

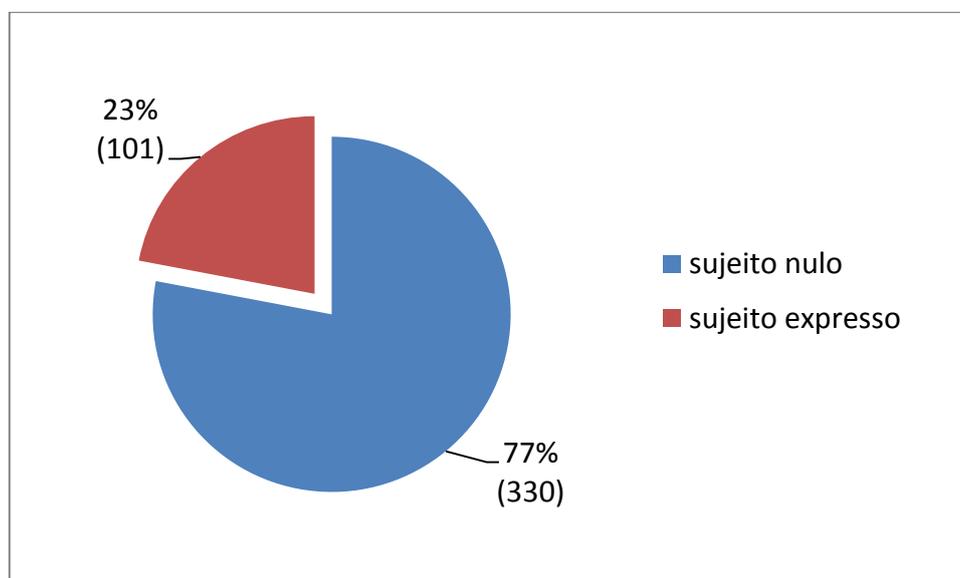
Assim, ao correlacionarmos a forma de realização dos sujeitos com a relação estabelecida entre os interlocutores, percebemos que, nas relações simétricas entre pessoas mais íntimas (T-T), o sujeito *tu* é categórico. O sujeito *tu* também foi mais numeroso nas relações assimétricas descendentes (V-T). Nas relações assimétricas ascendentes (T-V) e nas relações simétricas entre pessoas mais distantes (V-V), há frequência mais elevada do uso de sujeitos de formas associadas a *você*: *você*, *zero* e formas nominais. Os resultados corroboram com os achados de Nunes de Souza (2011).

Na próxima seção, descreveremos os sujeitos de nossa amostra a partir de suas ocorrências nulas ou expressas.

3.1.2.2 Preenchimento do sujeito

Os resultados gerais para o preenchimento do sujeito em nosso *corpus* mostram o predomínio de sujeito nulo (77%) em relação ao sujeito preenchido (23%), conforme observamos no Gráfico 5.

Gráfico 5: Percentuais gerais de sujeito nulo e expresso em todas as formas de tratamento analisadas em nosso *corpus*



Nossos resultados estatísticos atestam resultados de estudos anteriores (RUMEU, 2008; COELHO; GÖRSKI, 2011; LOPES, 2011; LOPES; MARCOTULIO 2011; NUNES DE SOUZA, 2015; GRANDO, 2016), os quais indicam que o uso de *tu* ocorre majoritariamente com sujeito nulo, enquanto *você* ocorre principalmente como sujeito expresso.

No Quadro 5, apresentam-se exemplos de ocorrências de sujeitos nulos e expressos em formas associadas a *tu* e a *você*.

Quadro 5: Exemplos de ocorrências de sujeitos nulos e preenchidos associados a *tu*, *você*, *zero* e formas nominais

	preenchimento do sujeito	exemplo
Formas associadas a <i>tu</i>	Sujeito Nulo	(126) <i>Tenho recebido sempre as tuas cartas e os jornaes que as acompanham; d'ellas, porém, só não me veio às mãos a que, segundo 0 me dizes, escoltava A Terra, de Zola; (Virgílio - Cruz, 10/11/1888)</i>
	Sujeito Expresso	(127) <i>apezar disso, sou, sou perfeitamente, co- mo tu dizes, um "divino feliz". (Virgílio - Cruz, 10/11/1888)</i>
Formas associadas a <i> você</i>	Sujeito zero	(128) <i>Mando-lhe Perguntar si 0 a recebeo uma carta que lhe escrevi no meins Pasado Porque não tive Resposta (Guilherme - Cruz, 01/09/1895)</i>
	Sujeito expresso de <i> você</i>	(129) <i>Espero, pois, que você, que ain- da conta mais saude do que eu, se encarregue desse acto de benemerencia, que ainda mais recommendará seu nome á posteridade. (E. para JB, 20/06/1931)</i>
	Sujeito expresso por forma nominal	(130) <i>O Zéca Villela entregou- me a quantia de um mil reis (100 [?]000 [?]) com que o bom tiju- cano presenteou a Fabrica da Matriz para as suas despesas. (Padre Gercino - JB, 05/08/1902)</i>

A seguir, veremos os resultados estatísticos relativos aos usos dos complementos verbais.

3.1.2.3 Formas pronominais de complementos verbais

Das 509 ocorrências de formas de complementos, 58% são formas dativas, das quais 79% apresentam-se associadas a *tu* e 21% associadas a *você*; 30% são formas acusativas, das quais 93% são de *tu* e 7% são formas de *você*. As formas oblíquas somam 12%, das quais 92% associadas a *tu* e 8% associadas a *você*, conforme observamos na Tabela 2.

Tabela 2: Percentuais das formas associadas a *tu* e a *você*, segundo a variável Formas pronominais de complementos verbais

		T	V	total	%
Formas oblíquas	número	58	5	63	12
	%	92	8		
Formas acusativas	número	141	11	152	30
	%	93	7		
Formas dativas	número	233	61	294	58
	%	79	21		
Total	número	432	77	509	
	%	85	15		

Percebe-se o predomínio de formas associadas a *tu* na realização dos três tipos de complementos, mas as formas acusativas são as que mais ocorrem associadas a *tu* (com 93% de *te*), atestando os trabalhos anteriores. Os fragmentos 131 a 140 apresentam exemplos de usos de formas acusativas de *tu* e de *você*.

(131) *Palavra, sonhador, que eu não te entendo?*

(132) *Quando te verei?*

(133) *que eu te tenho como o consolo maior*

(134) *Amo-te, amo-te muito,*

(135) *E abraço-te dedicadamente.*

(136) *outro recurso senão importunal-o ainda uma vez*

(137) *Abraço-o com affecto*

(138) *Bem sei que já o ocupei*

(139) *Estimarei que esta vá encontrar-lhe de saúde*

(140) *Felicito-o pela publicação do expressivo folheto*

Quando comparamos as três formas de complemento, as formas dativas são as mais numerosas (233 ocorrências, 58%), uma vez que formam construções muito comuns em cartas, como as que vemos nos fragmentos 141 a 153. Com relação aos percentuais dessas formas associadas a *tu* e a *você*, observa-se que o *lhe* foi a forma mais produtiva das relacionadas a *você*.

- (141) *Envio-te retratos meus*
 (142) *Mando-te os jornais*
 (143) *Mando-te uns versos*
 (144) *mandei lhe um folhete*
 (145) *envio- lhe affectuoso abraço.*
 (146) *O Trajano Ferreira tambem manda-te muitas saudades*
 (147) *Vou escrever-te*
 (148) *Isto que te escrevo é a toda pressa*
 (149) *Estava para escrever-lhe,*
 (150) *porque eu se sobesse ler e escrever lhe escreveria*
 (151) *Agradeço-lhe a remessa*
 (152) *muito de coração lhe agradeço a prova*
 (153) *muito te agradecemos a quantia*

Tabela 3: Correlação entre paradigma utilizado na carta e complementos verbais

		Cartas com uso categórico de formas associadas a <i>tu</i>	%	Cartas mistas	%	Cartas com uso categórico de formas associadas a <i>você</i>	%	total	%
Formas oblíquas	T	54	100	4	67	0	0	58	92
	V	0	0	2	33	3	100	5	8
	Total	54		6		3		63	
Formas acusativas	T	125		16	88	0	0	141	93
	V	0	100	2	12	9	100	11	7
	Total	125	0	18		9		152	
Formas dativas	T	205	100	28	72	0	0	233	79
	V	0	0	11	28	50	100	61	21
	Total	205		39		50		294	
Total	T	384	100	48	76	0	0	432	85
	V	0	0	15	24	62	100	77	15
	Total geral	384		63		62		509	

Na Tabela 3 é possível perceber que, nas cartas mistas, predominam as formas de complementos associadas a *tu*. Vejamos, a seguir, uma outra correlação, observando as formas de realização desses complementos.

Tabela 4: Correlação entre paradigma utilizado na carta e forma de realização do complemento

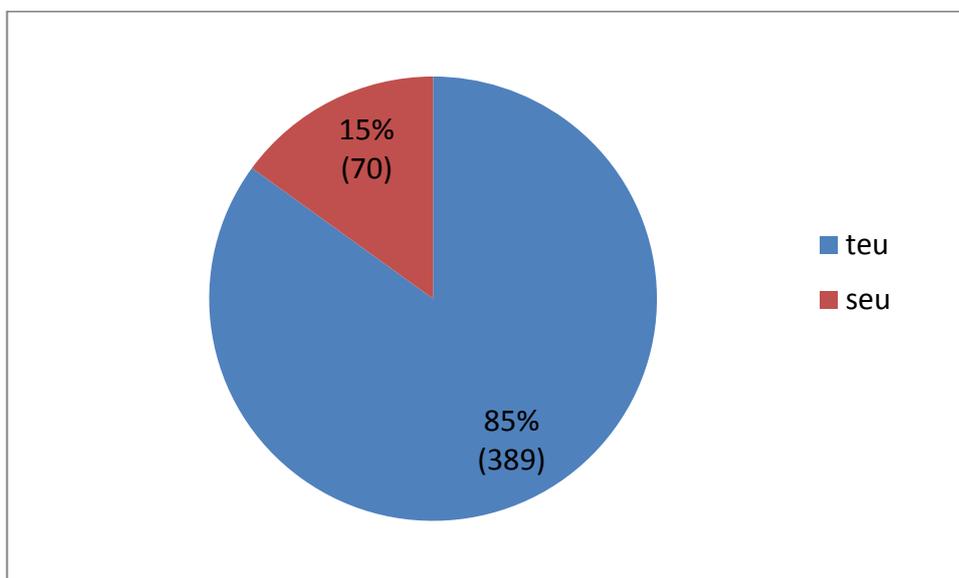
Dado		paradigma de:	Dados em cartas mistas com uso categórico de sujeito <i>tu</i>	%	Dados em cartas mistas de sujeito misto	%	Dados em cartas mistas com uso categórico de sujeito <i>você</i>	%	total	%
Formas dativas	te	<i>tu</i>	184	100	25	100	0	0	209	100
		<i>você</i>	0	0	0	0	0	0	0	0
		Total	184		25		0		209	
	lhe	<i>tu</i>	0	0	0	0	0	0	0	0
		<i>você</i>	0	0	12	100	44	100	56	100
		Total	0	0	12		44		56	
	a ti / para ti / ao amigo / ao bom amigo / ao prezado amigo / ao meu estimado filho	<i>tu</i>	20	100	3	75	0	0	23	77
		<i>você</i>	0	0	1	25	6	100	7	23
		Total	20		4		6		30	
Formas obliquas	de ti / do amigo / do meu amigo / de meu querido filho	<i>tu</i>	22	100	2	50	0	0	24	83
		<i>você</i>	0	0	2	50	3	100	5	17
		Total	22		4		3		29	
	por ti	<i>tu</i>	13	100	2	100	0	0	15	100
		<i>você</i>	0	0	0	0	0	0	0	0
		Total	13		2		0		15	
	contigo	<i>tu</i>	8	100	0	0	0	0	8	100
		<i>você</i>	0	0	0	0	0	0	0	0
		Total	8		0		0		8	
	em ti	<i>tu</i>	5	100	0	0	0		1	100
		<i>você</i>	0	0	0	0	0		0	0
		Total	5		0		0		1	
	sobre ti	<i>tu</i>	3	100	0	0	0		3	100
		<i>você</i>	0	0	0	0	0		0	0
		Total	3		0		0		3	
	contra ti	<i>tu</i>	1	100	0	0	0		1	100
		<i>você</i>	0	0	0	0	0		0	0
		Total	1		0		0		1	
Formas acusativas	te	<i>tu</i>	128	100	16	100	0		144	100
		<i>você</i>	0	0	0	0	0		0	0
		Total	128		16		0		144	
	o	<i>tu</i>	0		0	0	0	0	0	0
		<i>você</i>	0		0	0	9	100	9	100
		Total	0		0		9		9	
Total	<i>tu</i>	384	100	48	76	0	0	432	85	
	<i>você</i>	0	0	15	24	62	100	77	15	
	Total geral	384		63		62		509		

Nossos resultados corroboram com estudos de Rumeu (2008), Nunes de Souza (2015) e Grando (2016). Esses trabalhos apontam que formas associadas a *você* não são as preferidas na amostra das cartas em estudo, mas houve o favorecimento de *você* no contexto morfossintático de pronome complemento preposicionado (*por você, de você*); já os pronomes oblíquos sem preposição (*te*) foram um dos ambientes em que as formas de P2 (*tu*) ofereceram resistência à mudança, combinando-se muitas vezes com sujeitos em formas associadas a *você*.

3.1.2.4 Formas de pronomes possessivos

Em relação aos pronomes possessivos, nossos resultados gerais, ilustrados pelo gráfico 6, indicam que, das 459 ocorrências, a maior parte refere-se ao uso de *teu* (85%), atestando os resultados gerais de Arduin (2005)⁶⁷, que mostram predominância de *teu* (86%) em relação a *seu* (14%) na fala catarinense.

Gráfico 6: Percentuais gerais para formas de possessivos na amostra investigada



⁶⁷ Dados dos três estados da Região Sul.

Nas cartas mistas, ocorrem 57 formas de possessivos, sendo 45 (79%) *teu* e 12 (21%) *seu*. Dessas 12 ocorrências de *seu* em cartas mistas, sete aparecem em cartas de sujeito apenas *tu*, três em cartas de sujeito misto e duas em cartas de sujeito apenas *você*. Das 45 ocorrências de *teu* em cartas mistas, 40 ocorrem em cartas de sujeito apenas *tu*, três em cartas de sujeito misto e duas em cartas de sujeito apenas *você*, conforme observamos nos índices da Tabela 5.

Tabela 5: Correlação entre o pronome sujeito nas cartas mistas e o uso de pronome possessivo

	dados em cartas de sujeito apenas <i>tu</i>	dados em cartas de sujeito misto	dados em cartas de sujeito apenas <i>você</i>	total
<i>teu</i>	40 (85%)	3 (50%)	2 (50%)	45 (79%)
<i>seu</i>	7 (15%)	3 (50%)	2 (50%)	12 (21%)
total	47	6	4	57

Nas cartas mistas em que o sujeito se manifesta apenas por meio do pronome *tu* (nulo ou expresso), predomina o pronome possessivo *teu* em relação a *seu*, assim como nos dados investigados por Arduin (2005). Já as cartas mistas em que o sujeito se manifesta apenas por meio do pronome *você*, os dados de *teu* e *seu* apresentam números idênticos, diferentemente dos dados investigados por Arduin (2005), que encontrou o predomínio de formas possessivas de *teu / tua* em 80% dos casos de uso do pronome *você*.

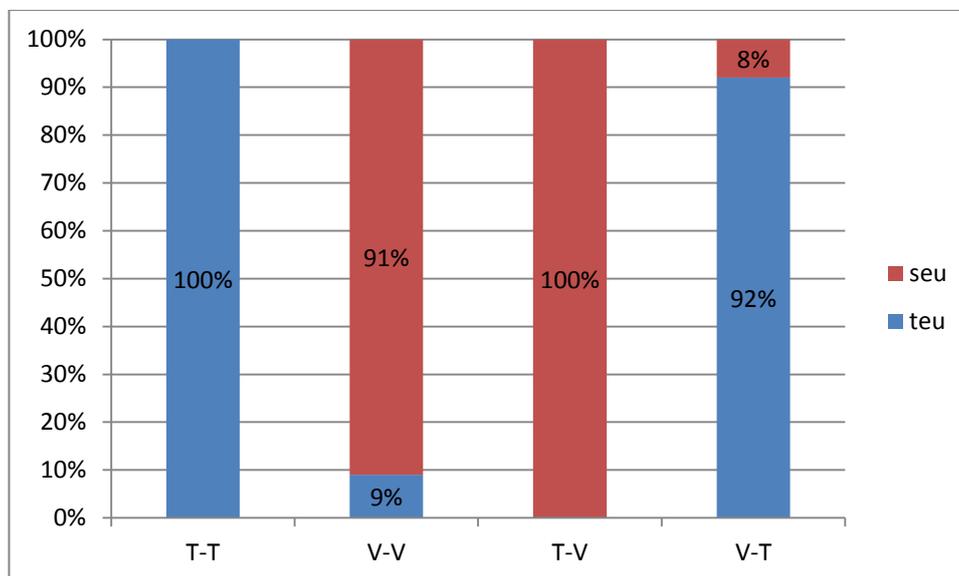
Na tabela 6, vemos os números relativos à correlação entre os pronomes possessivos e o tipo de relação estabelecida entre os missivistas.

Tabela 6: Correlação entre a forma do pronome possessivo e a relação estabelecida entre os missivistas

	<i>teu</i>	<i>seu</i>	total
T-T	257 (100%)	1 (0%)	258 (56%)
V-V	5 (9%)	48 (91%)	53 (12%)
T-V	0 (0%)	10 (100%)	10 (2%)
V-T	127 (92%)	11 (8%)	138 (30%)
total	389 (85%)	70 (15%)	459

O Gráfico 7 dá luz a esses resultados:

Gráfico 7: Correlação entre a forma do pronome possessivo e a relação estabelecida entre os missivistas



Em relações assimétricas em que um superior se dirige a um inferior (V-T), predomina o uso de *teu* (92%) em relação a *seu* (8%); quando um inferior se dirige a um superior (T-V), observamos o uso categórico da forma *seu*; na relação entre iguais, observamos que em relações de mais proximidade e intimidade (T-T) é quase categórico o uso de *teu*⁶⁸. Esses resultados se assemelham aos encontrados nos dados investigados por Arduin (2005). Contudo, nas relações simétricas entre pessoas mais distantes (V-V), encontramos o predomínio de *seu* (91%).

Quanto aos pronomes possessivos, observamos, portanto, nos dados investigados, o predomínio do uso de *teu* em relação ao *seu* tanto nos dados gerais quanto nos dados relativos às cartas mistas. O uso de *seu* ocorre tanto nas cartas de sujeito categoricamente de *tu* quanto de sujeito misto e de sujeito categoricamente de *você*, e seu maior percentual ocorre nas cartas mistas de sujeito misto e de sujeito categoricamente de *você*, contudo nunca ultrapassando a casa dos 50%. No que tange às relações entre os missivistas,

⁶⁸ Os dados de *seu* somam menos de 1%.

observamos que a forma *seu* predomina tanto nas cartas de um inferior para um superior quanto nas cartas de relações simétricas entre pessoas distantes.

A seguir, descreveremos o comportamento das formas verbais de imperativo encontradas na amostra investigada.

3.1.2.5 Formas verbais de imperativo

Os resultados para as formas verbais de imperativo apontam que formas do indicativo predominam associadas a *tu* (88%), e formas do subjuntivo são categoricamente associadas a *você*; no caso das cartas mistas, há uma mescla entre formas indicativas (54%) e subjuntivas (46%), como já era esperado.

Tabela 7: Correlação entre paradigma utilizado na carta e uso de forma verbal de imperativo

	dados em cartas com formas associadas a <i>tu</i>	dados em cartas mistas	dados em cartas com formas associadas a <i>você</i>	total
indicativo	192 (88%)	14 (54%)	0	206 (79%)
subjuntivo	25 (12%)	12 (46%)	19 (100%)	56 (21%)
total	217	26	19	262

O exemplo a seguir ilustra o uso do imperativo subjuntivo afirmativo em carta de sujeito *tu*:

(154) *Escreve-me radiantemente com punhos de sol e radiações de corneta. Em casa todos os meus vão bem. **Esprema** o Varzea n'um abraço esmagado, ao Araujo e ao Horacio, e tu, sonhador eterno, satanaz potrudo e azinhavrado, leva-me contigo n'um eterno abraço funambulesco para a gruta onde te alopas. Oscar Rosas (Carta Oscar Rosas a Cruz e Sousa, 02/07/1889)*

A seguir, descreveremos o uso das formas associadas a *tu* e a *você* nos períodos investigados.

3.1.2.6 Período

As cartas que compõem a amostra utilizada nesta pesquisa foram separadas em sete períodos distribuídos por década:

período 1: 1880-1889

período 2: 1890-1899

período 3: 1900-1909

período 4: 1910-1919

período 5: 1920-1929

período 6: 1930-1939

período 7: 1940-1949

A tabela 8 apresenta, do total dos dados correspondentes a cada período, o número e a porcentagem de dados⁶⁹ associados a *tu* e a *você*.

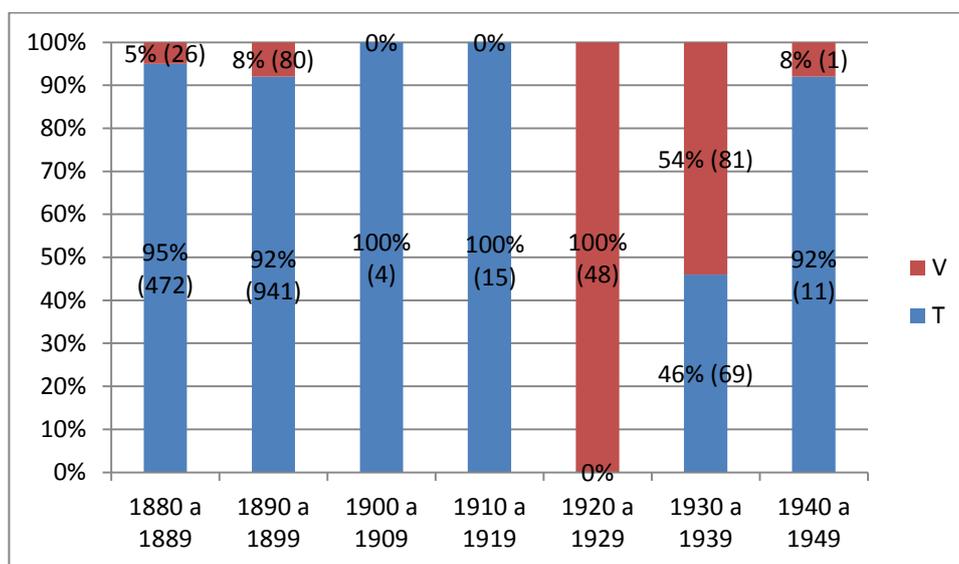
Tabela 8: Frequência de formas associadas a *tu* e a *você*, segundo a variável período em que as cartas foram escritas

		formas associadas a <i>tu</i>	formas associadas a <i>você</i>	total	%
período 1 1880-189	número	472	26	498	29
	%	95	5		
período 2 1890-1899	número	940	81	1018	58
	%	92	8		
período 3 1900-1909	número	4	0	4	0
	%	100	0		
período 4 1910-1919	número	15	0	15	1
	%	100	0		
período 5 1920-1929	número	0	49	49	3
	%	0	100		
período 6 1930-1939	número	69	81	150	9
	%	46	54		
período 7 1940-1949	número	11	1	12	0
	%	92	8		
total	número	1511	238	1749	
	%	86	13		

⁶⁹ Nessa análise levam-se em conta os contextos morfossintáticos de sujeito, complementos verbais, possessivos e verbos imperativos.

No gráfico 8, é possível visualizar que as formas⁷⁰ associadas a *voce* ocorrem em 5% dos dados do período de 1880 a 1889 e em 8% dos dados de 1890 a 1899. Depois, tornam a ocorrer apenas no período de 1920 a 1929, nesse caso, de maneira categórica. No período de 1930 a 1939, caem para 54%, e no último período analisado, de 1940 a 1949, caem para 8%.

Gráfico 8: Dados associados a *voce* (V) e a *tu* (T) por período de tempo



É preciso ressaltar, contudo, que ao longo das décadas, os dados que analisamos correspondem a diferentes amostras de cartas pessoais, com diferentes missivistas de diferentes perfis (conforme metodologia apresentada anteriormente), por isso não é possível afirmar que o uso de formas associadas a *voce* tenha de fato aumentado ao longo do século XX, como trabalhos anteriores já demonstraram. O fato é que observamos a resistência do pronome *tu* e de formas⁷¹ relacionadas a *tu*, que coocorrem com a forma *voce* e com as outras formas⁷² associadas a *voce*.

No entanto, chamam atenção os dados de formas associadas a *voce* encontrados nas últimas décadas do século XIX. Dentre essas formas,

⁷⁰ Sujeito, complementos, possessivos e imperativos.

⁷¹ Complementos, possessivos e imperativos.

⁷² Complementos, possessivos e imperativos.

controlamos o uso de sujeitos de *you*, de formas nominais e de *zero*. Nesse período, encontramos o uso de *you* por dois missivistas em cartas pessoais.

Nunes de Souza e Coelho (2015) observaram o uso categórico de *tu* e de formas nominais em cartas pessoais no século XIX, sendo o uso de *you* verificado por Nunes de Souza (2011) apenas em textos de peças teatrais, em geral, em relações assimétricas descendentes, e não em cartas pessoais.

Registramos aqui que o *corpus* do século XIX investigado por Nunes de Souza (2015) e Nunes de Souza e Coelho (2015) foi ampliado durante a realização desta pesquisa. Assim, além das 35 cartas já analisadas nas referidas pesquisas, pudemos analisar outras 20 do mesmo período e das mesmas díades (Virgílio Várzea – Cruz e Sousa e Araújo Figueiredo – Cruz e Sousa). Ademais, acrescentamos à amostra 24 cartas recebidas por Cruz e Sousa de seus pais e mais 20 cartas escritas por Cruz e Sousa a diversos remetentes.

No quadro a seguir, apresentamos a quantidade de cartas que compunham originalmente o *corpus* analisado por Nunes de Souza (2015) e Nunes de Souza e Coelho (2015) e os números da amostra ampliada, que forneceu os dados referentes ao século XIX a esta pesquisa.

Quadro 7: Ampliação da “Amostra Cruz e Sousa”

díade	Número de cartas da amostra original	Número de cartas da amostra ampliada
Cruz e Sousa – Gavita	4	4
Virgílio Várzea – Cruz e Sousa	8	16
Araújo – Cruz e Sousa	8	19
Oscar – Cruz e Sousa	-	14
Guilherme – Cruz e Sousa	-	19
Carolina – Cruz e Sousa	-	5
Virgílio Várzea – Paulo	-	6
Cruz e Sousa – Germano W	-	2
Cruz e Sousa – Virgílio Várzea	-	1
Cruz e Sousa – Araújo	-	4
Cruz e Sousa – Luís Delfino	-	1
Cruz e Sousa – Gonzaga Duque	-	1
Cruz e Sousa – Nestor Vitor	-	8
Cruz e Sousa – Alberto Costa	-	1

Destacamos nessa amostra de Cruz e Souza ampliada seis ocorrências do uso da forma *você* ainda nas duas últimas décadas do século XIX, e quatro ocorrências desse mesmo pronome no início do século XX. Na seção 3.5, descrevemos essas 10 ocorrências de *você* encontradas entre 1880 e 1940.

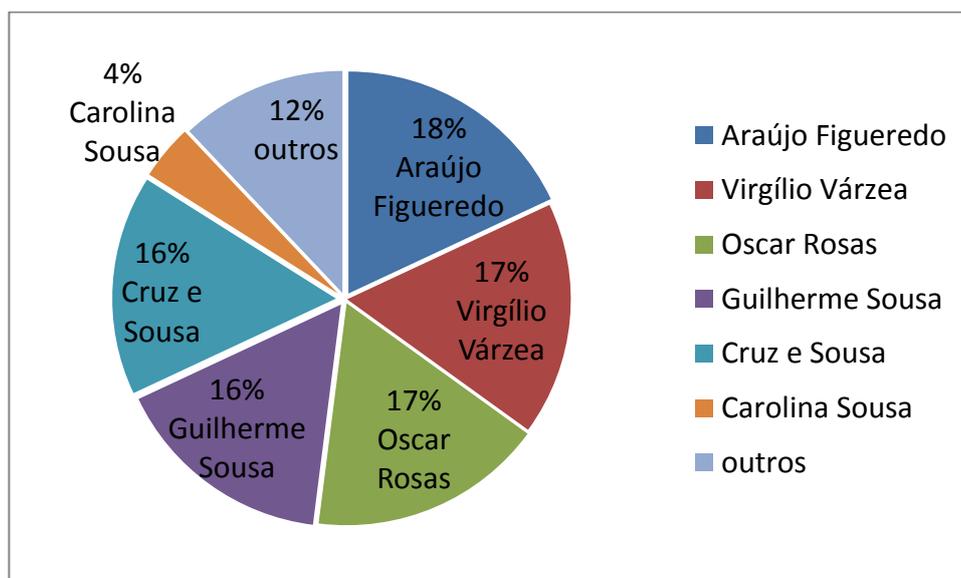
3.1.2.7 *Missivista*

Todos os missivistas que escrevem cartas que compõem o *corpus* analisado estão listados na seção 2.4.1.7. Nossa expectativa para essa variável era a de que o comportamento linguístico dos missivistas pudesse

variar de acordo com o destinatário das cartas, uma vez que intimidade, proximidade, distanciamento e formalidade interferem na escolha das formas de tratamento.

No Gráfico 9, a seguir, temos a indicação dos missivistas que produziram mais dados de modo geral (especialmente por haver, em nossa amostra, mais cartas de suas autorias e cartas mais longas): 19% dos dados analisados foram produzidos pelo missivista Araújo Figueiredo, seguido pelos missivistas Virgílio Várzea (18%), Oscar Rosas (17%) Guilherme Sousa (17%) e Cruz e Sousa (15%). Os demais missivistas produziram menos dados para nossa análise por nossa amostra contar com menos quantidade de cartas de suas autorias.

Gráfico 9: Percentual de uso das formas associadas a *tu* e a *você* utilizadas pelos missivistas

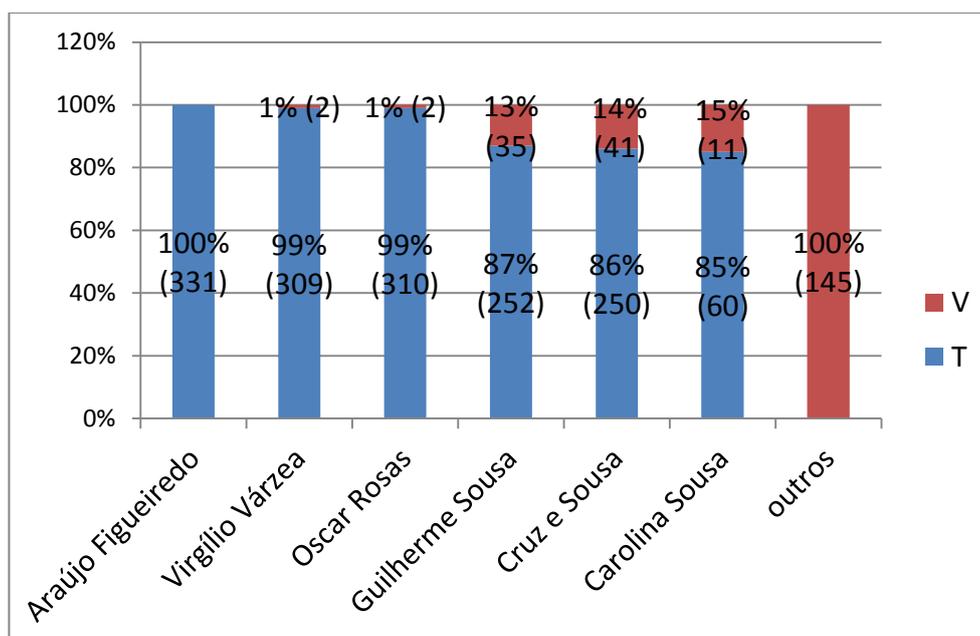


Em relação a formas utilizadas, observamos que nessa amostra os missivistas, de modo geral, costumam ser categóricos na escolha de formas associadas a *tu* ou de formas associadas a *você*. No gráfico 10⁷³, é possível visualizar apenas cinco missivistas utilizando formas de *tu* e de *você*: Virgílio Várzea, Oscar Rosas, Cruz e Sousa, Carolina da Conceição e Guilherme Sousa (ainda que predomine o uso das formas associadas a *tu*). O missivista

⁷³ Nos gráficos 9 e 10, estão agrupados em “outros” todos os missivistas que escreveram menor quantidade de cartas.

Araújo Figueiredo utilizou categoricamente formas associadas a *tu*. Os demais missivistas utilizaram categoricamente formas associadas a *você* (ou seja, a forma *você*, o *zero*, formas nominais, complementos verbais *o*, *lhe* etc., os imperativos subjuntivos e os possessivos *seu/sua*).

Gráfico 10: Uso de formas associadas a *você* (V) e a *tu* (T) pelos missivistas



Com o objetivo de verificar se o comportamento do missivista com relação ao emprego das formas de tratamento varia de acordo com o interlocutor, analisamos as cartas dos cinco missivistas que fazem uso de formas associadas a *tu* e a *você*. Verificamos que Virgílio Várzea utiliza predominantemente formas relacionadas a *tu* (99%), porém, em cartas endereçadas ao filho Paulo, ocasionalmente utiliza o possessivo *seu*, forma relacionada a *você*:

(155) *Agora (5 horas da tarde) sua mãe voltou de falar tele-phonicamente com a Heloisa. (Carta de Virgílio Várzea a Paulo, 29/03/1941)*

Percebemos, também, que, para três dos oito interlocutores para os quais Cruz e Sousa escreve, ele utiliza formas associadas a *você*. Em nosso *corpus*, temos apenas uma carta enviada a cada um desses três missivistas, o

que nos impede de verificar se esse paradigma se mantém em outras cartas a esses mesmos interlocutores, que tratem de outros assuntos ou escritas em outras épocas. A seguir, apresentamos fragmentos de cartas escritas por Cruz e Sousa a dois diferentes missivistas, o amigo e escritor Virgílio Várzea e Germano Wendhausen, que conhecia por meio da atuação de ambos no movimento Abolicionista⁷⁴.

(156) *Já vê o meu nobre amigo que, nas dificuldades em que estou, tenho absoluta necessidade de procurar destino. Assim, tendo já deliberado a minha viagem para a Corte, venho valer-me do seu prestígio e da sua generosidade jamais desmentidas pedindo-lhe encarecidamente para influir com o seu amigo e correligionário Virgílio Villela sobre uma passagem, ou, no caso de ser isso absolutamente impossível, embora o meu excelente amigo envie os seus esforços, fazer-me o supremo obséquio de me emprestar 50\$000 réis para eu poder transportar-me, pois, fica na honestidade do meu caráter e do meu brio satisfazer-lhe essa importância desde que o trabalho me garanta mais poderes para isso. (Carta de Cruz e Sousa a Germano Wendhausen, 02/04/1888).*

(157) *0 És um coração partido, acabo de saber pela tua chorosa carta. Broken heart! Broken heart! A tua Lilly emigrou, doce pássaro d'amor, para esta tumultuosa cidade. Hoje vou vê-la e à mãe e as flores que elas espalharam pela tua lembrança e pelo teu coração, eu farei com que cheguem ainda vivas e cheirosas junto de ti. (Carta de Cruz e Sousa a Virgílio Várzea, 08/01/1889)*

Percebemos, portanto, que a variação na escolha das formas, por parte de Cruz e Sousa, dá-se quando a carta é escrita a diferentes missivistas, e não ao longo de uma mesma carta.

Os outros dois missivistas que fazem uso tanto de formas associadas a *tu* quanto a *você* são Carolina da Conceição e Guilherme Sousa, mãe e pai de Cruz e Sousa. Não pudemos verificar, contudo, como eles utilizariam essas formas se estivessem escrevendo a outros destinatários, mas observamos que, algumas vezes, ao longo da mesma carta, coocorrem formas associadas a *tu* e a *você*. Percebemos, portanto, que esses dois missivistas variam o uso das

⁷⁴ “Foi a ajuda (baseada, talvez, não só na simpatia e boa vontade, mas também em algum interesse) de Germano Wendhausen – deputado à Assembléia Legislativa Provincial e um dos principais líderes abolicionistas locais –, o que, no final das contas, garantiu o seu salvo-conduto para o Rio de Janeiro.” (SOUZA, 2017, p. 44-45)

formas de tratamento com o mesmo interlocutor e ao longo de uma mesma carta, e que essa mescla de formas acontece mesmo em contexto morfossintático de sujeito.

(158) *Meo Caro Filho **você** diz que sentiu muito a nossa separação pois o que hei de dizer eu? Eu como [corroído] sentir assim como sinto mil vezes demais pois é o unico consolo que tinha estar perto **de meo Querido Filho**; mas somos tão infelizes que não podemos obter esse favôr de Deus de nos estar-mos juntos a gozar de uma extremosa vida So rogo a Deus que **0** sejas feliz de **0** alcançar um meio de vida que possa ajudar-nos a passar esses pocos dias de vida; (Carta de Carolina da Conceição para Cruz e Sousa, 06/01/1890)*

(159) *Meu Prezadíssimo Filho Em primeiro logar estimo **tua** saude que eu vou indo bem graças a Deus. Recebi **sua** estimadissima carta na qual fiquei muitissimo <↑satisfeito> por saber de **tua** saude que é o que eu estimo. (Carta de Guilherme Sousa a Cruz e Sousa, 23/10/1892).*

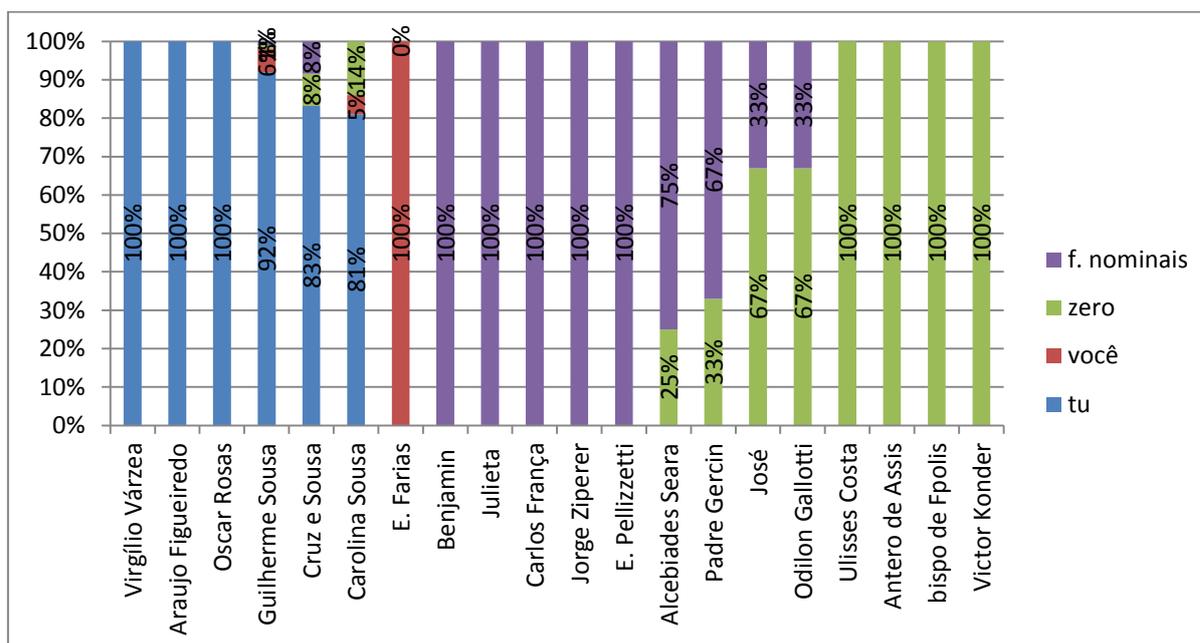
A partir da análise da variação no uso das formas de tratamento pelos missivistas, percebemos que a maior parte deles faz uso categórico ou de formas associadas a *tu* ou de formas associadas a *você*, e dentre os quatro missivistas que usam formas em variação, apenas um deles varia o uso das formas de acordo com o interlocutor, e os outros três variam ao longo da mesma carta, com o mesmo interlocutor.

A seguir, analisamos essa variação, considerando apenas as formas utilizadas como sujeito. A Tabela 9 e o Gráfico 11 apresentam as formas de tratamento utilizadas pelos missivistas na posição de sujeito.

Tabela 9: Números absolutos e percentuais das formas de tratamento utilizadas pelos missivistas na posição de sujeito

		tu	você	zero	f. nom.	total	%
Virgílio Várzea	n	90	0	0	0	90	19
	%	100	0	0	0		
Araujo Figueiredo	n	54	0	0	0	54	11
	%	100	0	0	0		
Oscar Rosas	n	114	0	1	0	115	25
	%	100	0	0	0		
Guilherme Sousa	n	78	5	1	1	85	18
	%	92	6	1	1		
Cruz e Sousa	n	49	0	5	5	59	12
	%	83	0	8,47	8,47		
Carolina Sousa	n	17	1	3	0	21	4
	%	81	5	14	0		
Victor Konder	n	0	0	5	0	5	1
	%	0	0	100	0		
Alcebiades Seara	n	0	0	1	3	4	0
	%	0	0	25	75		
E. Farias	n	0	4	0	0	4	0
	%	0	100	0	0		
José	n	0	0	2	1	3	0
	%	0	0	67	33		
Benjamin	n	0	0	0	3	3	0
	%	0	0	0	100		
Odilon Gallotti	n	0	0	2	1	3	0
	%	0	0	67	33		
Padre Gercin	n	0	0	1	2	3	0
	%	0	0	33	67		
Julieta	n	0	0	0	2	2	0
	%	0	0	0	100		
Ulisses Costa	n	0	0	2	0	2	0
	%	0	0	100	0		
Antero de Assis	n	0	0	1	0	1	0
	%	0	0	100	0		
Carlos França	n	0	0	0	1	1	0
	%	0	0	0	100		
Jorge Ziperer	n	0	0	0	1	1	0
	%	0	0	0	100		
E. Pellizzetti	n	0	0	0	1	1	0
	%	0	0	0	100		
Bispo de Fpolis	n	0	0	1	0	1	0
	%	0	0	100	0		
total			402	10	25	21	458

Gráfico 11: Percentual das formas de tratamento utilizadas pelos missivistas na posição de sujeito



Quanto à forma utilizada na posição de sujeito pelos missivistas, observamos que três deles fazem uso categórico de sujeito na forma *tu* (Virgílio Várzea, Araújo Figueiredo e Oscar Rosas); o missivista identificado como E. Farias (que escreve uma carta para José Boiteux) utiliza categoricamente sujeito *você*; cinco missivistas (Benjamin, Julieta, Carlos França, J. Ziperer e E. Pellizzetti (também interlocutores de José Boiteux) utilizam categoricamente sujeitos expressos por formas nominais; e quatro missivistas (U. Costa, A. de Assis, o bispo de Florianópolis e Victor Konder) utilizam a estratégia *zero* como sujeito em suas cartas, todas endereçadas a José Boiteux.

Quanto à variação no uso dos sujeitos, observamos que sete missivistas fazem uso de mais de uma forma; quatro deles (A. Seara, Padre G., José e O. Gallotti, interlocutores de José Boiteux) variam entre formas associadas a *você* (*zero* e formas nominais); e três deles (Guilherme Sousa, Carolina da Conceição e Cruz e Sousa) variam entre formas de sujeitos associadas tanto a *tu* quanto a *você*. Guilherme Sousa utilizou 92% dos sujeitos na forma *tu*, 6% na forma *você* e 1% na estratégia *zero*. Cruz e Sousa utilizou 84% dos sujeitos na forma *tu*, 8% por meio de formas nominais e 8% por meio da estratégia *zero*. Ele não realizou nenhuma vez a forma *você*. Carolina da Conceição utilizou 81% dos sujeitos na forma *tu*, 5% na forma *você* e 14% por meio da

estratégia zero. Os interlocutores de José Boiteux variam entre o uso de formas nominais e o uso da estratégia zero.

A seguir, vemos de que maneira a relação estabelecida entre interlocutores pode influenciar no uso das formas de tratamento.

3.1.2.8 Tipo de relação entre interlocutores

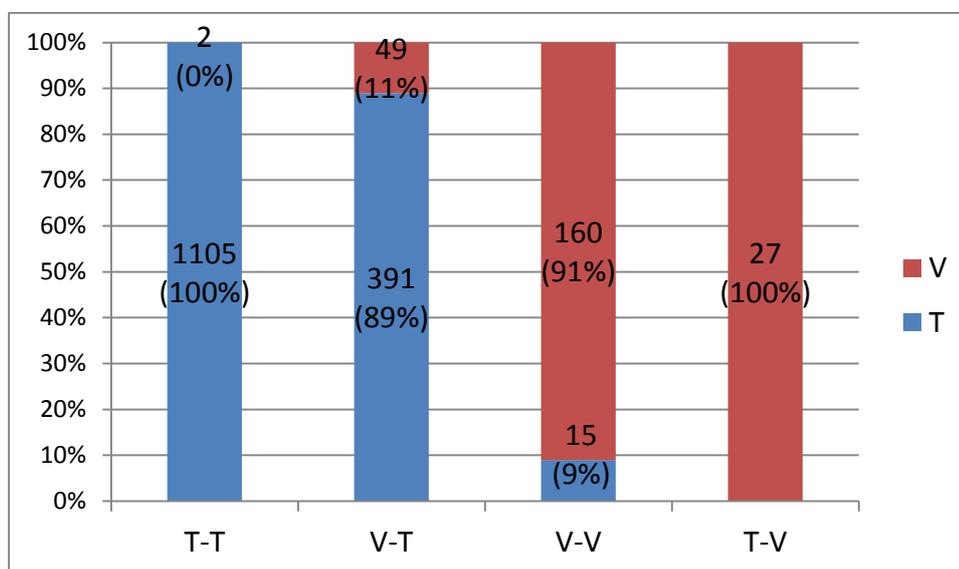
Para essa variável, foram elencados os seguintes fatores: relações T-T, relações V-T, relações V-V e relações T-V. Para analisar essas relações, foram tomados os postulados teóricos de Brown e Gilman (1960), segundo os quais as relações T-T e V-V são simétricas, ou seja, solidárias, enquanto as relações V-T e T-V são assimétricas, ligadas à esfera do poder, isto é, não solidárias. Vejamos os resultados.

Na Tabela 10 e no Gráfico 12, observamos que, nas cartas em que os interlocutores mantêm uma relação do tipo T-T, é categórico o uso de formas associadas a *tu*, enquanto nas cartas em que os interlocutores mantêm uma relação do tipo T-V, é categórico o uso de formas relacionadas a *você*. Nas cartas em que os interlocutores mantêm uma relação do tipo descendente, predominam as formas associadas a *tu* (89%), e nas cartas em que os interlocutores mantêm uma relação do tipo V-V, predominam as formas associadas a *você*.

Tabela 10: Frequência de formas associadas a *tu* e a *você*, segundo a variável tipo de relação entre os interlocutores

Relação	Formas associadas a <i>tu</i>		Formas associadas a <i>você</i>		Total	%
	número	%	número	%		
T-T	número	1105	2		1107	63
	%	100	0			
V-T	número	391	49		440	25
	%	89	11			
V-V	número	15	160		175	10
	%	9	91			
T-V	número	0	27		27	2
	%	0	100			
Total	número	1511	238		1749	
	%	86%	14%			

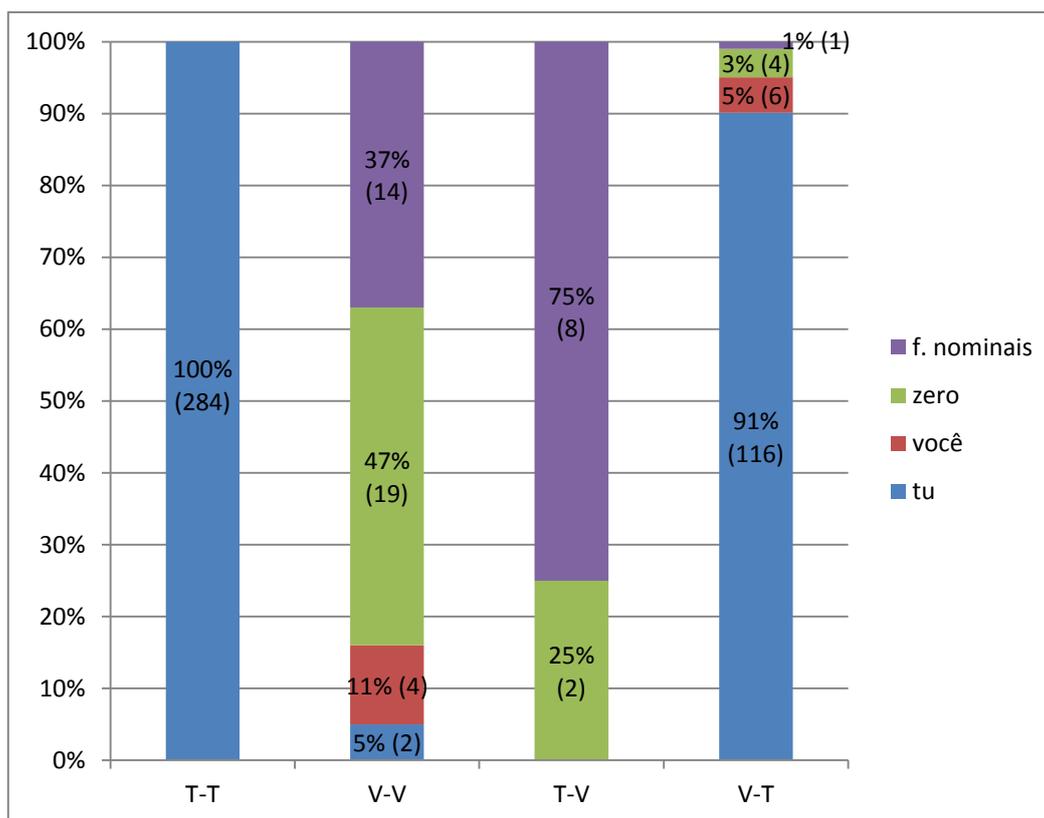
Gráfico 12: Percentual de uso das formas associadas a *tu* e a *você*, segundo a variável tipo de relação entre os interlocutores



Os resultados mostram as diferentes esferas de poder e solidariedade encontradas nas cartas. Nas relações T-T e V-T, as formas de tratamento que prevalecem são as associadas a *tu*; e nas relações V-V e T-V, as formas de tratamento preferenciais são as relacionadas a *você*, atestando a nossa hipótese.

Ao relacionarmos apenas a forma de sujeito com as relações estabelecidas entre os interlocutores, obtemos os resultados apresentados no Gráfico 13, a seguir.

Gráfico 13: Cruzamento entre a forma do sujeito e o tipo de relação entre os interlocutores



A partir do cruzamento dos dados do tipo de sujeito utilizado e da relação entre os interlocutores, percebemos o uso categórico de *tu* em relações do tipo T-T e o predomínio de *tu* em relações do tipo V-T. Além disso, o *tu* ocorre muito timidamente em relações do tipo V-V (5%) e não ocorre em relações do tipo T-V.

A forma *você* como sujeito ocorre em apenas 5% dos dados de interlocutores que estabelecem relação do tipo V-T e em 11% dos dados de interlocutores que estabelecem relação do tipo V-V.

O sujeito *zero* foi o tratamento predominante (47%) nas cartas com relação entre interlocutores do tipo V-V; nas cartas com relações do tipo T-V, o sujeito *zero* ocorreu em 25% dos dados, e em cartas com relações do tipo V-T ocorreu timidamente, representando 3% dos dados de sujeito.

O uso de formas nominais na posição de sujeito ocorreu apenas em cartas com relações dos tipos V-V (37%) e T-V (75%).

Esses resultados confirmam nossa hipótese de que as formas relacionadas a *tu* predominariam em cartas de missivistas que estabelecem

entre si relações dos tipos T-T e V-T. Em nossa amostra, observamos que os amigos escritores mantinham relações muito próximas e se tratavam por *tu* e formas relacionadas a *tu*, assim como era o tratamento de Cruz e Sousa à sua noiva Gavita.

Nas relações descendentes de pais para filhos, também predominam as formas relacionadas a *tu*, conforme observamos nas cartas escritas por Carolina, Guilherme e Virgílio a seus filhos. Contudo, além das formas relacionadas a *tu*, ocorrem também formas relacionadas a *você* em 11% dos dados.

Também atestamos nossa hipótese de que nas relações dos tipos V-V e T-V ocorreriam mais formas associadas a *você*, indicando respeito e/ou distanciamento, ou mesmo descomprometimento com quaisquer formas de sujeito, como ocorre no uso do sujeito *zero*. A maioria das cartas cujos interlocutores mantinham relação do tipo V-V faz parte da Amostra Boiteux, em que diversos missivistas escrevem a um interlocutor que possuía um *status* social relativamente elevado, por manter relações com autoridades de diversas esferas (política, literatura, direito). Em geral, as cartas enviadas a ele tratavam de relações profissionais e políticas, pedidos e agradecimentos feitos, muitas vezes, por pessoas que também possuíam algum *status*, como é o caso de Victor Konder⁷⁵, advogado e político. As cartas em relações do tipo T-V também são predominantemente da Amostra Boiteux, nesse caso, trata-se de cartas escritas por um sobrinho, uma sobrinha e um afilhado, que tratam seu interlocutor com familiaridade e um distanciamento respeitoso de pessoas mais jovens para uma pessoa mais velha.

Ao olharmos apenas para a posição de sujeito, observamos o predomínio do uso de *zero* e de formas nominais nas cartas enviadas a José Boiteux e o predomínio de *tu* nas cartas trocadas entre amigos, noivos e escritas de pais e mãe para filhos. A forma *você* não foi a preferida em nenhum dos quatro tipos de relações. Percebemos, portanto, que em relações respeitosas e não íntimas, os missivistas optaram por: (i) não se comprometer com nenhuma forma de tratamento, escolhendo o *zero* como estratégia; (ii)

⁷⁵ Durante o período em que se correspondeu com JB, comandava o Ministério da Viação e Obras Públicas, enquanto José Boiteux era desembargador do Tribunal de Justiça.

marcar o tipo de relação estabelecida, por meio do uso de formas nominais que indiquem a posição de cada interlocutor na díade (“meu tio”, “o amigo”, “o prezado padrinho”). Adiante descrevemos o uso de cada uma dessas formas de tratamento em posição de sujeito.

3.1.2.9 Díade remetente / destinatário

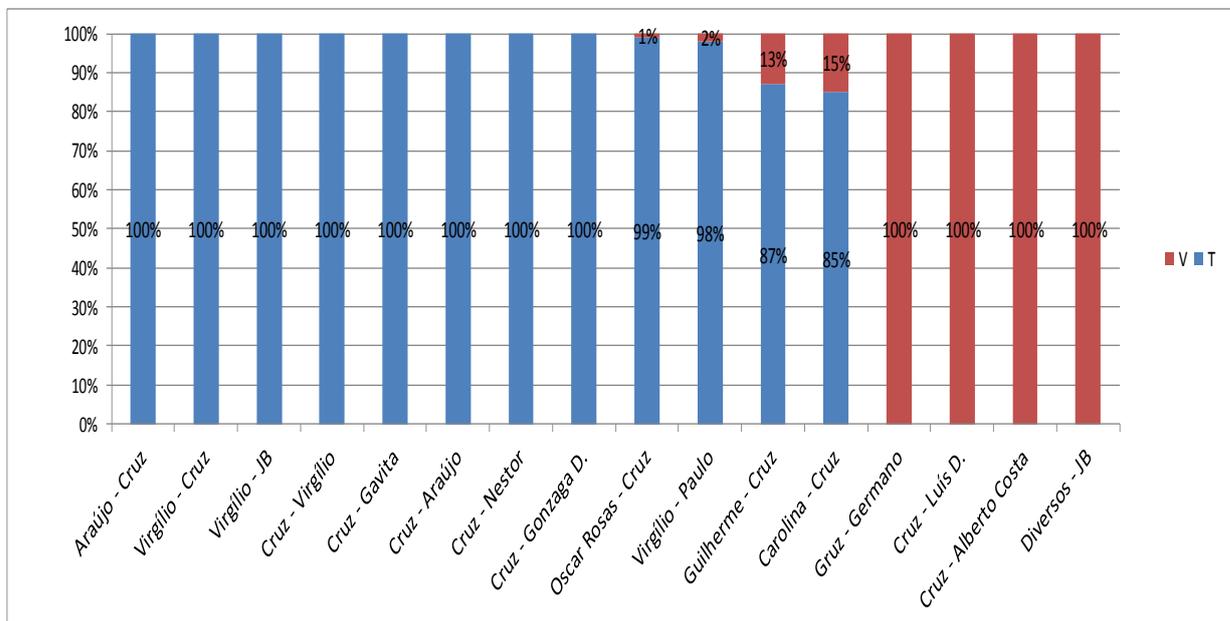
Para analisar esta variável, observamos os fatores levando em conta a relação entre os missivistas, ou seja, entre os indivíduos que escreveram e que receberam as cartas. É uma espécie de refinamento da variável anterior: tipo de relação entre os interlocutores. Vejamos os resultados.

Tabela 11: Número e percentual de formas associadas a *tu* (T) e a *você* (V) entre as díades

Díade		T	V	total	%
Araújo Figueiredo – Cruz e Sousa (18 cartas)	n.	331	0	331	19%
	%	100%	0%		
Oscar Rosas – Cruz e Sousa (14 cartas)	n	310	2	312	18%
	%	99%	1%		
Guilherme Sousa – Cruz e Sousa (19 cartas)	n	251	36	288	16%
	%	87%	13%		
Virgílio Várzea – Cruz e Sousa (18 cartas)	n	214	0	214	12%
	%	100%	0%		
Diversos – José Boiteux (26 cartas)	n	0	146	146	8%
	%	0%	100%		
Cruz e Sousa – Gavita (4 cartas)	n	139	0	139	8%
	%	100%	0%		
Virgílio Várzea – Paulo (5 cartas)	n	80	2	82	4%
	%	98%	2%		
Carolina da C. – Cruz e Sousa (5 cartas)	n	60	11	71	4%
	%	85%	15%		
Cruz e Sousa – Araújo Figueiredo (4 cartas)	n	56	0	56	3%
	%	100%	0%		
Cruz e Sousa – Nestor Vítor (7 cartas)	n	35	0	35	2%
	%	100%	0%		
Cruz e Sousa – Germano W. (2 cartas)	n	0	24	24	1%
	%	0%	100%		
Cruz e Sousa – Virgílio Várzea (1 carta)	n	16	0	16	1%
	%	100%	0%		
Cruz e Sousa – Luís Delfino (1 carta)	n	0	8	8	1%
	%	0%	100%		
Cruz e Sousa – Gonzaga Duque (1 carta)	n	4	0	4	1%
	%	100%	0%		
Virgílio Várzea – José Boiteux (3 cartas)	número	15	0	15	1%
	%	100%	0%		
Cruz e Sousa – Alberto Costa (1 carta)	número	0	9	9	1%
	%	0%	100%		
total	número	1513	237	1750	100%
	%	86%	14%		

O Gráfico 14, a seguir, dá luz a esses resultados.

Gráfico 14: Percentual de uso de formas associadas a *tu* e a *você*, segundo as díades entre remetente e destinatário



Com relação ao tratamento utilizado entre as díades de missivistas, observamos que, em nossa amostra, das 16 díades estabelecidas, oito apresentam categoricamente formas associadas a *tu*, quatro díades apresentam uso categórico de formas associadas a *você* e em quatro díades observamos o uso de formas de ambos os paradigmas, mas com predomínio do uso de formas associadas a *tu* em relação a formas associadas a *você*.

Notamos que as formas associadas a *tu* são usadas preferencialmente nas cartas escritas pelos missivistas que escrevem a amigos ou familiares, e as formas associadas a *você* são usadas pelos missivistas que escrevem a conhecidos ou autoridades políticas, como no caso dos interlocutores (diversos) de José Boiteux.

3.1.2.10 *Temática do trecho analisado na carta*

Trabalhos sobre a escrita de missivistas florianopolitanos que fazem uso variável entre as formas *tu* e *você* (NUNES DE SOUSA, 2015; NUNES DE SOUSA E COELHO 2015; GRANDO, 2016) obtiveram resultados indicando a

preferência pelo pronome *tu* em cartas ou trechos que tratam de assuntos mais pessoais e pelo pronome *você* em cartas ou trechos que tratam de assuntos profissionais.

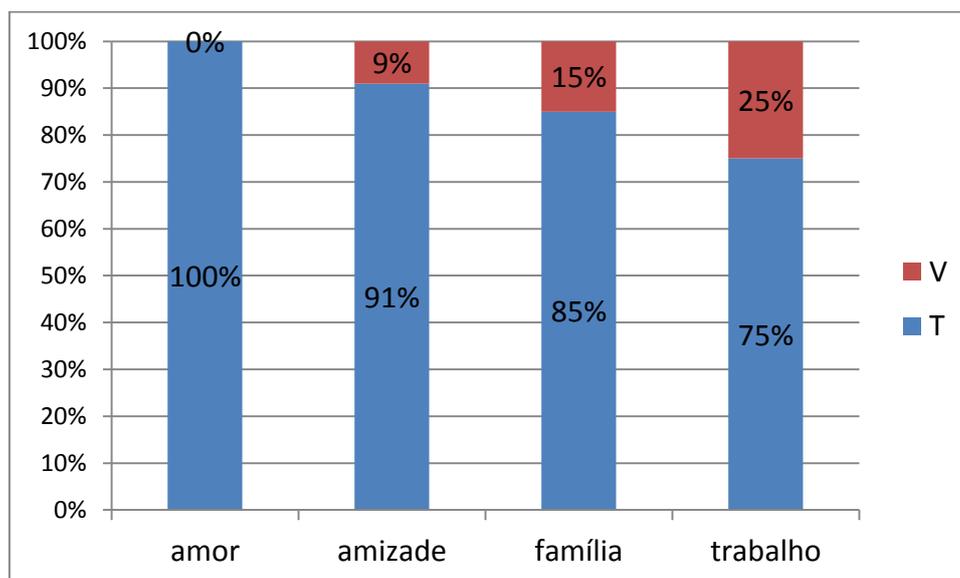
Com base nesses resultados, considerando *tu* um tratamento utilizado em contextos de mais intimidade e proximidade e *você*, zero e formas nominais tratamentos utilizados em contextos de mais distanciamento, espera-se que, nas missivas analisadas nesta pesquisa, nos trechos que tratam de amor, amizade ou assuntos familiares, se encontrem mais formas associadas a *tu*; e nos trechos em que se escreve sobre trabalho ou política, se encontrem mais formas associadas a *você*, com sujeitos predominantemente expressos por formas nominais e por zeros, além de ser um espaço propício à implementação de *você*.

Na Tabela 12 e no Gráfico 15, a seguir, vemos que, de todas as missivas analisadas, nos trechos em que se trata de amor, o uso de formas associadas a *tu* é categórico. Dos trechos cuja temática é amizade, apenas 9% estão associadas a *você*, e dos trechos que tratam de assuntos familiares, esse uso chega a 15%. Já os trechos com temática de trabalho foram os que apresentaram maior percentual de uso de formas associadas a *você* (25%). De qualquer maneira, as formas associadas a *tu* prevalecem.

Tabela 12: Frequência de formas associadas a *tu* (T) e a *você* (V), segundo a temática do trecho analisado na carta

		T	V	total	%
Trabalho	número	302	100	403	23
	%	75	25		
Amizade	número	634	60	694	40
	%	91	9		
Amor	número	153	0	153	8
	%	100	0		
Família	número	422	77	500	29
	%	84	16		
total	número	1511	238	1749	
	%	86	14		

Gráfico 15: Percentual de uso de formas associadas a *você* (V) e a *tu* (T), segundo a temática do trecho analisado na carta



Percebemos, portanto, que as formas associadas a *tu* são as predominantes em todos os contextos analisados, com certas peculiaridades que não podemos deixar de ressaltar: nos trechos em que se trata de amor, o uso de formas associadas a *tu* é categórico, enquanto nos trechos em que se trata de trabalho o uso das formas relacionadas a *você* é bastante revelador. Assim, atestamos nossa hipótese de que a temática trabalho apresentaria maiores percentuais de uso de formas associadas a *você*, embora esse uso não tenha predominado nem nessa temática nem em qualquer outra.

3.1.3 A coocorrência de formas associadas a *tu* e a *você* em um mesmo documento

Das 130 cartas investigadas, 87 encontram-se categoricamente associadas a *tu*, ou seja, todos os sujeitos ocorrem por meio do pronome *tu* (expresso, nulo com verbo flexionado e nulo com verbo sem flexão), os complementos são nas formas *te*, *a ti*, *de ti*, *contigo* etc., os possessivos são na forma *teu/tua*, e os verbos imperativos ocorrem na forma indicativa.

Outras 30 cartas estão categoricamente associadas a *você*, ou seja, todos os sujeitos são expressos por formas nominais, pelo pronome *você* e pela forma *zero*; os complementos ocorrem nas formas *lhe*, *o*, *com você*, *do*

amigo, ao amigo etc., os pronomes possessivos ocorrem na forma *seu / sua*, e os verbos imperativos ocorrem na forma subjuntiva.

Há também 13 cartas em que ocorrem formas tanto associadas a *you* quanto a *tu*, as quais chamamos de cartas mistas.

Tabela 13: Números absolutos de cartas com formas associadas a *tu*, formas associadas a *you* e de cartas mistas

Paradigma(s) utilizado(s) nas cartas		Quantidade de cartas
Cartas com formas associadas a <i>tu</i>		87
Cartas com formas associadas a <i>you</i>	Cartas de sujeito apenas <i>zero</i>	9
	Cartas de sujeito apenas FN	14
	Cartas sem sujeito	6
	Cartas de sujeito apenas <i>you</i>	1
		30
Cartas com formas associadas a <i>tu</i> e a <i>you</i> (cartas mistas)	Cartas de sujeito apenas <i>tu</i>	8
	Cartas de sujeito de <i>tu</i> , <i>zero</i> e formas nominais	4
	Cartas de sujeito apenas <i>you</i>	1
		13
		total de cartas 130

Entre as 30 cartas em que somente se encontram formas associadas a *you*, nove apresentam sujeitos exclusivamente na forma *zero* (ausência de pronome e verbo concordando com a 3ª pessoa do singular); em 14 cartas, os sujeitos se apresentam exclusivamente por meio de formas nominais (expressas e nulas); uma carta apresenta apenas sujeito na forma *you* e seis cartas não apresentam nenhum sujeito de segunda pessoa, conforme os exemplos a seguir:

(160) *Presado amigo Senhor Boiteux Envio-lhe o escudo de Joinville, Como **o** vê, ficou magnifico. Mandeí também uma copia ao Senhor Taunnay. Rogo **o** mostrar ao Alfredo. Com as minhas homenagens a **sua** familia subscrevo-me **seu** [inint.] e [inint.] Ulysses (Carta de Ulisses Costa a José Boiteux, 14/10/1929)*

(161) *Rio de Janeiro, 28 de Outubro de 1929. Prezado Amigo Desembargador José Boiteux. Saudações cordiaes. Felicito-o pela publicação do expressivo folheto em que deu fôrma duradoura á **sua** vibrante allocução proferida junto ao tumulo do grande catha-rinense que se chamou Hercilio Luz. Trata-se de um bello “in memoriam”, em que a vida e a obra de um dos melhores servidores do nos-so Estado se fixam no testemunho de alguem que, pela cultura e patriotismo, está realmente á altura de jul-gar os brasileiros illustres. Com um aperto de mão do leitor e admirador attento e ás ordens [assinatura] (Carta de Victor Konder a José Boiteux, 28/10/1929)*

Entre as 13 cartas mistas, oito cartas apresentam sujeitos exclusivamente de *tu* (expresso, nulo com verbo flexionado e nulo com verbo sem flexão); quatro cartas apresentam sujeitos tanto associados a *tu* quanto a *você*; e uma carta apresenta apenas sujeito na forma *você* (expressa e nula).

No Quadro 4, a seguir, listamos as oito cartas em que se percebe mistura de formas associadas a *tu* e a *você*, mas cujos sujeitos de segunda pessoa do singular se apresentam categoricamente na forma *tu* (expressa, nula com verbo flexionado e nula com verbo sem flexão). Nesses casos, as formas relacionadas a *você* ocorrem nos complementos, possessivos e imperativos. Dessas oito cartas, uma apresenta como forma relacionada a *você* o complemento *lhe*; cinco delas os pronomes possessivos *sua / seu(s)*; e três apresentam verbos no imperativo subjuntivo.

Quadro 4: Formas de sujeitos, complementos, possessivos e imperativos em cartas mistas cujos sujeitos ocorrem exclusivamente na forma *tu*.

Carta: díade e data	Sujeitos (apenas tu)	Formas relacionadas: complementos, possessivos, imperativos
Carta de Oscar Rosas para Cruz 05/04/1888	- <i>tu</i> expresso - <i>tu</i> nulo com verbo flexionado	te teu, teus, tua sua imper. ind.
Carta de Carolina da Conceição para Cruz 25/01/1891	- <i>tu</i> nulo com verbo flexionado - <i>tu</i> nulo com verbo sem flexão	te para ti tuas, teu seu
Carta de Carolina da Conceição para Cruz 01/03/1891	- <i>tu</i> nulo com verbo flexionado - <i>tu</i> nulo com verbo sem flexão	te lhe teu, tua imp. ind.
Carta de Guilherme Souza para Cruz 27/03/1892	- <i>tu</i> nulo com verbo flexionado	te teu, tua, tuas imp. subj
Carta de Guilherme Sousa para Cruz 23/10/1892	- <i>tu</i> nulo com verbo flexionado	tua, teu sua imp. ind. imp. subj.
Carta de Guilherme Souza para Cruz 29/07/1895	- <i>tu</i> nulo com verbo flexionado	ti (ti escrevo) tua imp. subj.
Carta de Virgílio Várzea a Paulo, 07/01/1932	- <i>tu</i> nulo e expresso	te para ti por ti tuas, tua, teu sua imp. ind.
Carta de Virgílio Várzea para Paulo 29/03/1941	- <i>tu</i> nulo com verbo flexionado - <i>tu</i> expresso	te de ti tua, teus sua imp. ind.

Nas quatro cartas mistas listadas no Quadro 5, a seguir, os sujeitos são tanto de *tu* quanto associados a *você*: ocorrem nas formas *tu* (expresso, nulo com verbo flexionado e nulo com verbo sem flexão), *você* e *o senhor*. Em duas dessas cartas, as formas relacionadas se apresentam categoricamente

relacionadas a *você* (complementos e imperativo subjuntivo); e em uma carta, as formas relacionadas são predominantemente associadas a *tu* (complementos, possessivos e imperativos), mas ocorre verbo imperativo no subjuntivo.

Quadro 5: Formas de complementos, possessivos e imperativos em cartas mistas que contêm sujeitos de segunda pessoa tanto de *tu* quanto associados a *você*

Carta: díade e data	sujeitos	formas relacionadas: complementos, possessivos, imperativos
Carta de Carolina da Conceição para Cruz 06/01/1890	- <i>tu</i> nulo com verbo sem flexão) ⁷⁶ - <i>tu</i> nulo com verbo flexionado - <i>você</i>	- de meo Querido Filho - desse meo Querido Filho - lhe - sua - imp. subj.
Carta de Guilherme Sousa para Cruz 14/06/1893	- <i>tu</i> nulo com verbo flexionado - <i>você</i>	- ati - de ti - teu, tua, tuas - suas - imp. ind. - imp. subj.
Carta de Guilherme Souza para Cruz 7/04/1895	- <i>tu</i> nulo com verbo flexionado - <i>o senhor</i>	- ao meu estimado filho - sua, suas - imp. ind. - imp. subj.
Carta de Guilherme Sousa para Cruz 01/09/1895	- <i>tu</i> nulo com verbo flexionado - <i>tu</i> nulo com verbo sem flexão) - <i>você</i>	lhe

No quadro 6, a seguir, vemos que, entre as cartas mistas, apenas uma tem sujeitos categoricamente na forma *você*. Nela, a maior parte das formas relacionadas se associam a *você*, mas ocorre uma forma possessiva associada a *tu*.

⁷⁶ Refere-se ao seguinte fragmento: “satisfeita em saber que O foi bem de viagem”. Antes dessa passagem, há um uso de *seu*; depois, tem um *você*; somente depois ocorre um *tu* nulo com verbo flexionado. Dessa maneira, o dado poderia ser categorizado como associado a *você*.

Quadro 6: Formas de complementos, possessivos e imperativos em carta mista que contém sujeitos de segunda pessoa apenas na forma *você* (expressa e nula)

Carta: díade e data	sujeitos	complementos, possessivos, imperativos
Carta de Guilherme Sousa para Cruz 22/12/1892	- <i>você</i> (expresso) - <i>você</i> (nulo)	- <i>lhe</i> - <i>sua, suas</i> - <i>tua</i> - imp. subj.

Nessas cartas mistas, percebemos que, em cartas de sujeito *tu*, as formas associadas a *você* relacionadas a ele são principalmente os verbos no imperativo subjuntivo (seis cartas) e as formas de possessivos (seis cartas). Em três cartas, as formas associadas a *você* ocorrem no uso dos complementos.

Lopes (2011) verifica que a emergência da variação entre *tu* e *você* em um mesmo documento começa a se consolidar mais fortemente na produção da década de 1930, principalmente nas cartas da missivista com menos contato com modelos de leitura. Na família Penna, que possui bastante contato com modelos de escrita, essa variação se circunscreveu apenas ao uso do imperativo-subjuntivo em cartas de mulheres.

Na amostra que investigamos, as 13 cartas mistas são escritas por quatro missivistas: Guilherme Sousa (7 cartas), Carolina da Conceição (3 cartas), Oscar Rosas (1 carta) e Virgílio Várzea (2 cartas). Guilherme e Carolina são missivistas não escolarizados, que possuíam provavelmente pouco contato com modelos de escrita⁷⁷; Oscar Rosas e Virgílio Várzea, que fizeram menos mistura de formas associadas a *tu* e a *você* nas cartas, são escritores, portanto tinham bastante contato com modelos de escrita. Os missivistas escritores variaram no uso das formas possessivas; por sua vez, o casal não escolarizado variou não apenas no uso dos possessivos, mas

⁷⁷ Possivelmente, os escribas dessas cartas também possuíam pouco contato com modelos de escrita, o que se depreende a partir, por exemplo, do seguinte fragmento: *Agora eu Estou resolvido afazer 0 mi mandaste dizer não Posso seguir Porque não não sei o que hei de fazer desta Porção de livro que esta nesta escrevania si Poder não Posso de zivover minha [inint.] Para fazer minha viage no caso que vai tenho que vender Por não Posso levar. (Carta de Guilherme Sousa a Cruz e Sousa, 01/09/1895)*

também dos complementos, dos imperativos e das formas de sujeito. Quanto à variação na forma de realização do sujeito, esta ocorreu em três cartas de Guilherme e em uma carta de Carolina, todas escritas na década de 1890.

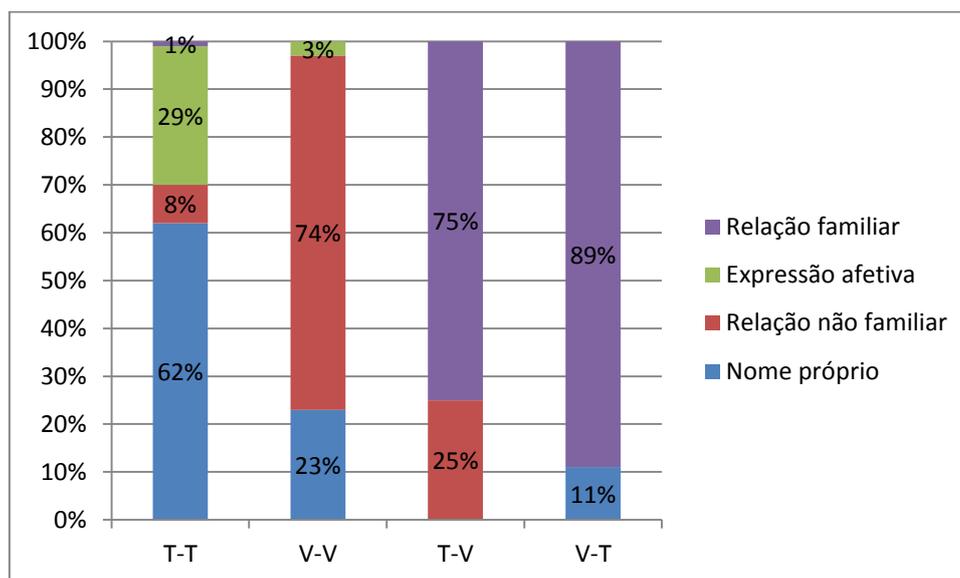
Marcotulio (2008), ao investigar cartas classificadas como da esfera pública e da esfera privada, verificou que ocorria menos “mescla de tratamento” nas cartas da esfera pública do que nas cartas da esfera privada, confirmando sua hipótese de que, “quanto maior fosse o grau de cerimônia, deferência e distância da estratégia de tratamento” (p. 114), maior seria a uniformidade no emprego das formas de tratamento nas cartas.

Ao controlarmos as díades estabelecidas em cada uma das cartas mistas de nossa amostra, verificamos que essas missivas foram enviadas para interlocutores com quem possuíam muita intimidade, ou seja, trata-se de cartas de uma esfera privada: Guilherme, Carolina e Virgílio variaram no uso das formas de tratamento em cartas escritas a seus respectivos filhos (Cruz e Sousa e Paulo); e Oscar Rosas variou em carta enviada a um amigo íntimo (Cruz e Sousa).

3.2 DESCRIÇÃO DAS FORMAS DE VOCATIVOS ENCONTRADAS NAS CARTAS

Ao relacionarmos as formas de vocativos que estabelecemos com as relações entre os interlocutores, observamos que nas relações do tipo T-T, predomina o uso de formas de vocativo que contêm o nome próprio do destinatário; nas relações do tipo V-V, predomina o uso de formas de vocativo que expressam, em algum vocábulo, a relação entre os interlocutores e/ou a profissão ou ocupação do destinatário; nas relações do tipo T-V e V-T, predomina o uso de formas de vocativo que expressam relações familiares, o que se explica facilmente pelo fato de, nesses dois tipos de relação termos apenas missivas trocadas entre familiares.

Gráfico 16: Percentuais do cruzamento entre os tipos de vocativos e as relações entre os interlocutores



De modo geral, é possível dizer que esses dados confirmam nossas expectativas. Contudo, em análise qualitativa do uso das formas de vocativos, é possível observar outras particularidades⁷⁸. Os vocábulos “caro” e “prezado” ocorrem na maior parte das díades e são produzidos por quase todos os missivistas, tanto em relações mais distantes quanto em relações de mais proximidade e intimidade. Além desses vocábulos, percebemos expressões formulaicas, como “prezado / prezadíssimo amigo” que se repetem e são comuns a diversos missivistas.

Em relação à repetição das formas de vocativos, é interessante observar que alguns missivistas usam quase sempre as mesmas construções, como é o caso do missivista Victor Konder, ao se dirigir a José Boiteux. De oito usos de vocativos, cinco foram: “Ao prezado Amigo Desembargador Boiteux”, e as outras três, em cartas anteriores, foram: “Ao prezado Amigo Boiteux”, “Meu caro Boiteux” e “Amigo Boiteux”. Observa-se que José Boiteux já era juiz de direito e desembargador quando Victor Konder utilizou as formas de vocativo mais reduzidas, sem o vocábulo que indicasse o cargo de seu interlocutor, o que passou a ocorrer somente a partir da terceira carta. Seria de se esperar

⁷⁸ No Anexo B, reunimos diversos quadros em que se relacionam as díades de missivistas, as formas de sujeito utilizadas nas cartas e as formas de vocativos.

que o vocábulo indicando o cargo do destinatário passasse a ocorrer após a nomeação, ou que no início da correspondência, com menos intimidade entre os interlocutores, houvesse mais cerimônia ou deferência no tratamento, e que com o passar do tempo a formalidade fosse aos poucos diminuindo (conforme indicam os resultados de Grando, 2016). Contudo, no caso do missivista Victor Konder, não é o que ocorre.

Outro tipo de repetição que chama atenção é observado nas formas de vocativos utilizadas por Guilherme Sousa ao se dirigir ao filho Cruz e Sousa. Em todos os casos, ocorrem os vocábulos “meu” e “filho”, em construções do tipo “meu filho” e construções com adjetivos entre esses dois vocábulos, como: “Meu querido filho”, “Meu Prezadissimo filho”, “Meu prezado filho”, “Meu extremoso filho”, “Meu caro filho”, “Meu Amavel filho” e “Meu estimadissimo filho”. Essas formas (ou fórmulas) são muito parecidas, encabeçadas pelo possessivo *meu*, seguido de adjetivo. Possivelmente, temos aqui um caso de Tradição Discursiva, uma estrutura quase cristalizada na seção de saudação dessas cartas mistas.

Em apenas três díades o vocativo inicial da carta é apenas o nome do destinatário, sem nenhum outro vocábulo: “Paulo”, usado nas cartas de Virgílio Várzea a seu filho; “Cruz”, em cartas de Virgílio Várzea ao amigo Cruz e Sousa; e “Cruz” e “Cruz e Souza”, nas cartas de Oscar Rosas ao amigo poeta. Nessas três díades, as relações estabelecidas são de muita intimidade.

Ao analisarmos as formas de vocativos encontradas nas missivas investigadas, percebemos que o uso de determinados vocábulos ou construções parece se relacionar mais à cristalização de determinadas fórmulas do que a escolhas ao pronome utilizado ou ao tipo de relação entre os interlocutores. Essas repetições de fórmulas nas saudações, como “Meu prezado amigo”, “Meu caro amigo”, ou mesmo repetições parciais, como “prezado”, “caro” podem ser vistas, em nossa amostra, como marcas da tradição do gênero epistolar.

3.3 O USO DE FORMAS NOMINAIS NA AMOSTRA INVESTIGADA

Nesta seção, retomemos os usos das formas nominais na posição de sujeito encontradas na amostra de cartas investigada nesta pesquisa. Como vimos, de 459 dados de realizações de sujeito (incluindo as formas *tu*, *você*, *zero* e formas nominais), 21 referem-se a formas nominais. A seguir, descrevemos cada um desses usos.

Essas 21 realizações de sujeito como forma nominal foram produzidas por 11 missivistas (Cruz e Sousa, Guilherme Souza, Padre G., Alcebiades Seára, J. Ziperer, Carlos França, Julieta, Odilon Gallotti, E. Pellizzetti, José e Benjamim), em quatro díades (Cruz e Sousa – Alberto Costa; Cruz e Sousa – Germano Wendhausen; Guilherme Souza – Cruz e Sousa; diversos – JB), nas duas últimas décadas do século XIX e também entre 1920 e 1939.

As formas nominais que ocorreram na posição de sujeito nas cartas da amostra analisada foram as seguintes:

- *o amigo* (6 ocorrências, 3 missivistas)
- *o Senhor* (4 ocorrências, 3 missivistas)
- *o prezado padrinho* (2 ocorrências, 1 missivista)
- *o meu nobre amigo* (1 ocorrência)
- *o meu excelente amigo* (1 ocorrência)
- *o senhor + nome próprio* (1 ocorrência)
- *o meu belo e generoso amigo* (1 ocorrência)
- *o bom tijucano* (1 ocorrência)
- *o meu illustre Amigo* (1 ocorrência)
- *o Ilustre Amigo* (1 ocorrência)
- *o prezado amigo* (1 ocorrência)
- *meu tio* (1 ocorrência)

A seguir, reproduzimos os fragmentos de cartas em que as formas nominais ocorrem na posição de sujeito.

Carta de Cruz e Sousa a Germano Wendhausen, 02/04/1888:

- (162) *Já vê **o meu nobre amigo** que, nas dificuldades em que estou, tenho absoluta necessidade de procurar destino.*
- (163) *Assim, tendo já deliberado a minha viagem para a Corte, venho valer-me do seu prestígio e da sua generosidade jamais desmentidas pedindo-lhe encarecidamente para influir com o seu amigo e correligionário Virgílio Villela sobre uma passagem, ou, no caso de ser isso absolutamente impossível, embora **o meu excelente amigo** envide os seus esforços, fazer-me o supremo obséquio de me emprestar 50\$000 réis para eu poder transportar-me, pois, fica na honestidade do meu caráter e do meu brio satisfazer-lhe essa importância desde que o trabalho me garanta mais poderes para isso.*
- (164) *Sabe Deus quanto me custa e quanto a minha dignidade se vê abatida de por me ver obrigado a fazer-lhe tal pedido! Mas, acredite **o senhor Germano Wendhausen** que em mim 0 terá sempre um rapaz sincero, franco e leal, daqueles que não abusam e que sabem ser gratos.*

Carta de Cruz e Sousa a Germano Wendhausen, ?/06/1888:

- (165) *Isto importa dizer que continuo a ser amigo e apreciador sincero e firme das pessoas que, como **o meu belo e generoso amigo**, tanto me desvaneceram e honraram com a sua consideração e simpatia.*

Carta de Guilherme Souza a Cruz e Souza, 7/04/1895:

- (166) *Recomendações que o Senhor Lopés mora atrás da matriz o Lopes manda perguntar se **o Senhor** a tanta tempo que na escreve para elle. Muitas lembranças que a vizinha Luiza manda.*

Carta de Cruz e Sousa a Alberto Costa, 08/05/1896:

- (167) ***O amigo** não póde calcular certamente nem a metade da situação por que estou passando.*

Carta de Padre G. a José Boiteux, 05/08/1902:

- (168) *O Zéca Villela entregou-me a quantia de um mil reis (100 [?]000 [?]) com que **o bom tiju-cano** presenteou a Fabrica da Matriz para as suas despesas.*
- (169) *Espero que **o amigo** nos favore-cerá com a Imagem de São João Baptista para o Baptisterio, con-forme 0 prometeu.*

Carta de Alcebiades Seára a José Boiteux, 7/4/1927:

- (170) *Agora, um outro assumpto que muito me interessa e que estou certo, **o Amigo** me auxiliará*

(171) *Os papeis já seguiram para ahi para o Tribunal julgar, seria um grande favor o **Amigo** interessar-se para que tenha andamento, não fiquem ahi parados.*

(172) *Victor, como sabe, está também inte-ressado, é um grande passo o **Amigo** ahi com os seus Amigos, ver se é possível [inint.] os onze contos que de-positou e voltar ao cargo.*

Carta de Ziperer a José Boiteux, 15/01/1930:

(173) *Talvez o meu illustre **Amigo** pode auxiliar -me em descobrir o paredeiro destas 4 bengalas e 6 quadros; que de antemão agradeço.*

Carta de Carlos França a José Boiteux, 07/05/1931:

(174) *Foi [inint.] para que o **Ilustre Amigo** conseguisse retirar a fiança que no tomar posse do cargo, prestou perante a Administração dos Correios.*

Carta de Julieta ao tio José Boiteux, 19/01/1932:

(175) *Por isso peço-lhe, (caso não lhe dê incommodo) o **Senhor** fazer o favor de in-formar-se se tem vaga no Externato ou mes-mo no Internato,*

(176) *e também se fôr possível o **Senhor** fazer o pedido.*

Carta de Odilon Gallotti a José Boiteux, 25/04/1932:

(177) *Ao ultimo comuniquei o conteudo da carta e ele ficou ciente do interesse que o **amigo** tem tomado pela nomeação dele para o cargo de quimico a crear-se nesse Estado.*

Carta de E. Pellizzetti a José Boiteux, 19/05/1932:

(178) *Sabendo de lhe fazer coisa grata envio incluso o referido artigo, pois o **prezado amigo**, como o unico historiador de Garibaldi e nosso Estado terá sempre prazer em acumular material ao respeito.*

Carta de José a José Boiteux, 19/11/1932:

(179) *O que acha **meu tio**, se eu escrevesse aos tios lá, para ver se conseguem minha promoção?*

Carta de Benjamim ao padrinho José Boiteux, 10/12/1932:

(180) *São os meus maiores almejos o saber que o **prezado padrinho**, dona Celina e Carolina estejam gosando perfeita saúde.*

(181) *Ficar-lhe-ia muito grato se o **Senhor** me mandasse algumas apresentações, suas ou mesmo de alguns amigos daí.*

(182) *E o **prezado padrinho** aceite afetuoso abraço do afilhado e amigo, que todas as felicidades lhe deseja.*

A partir da observação desses fragmentos, percebemos que as formas nominais ocorreram como sujeitos em cartas de todos os períodos investigados e foram utilizadas principalmente em cartas de missivistas menos íntimos. Formas como “o amigo” foram utilizadas entre missivistas que se conhecem, mas não possuem intimidade, e a forma “o senhor” foi utilizado em cartas familiares, como as escritas pelos sobrinhos de José Boiteux.

3.4 O USO DE ZERO NA AMOSTRA INVESTIGADA

Como observamos anteriormente, o sujeito *zero* como estratégia de tratamento na amostra investigada ocorreu 24 vezes, em 17 cartas escritas por 12 missivistas. Esses usos são descritos a seguir.

Em carta de 2 de abril de 1888⁷⁹, Cruz e Sousa escreve a Germano Wendhausen, solicitando auxílio financeiro para que pudesse viajar para o Rio de Janeiro, onde este conseguiria mais oportunidades de trabalhos. Sua relação é do tipo T-V, ou seja, são conhecidos, porém sem intimidade.

(183) *Ilustre amigo, não sei se 0 sabe ou não a situação difícil da minha vida nem o estado de fatalidade em que me acho; no entretanto, acreditando-me um indivíduo sério e leal, dará a atenção devida às minhas palavras.*

(184) *Bem sei que já o ocupei e que 0 me serviu tão bondosamente, com tanta consideração e apreço, mas, no estado em que vivo não vejo a quem recorrer senão à sua prestimosa individualidade .*

(185) *Mas, acredite o sr. Germano Wendhausen que em mim 0 terá sempre um rapaz sincero, franco e leal, daqueles que não abusam e que sabem ser gratos.*

Em carta de junho de 1888, após chegar ao Rio de Janeiro, Cruz e Sousa agradece a Germano Wendhausen pelo auxílio financeiro que

⁷⁹ O contexto histórico era de um momento em que a Abolição estava sendo anunciada. Segundo Souza (2017), para Cruz e Sousa e os jovens de sua geração, aquele seria um momento que muitos consideravam que tinha algo importante por acontecer. Por isso, seria necessário “buscar o centro dos acontecimentos históricos” (p. 43). Germano Wendhausen era um comerciante abastado, deputado à Assembléia Legislativa Provincial e um dos principais líderes abolicionistas locais, enquanto Cruz e Sousa era um militante muito conhecido no movimento abolicionista

possibilitou sua viagem ao Rio de Janeiro. Novamente, observamos o recurso utilizado por Cruz e Sousa de sujeito zero como estratégia de tratamento menos invasivo ao seu interlocutor.

(186) *Um dever de cavalheirismo, pois reconheço a franqueza, modéstia e o desprendimento do meu excelente e digno patrício, me faz deixar de falar nas gentilezas incomparáveis que **0** me fez, que eu não esquecerei nunca e que em tempo saberei retribuir como precisa ser.*

Carolina foi mais uma entre os missivistas que fizeram uso do zero como forma de tratamento, em duas das cinco cartas que escreve ao filho. A carta de 6 de janeiro de 1890 destaca-se por fazer uso de diversas estratégias de tratamento. Após o uso do vocativo “Meo Queridissimo Filho”, do complemento *lhe* e do possessivo *seu*, a missivista faz uso da estratégia do sujeito zero. Já no período seguinte, repete-se o uso de vocativo, dessa vez, “Meo Caro Filho”, seguido do uso pronome *você* expresso: “você diz que sentiu muito a nossa separação”. No período seguinte, observamos o uso de *tu* nulo com concordância e, depois, de um sujeito nulo com verbo sem concordância, que interpretamos como uso de *tu* sem concordância, por uma questão de paralelismo com o *tu* nulo antecedente:

(187) **Meo Queridissimo Filho.** *Estimarei que esta vá encontrar-lhe de saúde que a nossa e como sabe. Recebi sua carta a qual fiquei muito e muito satisfeita em saber que **0** foi bem de viagem. Meo Caro Filho você diz que sentiu muito a nossa separação pois o que hei de dizer eu? Eu como [corroído] sentir assim como sinto mil vezes demais pois é o unico consolo que tinha estar perto de meo Querido Filho; mas somos tão infelizes que não podemos obter esse favôr de Deus de nos estar-mos juntos a gozar de uma extremosa vida So rogo a Deus que **0** sejas feliz de **0** alcançar um meio de vida que possa ajudar-nos a passar esses pocos dias de vida;*

Carta de Antero de Assis a José Boiteux, 10/12/1890:

(188) *Peço encarecidamente que **0** tome interesse por este meo compromisso antigo.*

Carta de Guilherme Sousa a Cruz e Souza, 01/09/1895:

(189) *Mando-lhe Perguntar si **O** a recebeu uma carta que lhe escrevi no meus Pasado*

Carta de Cruz e Sousa a Alberto Costa, 08/05/1896:

(190) ***O** Póde confiar na pessoa que lhe entregar esta carta.*

Carta de Padre G. a José Boiteux, 05/08/1902:

(191) *Espero que o amigo nos favore- cerá com a Imagem de São João Baptista para o Baptisterio, con- forme **O** prometeu.*

Carta de Alcebiades Seára a José Boiteux, 7/4/1927:

(192) *Ha meses escrevi ao amigo sobre assun- tos que em Araranguá havíamos conversado, não tive resposta ainda; mandei lhe um folhete de meu "Programa de Governo" tam- bem não sei se **O** recebeu!*

Carta de Victor Konder a José Boiteux, 20/05/1927:

(193) *Informado de que o naturalista Fritz Mueller remettera ao então Governo da Provincia de Santa Catharina diversos relatorios que constam d'um livro seu, intitulado "Correspon- dencia Official", relatorios esse que ainda não tem sido publicados e que podem ser de muito va- lor, peço **O** verificar si os mesmos se encontram no archivo do Estado.*

(194) *Talvez seja possivel, **O** encontrar tambem essa obra que pode ser de summa importancia.- Caso forem encontrados quaesquer desses rela- torios queira providenciar para que os mesmos me sejam remettidos no original ou em copia*

Carta do Bispo de Fpolis a José Boiteux, 18/06/1929:

(195) *Antes de tudo, formulo votos que **O** tenha feito boa viagem como os de grata estada nessa metropole, Incluo tambem os defeliz regresso a Penátes.*

Carta de Ulisses Costa a José Boiteux, 14/10/1929:

(196) *Envio-lhe o escudo de Joinville, Como **O** vê, ficou magnifico. Mandei tambem uma copia ao Senhor Taunnay.*

(197) *Rogo **O** mostrar ao Alfredo.*

Carta de Victor Konder a José Boiteux, 18/11/1929:

(198) *Ao prezado Amigo Boiteux transmitto a carta junta, a- fim de que 0 verifique não haver má vontade da minha parte no caso do seu digno recommendado, que me inspi- rou todo o interesse, havendo apenas impossibilidade de, no momento, attender ao Senhor João Paulo Guimarães.*

Carta de Victor Konder a José Boiteux, 30/11/1929:

(199) *0 Póde crer que percorri com bastante satisfação esse trabalho, onde existem dados historicos dos mais apreciaveis,e vou com todo o carinho conserval-o em minha bibliotheca.*

Carta de Victor Konder a José Boiteux, 12/02/1930:

(200) *Certo de que 0 aceitará a sinceridade com que me ex- cuso, subscrevo-me*

Carta de Odilon Gallotti a José Boiteux, 25/04/1932:

(201) *Pedindo excusar-me pela demora em responder sua gentil carta em que me 0 envia pezames pela morte de meu cunhado K., muito de coração lhe agradeço a prova de sim- patia. Meus irmãos e o Adalgizo, aos quais transmiti sua condolencias, confessam-se [inint.].*

(202) *Adalgizo já lhe deve ter escrito, manifestan- do sua gratidão pelo que por ele 0 tem feito.*

Carta de José a José Boiteux, 19/11/1932:

(203) *Agradecido por 0 estar guardando sellos.*

(204) *Obsequio 0 abraçar minha prezada tia Celina! Carolina, Luiz, Carola, nossos todos.*

Esses exemplos mostram que zero é uma estratégia não invasiva, usada em geral por missivistas que mantinham certo distanciamento com o destinatário. Conforme pudemos perceber, os maiores índices do uso de zero ocorreram em cartas enviadas a José Boiteux, que na maior parte possuem caráter mais respeitoso, distante. Também é possível perceber que muitos dos trechos em que essa forma ocorre referem-se a pedidos, solicitações. Ao

fazerem pedidos ou solicitações a um missivista tratado com o respeito dispensado a autoridades, esses missivistas optam por uma forma menos invasiva.

3.5 O USO DE VOCÊ NA AMOSTRA INVESTIGADA

Nesta seção, retomemos os usos do pronome *você* encontrados nas cartas investigadas nesta pesquisa. Dos 459 dados de realizações de sujeito (incluindo as formas *tu*, *você*, *zero* e formas nominais), 10 referem-se ao pronome *você*. A seguir, descrevemos cada um desses usos.

Essas 10 realizações de sujeito na forma *você* foram produzidas por quatro missivistas: Carolina, Guilherme, Oscar Rosas e Remetente Desconhecido.

Do missivista Oscar Rosas, escritor e amigo de Cruz e Sousa, analisamos 14 cartas, escritas entre novembro de 1883 e março de 1890, nas quais o missivista faz uso categórico da forma *tu* como sujeito. Em uma dessas cartas, contudo, Rosas faz um uso especial da forma *você*, como se observa no fragmento 226, a seguir.

A carta que contém esse uso da forma *você* é, cronologicamente, a segunda de 14 cartas (1883 – 1890) enviadas de Oscar Rosas para Cruz e Sousa que investigamos. A primeira carta, datada de novembro de 1883, escrita após a partida de Cruz e Sousa do Rio de Janeiro, trata de um livro que Cruz deixara na Corte, com a intenção de que fosse publicado, mas que ficara esquecido após viagem do então editor (José do Patrocínio) para a Europa. Rosas informa, nessa carta, que o livro está em seu poder, para que não seja plagiado. Depois, opina sobre versos de Virgílio Várzea publicados em um periódico. Rosas envia junto da carta dois sonetos seus para a apreciação de Cruz e Sousa, além de números do periódico *Meteoros*.

A carta seguinte, datada de setembro de 1887, em que se encontra esse uso especial da forma *você*, divide-se em duas partes: na primeira, Oscar desculpa-se pela demora em escrever em agradecimento a Cruz e Sousa por ter sido mencionado na dedicatória do livro *Tropos e Fantasias*, de Cruz e Sousa e Virgílio Várzea. Em seguida, justifica sua ausência por questões

financeiras e conta que tem um filho com pouco mais de um ano, a quem precisa alimentar. A segunda parte da carta inicia-se com:

(205) Mas mudemos de assumpto. Deixemos esses trapos e toda a historia lutulenta de uma quadra horrenda. Fallemos ao conforto, do leite morno, da abundancia, de vinhos capitosos e espumantes, do beef sangrento a ingleza, da opulencia, da ostentação, do luxo, e até da vaidade.

Oscar, então, informa a Cruz e Sousa que naquele momento sua situação financeira era tão confortável que poderia oferecer:

(206) algum copito de bom vinho à armada ingleza e franceza,

e o convida a ir morar no Rio de Janeiro, oferecendo-lhe:

(207) casa, comida, roupa lavada e engomada e até dinheiro quando tiver.

Além disso, Rosas questiona Cruz e Sousa sobre qual futuro o poeta teria em Desterro, onde este vivia rodeado de intrigas políticas.

É após afirmar sua condição financeira, e no momento em que Oscar questiona Cruz e Sousa sobre sua permanência na província, que faz uso da forma *você*, pela única vez nas 14 cartas analisadas:

*(208) Ora, eu te considero como um irmão. **Você** (o! perdão) tu ahi n'essa terra não podes senão criar carrapatos e azas nunca, porque as que 0 tens estão arriscada a cair por causa da inveja e do preconceito. Que futuro ahi te espera? Tu não és politico nem vives 0 para a intriga politica, não queres 0 pertencer ao numero de nullos que povoam esse santo solo, o que ahi 0 fazes?*

Nesse momento, Cruz e Sousa tinha 26 anos, já havia viajado por diversos lugares do país, participando de companhias teatrais itinerantes, e havia poucos meses que estava de volta à casa dos pais. Já tinha algumas publicações e era relativamente conhecido na província, não apenas por sua produção literária, mas também por militar no Movimento Abolicionista da

cidade de Desterro. De acordo com Souza (2017), a provocação feita por Oscar Rosas a Cruz e Sousa era verdadeira, considerando que, “Quer fosse por suas ideias, suas atitudes ou simplesmente por sua cor, muitos o odiavam ali. Alguns, inclusive, com pretensões à autoridade literária ou política. Estava cercado de inimigos, declarados ou não” (p. 41).

Além disso, o Rio de Janeiro era, naquele momento, “o grande centro para onde converg[ia] a vida social, política e cultural do país” (RIO, 1994, p. 88-89, apud SOUSA, 2017, p. 39). Assim, por entender que precisava de projeção, Cruz e Sousa passou a buscar viabilidade para a mudança.

A relação de Oscar Rosas e Cruz e Sousa existia desde os tempos do Ateneu Provincial Catarinense, onde foram colegas. Oscar Rosas, nascido em Desterro, em 1864, era um

Mulato de classe média, filho de um professor de Francês e ex-chefe político ligado ao Partido Conservador, [que] partira com a família para o Rio de Janeiro, no final da década de 1870, e lá vivia desde então. Fazia o tipo bebedor e pândego que, à época, se definia (não sem algum eufemismo) como “boêmio”. Na Corte, teve uma vida estudantil irregular e alternada com as atividades jornalísticas. Presente e ativo nas rodas literárias da Rua do Ouvidor, era frequentador assíduo de lugares como o Café Java e da Confeitaria Pascoal. Os mesmos por onde, nesses dias, circulavam também figuras como Olavo Bilac, Guimarães Passos, Paula Ney e outros. Ganhava a vida como funcionário da Sociedade Central de Imigração. Ocupação que, por sua vez, não o impedia de ser um jornalista bastante prolífico. À altura de 1888, já passara por diversos dos principais jornais da capital e conhecera, de perto, algumas das figuras mais importantes e influentes naqueles anos. Dentre eles, José do Patrocínio e escritores há muito consagrados ou em plena ascensão, tais como Arthur Azevedo, Medeiros e Albuquerque e Raul Pompéia. (SOUZA, 2017, p. 42-43)

Oscar Rosas parecia ser, de acordo com Souza (2017, p. 43), “a pessoa certa para recepcionar a Cruz e Sousa e introduzi-lo na nossa capital literária”, uma vez que “inteirava-se dos meandros da vida literária carioca e perambulava com desenvoltura por aquele ambiente.”

Assim, com o auxílio financeiro de Germano Wendhausen, a quem Cruz e Sousa era ligado por meio de atuações no Movimento Abolicionista, o poeta

então conseguiu meios e partiu para a Corte, conforme o convite de Oscar Rosas.

De Carolina da Conceição, escrava liberta, analfabeta, mãe de Cruz e Sousa, analisamos cinco cartas, escritas entre janeiro de 1890 e julho de 1891, dentre as quais uma registra o uso da forma *você* como sujeito coocorrendo com sujeito na forma *tu* nulo:

(209) *Meo Caro Filho **você** diz que sentiu muito a nossa separação pois o que hei de dizer eu? (Carolina da Conceição a Cruz e Sousa, 05/01/1890)*

(210) *So rogo a Deus que **0** sejas feliz de **0** alcançar um meio de vida que possa ajudar-nos a passar esses pocos dias de vida; (Carolina da Conceição a Cruz e Sousa, 06/01/1890)*

De Guilherme, escravo liberto, analfabeto, pai de Cruz e Sousa, analisamos 19 cartas, escritas entre agosto de 1891 e setembro de 1895; em sete dessas cartas, observamos mais de uma forma de tratamento na posição de sujeito. Dessas sete cartas, três registram o uso da forma *você*, conforme observamos nos fragmentos a seguir.

(211) *Meu filho **voçê** não tem razão de se queixar que não lhe escrevo, porque em todos os vapores que passava com expiação de um no mez, mais sempre lhe escrevo e mesmo meu filho sabe aminha serconstancia, porque eu se sobesse ler e escrever lhe escreveria cartas com abudancia, por isso é arazão. peço-lhe que **0** me desculpe o meu fallar. Guilherme de Sousa*

(212) *Meu filho a tantos tempos que **vocçê** me escreveu pelo Snr. Araujo, e hoje é que recebi (22/12/1892)*

(213) *Meu filho **voçê** não tem razão de se queixar que não lhe escrevo, porque em todos os vapores que passava com expiação de um no mez, mais sempre lhe escrevo (22/12/1892)*

(214) *Aceita saudades de todos a quem **voçe** recomenda e aceite um terno abraço e a benção de teu pai e Amigo Guilherme de Souza (14/6/1893)*

(215) *Quando **voce** a caizião de eu Estar despaxado lhe mandaria Dizer. (01/09/1895)*

Conforme vimos na seção 2.2, Guilherme Sousa e Carolina da Conceição, não escolarizados, enviavam a seu filho cartas redigidas por um escriba, José Eleutério, conforme os biógrafos de Cruz e Sousa (cf. ALVES,

2008). Contudo, acreditamos poder haver mais de um escriba, uma vez que percebemos diferentes caligrafias nas cartas desses missivistas. No Anexo C, apresentamos um quadro que ilustra essas diferenças.

Há ainda um missivista desconhecido, que escreve ao então desembargador José Boiteux em 1931, para solicitar ajuda a uma senhora que está prestes a perder sua casa. Ao longo da carta, o missivista faz uso categórico da forma *você* como sujeito.

Nessa carta, de assinatura ininteligível, um homem solicita a José Boiteux ajuda financeira para essa senhora, de uma importante família catarinense, segundo o missivista, que estava ameaçada de ser despejada de sua residência. Nessa carta, de 20/06/1931, a única desse missivista para José Boiteux, a forma *você* foi usada categoricamente e ocorreu quatro vezes como sujeito, conforme observamos nos fragmentos a seguir.

- (216) *Ha tempos lhe escrevi communicando- lhe a extrema pobreza que chegou Dona Olympia de Car- valho, descendente mais proxima do grande Trajan de Car- valho que deu nome como **voçê** bem o sabe, ao nosso Estado, que [inint.] umma das principaes ruas da capital.*
- (217) *Como **voçê** poderá verificar na leitura dos diarios desta capital, essa ameaça cruel con- tinua a pairar sobre essa pobre velhinha.*
- (218) *Para isso poderá [rasurado] **voçê** ins- crever-me na subscrição com a quantia de 10\$000, não dando mais porque a minha actual situação é muito pre- caria*
- (219) *Espero, pois, que **você**, que ain- da conta mais saude do que eu, se encarregue desse acto de benemerencia, que ainda mais recommendará **seu** nome á posteridade.”*

No ano em que essa carta foi escrita, José Boiteux tinha 66 anos e já era juiz de direito e desembargador do Tribunal de Justiça desde 1922. Apesar disso, o remetente não explicita essa posição no uso do vocativo que inicia a carta (“Meu caro Boiteaux”), diferentemente da maioria dos interlocutores de José Boiteux a partir de 1922 (os quais se referem a ele como “prezado Amigo Desembargador Boiteux”, “Ilustre e Presado Amigo Dezembargador José Boiteaux”, “Ilustríssimo Senhor Doutor José A. Boiteux”, “Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor Desembargador José A. Boiteux” etc.). Na data em que essa carta foi escrita, portanto, José Boiteux era alguém que, por meio de seus

relacionamentos políticos e sociais, poderia de alguma forma interceder pela senhora em questão. Foi secretário do Interior e Justiça do Estado, deputado estadual e federal por Santa Catarina, secretário geral de governo, oficial de gabinete de governador, além de ter participado da fundação da Academia Catarinense de Letras e do Instituto Politécnico de Santa Catarina. Ficou conhecido por erguer homenagens a ilustres catarinenses, no formato de estátuas, bustos e placas. (Foi José Boiteux o responsável pela estátua de Fernando Machado e pelos bustos de Cruz e Sousa, Anita Garibaldi, Jerônimo Coelho e Victor Meirelles. Também mandou colocar, em alguns locais históricos da cidade, placas indicando ocorrências significativas para a história do estado.) Esses fatos sugerem uma motivação para que o remetente dessa carta solicitasse o auxílio de José Boiteux:

*(220) Lembrei-me por isso de appellar para **voçê**, coração generoso e amigo das tradições catharinenses, no sentido de, na im-possibilidade de obter-lhe a dispensa desses impos- tos, abrir uma subscrição entre amigos para conseguir a quantia necessaria para livrar a velhinha dessa cruel amargura e Santa Catharina da vergonha e humilhação de ver uma sua reliquia historica soffrer tão tristes vexames.*

A assinatura dessa carta não nos permite saber com exatidão o nome do remetente, para que investigássemos seu local de nascimento e idade, contudo, no corpo da carta é possível identificar algumas pistas sobre a relação entre os interlocutores. No fragmento 237, em que o remetente justifica a importância da família da senhora a quem deseja ajudar, ele faz referência ao “nosso estado”, o que pode levar a crer que se trata de um catarinense, assim como José Boiteux.

Esse missivista, cuja biografia desconhecemos, pode ser um catarinense de alguma região em que se usa predominantemente *você*, como o planalto serrano, por exemplo.

Outro aspecto da relação entre os interlocutores que poderia ajudar a compreender o uso de *você* nessa carta por esse remetente seria a diferença de idade entre eles. Nessa ocasião, conforme mencionado, José Boiteux tinha 66 anos e era desembargador. Os pedidos que lhe são direcionados nas cartas

que analisamos são feitos com muita cerimônia, sem uso de verbos no imperativo de maneira direta e, muitas vezes, sem o uso de qualquer pronome (conforme descrição dos usos da forma *zero*, seção 3.4). Essa carta, portanto, se destaca não apenas pelo uso de um pronome de tratamento (*você*), mas também por essa não ser a forma de tratamento predominante na amostra analisada. No fragmento 240, compreendemos que o remetente está acometido por uma doença que o impede de tomar as providências necessárias para oferecer ajuda à senhora em questão.

Assim, ao longo da carta, o pedido a José Boiteux é feito por meio de ao menos três tipos de argumentos: i) a senhora é descendente de uma importante família do estado, por isso é importante ajudá-la; ii) é possível, por meio de relações (pessoais, políticas), arrecadar alguma quantia em dinheiro ou obter a “dispensa desses impostos” devidos pela senhora; iii) José Boiteux reúne, nesse momento, condições de interceder por essa senhora, uma vez que conhece a importância de sua família, relaciona-se com pessoas que também podem ajudar e ainda goza de alguma saúde para isso, de acordo com o remetente da missiva.

Outro aspecto importante para a compreensão a respeito do uso das formas de tratamento em Florianópolis depreendido da leitura dessa carta é a existência de um escriba (assim como nas cartas de Guilherme e Carolina da Conceição). Ao final da carta, após a seção de despedida e a assinatura, o remetente informa que a carta fora escrita por sua filha, fato que justifica por impossibilidade imposta por doença:

(221) Esta vae escripta por minha filha, por não poder fazel-o eu do proprio punho visto que- dar o leito doente ha mais de 20 dias.

O pronome *você* na posição de sujeito, na amostra investigada, foi utilizada por quatro missivistas: três deles utilizam escribas, cujas naturalidades não conhecemos; e o outro é Oscar Rosas, que, apesar de nascido em Desterro, viveu no Rio de Janeiro desde a adolescência. Na época em que a carta foi escrita (1887), tudo indica que na sociedade carioca havia variação estilística entre os pronomes *tu* e *você*. Nas missivas endereçadas a Cruz e

Sousa, Oscar Rosas escolheu o pronome *tu* para se referir ao amigo e rejeitou o pronome *você* (fragmento 229).

Esse uso estilístico da forma *você*, a incerteza quanto à origem dos escribas e a pouca quantidade de ocorrências desse pronome não nos permitem afirmar que essa forma estivesse, ao longo do período investigado, se encaixando na escrita de florianopolitanos. É possível, sim, afirmar que já estava em circulação na sociedade desterreense, talvez a partir do uso de pessoas de outras localidades vivendo na cidade ou do contato com pessoas e publicações de fora.

3.6 O QUE OS DADOS REVELAM

Compreendemos, a partir de Labov (1982), que a estrutura linguística e a sociedade se correlacionam ao sistema linguístico abstrato, ou seja, a variação linguística pode apresentar motivações sociais. Entendemos também que algumas mudanças gramaticais desencadeiam mudanças em outras partes da mesma gramática, como reações em cadeia (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]).

A Tabela 14, a seguir, sintetiza o que encontramos em relação ao uso de formas associadas a *tu* e a *você* na amostra investigada.

Tabela 14: Formas associadas a *tu* e a *você*

Contextos morfossintáticos		Formas associadas a <i>tu</i>	Formas associadas a <i>você</i>
Sujeito	Nulo	330/402 = 82%	1/31 = 3%
	Expresso	72/402 = 18%	30/31 = 97%
Complementos verbais	Acusativo	141/152 = 93%	11/152 = 7%
	Dativo	233/294 = 80%	61/294 = 20%
	Oblíquo	58/63 = 93%	5/63 = 7%
Possessivo		389/459 = 85%	70/459 = 15%
Imperativo		206/262 = 79%	56/262 21%

A partir desses resultados, verificamos que as formas associadas a *tu* prevalecem em nossa amostra em todos os contextos morfossintáticos investigados. As formas associadas a *você* ocorrem discretamente na amostra, e não é possível afirmar que essas formas estejam linguisticamente se encaixando na escrita dos florianopolitanos no período investigado. Nesses casos, os sujeitos (distribuídos em *você*, forma nominal ou *zero*) comportam-se como formas relacionadas à terceira pessoa gramatical. Contudo, a quase ausência de *você* como sujeito sugere que as formas associadas a *você* sejam preferencialmente relacionadas a formas nominais e a *zero*, e não ao pronome *você*, forma esta já mais frequente em outras regiões do país.

Na Tabela 15, retomamos as formas de realização de sujeito, cruzando-as com as díades entre remetente e destinatário estabelecidas na amostra investigada. Além do predomínio do uso de *tu* como sujeito, especialmente nas cartas de amizade e de familiares, percebemos que o uso das formas associadas a *você* se destaca nas cartas trocadas entre missivistas conhecidos, porém sem proximidade, e nas cartas escritas pelos pais de Cruz e Sousa.

Tabela 15: Díades, considerando as formas de tratamento na posição de sujeito⁸⁰

130 cartas	Remetente	Destinatário	Sexo/gênero (rem.-dest.)	Forma de realização do sujeito			
				Tu	Você	Zero	Formas nominai s
amigos	Araújo F.	Cruz e Sousa	H – H	54	-	-	-
	Oscar Rosas	Cruz e Sousa	H – H	114	-	1	-
	Cruz e Sousa	Araújo F.	H – H	12	-	-	-
	Cruz e Sousa	Remetente NV	H – H	8	-	-	-
	Cruz e Sousa	Virgílio Várzea	H – H	2	-	-	-
	Virgílio Várzea	Oscar Rosas	H – H	67	-	-	-
conhecidos	Virgílio Várzea	José Boiteux	H – H	2	-	-	-
	Diversos	José Boiteux	H – H	-	4	15	15
	Cruz e Sousa	Diversos	H – H	-	-	5	5
familiares	Cruz e Sousa	Gavita	H – M	27	-	-	-
	Guilherme Sousa	Cruz e Sousa	H – H	78	5	1	1
	Carolina da Conceição	Cruz e Sousa	M – H	17	1	3	-
	Virgílio Várzea	Filho Paulo	H – H	21	-	-	-
Total de ocorrências				402/458 88%	10/458 2%	25/458 6%	21/458 4%

Em relação ao uso do pronome *você*, observamos que essa é a forma menos frequente entre as formas associadas a *você*, ocorrendo apenas entre três díades. Conforme descrito na seção 3.5, destacamos que essa forma foi usada por um missivista desconhecido que solicita um favor a José Boiteux e também pelos pais de Cruz e Sousa, nas cartas escritas através das mãos de um ou mais de um escriba.

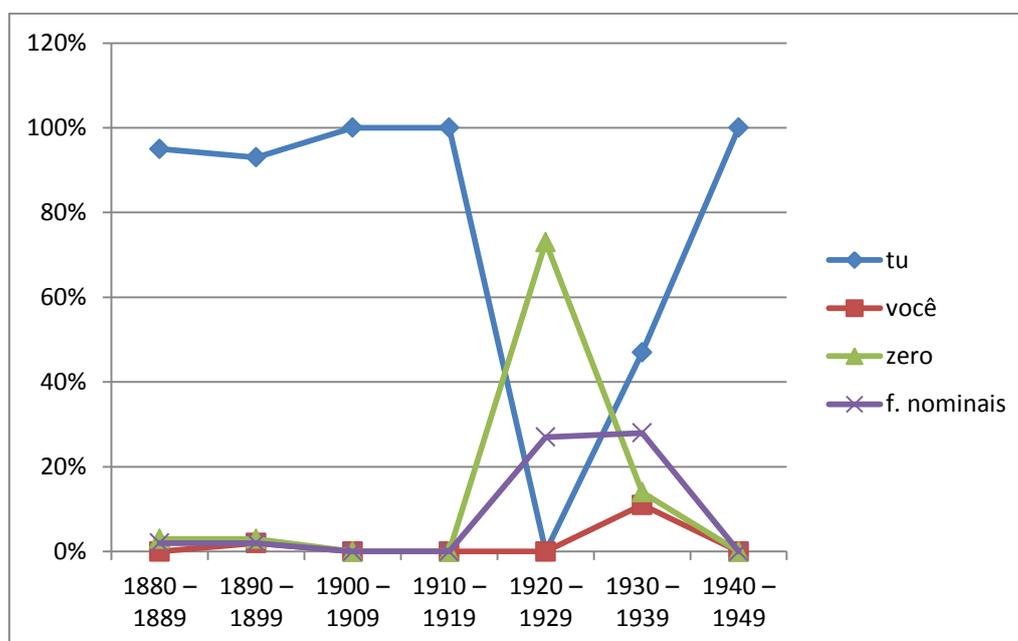
É possível levantar algumas hipóteses que expliquem a escolha pelo pronome *você* nesses casos, como a possibilidade de o missivista desconhecido ser natural da região serrana do estado, onde as formas *tu* e *você* coocorrem (cf. NUNES DE SOUZA, 2015). Além disso, é possível também que os escribas que escreviam para o casal Guilherme e Carolina fossem naturais de outras localidades, que da mesma maneira utilizassem o

⁸⁰ No Anexo 2, encontra-se um quadro completo das formas de realização de sujeito em todas as cartas, subdivididas em: cartas de amizade, de conhecidos e de familiares.

pronome *ocê*. Também seria possível considerar a escrita dos escribas como discurso reportado da fala de Guilherme e Carolina, daí a tendência ao uso de *ocê* como uma estratégia de distanciamento. O que há em comum em todos os casos de uso da forma *ocê* é o fato de ele ter ocorrido em cartas de missivistas que demonstram respeito por seus interlocutores, em uma relação de simetria, porém com distanciamento, no caso do interlocutor de José Boiteux, e em relações íntimas de pais para filho.

O Gráfico 17, a seguir, apresenta os dados de uso das diferentes formas de tratamento investigadas na posição de sujeito ao longo das décadas.

Gráfico 17: Percentuais de uso das formas de tratamento em posição de sujeito ao longo das décadas (1880 – 1940)



Ao olharmos para as formas de sujeito ao longo das décadas, percebemos que nos três primeiros e no último período investigado, o pronome *tu* apresenta índices altos, muitas vezes, com uso categórico, e as outras formas ocorrem com índices muito baixos. No quarto, quinto e sexto períodos, percebemos uma modificação nesses índices, com o sujeito *zero* chegando a ultrapassar os 60% de uso. Destacamos que, nesses períodos entre 1910 e 1930, a maior parte das cartas investigadas pertence à Amostra Boiteux, que se caracteriza por cartas mais formais enviadas de diversos missivistas para

José Boiteux. Vimos, nas seções anteriores, que as relações estabelecidas entre os interlocutores dessa amostra são, na maioria, relações menos íntimas, formais e respeitosas, o que pode justificar a alteração no padrão de uso das formas de tratamento ao longo do tempo mostradas pelo gráfico.

Com esses dados, portanto, não é possível perceber uma variação no uso das formas de tratamento considerando-as como variantes da mesma variável que competem até que uma forma seja substituída por outra. Assim, parece que essas formas não competem entre si; ao contrário, parecem ser formas escolhidas a partir de diferentes motivações sociais e estilísticas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, ancorada nos pressupostos teóricos da Teoria da Variação e Mudança (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]), buscamos verificar quais eram as formas de tratamento utilizadas por missivistas florianopolitanos entre as décadas de 1880 e 1940. Partimos de resultados de estudos anteriores que indicavam certo conservadorismo de Santa Catarina com respeito à preferência pelo uso de *tu* na intimidade, em relação a estados do nordeste e sudeste brasileiros, os quais apresentam um uso de *tu* coocorrendo com um uso frequente e generalizado da forma nova *você*.

Para isso, reunimos 130 cartas pessoais de missivistas de diferentes perfis em que controlamos os contextos em que ocorrem as formas associadas a *tu* e as formas associadas a *você*, com base em cinco variáveis linguísticas e cinco extralinguísticas.

Para a expressão da variável dependente (formas de tratamento ao interlocutor), disputam dois fatores, ou duas variantes abstratas: formas associadas a *tu* e formas associadas a *você*. Em nossa amostra, verificamos, de modo geral, o predomínio das formas associadas a *tu* sobre as formas associadas a *você*, corroborando com os resultados de estudos anteriores sobre o uso das formas de tratamento em Florianópolis (NUNES DE SOUZA, 2015; NUNES DE SOUZA; COELHO, 2015; GRANDO, 2016).

Quanto à forma de realização e ao preenchimento do sujeito nas cartas investigadas, confirmamos nossa expectativa de predominância do sujeito *tu* (majoritariamente nulo), seguido do uso da estratégia de tratamento *zero* e do uso de formas nominais. O pronome *você* na posição de sujeito ocorreu em apenas 2% dos casos (10 dados). As formas nominais e o pronome *você* ocorreram como sujeitos majoritariamente expressos.

Nossos resultados em relação aos complementos verbais (acusativos, dativos e oblíquos) corroboram com estudos de Rumeu (2008), Nunes de Souza (2015) e Grandó (2016). Esses trabalhos apontam que formas relacionadas a *você* não são as preferidas na amostra das cartas em estudo,

mas houve o favorecimento de *você* no contexto morfossintático de pronome complemento preposicionado (*por você, de você*); já os pronomes oblíquos sem preposição (*te*) foram um dos ambientes em que as formas relacionadas a *tu* ofereceram mais resistência à mudança, combinando-se muitas vezes com sujeitos em formas relacionadas a *você*.

O uso dos pronomes possessivos acompanhou os resultados gerais que mostram predomínio de formas relacionadas a *tu*, ou seja, o *teu* (85%) prevaleceu sobre o *seu* (15%), atestando os resultados gerais de Arduin (2005). O uso de *seu* ocorre tanto nas cartas de sujeito categoricamente de *tu* quanto de sujeito misto e de sujeito categoricamente de *você*, e seu maior percentual ocorre nas cartas mistas de sujeito misto e de sujeito categoricamente de *você*, contudo nunca ultrapassando a casa dos 50%.

Quanto ao uso das formas de imperativo, nossos resultados apontam que formas do indicativo predominam em cartas com formas associadas a *tu* (88%), e formas do subjuntivo são categóricas em cartas com formas associadas a *você*; no caso das cartas mistas, observamos uma mescla entre formas indicativas (54%) e subjuntivas (46%), como já era esperado.

Com relação ao período em que as cartas foram produzidas, destacamos que o sistema quaternário de tratamento observado por Ramos (1989) no final da década de 1980 já ocorria na escrita dos florianopolitanos do final do século XIX: o uso de *tu, você, zero* e formas nominais foi verificado tanto em dados da década de 1890 quanto em dados do século XX, quase sempre com predomínio de *tu* em relação às outras formas.

A análise da variável missivista permitiu que identificássemos as formas de tratamento utilizadas por eles. Observamos que a maior parte dos missivistas faz uso categórico de alguma forma de tratamento, e entre os que variam, observamos que o interlocutor exerce influência na forma escolhida pelo remetente. Apenas dois missivistas variaram no uso das formas de sujeito relacionadas a *tu* e a *você*: Guilherme Sousa e Carolina da Conceição, justamente os que possuíam menos contato com modelos de escrita.

Os resultados para o tipo de relação entre os interlocutores mostram as diferentes esferas de poder e solidariedade encontradas nas cartas. Nas relações T-T e V-T, as formas de tratamento que prevalecem são as

associadas a *tu*; e nas relações V-V e T-V, as formas de tratamento preferenciais são relacionadas a *você*. Na correlação entre a forma de realização do sujeito e o tipo de relação estabelecida entre os interlocutores, percebemos que, nas relações simétricas entre pessoas mais íntimas (T-T), o sujeito *tu* é categórico. O sujeito *tu* também predomina nas relações assimétricas descendentes (V-T). Já nas relações assimétricas ascendentes (T-V) e nas relações simétricas entre pessoas mais distantes (V-V), predomina o uso de sujeitos *você*, *zero* e formas nominais, corroborando com os achados de Nunes de Souza (2011).

Entre as díades, notamos que as formas associadas a *tu* são usadas preferencialmente nas cartas escritas pelos missivistas que escrevem a amigos ou familiares, e as formas associadas a *você* são usadas pelos missivistas que escrevem a conhecidos ou autoridades políticas, como no caso das missivas de Diversos a José Boiteux.

Com respeito à temática dos trechos analisados nas cartas, observamos que as formas associadas a *tu* são as predominantes em todos os contextos analisados. Destacamos que, nos trechos em que se trata de amor, o uso de formas associadas a *tu* é categórico, enquanto nos trechos em que se trata de trabalho, o uso das formas associadas a *você* é bastante revelador. Assim, atestamos nossa hipótese de que a temática trabalho apresentaria maiores percentuais de uso de formas associadas a *você*, embora esse uso não tenha predominado nem nessa temática nem em qualquer outra.

Conforme mencionado, poucos missivistas não foram categóricos no uso de formas associadas a *tu* e a *você*. Assim, das 130 cartas analisadas, na maioria (87 cartas) ocorrem categoricamente formas associadas a *tu*, e em 30 cartas há apenas formas associadas a *você*. Entre as 13 cartas com o uso de dois paradigmas (cartas mistas), encontramos oito cartas de sujeito apenas *tu*; quatro cartas com sujeitos *tu* e com sujeitos de *você*, *zero* e formas nominais e uma carta com sujeito apenas *você*. Portanto, mesmo em cartas mistas, predomina o uso de formas relacionadas a *tu*.

Uma vez que atestamos resultados gerais de trabalhos anteriores e nossa hipótese de que o pronome *tu* é o mais utilizado em Florianópolis em relações de mais proximidade, buscamos observar com detalhes de que

maneira as formas associadas a *você* são utilizadas na amostra investigada. Assim, com o objetivo de melhor descrever o uso das formas associadas a *você* encontradas em nossa amostra, apresentamos fragmentos de cartas com usos dos sujeitos de formas nominais, de *zero* e de *você*. Com isso, foi possível perceber melhor algumas particularidades em relação às formas de tratamento na escrita florianopolitana entre as décadas de 1880 e 1940.

As formas nominais ocorreram como sujeitos em cartas de todos os períodos investigados e foram utilizadas principalmente em cartas de missivistas menos íntimos. Formas como “o amigo” foram utilizadas entre missivistas que se conhecem, mas não possuem intimidade, e a forma “o senhor” foi utilizada em cartas familiares, como as escritas pelos sobrinhos de José Boiteux a ele.

O *zero* na posição de sujeito se mostrou como uma estratégia não invasiva, usada em geral por missivistas que mantinham certo distanciamento com o destinatário. Conforme pudemos perceber, os maiores índices do uso de *zero* ocorreram em cartas de Diversos enviadas a José Boiteux, que na maior parte possuem caráter mais respeitoso e distante. Também é possível perceber que muitos dos trechos em que essa forma ocorre referem-se a pedidos, solicitações. Ao fazerem pedidos ou solicitações a um interlocutor tratado com o respeito dispensado a autoridades, esses missivistas optam por uma forma menos invasiva.

Tanto os sujeitos de *zero* quanto os sujeitos de formas nominais foram predominantes no conjunto de cartas enviadas a José Boiteux. Alguns de seus interlocutores utilizaram categoricamente uma das duas formas, mas os que variaram entre as formas associadas a *você* variaram entre o uso da estratégia *zero* e de formas nominais (cf. Gráfico 10).

Com relação ao uso do pronome *você*, que no período investigado estava em implementação em outras regiões do Brasil, como no Rio de Janeiro, encontramos apenas 10 casos dessa forma em nossa amostra, em situações muito específicas. Dois dos quatro missivistas que utilizaram o pronome *você* são analfabetos e ditavam suas cartas a um escriba. Outro missivista também faz uso de uma escriba, e apesar de termos indícios de que se trata de um catarinense, não sabemos ao certo sua naturalidade. Há ainda

um missivista que utiliza quase categoricamente o *tu* na posição de sujeito, mas em uma carta realizou a forma *você* por meio de um uso que consideramos como estilístico, uma vez que logo em seguida ele rejeitou esse pronome e voltou a usar o *tu*. Esse missivista vivia há muitos anos no Rio de Janeiro, onde os pronomes *tu* e *você* nessa época já estavam em variação.

Dessa maneira, em nossa amostra, não foi possível identificar o uso de *você* na escrita de missivistas florianopolitanos. Pudemos perceber que essa forma estava em circulação em determinados contextos, porém, ao longo do período investigado (1880-1940), *tu* e *você* em Florianópolis não se mostraram como variantes de uma mesma variável. Além disso, as formas de complementos, imperativos e possessivos relacionadas a *você* parecem se associar linguisticamente às formas nominais, mais antigas que o pronome *você*. Dessa maneira, não foi possível identificar a implementação de *você* na escrita dos missivistas investigados.

Ao longo da realização desta pesquisa, precisamos lidar com algumas dificuldades que saberíamos que encontraríamos, por estarmos trabalhando com dados oriundos de material histórico, que, conforme mencionamos, é fragmentário, descontextualizado e lacunar. Entretanto, é apenas a partir desse tipo de material que podemos obter dados de épocas passadas, que nos permitam verificar de que maneira a língua era utilizada para que se possa buscar reconstruir e descrever alguns processos de mudança. Procuramos, portanto, fazer “o melhor uso de dados ruins”, por meio de pesquisa bibliográfica acerca dos informantes e do contexto social da época, mas também por meio das fontes originais, que são as próprias cartas investigadas e também jornais locais publicados durante o período investigado.

Além disso, a heterogeneidade dos missivistas contribuiu para que pudéssemos observar o fenômeno em estudo ocorrendo em diferentes esferas sociais e entre interlocutores que mantinham diferentes tipos de relações.

Finalmente, vale ressaltar que esta pesquisa buscou descrever e analisar as formas de tratamento utilizadas na escrita de florianopolitanos entre as décadas de 1880 e 1940. Esperamos que os resultados aqui apresentados possam contribuir para a descrição da variedade catarinense ao se somarem aos resultados de pesquisas com dados da escrita catarinense da primeira

metade do século XIX (NUNES DE SOUZA; COELHO, 2011; NUNES DE SOUZA, 2011, COELHO; GÖRSKI, 2011, NUNES DE SOUZA, 2015) e da segunda metade do século XX (NUNES DE SOUZA; COELHO, 2011; NUNES DE SOUZA, 2011, COELHO; GÖRSKI, 2011, NUNES DE SOUZA, 2015; GRANDO, 2016), cobrindo um período (primeira metade do século XX) sobre o qual ainda não havia muitos estudos. Essa contribuição só se tornou possível por causa da ampliação contínua e sistemática do banco de dados do PHPB-SC pela equipe do projeto.

REFERÊNCIAS

ALVES, U. F. **Cruz e Sousa**: Dante negro do Brasil. Rio de Janeiro: Pallas, 2008.

ARAÚJO, M. A. R. de. **A mediunidade do poeta catarinense Araújo Figueiredo**. Florianópolis: EDEME, 2000.

ARDUIN, J. **A variação dos pronomes possessivos de segunda pessoa do singular teu/seu na região sul do Brasil**. 2005. 123 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) Programa de pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, 2005.

BAHIA, E. M. **Perfil de José Arthur Boiteux, um construtor da cultura catarinense**. 1994. 198 f. Dissertação (Mestrado em História) Curso de pós-graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1994.

BROWN, R.; GILMAN, A. The pronouns of power and solidarity. In: PAULSTON, C. B.; TUCKER, G. R. (eds.). **Sociolinguistics The essencial readings**. United Kingdom: Blackwell, 2003 [1960].

CABRAL, O. R. **História de Santa Catarina**. Florianópolis: Secretaria de Educação e Cultura, 1968.

COELHO, I. L.; GÖRSKI, E. M. A variação no uso dos pronomes tu e você em Santa Catarina. In: LOPES, C.; REBOLLO, L. (orgs.) **Formas de tratamento em Português e Espanhol: variação, mudança e funções conversacionais**. Rio de Janeiro: Editora da UFF, 2011, p. 263-287.

CONDE SILVESTRE, J. C. **Sociolingüística histórica**. Madrid: Editorial Gredos, 2007.

DUARTE, M. E. L. **A perda do princípio “evite pronome” no português brasileiro**. 1995. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas, 1995.

FARACO, C. A. **O tratamento você em português**: uma abordagem histórica. *Fragmenta*, Curitiba, n. 13, p. 51-82, 1996.

GRANDO, V. **Formas de tratamento nas cartas de Harry Laus para Claire Cayron**: uma análise sociolinguística. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Língua Portuguesa e Literaturas) – Departamento de Letras e Línguas Vernáculas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

KABATEK, J. **Tradições discursivas e mudança linguística**. In: LOBO, T. et al. (Ed.). *Para a história do português brasileiro: novos dados, novas análises*. Salvador: Ed. da UFBA, 2006.

LOPES, C. R. S. Retratos da mudança no sistema pronominal: o tratamento carioca nas primeiras décadas do século XX". In: CORTINA, A.; NASSER, S. M. G. C. (Orgs.). **Sujeito e Linguagem: Séries Trilhas Linguísticas**. Araraquara: Cultura Acadêmica, 2009, v.17, p. 47-74.

LOPES, C. R. S. Tradição Discursiva e mudança no sistema de tratamento do português brasileiro: definindo perfis comportamentais no início do século XX. **Alfa**, São Paulo, v. 2, n. 55, p. 361-392, 2011.

LOPES, C. R. S.; CAVALCANTE, S. R. O. A cronologia do Voceamento no português brasileiro: expansão de você-sujeito e retenção do clítico-te. **Linguística**, Rio de Janeiro, v. 25, p. 30-65, jun. 2011.

LOPES, C. R. dos S.; MARCOTULIO, L. L. O tratamento a Rui Barbosa. In: CALLOU, D.; BARBOSA, A. (Org.). **A norma brasileira em construção: cartas a Rui Barbosa (1886 a 1899)**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2011.

LOREGIAN, L. **Concordância verbal com o pronome tu na fala do sul do Brasil**. 1996. 122 f. Dissertação (Mestrado em Letras / Linguística) Programa de pós-graduação em Letras / Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, 1996.

LOREGIAN-PENKAL, L. **Re(análise) da referência de segunda pessoa na fala da Região Sul**. 2004. 260 f. Tese (Doutorado em Letras) Programa de pós-graduação em Letras, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.

MACHADO, A.; MARCELINO, R. (Orgs.). **Catálogo de jornais catarinenses: 1831-2013**. Florianópolis: FCC, 2014.

MACHADO, C. do C. **Biografias de catarinenses notáveis**. Florianópolis: Insular, 2001.

MARCOTULIO, L. L. **A preservação das faces e a construção da imagem no discurso político do marquês do Lavradio: as formas de tratamento como estratégias de atenuação da polidez linguística**. 2008. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

MENON, O. Sobre a datação de você, ocê e senhorita. **Fórum Linguístico**, Florianópolis, v.6, n.1, p. 45-71, jan-jun, 2009.

NUNES DE SOUZA, C. M. **Poder e solidariedade no teatro florianopolitano dos séculos XIX e XX: uma análise sociolinguística das formas de tratamento**. 2011. 280 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

_____. **A alternância entre tu e você na correspondência de florianopolitanos ilustres no decorrer de um século**. 2015. 182 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

NUNES DE SOUZA, C. M.; COELHO, I. L. Caminhos para a investigação da alternância de pronomes de segunda pessoa em Santa Catarina. **Labor Histórico**, Rio de Janeiro, n. 1, v. 1, p. 49-61, jan./jun. 2015.

PEREIRA, N. do V. et al. (Orgs.). **A Ilha de Santa Catarina: espaço, tempo e gente**. Florianópolis: Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, 2002.

PIAZZA, W. F. (Org.). **Dicionário político catarinense**. Florianópolis: Edição da Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina, 1994.

PITSICA, P. A. Academia Catarinense de Letras. In: PEREIRA, N. do V. et al. (Orgs.). **A Ilha de Santa Catarina: espaço, tempo e gente**. Florianópolis: Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, 2002.

RAMOS, M. P. B. **Formas de tratamento no falar de Florianópolis**. 1989. 106 f. Dissertação (Mestrado) Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1989.

ROSSETO, S. Síntese histórica da Região Oeste. **Revista Cadernos do CEOM**, Chapecó, n. 1, v. 1, 1986. Disponível em: <<https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/download/2105/1195>>. Acesso em: 13 julho 2018.

RUMEU, M. C. B. **A implementação do ‘Você’ no Português Brasileiro Oitocentista e Novecentista: um estudo de painel**. 2008. 276f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008. 2v.

SACHET, C. A literatura catarinense no Desterro-Capital: origens, tendências, legado. In: PEREIRA, N. do V. et al. (Orgs.). **A Ilha de Santa Catarina: espaço, tempo e gente**. Florianópolis: Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, 2002.

SANTOS, J. C. F. As questões de limites interestaduais do Brasil: Transição política e instabilidade do território nacional na primeira república (1889-1930) – o caso do Contestado. **Scripta Nova**, Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales, Barcelona, n. 218, v. X, 1 de agosto de 2006. Disponível em: <<http://www.ub.edu/geocrit/sn/sn-218-17.htm>>. Acesso em: 13 julho 2018.

SCHARDONG, R. **A instrução pública secundária em Desterro: o Atheneu Provincial (1874-1883)**. 1997. 145 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1997.

SOUSA, J. da C. e. **Obra completa**, v.1 (organização e estudo por Lauro Junkes). Jaraguá do Sul: Avenida, 2008.

SOUZA, L. A. “**Os desclassificados do destino**”: Cruz e Sousa e os primeiros simbolistas (Rio de Janeiro, 1888-1898). 2017. 546 f. Tese. (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/180893>>. Acesso em: 23 abr. 2018.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Trad. de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

CONSULTAS A ACERVOS DISPONÍVEIS ONLINE:

Fundação Casa de Rui Barbosa. Disponível em: <<http://www.casaruibarbosa.gov.br/>>. Acesso em: 15 mar. 2018.

Hemeroteca Digital Catarinense (FCC e UDESC). Disponível em: <<http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/>>. Acesso em: 15 mar. 2018.

Portal Catarina: Biblioteca digital da literatura catarinense (UFSC). Disponível em: <https://www.portalcatarina.ufsc.br/?locale=pt_BR>. Acesso em: Acesso em: 15 mar. 2018.

ANEXO A – Carta de Cruz e Sousa a Alberto Costa, 08/05/1896

Fonte: Casa Rui Barbosa
Transcrição: Souza (2017)

Rio, 8 de Maio de 1896. Meu caro Amigo Abraço-o com affecto e recomendo-me à Exma. familia. Ouso insistir no pedido que lhe fiz por carta, pois acho-me na maior angustia e não tenho outro recurso senão importunal-o ainda uma vez. Péço-lhe encarecidamente que me sirva, se não em toda ao menos na metade da importância que eu lhe solicitei. As minhas contrariedades e afflicções avolumam-se cada vez mais. O amigo não póde calcular certamente nem a metade da situação por que estou passando. O Póde confiar na pessoa que lhe entregar esta carta. Sempre ao seu dispôr, com sympathia e reconhecimento. Am^o Obmo *Cruz e Sousa* <Ilmo.^o Sr. Cruz e Sousa Ainda não me é possível servir-o. Comprimenta e agradece o Am.^o *Alberto Costa* Rio, 13 5/96>⁸¹

⁸¹ Resposta do destinatário escrita à margem inferior da fl. 1v.

CSCp006

Rio, 8 de Maio de 1896.

Meu caro Amigo

Abrço-o com affecto e recom-
mendo-me á b^m familia.

Quero insistir no pedido que
lhe fiz por carta, pois acho-me
na maior angustia e não
tenho outro recurso senão
importunal-o ainda uma vez.

P^{co} - lhe encarecidamente que
me sirva, senão em toda ao
menos na metade da in-



portancia que eu lhe so-
licitei. As minhas contra-
riedades e afflicções avo-
nam-se cada vez mais.

O amigo não pôde calcular
certamente nem a metade
da situação por que estou
passando.

Pode confiar na pessoa
que lhe entregar esta carta.

Sempre ao seu dispor,
com sympathia e reconhe-
cimento

Amoroso

Amor e Sr. Lourenço e Souza

Ainda não me é possível servir.

Comprive esta e agradece a Am. M. Costa

Rio, 13/9/96

ANEXO B – Formas de vocativos e de sujeitos em todas as cartas da amostra investigada

130 cartas	Data da carta	Remetente	Destinatário	Sexo/gênero (remetente-destinatário)	Forma de realização do sujeito	Vocativo(s)
de amizade	14/07/1888	Araújo	Cruz	H-H	tu	Meu Cruz
	23/09/1888	Araújo	Cruz	H-H	tu	Adorado Cruz
	11/12/1888	Araújo	Cruz	H-H	tu	Adorado Cruz.
	15/03/1890	Araújo	Cruz	H-H	tu	Meu adorado Cruz meu adorado
	13/07/1892	Araújo	Cruz	H-H	tu	Queridissimo Cruz
	26/07/1892	Araújo	Cruz	H-H	tu	Adorado Cruz
	30/07/1892	Araújo	Cruz	H-H	tu	Querido Cruz
	09/09/1892	Araújo	Cruz	H-H	tu	Meu adorado Cruz meu doce Amigo meu Amigo meu Cruz
	10/1892	Araújo	Cruz	H-H	tu	Querido amigo, ado= rado Cruz meu incom=paravel amigo
	21/12/1892	Araújo	Cruz	H-H	tu	Meu adorado Cruz meu querido meu adorado,
	04/03/1893	Araújo	Cruz	H-H	tu	Amantissimo Cruz, meu doce Amigo meu doce Amigo
	05/08/1895	Araújo	Cruz	H-H	tu	Prezadissimo Cruz. meu Cruz
	06/04/1897	Araújo	Cruz	H-H	tu	Queridissimo Cruz. meu adora- do amigo,
	23/04/1897	Araújo	Cruz	H-H	tu	Adorado Cruz meu doce amigo,
	03/05/1897	Araújo	Cruz	H-H	tu	Meu querido Cruz
	10/06/1897	Araújo	Cruz	H-H	tu	Meu Cruz
	26/09/1897	Araújo	Cruz	H-H	tu	Meu Cruz
	28/10/1897	Araújo	Cruz	H-H	tu	Meu Cruz
	17/12/1897	Araújo	Cruz	H-H	tu	Meu Cruz
	08/05/1896	Cruz	Alberto Costa	H-H	FN, zero	Meu caro Amigo
	02/04/1890	Cruz	Araújo	H-H	tu	meu madrigalesco sonhador
	05/09/1892	Cruz	Araújo	H-H	tu	Meu idolatrado Araújo.
	08/01/1897	Cruz	Araújo	H-H	tu	Carissimo Araújo

?/01/1898	Cruz	Araújo	H-H	tu	Meu Araújo
11/04/1894	Cruz	Gonzaga Duque	H-H	sem sujeito (parad. T)	/
19/11/1893	Cruz	Luís Delfino	H-H	sem sujeito (parad. V)	Ilustre Poeta Amigo
16/12/1894	Cruz	Nestor Vítor	H-H	sem sujeito (parad. T)	Meu caro Nestor
18/03/1896	Cruz	Nestor Vítor	H-H	sem sujeito (parad. T)	Meu Grande Amigo
02/06/1896	Cruz	Nestor Vítor	H-H	tu	Nestor
27/12/1897	Cruz	Nestor Vítor	H-H	tu	Meu Nestor
					meu velho
07/01/1898	Cruz	Nestor Vítor	H-H	tu	Nestor
18/01/1898	Cruz	Nestor Vítor	H-H	tu	Meu caro Nestor
27/01/1898	Cruz	Nestor Vítor	H-H	tu	Meu belo Nestor
17/03/1898	Cruz	Nestor Vítor	H-H	sem sujeito (parad. T)	Meu caro Nestor
08/01/1889	Cruz	Virgílio	H-H	tu	Adorado Virgílio
30/11/1883	Oscar	Cruz	H-H	tu	Meo bom amigo e azulado cantor dos Cambiantes
17/09/1887	Oscar	Cruz	H-H	tu	Meu querido Cruz
					amigo
					caro amigo
12/10/1887	Oscar	Cruz	H-H	tu	Meu Cruz
10/02/1888	Oscar	Cruz	H-H	tu	Cruz
05/04/1888	Oscar	Cruz	H-H	tu	Cruz e Souza
23/03/1889	Oscar	Cruz	H-H	tu	Adorado amigo.
23/04/1889	Oscar	Cruz	H-H	tu	Meu singularissimo Othelo.
22/05/1889	Oscar	Cruz	H-H	tu	Meu sempre adorado amigo
02/07/1889	Oscar	Cruz	H-H	tu	Meu querido Cruz
05/10/1889	Oscar	Cruz	H-H	tu	Meu estrelado Amigo.
23/12/1889	Oscar	Cruz	H-H	tu	Adorado Cruz.
18/01/1890	Oscar	Cruz	H-H	tu	Cruz
11/03/1890	Oscar	Cruz	H-H	tu	Cruz
20/03/1890	Oscar	Cruz	H-H	tu	Adorado Cruz.
18/03/1931	Tito Carvalho	JB	H-H	sem sujeito (parad. V)	Meu caro!
17/09/1886	Virgílio	Cruz	H-H	tu	Á Cruz e Sousa
16/06/1888	Virgílio	Cruz	H-H	tu	Meu caro Cruz.
24/09/1888	Virgílio	Cruz	H-H	tu	Cruz
03/11/1888	Virgílio	Cruz	H-H	tu	Carissimo Cruz
10/11/1888	Virgílio	Cruz	H-H	tu	Cruz

	03/01/1889	Virgílio	Cruz	H-H	tu	Presadissimo Cruz.
	13/01/1889	Virgílio	Cruz	H-H	tu	Carissimo Cruz.
	14/01/1889	Virgílio	Cruz	H-H	tu	Queridissimo Cruz.
	11/02/1889	Virgílio	Cruz	H-H	tu	Carissimo Cruz.
	05/03/1889	Virgílio	Cruz	H-H	tu	Carissimo Cruz.
	sem data	Virgílio	Cruz	H-H	tu	/
	04/09/1890	Virgílio	Cruz	H-H	tu	Cruz.
	28/10/1890	Virgílio	Cruz	H-H	tu	Carissimo Cruz.
	26/11/1890	Virgílio	Cruz	H-H	tu	Carissimo Cruz.
	25/07/1892	Virgílio	Cruz	H-H	tu	Espiritualissimo Cruz.
	30/08/1892	Virgílio	Cruz	H-H	tu	Espiritualissimo Cruz.
de conhecidos	10/12/1890	A. Assis	JB	H-H	zero	Illustre Amigo José Boiteux
	07/04/1927	A. Seara	JB	H-H	FN, zero	Meu caro <i>Doutor</i> Boiteux
	18/06/1929	Bispo	JB	H-H	zero	<i>Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor</i> Desembargador José A. Boiteux. Meu prezado amigo
	07/05/1931	C. França	JB	H-H	FN	Ilustre e Presado Amigo Desembargador José Boiteaux
	02/04/1888	Cruz	Germano	H-H	FN, zero	Caro amigo Germano Wendhausen
	?/06/1888	Cruz	Germano	H-H	FN, zero	Caríssimo e nobre amigo Germano Wendhausen Ilustre amigo
	20/06/1931	E. Farias	JB	H-H	you	Meu caro Boiteaux
	19/05/1932	E. Pellizzetti	JB	H-H	FN	Meu caro <i>Doutor</i> José Boiteux
	15/01/1930	J. Ziperer	JB	H-H	FN	<i>Ilustríssimo Senhor Doutor</i> José A. Boiteux Prezado Amigo e <i>Senhor</i>
	25/04/1932	O. Gallotti	JB	H-H	FN, zero	Prezado <i>Senhor</i> Boiteux
	05/08/1902	Padre G.	JB	H-H	FN, zero	Amigo <i>Imão</i> José Boiteaux
	12/08/1921	U. Costa	JB	H-H	sem sujeito (parad. V)	Collega e amigo <i>Doutor</i> Boiteux
	14/10/1929	U. Costa	JB	H-H	zero	Presado amigo <i>Senhor</i> Boiteux
	02/09/1931	U. Costa	JB	H-H	sem sujeito (parad. V)	Meu caro <i>Senhor</i> Boiteux
	20/05/1927	Victor Konder	JB	H-H	zero	Amigo Boiteux
	16/07/1929	Victor Konder	JB	H-H	sem sujeito (parad. V)	Meu caro Boiteux
	28/10/1929	Victor Konder	JB	H-H	sem sujeito (parad. V)	Prezado Amigo Desembargador José Boiteux
	18/11/1929	Victor Konder	JB	H-H	zero	Ao prezado Amigo Boiteux
	30/11/1929	Victor	JB	H-H	zero	Prezado Amigo

		Konder				Desembargador Boiteux
	12/12/1929	Victor Konder	JB	H-H	sem sujeito (parad. V)	Prezado Amigo Desembargador Boiteux
	12/02/1930	Victor Konder	JB	H-H	zero	Prezado amigo Desembargador Boiteux
	12/03/1930	Victor Konder	JB	H-H	sem sujeito (parad. V)	Ao prezado Amigo Desembargador Boiteux
	27/03/1914	Virgílio	JB	H-H	tu	Meu caro José Boiteux.
	10/11/1915	Virgílio	JB	H-H	sem sujeito (parad. T)	Meu caro José Boiteux.
	12/10/1918	Virgílio	JB	H-H	tu	Meu caro Boiteux
	02/04/1933	Vidal Ramos	JB	H-H	sem sujeito (parad. V)	Amigo e <i>Senhor</i> Desembargador Jo- sé Boiteux
familiares	10/12/1932	Benjamin	JB	H-H	FN	Prezado Padrinho e Amigo Desembargador Boiteux
	06/01/1890	Carolina	Cruz	M-H	tu, você, zero	Meo Queridissimo Filho Meo Caro Filho
	25/01/1891	Carolina	Cruz	M-H	tu	Meu Filho.
	01/03/1891	Carolina	Cruz	M-H	tu (zero, tu)	Meu prezado Filho Meu filho Meu bom filho
	19/04/1891	Carolina	Cruz	M-H	tu	Meu prezado filho
	03/07/1891	Carolina	Cruz	M-H	tu	Meu Filho
	31/03/1892	Cruz	Gavita	H-M	tu	Minha adorada Gavita. filhinha do meu coração minha boa flôr da minh'alma mi- nha filhinha adorada. Ga- vita
	20/09/1892	Cruz	Gavita	H-M	tu	Minha adorada Noiva Minha Vivi estremecida minha filha adorada do coração
	17/11/1892	Cruz	Gavita	H-M	tu	Minha doce e muito estremecida Vivi. minha pomba querida flôr da minh'al- ma, Gavita!
	14/12/1892	Cruz	Gavita	H-M	tu	Minha estremecida Vivi. Adorada do meu coração flôr da minha vida idolatrada Gavi- ta , adorável creatura dos meus sonhos minha estrella
	27/08/1891	Guilherme	Cruz	H-H	tu	Meu querido filho
	20/11/1891	Guilherme	Cruz	H-H	tu	Meu Prezadissimo filho

					meu filho
28/01/1892	Guilherme	Cruz	H-H	tu	Meu extremoso filho
					meu filho
					meu filho
27/03/1892	Guilherme	Cruz	H-H	tu	Meu caro filho!
05/06/1892	Guilherme	Cruz	H-H	tu	Meu Extremozo filho
					meu filho
					meu filho
					meu querido filho
02/07/1892	Guilherme	Cruz	H-H	tu	Meu extremo zo filho
					Meu filho
					meu filho
					meu filho
04/09/1892	Guilherme	Cruz	H-H	tu	Meu Amavel filho
					meu filho
					meu filho
					meu querido filho
					meu filho
23/10/1892	Guilherme	Cruz	H-H	tu	Meu Prezadíssimo Filho
22/12/1892	Guilherme	Cruz	H-H	você	Meu estimadissimo filho
					Meu filho
					Meu filho
					meu filho
12/04/1893	Guilherme	Cruz	H-H	tu	Meu querido Filho
24/04 1893	Guilherme	Cruz	H-H	tu	Meu prezado filho
02/06/1893	Guilherme	Cruz	H-H	tu	Meu Prezado filho João.
					meu filho
					meu filho
					meu filho
14/06/1893	Guilherme	Cruz	H-H	tu, você	Meu filho
					meu filho
08/08/1893	Guilherme	Cruz	H-H	tu	Meu querido Filho
15/08/1894	Guilherme	Cruz	H-H	tu	Prezadissimo Filho
					Meu filho
24/10/1894	Guilherme	Cruz	H-H	tu	Meu querido filho João
					meu filho
7/04/1895	Guilherme	Cruz	H-H	tu, FN	Meu prezado filho João Cruz e Souza
					Meu prezado Filho
29/07/1895	Guilherme	Cruz	H-H	tu	Meu quirido filho
01/09/1895	Guilherme	Cruz	H-H	tu, zero, você	Meu querido filho
24/10/1932	José	JB	H-H	sem sujeito	Prezado tio José

					(parad. V)	
	19/11/1932	José	JB	H-H	FN, zero	Prezado tio José
	19/01/1932	Julieta	JB	M-H	FN	Prezado tio José
	21/01/1931	Virgílio	Paulo	H-H	tu	Paulo.
	07/01/1932	Virgílio	Paulo	H-H	tu	Paulo.
	30/03/1932	Virgílio	Paulo	H-H	tu	Paulo.
	18/07/1935	Virgílio	Paulo	H-H	tu	Paulo.
	30/09/1935	Virgílio	Paulo	H-H	tu	Paulo
	29/03/1941	Virgílio	Paulo	H-H	tu	Meu querido Paulo,

VOCATIVOS POR MISSIVISTA E DÍADE

Missivista: Guilherme

Díade: Guilherme - Cruz

Sexo/gênero (remetente- destinatário): H-H

Tipo de relação: V-T (Pai – Filho)

Data da carta	Forma de realização do sujeito	vocativo(s)
27/08/1891	tu	Meu querido filho
20/11/1891	tu	Meu Prezadissimo filho
		meu filho
28/01/1892	tu	Meu extremoso filho
		meu filho
		meu filho
27/03/1892	tu	Meu caro filho!
05/06/1892	tu	Meu Extremozo filho
		meu filho
		meu filho
		meu querido filho
02/07/1892	tu	Meu extremozo filho
		Meu filho
		meu filho
		meu filho
04/09/1892	tu	Meu Amavel filho
		meu filho
		meu filho
		meu querido filho
		meu filho
23/10/1892	tu	Meu Prezadíssimo Filho

22/12/1892	você	Meu estimadissimo filho
		Meu filho
		Meu filho
		meu filho
12/04/1893	tu	Meu querido Filho
24/04 1893	tu	Meu prezado filho
02/06/1893	tu	Meu Prezado filho João.
		meu filho
		meu filho
		meu filho
14/06/1893	tu, você	Meu filho
		meu filho
08/08/1893	tu	Meu querido Filho
15/08/1894	tu	Prezadissimo Filho
		Meu filho
24/10/1894	tu	Meu querido filho João
		meu filho
7/04/1895	tu, FN	Meu prezado filho João Cruz e Souza
		Meu prezado Filho
29/07/1895	tu	Meu quirido filho
01/09/1895	tu, zero, você	Meu querido filho

Missivista: Carolina

Díade: Carolina - Cruz

Sexo/gênero (remetente- destinatário): M-H

Tipo de relação: V-T (Mãe – Filho)

Data da carta	Forma de realização do sujeito	vocativo(s)
06/01/1890	tu, você, zero	Meo Queridissimo Filho
		Meo Caro Filho
25/01/1891	tu	Meu Filho.
01/03/1891	tu (zero, tu)	Meu prezado Filho
		Meu filho
		Meu bom filho
19/04/1891	tu	Meu prezado filho
03/07/1891	tu	Meu Filho

Missivista: Oscar Rosas
 Díade: Oscar - Cruz
 Sexo/gênero (remetente- destinatário): H-H
 Tipo de relação: T-T (amigo – amigo)

Data da carta	Forma de realização do sujeito	vocativo(s)
30/11/1883	tu	Meo bom amigo e azulado cantor dos Cambiantes
17/09/1887	tu	Meu querido Cruz
		amigo
		caro amigo
12/10/1887	tu	Meu Cruz
10/02/1888	tu	Cruz
05/04/1888	tu	Cruz e Souza
23/03/1889	tu	Adorado amigo.
23/04/1889	tu	Meu singularissimo Othelo.
22/05/1889	tu	Meu sempre adorado amigo
02/07/1889	tu	Meu querido Cruz
05/10/1889	tu	Meu estrellado Amigo.
23/12/1889	tu	Adorado Cruz.
18/01/1890	tu	Cruz
11/03/1890	tu	Cruz
20/03/1890	tu	Adorado Cruz.

Missivista: Virgílio Várzea
 Díade: Virgílio - Paulo
 Sexo/gênero (remetente- destinatário): H-H
 Tipo de relação: V-T (pai – filho)

Data da carta	Forma de realização do sujeito	vocativo(s)
21/01/1931	tu	Paulo.
07/01/1932	tu	Paulo.
30/03/1932	tu	Paulo.
18/07/1935	tu	Paulo.
30/09/1935	tu	Paulo
29/03/1941	tu	Meu querido Paulo,

Missivista: Araújo Figueiredo
 Díade: Araújo - Cruz

Sexo/gênero (remetente- destinatário): H-H
 Tipo de relação: T-T (amigo – amigo)

Data da carta	Forma de realização do sujeito	vocativo(s)
14/07/1888	tu	Meu Cruz
23/09/1888	tu	Adorado Cruz
11/12/1888	tu	Adorado Cruz
15/03/1890	tu	Meu adorado Cruz meu adorado
13/07/1892	tu	Queridissimo Cruz
26/07/1892	tu	Adorado Cruz
30/07/1892	tu	Querido Cruz
09/09/1892	tu	Meu adorado Cruz meu doce Amigo meu Amigo meu Cruz
10/1892	tu	Querido amigo, ado= rado Cruz meu incom=paravel amigo
21/12/1892	tu	Meu adorado Cruz meu querido meu adorado,
04/03/1893	tu	Amantissimo Cruz, meu doce Amigo meu doce Amigo
05/08/1895	tu	Prezadissimo Cruz. meu Cruz
06/04/1897	tu	Queridissimo Cruz. meu adora- do amigo,
23/04/1897	tu	Adorado Cruz meu doce amigo,
03/05/1897	tu	Meu querido Cruz
10/06/1897	tu	Meu Cruz
26/09/1897	tu	Meu Cruz
28/10/1897	tu	Meu Cruz
17/12/1897	tu	Meu Cruz

Missivista: Virgílio Várzea
 Díade: Virgílio - Cruz
 Sexo/gênero (remetente- destinatário): H-H
 Tipo de relação: T-T (amigo – amigo)

Data da	Forma de	vocativo(s)
----------------	-----------------	--------------------

carta	realização do sujeito	
17/09/1886	tu	À Cruz e Sousa
16/06/1888	tu	Meu caro Cruz.
24/09/1888	tu	Cruz
03/11/1888	tu	Carissimo Cruz
10/11/1888	tu	Cruz
03/01/1889	tu	Presadissimo Cruz.
13/01/1889	tu	Carissimo Cruz.
14/01/1889	tu	Queridissimo Cruz.
11/02/1889	tu	Carissimo Cruz.
05/03/1889	tu	Carissimo Cruz.
sem data	tu	/
04/09/1890	tu	Cruz.
28/10/1890	tu	Carissimo Cruz.
26/11/1890	tu	Carissimo Cruz.
25/07/1892	tu	Espiritualissimo Cruz.
30/08/1892	tu	Espiritualissimo Cruz.

Missivista: Cruz e Sousa
Diversas díades:

Díade: Cruz - Nestor Vítor

Sexo/gênero (remetente- destinatário): H-H

Tipo de relação: T-T (amigo – amigo)

Data da carta	Forma de realização do sujeito	vocativo(s)
07/01/1898	tu	Nestor
18/01/1898	tu	Meu caro Nestor
27/01/1898	tu	Meu belo Nestor
17/03/1898	sem sujeito (parad. T)	Meu caro Nestor

Díade: Cruz - Virgílio

Sexo/gênero (remetente- destinatário): H-H

Tipo de relação: T-T (amigo – amigo)

Data da carta	Forma de realização do sujeito	vocativo(s)
08/01/1889	tu	Adorado Virgílio

Díade: Cruz - Germano

Sexo/gênero (remetente- destinatário): H-H

Tipo de relação: V-V (Conhecidos)

Data da carta	Forma de realização do sujeito	vocativo(s)
02/04/1888	FN, zero	Caro amigo Germano Wendhausen
?/06/1888	FN, zero	Caríssimo e nobre amigo Germano Wendhausen
		Ilustre amigo

Díade: Cruz - Gavita

Sexo/gênero (remetente- destinatário): H-M

Tipo de relação: T-T (noivo – noiva)

Data da carta	Forma de realização do sujeito	vocativo(s)
31/03/1892	tu	Minha adorada Gavita.
		filhinha do meu coração
		minha boa flôr da minh'alma
		mi- nha filhinha adorada.
		Ga- vita
20/09/1892	tu	Minha adorada Noiva
		Minha Vivi estremecida
		minha filha adorada do coração
17/11/1892	tu	Minha doce e muito estremecida Vivi.
		minha pomba querida
		flôr da minh'al- ma,
		Gavita!
14/12/1892	tu	Minha estremecida Vivi.
		Adorada do meu coração
		flôr da minha vida
		idolatrada Gavi- ta , adorável creatura dos meus sonhos
		minha estrella

Díade: Cruz – Gonzaga Duque

Sexo/gênero (remetente- destinatário): H-H

Tipo de relação: T-T (amigo – amigo)

Data da	Forma de	vocativo(s)
---------	----------	-------------

carta	realização do sujeito	
11/04/1894	sem sujeito (parad. T)	/

Díade: Cruz - Araújo

Sexo/gênero (remetente- destinatário): H-H

Tipo de relação: T-T (amigo – amigo)

Data da carta	Forma de realização do sujeito	vocativo(s)
02/04/1890	tu	meu madrigalesco sonhador
05/09/1892	tu	Meu idolatrado Araújo.
08/01/1897	tu	Caríssimo Araújo
?/01/1898	tu	Meu Araújo

Díade: Cruz - Alberto Costa

Sexo/gênero (remetente- destinatário): H-H

Tipo de relação: V-V (Conhecidos)

Data da carta	Forma de realização do sujeito	vocativo(s)
08/05/1896	FN, zero	Meu caro Amigo

Díade: Diversos - JB

	Data da carta	Remetente	Relação	Sexo/gênero (remetente-destinatário)	Forma de realização do sujeito	vocativo(s)
de amizade	18/03/1931	Tito Carvalho	V-V	H-H	sem sujeito (parad. V)	Meu caro!
de conhecidos	10/12/1890	A. Assis	V-V	H-H	zero	Illustre Amigo José Boiteux
	07/04/1927	A. Seara	V-V	H-H	FN, zero	Meu caro Doutor Boiteux
	18/06/1929	Bispo	V-V	H-H	zero	Illustríssimo e Excelentíssimo Senhor Desembargador José A. Boiteux. Meu prezado amigo

07/05/1931	C. França	V-V	H-H	FN	Ilustre e Presado Amigo Dezembargador José Boiteaux
20/06/1931	E. Farias	V-V	H-H	you	Meu caro Boiteaux
19/05/1932	E. Pellizzetti	V-V	H-H	FN	Meu caro <i>Doutor</i> José Boiteux
15/01/1930	J. Ziperer	V-V	H-H	FN	<i>Ilustríssimo Senhor Doutor</i> José A. Boiteux Prezado <i>Amigo e Senhor</i>
25/04/1932	O. Gallotti	V-V	H-H	FN, zero	Prezado <i>Senhor</i> Boiteux
05/08/1902	Padre G.	V-V	H-H	FN, zero	Amigo <i>Imão José</i> Boiteaux
12/08/1921	U. Costa	V-V	H-H	sem sujeito (parad. V)	Collega e amigo <i>Doutor</i> Boiteux
14/10/1929	U. Costa	V-V	H-H	zero	Presado amigo <i>Senhor</i> Boiteux
02/09/1931	U. Costa	V-V	H-H	sem sujeito (parad. V)	Meu caro <i>Senhor</i> Boiteux
20/05/1927	Victor Konder	V-V	H-H	zero	Amigo Boiteux
16/07/1929	Victor Konder	V-V	H-H	sem sujeito (parad. V)	Meu caro Boiteux
28/10/1929	Victor Konder	V-V	H-H	sem sujeito (parad. V)	Prezado Amigo Desembargador José Boiteux
18/11/1929	Victor Konder	V-V	H-H	zero	Ao prezado Amigo Boiteux
30/11/1929	Victor Konder	V-V	H-H	zero	Prezado Amigo Desembargador Boiteux
12/12/1929	Victor Konder	V-V	H-H	sem sujeito (parad. V)	Prezado Amigo Desembargador Boiteux
12/02/1930	Victor Konder	V-V	H-H	zero	Prezado amigo Dezembargador Boiteux
12/03/1930	Victor Konder	V-V	H-H	sem sujeito (parad. V)	Ao prezado Amigo Desembargador Boiteux
27/03/1914	Virgílio	V-V	H-H	tu	Meu caro José Boiteux.
10/11/1915	Virgílio	V-V	H-H	sem sujeito (parad. T)	Meu caro José Boiteux.
12/10/1918	Virgílio	V-V	H-H	tu	Meu caro Boiteux
02/04/1933	Vidal Ramos	V-V	H-H	sem sujeito (parad. V)	Amigo e <i>Senhor</i> Desembargador Jo- sé Boiteux

familiares	10/12/1932	Benjamin	T-V	H-H	FN	Prezado Padrinho e Amigo Desembargador Boiteux
	24/10/1932	José	T-V	H-H	sem sujeito (parad. V)	Prezado tio José
	19/11/1932	José	T-V	H-H	FN, zero	Prezado tio José
	19/01/1932	Julieta	T-V	M-H	FN	Prezado tio José

Missivista: Virgílio Várzea

Díade: Virgílio - JB

Sexo/gênero (remetente- destinatário): H-H

Tipo de relação: V-V (Conhecidos)

Data da carta	Forma de realização do sujeito	vocativo(s)
27/03/1914	tu	Meu caro José Boiteux.
10/11/1915	sem sujeito (parad. T)	Meu caro José Boiteux.
12/10/1918	tu	Meu caro Boiteux

ANEXO C – Registros de diferentes caligrafias encontradas nas cartas enviadas por Carolina de Sousa

Quadro 7: Caligrafias das cartas enviadas por Carolina para o filho Cruz e Sousa

Data da carta	Caligrafia
06/01/1890	<p>Desterro em 6 de Janeiro de 1890. CSCf002</p> <p>Meo Queridissimo Filho.</p>
25/01/1891	<p>Desterro, 25 de Janr^o de 1891.</p> <p>Meu Filho</p> <p>Saude e felicidades é o que</p>
01/03/1891	<p>Desterro 1^o de Março de 1891.</p> <p>Meu prezado Filho</p>
19/04/1891	<p>Desterro 19 de Abril de 1891</p> <p>Meu prezado filho</p>
03/07/1891	<p>Desterro, 3 de Julho de 1891</p> <p>Meu Filho</p>

